

JEAN LANG

MITOS UNIVERSAIS

JEAN LANG

MITOS UNIVERSAIS

*Mitos e Lendas
Dos Povos Europeus*

ÍNDICE

Apresentação	7
Prometeu e Pandora	15
Pigmalião	23
Faetonte	
Endimião	
Orfeu	
Apolo e Dafne	
Psique	
A Caçada de Cálidon	
Atalanta	
Aracne	
Idas e Marpessa	
Aretusa	
Perseu	
Níobe	
Jacinto	
Rei Midas	
Ceíce e Alcíone	
Aristeu	
Prosérpina	
Latona e os camponeses	
Eco e Narciso	

Ícaro

Clítia

Os grous de Íbicus

Sírinx

A morte de Adónis

Pã

Lorelei

Freya, rainha dos deuses nórdicos

A morte de Baldur

Beowulf

Rolando, o paladino

Os filhos de Lir

Deirdre

Referências bibliográficas

APRESENTAÇÃO

Jean Lang compôs esta obra em 1914, ilustrou-a, aqui e ali, com factos do seu tempo e relacionou-os com alguns mitos, estabelecendo comparações na sua época justificadas. Não sendo esses factos intrínsecos aos mitos e de modo algum pertinentes ao nosso tempo, optou-se por suprimi-los a fim de não enfadar a narrativa e desviar a atenção para factos que ao leitor de hoje em nada importam. Como consequência, tornaram-se necessárias adaptações quanto a esse aspecto e ocasionalmente em relação a outros. Contudo, o tom em que o autor filtrou essas narrativas míticas foi mantido. E como o leitor verá é uma visão particularizada, povoada de exaltação e encantamento, o que confere novo interesse à obra, levando em conta que, entre as colectâneas desse tipo, esta abre mais uma porta para a leitura dos mitos.

Além disso, as histórias de algumas ninfas da mitologia grega, como Aretusa, Clítia, Sirinx e Eco, são contadas integralmente. Entre estas destaca-se a história de Aracne narrada com riqueza e encanto, ilustrada com belos textos clássicos de Ovídio e Moscos.

Composto em grande parte de mitos gregos, o autor incluiu alguns mitos e lendas nórdicas, celtas, germânicas, anglo-saxónicas entre outras. A mitologia de um povo constitui um drama narrado num cenário cosmogónico do qual é inseparável. Como a

apresentação de apenas alguns não permite vislumbrar esse cenário, torna-se necessário acrescentar uma síntese da mitologia nórdica; situar as lendas celtas e, tanto quanto possível, as demais que figuram nesta obra.

Os mitos nórdicos seleccionados por Lang são Freia (ou Frigga) e A Morte de Baldur. Para apreciar estes mitos mais perfeitamente, o leitor deverá ter em mente que a imaginação nórdica concebia o universo como uma estrutura tricêntrica configurada da seguinte forma: há três plataformas, umas sobre as outras, com um espaço entre elas. No topo está Asgard, domínio dos deuses e deusas que aí têm os seus palácios situados no interior de uma cidadela cercada de muros. Aí também está o Valhalla, um vasto palácio que abriga os guerreiros que morreram heroicamente em batalha. Enquanto esperam Ragnarok, a batalha do fim-dos-tempos entre homens e deuses, gigantes e monstros, lutam e festejam toda a noite. Em Asgard está ainda Alfheim, região dos elfos benignos.

O segundo nível é Midgard, o mundo situado abaixo de Asgard e habitado pelos homens. É cercado de um imenso oceano. Uma serpente, de nome Jormungand, envolve-o pelas extremidades desde uma ponta à outra, de modo que morde a própria cauda. Jotunheim é a região dos gigantes e a sua cidadela chama-se Utgard. Ao norte de Midgard, em Nidavellir, vivem os gnomos. Habitam em cavernas e subterrâneos, de onde não podem sair durante o dia, sob pena de se transformarem em pedra. Passam todo o tempo explorando os recessos secretos da terra. Colectam ouro, prata e pedras preciosas, que escondem em fendas ocultas. São criaturas rústicas, de olhos verdes, pele escura,

cabeça grande, pernas curtas e pés recurvos. São traiçoeiros e astutos por natureza. Embora menos poderosos que os deuses, têm inteligência mais avançada que os homens. O seu conhecimento é ilimitado e extensivo ao futuro. Deuses e homens consultam-nos frequentemente.

O terceiro nível é Niflheim, o mundo da morte, nove dias distante na direcção do Norte e abaixo de Midgard. É um lugar de extremo frio e de noite eterna. A sua cidadela é Hell, lugar de altos muros e portões cerrados. É presidida por um terrível monstro feminino de mesmo nome. O seu corpo é metade branco, metade negro. Outras versões dizem que o seu corpo é metade azul, metade vermelho.

Odin é um deus situado no topo da hierarquia divina. É por isso o deus mais antigo. Criou não apenas os deuses, a primeira mulher e o primeiro homem, mas o céu e a terra e tudo o que nela há. Por essa razão é chamado o Pai-de-Tudo. Ocupa o trono de Asgard, conhecido por Hlidskialf. Não é apenas um trono de exaltação, é também o mais alto ponto de Asgard, um mirante poderoso de onde pode ver todo o mundo e saber tudo o que está a acontecer entre deuses, gigantes, elfos, gnomos e homens. Somente Odin e a sua esposa Frigga têm o privilégio de o ocupar.

O seu palácio chama-se Valhalla, onde ele festeja os guerreiros mortos escolhidos e para lá conduzidos pelas Valkírias. É o deus da guerra e dos poetas. Além do dom da sabedoria, Odin é o inventor das runas, primeiro alfabeto dos povos nórdicos, cujos caracteres são empregados principalmente para o propósito da adivinhação.

Frigga (nesta obra figura como Freia) é a rainha dos deuses

e esposa de Odin. Possui o conhecimento do futuro. Associada também à guerra, ela percorre o campo de batalha numa carruagem puxada por dois gatos para escolher os guerreiros que morreram gloriosamente em batalha. Metade deles habitará Valhalla; a outra metade, o seu palácio Fensalir, mansão das névoas, onde ela vive a tecer nuvens.

Odin e Frigga tiveram filhos gémeos: Hodur, deus da noite, é cego, sombrio e taciturno. Baldur, o belo, é adorado como o deus puro e radiante, da inocência e da luz. A sua pele alva como a neve e os seus cabelos dourados como o ouro parecem irradiar os raios do sol. É amado igualmente pelos deuses e pelos homens. O seu palácio Breidablick tem cúpulas de prata sobre pilares de ouro e nele nada de impuro entra. Vive com a esposa Nanna em perfeita harmonia. A sua morte precipita a batalha do fim-dos-tempos Ragnarok.

Loki é filho de dois gigantes e filho adoptivo de Odin. Encarna a relação ambígua e obscura entre deuses e gigantes. É belo e perfeito, mas possui carácter maligno, é o pior dos seres. Supera os homens na arte da sagacidade e do embuste.

Quanto aos celtas, importa destacar que o cristianismo foi estabelecido na Irlanda no século V por St. Patrick, ele próprio um celta. A religiosidade desse povo no período pré-cristão é rica e complexa. O que importa mencionar aqui é que concebiam os rios, as fontes, as pedras e as demais formas da natureza como encarnações de forças sobrenaturais, também a magia era um elemento participativo no conjunto das suas crenças. Os druidas, a classe sacerdotal desse povo, detinham grande poder. Todos os negócios públicos e privados estavam sujeitos à sua autoridade. Os

reis tomavam as suas decisões mediante prévia consulta aos druidas. A literatura antiga deste povo não reflecte a concepção em que fundaram a origem do universo e do homem, tal como aparece nas mitologias de outros povos. Acredita-se que, por alguma razão, essa concepção ficou confinada aos druidas e morreu com eles.

A sua literatura está dividida em quatro períodos: o ciclo mitológico, ou ciclo das invasões, o ciclo ultoniano, o ciclo ossiânico e um último cuja variedade de narrativas e lendas não permite nomeá-lo num título geral.

Duas lendas celtas figuram nesta obra: A estranha e trágica lenda *Os Filhos de Lir e Deirdre*, cuja extrema beleza é o núcleo e força poderosa que arrasta consigo toda uma geração de guerreiros e reis.

A primeira pertence ao ciclo mitológico e corresponde ao período da invasão dos milesianos, povo vindo da Espanha e que se tornou um ancestral do povo irlandês. Acredita-se que essa lenda, pela influência cristã que nela se reflecte, teve origem posterior e que em muitos aspectos é resultado dessa influência, o que o leitor poderá confirmar na leitura.

Os *Dannans*, o povo de deus, constituíam a classe soberana até à chegada dos milesianos. Eram divindades pagãs cuja denominação *Tuatha De Dannan* significa literalmente “o povo do deus cuja mãe é Dana” (nesta obra figuram como *Dedannans*). Logo que se viram invadidos pelos milesianos e derrotados, envolveram-se, por artes de magia, em mantos de invisibilidade. Desde então, houve duas Irlandas: a espiritual e a terrena. Os *Dannan* habitavam a espiritual. Enquanto os homens contemplavam apenas barreiras, trincheiras e fortificações arruinadas, surgiam os

palácios encantados das divindades destronadas. Aí puderam viver os seus festins sob a luz de um sol eterno, alimentados com carne e cerveja mágicas que lhes davam juventude e beleza eternas. A literatura mítica antiga concebe-os como seres heróicos de esplêndida beleza. Posteriormente, com a influência cristã, foram transformados em fadas e seres encantados, o “Povo de Sidhe”¹, que significa literalmente “A gente do mundo das fadas e dos seres encantados”. Até hoje a Terra da Juventude e os seus habitantes vive na imaginação do camponês irlandês.

Finalmente, Lir era uma divindade Dinnan, que frequentemente aparece nos contos mágicos do ciclo milésiano. Mannanan, seu filho, é uma divindade do oceano e das mais populares da mitologia celta. Usa um manto capaz de assumir todas as cores, como o largo mar quando olhado do alto. Avança furioso com o seu potente som atoador e o flamejar do seu poderoso manto quando forças hostis invadem Erin.

Os Filhos de Lir é uma das mais belas lendas celtas. Deirdre, que vem na sequência, não é menos bela. Faz parte do ciclo ultoniano posterior. As referências que a respeito desta lenda importam mencionar são as relativas ao denominado Clã Ruivo, uma típica ordem de cavalaria em torno da qual se reunia uma aristocracia guerreira. Os seus componentes são os descendentes de Ross, O Ruivo, rei do Ulster, que congregou nessa ordem a sua casa, parentes colaterais e aliados. Os heróis do Clã Ruivo aparecem reiteradamente nas lendas do ciclo ultoniano. Facto notável é que esses componentes tinham uma ancestralidade

¹ Pronuncia-se Shee.

parcialmente divina. Maga, filha de Angus Og, deus do amor, era esposa de Ross, O Ruivo.

Maga foi também esposa do druida Cathbad e deste casal nasceram três filhas, cujos descendentes tiveram notável participação no ciclo das lendas ultonianas. Particularmente Elva, que se casou com Usna, tronco de onde nasceram Naoise, Ainle e Ardan, personagens centrais na lenda de Deirdre.

Rolando, O Paladino, é uma lenda francesa, originalmente uma canção de gesta, estilo de poema medieval surgido na França no século XI. A palavra gesta parece representar a tradição e os valores da linhagem senhorial. O tema e o teor desses poemas relacionam-se com factos e personagens históricos tratados literariamente numa dimensão gloriosa e heróica. A *Canção de Rolando* é o nome original do poema, aqui apresentado em prosa com algumas intercalações do texto em versos. É a mais conhecida canção de gesta e a que mais tem sido objecto de estudo e curiosidade. Relata a campanha que Carlos Magno empreendeu contra os sarracenos na sua expansão cristã e o trágico evento ocorrido na passagem de Roncesvalles quando Rolando, seu sobrinho, vinha comandando a retaguarda do exército.

Beowulf é a saga de um herói da tribo dos geats, de origem anglo-saxónica, que vivia ao sul da actual Suécia. Os personagens correspondem portanto a figuras históricas. Elevadas à lenda, tornaram-se modelos humanos universais. O palco da acção é a Dinamarca. Beowulf sai da sua terra para lutar e vencer um monstro devastador, terrível assolador, inimigo mortal que só a coragem e a força sobre-humana de um herói é capaz de vencer. O tema evidencia a tensão entre forças opostas, a trajectória heróica de um

homem moralmente perfeito, que reúne em si coragem, força, lealdade, dignidade e que se doa na defesa da humanidade.

Prometeu e Pandora

Aqueles que têm interesse em observar o desenvolvimento mental de uma criança devem ter notado que ele se manifesta, logo que ela começa a pronunciar algumas palavras, numa inteligência progressiva, que se revela por meio da formulação de perguntas: “O que é isto?” Parece, à primeira vista, uma questão que se atém às coisas simples, ainda envolvidas em mistérios. Em breve alcança indagações mais profundas: “Por que é que isto é assim?” “Como acontece?” À medida que a mente da criança avança, pais e tutores diligentes e conscienciosos ficam muitas vezes diante de questões em relação às quais a falta de conhecimentos ou de uma franqueza espontânea os impede de formular respostas tão seguras quanto engenhosas.

Assim como sucede com a criança, também acontece com a raça humana. O homem entra sempre no mundo perguntando “Como?” “Por quê?” “O quê?”. Os hebreus, gregos, maoris, os aborígenes australianos, noruegueses, numa palavra, cada povo modela para si uma explicação da existência, uma resposta para questões próprias de uma mente infantil balbuciante: “Quem criou o mundo?” “O que fez Deus pensar no fogo, na água e na terra?” “Por que é que eu sou eu?”

A explicação da criação do mundo e da existência dada pelos gregos aparece na história de Prometeu e Pandora. Para os gregos o mundo era, de modo semelhante àquele descrito no Livro

do Génesis, “vazio e sem forma”. Era um mundo sem luz no qual a terra, o ar e a água estavam misturados. Reinava uma entidade chamada Caos, junto com a deusa da Noite, cujo filho era Érebo, o deus das Trevas. Quando os dois belos filhos de Érebo, a Luz e o Dia, encheram o espaço sem-forma com o seu brilho, Eros, o deus do Amor, nasceu. A Luz, o Dia e o Amor, trabalhando juntos, transformaram a discórdia em harmonia, formaram a terra, o mar e o céu numa totalidade perfeita. Uma raça de gigantes, os Titãs, nesse tempo habitava esta terra recém-criada. Prometeu era um dos mais poderosos de entre eles. Eros confiou a Prometeu e ao seu irmão, Epimeteu, a distribuição dos dons, talentos e instintos a todas as criaturas vivas e também a tarefa de criar um ser que fosse inferior aos deuses, um pouco abaixo dos Titãs, embora em conhecimento e discernimento infinitamente superior às feras, pássaros e peixes. Nas mãos dos dois Titãs, pássaros, feras e peixes resultaram perfeitamente formados. Tão prodigiosamente tinham distribuído os dons, que depois de executada a ordem de Eros viram que nada tinha restado para prover de dons o ser que seria chamado homem. Sem se intimidar, Prometeu tomou uma porção de terra, misturou-a com água e modelou com essa massa uma imagem semelhante à forma dos deuses. Eros soprou nas suas narinas o espírito da vida, Palas Atena dotou-o de alma e o primeiro homem olhou admirado a terra que estava destinada a ser a sua herança. Prometeu, orgulhoso do belo resultado da sua própria criação, teria dado com alegria ao homem um dom valoroso, mas não tinha nenhum mais. Esse homem estava nu, desprotegido, mais desamparado que as feras, mais digno de piedade do que elas, pois fora dotado de uma alma que sente.

Certamente Zeus, o Todo Poderoso rei do Olimpo, teria compaixão do Homem. Prometeu procurou-o em vão; nenhuma compaixão teve. Dotado de infinita piedade, Prometeu pensou então em dar ao homem um poder somente aos deuses pertencente, não compartilhado por nenhuma criatura viva na terra.

“Darei o Fogo ao Homem que criei”, disse a Epimeteu, a quem isso pareceu impossível. Porém, para Prometeu nada era impossível. Esperou uma oportunidade e sem que os deuses percebessem rumou para o Olimpo, acendeu uma tocha na faísca da carruagem do Sol e retornou depressa para a terra com esse dom real para o Homem. Seguramente nenhum outro dom teria dado mais completamente ao Homem o império que desde então tem sido seu. Não mais ele tremeu e se escondeu nas cavernas escuras ante os raios que Zeus lançava pelo céu. Não mais teve medo dos animais que o caçavam e o aterrorizavam. Possuidor do fogo, as feras tornaram-se suas vassalãs; forjou as suas armas, desafiou o frio e o gelo, cunhou moedas, fabricou instrumentos para a agricultura, criou as artes e tornou-se apto tanto para destruir quanto para criar.

Zeus, do seu trono no Olimpo, olhou para a terra e viu, com assombro, colunas de fumaça que subiam ondulantes para o céu. Observou mais atentamente e notou com terrível fúria que o desabrochar avermelhado e dourado que se movia na terra vinha do fogo, até então um poder sagrado pertencente unicamente aos deuses. Reuniu imediatamente o conselho dos deuses a fim de infligir a Prometeu uma punição adequada pela audácia blasfema do seu crime. O conselho decidiu criar algo que seria para sempre um fascínio para a alma e o coração dos homens e ao mesmo

tempo a sua perdição.

A Vulcano, deus do fogo, cujos domínios Prometeu insultara, foi dada a tarefa de forjar com barro a criatura pela qual a honra dos deuses seria vingada. “O coxo Vulcano”, diz Hesíodo, poeta da mitologia grega, “modelou com barro uma imagem semelhante a uma virgem casta. Palas Atena, a de olhos azuis, apressou-se em ornamentá-la e vesti-la com uma túnica branca. Colocou na sua cabeça um longo véu, habilmente modelado e admirável de se ver; coroou-lhe a fronte com uma grinalda graciosa de flores e com um diadema de ouro, que o coxo Vulcano, o ilustre deus, fizera com as próprias mãos para agradar ao poderoso Jove. Vulcano esculpiu nesse diadema os inumeráveis animais que o continente e o mar nutrem em seu seio, cinzelou-os com uma graça encantadora, de tal modo que pareciam vivos. Finalmente concluída, em vez de um trabalho proveitoso, esse ilustre mestre, trouxe a virgem perante a assembleia, orgulhoso dos ornamentos com os quais ela tinha sido adornada pela deusa de olhos azuis, filha de um ancestral poderoso”. A essa bela criatura, destinada pelos deuses para ser a destruidora do homem, cada um deles ofertou um dom. De Afrodite, ela obteve a beleza; de Apolo, a música; de Hermes, o poder da oratória. Depois que todo o Olimpo ofereceu seus dons, deram-lhe o nome de Pandora: “A presenteada por todos os deuses”. Assim preparada para a vitória, Pandora foi conduzida por Hermes ao mundo que seria desde então o seu lar. Como um presente enviado pelos deuses, foi apresentada a Prometeu.

Prometeu olhou admirado aqueles olhos azuis-violeta dados por Afrodite, que pareciam voltar-se encantadoramente para si mesmos como se fossem tão inocentes como duas violetas

humedecidas com o orvalho da manhã e o seu grande coração manteve-se impassível, intocado por aquele encanto. Com grande perspicácia, sabendo que era merecedor da ira dos deuses, viu nesse presente aparentemente tão perfeito uma armadilha. Não apenas recusou essa criatura rara, como ainda se apressou a alertar o irmão para que também não a aceitasse.

Porém, como bem exprimem os seus nomes: Prometeu (previdente) e Epimeteu (o que só vê depois), bastou a este olhar para essa esplêndida mulher enviada pelos deuses para amá-la e acreditar absolutamente na virtude da sua beleza. Ela era a mais linda criatura existente sobre a terra, uma criação verdadeiramente digna de deuses imortais. Perfeita também era a felicidade que ela lhe prometia. Antes de ela chegar, como ele agora podia ver, o mundo tinha sido incompleto. Desde que veio, as flores pareciam-lhe mais doces e perfumadas, o canto dos pássaros mais melodioso. Epimeteu encontrou uma nova vida em Pandora e admirou-se do facto do seu irmão crer que ela pudesse trazer outra coisa ao mundo que não fosse paz e alegria.

Os dois irmãos, incumbidos pelos deuses de distribuir os dons a todas as coisas vivas, tinham tomado a precaução de evitar tudo o que pudesse trazer ao mundo dor, doença, angústia, amargura, remorso ou tristeza. Todos esses males ficaram aprisionados numa caixa, deixada aos cuidados do fiel Epimeteu.

Para Pandora, o mundo em que ela viera habitar era novo, primaveril, repleto de alegrias inesperadas e surpresas maravilhosas. Era um mundo de mistérios, cuja chave de ouro estava em poder do seu grande e adorado Titã. Nada mais natural que perguntasse a Epimeteu o que continha aquela caixa

misteriosa. Ele não pôde responder. O seu conteúdo era conhecido apenas dos deuses.

A curiosidade de Pandora aumentava dia após dia. Para ela, os deuses jamais dariam algo que não fosse apenas o bem. Certamente, a caixa continha dons ainda mais preciosos. Quem sabe se os deuses não a teriam destinado para ser a primeira criatura a abrir o tesouro e se não a teriam enviado à Terra a fim de que pudesse premiar o bem-amado mundo, os homens que nele viviam, ela própria e o seu magnífico Titã com uma felicidade e uma bênção somente possível de ser concebida pela mente dos deuses.

E assim veio o dia em que Pandora, inconsciente instrumento nas mãos dos vingativos deuses, cheia de inocência, com a coragem que nasce da fé e do amor, abriu a caixa onde estava aprisionado o mal. O flagelo pôde então emergir e matar; o mal, por longo tempo aprisionado, aflorou sobre a terra antes serena e sobre os homens que nela viviam: a maldade, a impiedade, a ferocidade, a traição, a crueldade que envenena, que mata e que devora encontraram livre curso. A peste, a calamidade e o assassínio, a inveja e a malícia, a vingança e todos os vícios: Pandora, na verdade, tinha libertado um bando de lobos terríveis. Terror, miséria e descrença tinham afluído agora para ferir o seu coração. O mal que ela jamais tinha podido conceber lançou a sua mente e alma no desalento e no horror. Tentando desfazer o mal que tinha provocado, fechou apressadamente a caixa.

Viu então que os deuses tinham aprisionado junto com esse inferno de horrores um dom benigno. Nunca o mundo tinha tido nenhuma necessidade de Esperança. Que trabalho poderia haver para a Esperança num mundo onde tudo era perfeito e onde cada

criatura possuía o desejo do corpo e do coração? Desde então, a esperança foi impelida no coração do homem que, agora encerrando em si também o mal, tinha um dom benigno que o salvaria no meio da calamidade a que estava destinado.

Pandora, com lábios pálidos e trémulos, olhou para a caixa agora vazia e a coragem voltou ao seu coração. Epimeteu deixou cair o braço que havia levantado para matar a mulher que amava; salvos pela esperança, o Titã e a mulher viram a continuidade do mundo e a vingança dos deuses estava satisfeita.

A esperança é veloz; voa com asas de andorinha;

Aos reis ela faz deuses e aos pequenos reis.

Shakespeare²

Zeus empreendeu a sua vingança contra a terra e contra os homens, semelhantes aos deuses em conhecimento e domínio pelo poder do fogo. Porém, para Prometeu reservou outra punição. Foi acorrentado a uma rocha no Monte Cáucaso pela vingativa divindade. Sobre uma altura vertiginosa, o corpo premido contra a rocha ressequida e áspera, Prometeu teve de suportar o tormento de um abutre repelente que lhe comia o fígado, como se ele fosse um cadáver em decomposição jazendo sobre a rocha. Sob um sol inclemente que o castigava e um céu azul presente aos seus olhos fustigados pela dor, a tortura não lhe dava pausa, acompanhava-o

² “True hope is swift, and flies with swallow's wings:

Kings it makes gods, and meaner creatures kings.”

Richard III, Act V, Scene II

incessante desde a aurora até ao anoitecer. No fim do dia, a ave imunda, depois de exercer com sua rapina a vontade dos deuses, estendia as asas lúgubres e voava de volta ao seu abrigo. O Titã suportava então o cruel descanso de ver o seu corpo recompor-se uma vez mais, para ao romper do dia ver novamente a sombra silenciosa da ave aproximar-se com o seu odor impuro e recomeçar com as suas garras e o seu bico aterrador a sua faina devoradora.

Trinta mil anos foi o tempo da sua pena, não obstante Prometeu soubesse que podia na hora que assim desejasse pôr fim ao seu tormento. Ele possuía um segredo, um poderoso segredo, uma revelação que o faria conquistar a clemência de Zeus e o favor de todos os deuses³. Contudo, ele preferiu suportar a agonia a libertar-se pela obediência aos desejos de um tirano que, embora tivesse determinado a criação do Homem, recusara a esse mesmo homem todas as faculdades que o fariam mais nobre que as feras e o elevariam quase à altura dos deuses olímpicos. Assim, séculos fatigantes foram-se arrastando para ele — um suplício sem tréguas, que os deuses podiam ter feito cessar. Prometeu tinha criado e dotado o homem de um poder imperial e suportou o castigo que disso lhe adveio com o mesmo poder imperial e domínio.

³ *Nota do tradutor.* Esse segredo dispunha sobre o fim do reinado de Zeus no Olimpo.

Pigmalião

No tempo em que o mundo era jovem e os deuses ainda andavam na terra, reinava na ilha de Chipre um escultor rei e rei dos escultores. O seu nome era Pigmalião. Na linguagem dos nossos dias, poderíamos dizer dele que era “casado com sua arte”. Ele via na mulher somente a ruína do homem. Acreditava que as mulheres desviavam os homens do caminho que lhes estava destinado. Enquanto vivesse sozinho, era livre: não se tornava um “refém da fortuna”. Sozinho, o homem podia viver para a sua arte, podia combater todos os perigos que o assaltassem, podia escapar, desimpedido, de todas as armadilhas da vida. A mulher constituía a hera que se agarrava ao carvalho e o sufocava inapelavelmente. Nenhuma, jurou Pigmalião, o prenderia jamais. Por fim, chegou a odiar a mulher, e, livre de coração e alma, seu génio criou obras tão grandiosas, que ele se tornou o mais perfeito escultor. Só tinha uma paixão, a paixão pela sua arte, e era tudo quanto lhe bastava. De grandes blocos de mármore tosco ele moldava a mais perfeita cópia de homens e mulheres, e toda essa arte parecia-lhe a mais bela e a mais digna de ser preservada.

Certo dia, enquanto lavrava e esculpia, começou a surgir de suas mãos, como o esboço de um formidável retrato, a imagem de uma mulher. Isso aconteceu a despeito da sua intenção. Apenas sentia que naquele bloco de pedra de puríssima brancura parecia estar aprisionada a forma primorosa de uma mulher, a quem

devesse tornar livre. Ela foi surgindo lenta e gradualmente, e viu que era a mais bela obra que a sua arte tinha engendrado. Tudo o que em sua concepção uma mulher devia ser estava ali. A sua forma e semblante eram as mais perfeitas, tão perfeitas, que ele ficou convencido de que, se fosse uma mulher real, mais perfeita seria a sua essência interior. Nela trabalhava como nunca antes. E veio o dia em que, por fim, sentiu que outra cinzelada mais podia alterar a obra rara que tinha criado. Depositou seu cinzel e sentou-se para contemplar essa Mulher Perfeita. Ela parecia fitá-lo na alma, seus lábios entreabertos pareciam prontos para falar, prontos para sorrir; suas mãos pareciam estender-se para encontrar as dele. Pigmalião cobriu os olhos. Ele, que odiava as mulheres, amava uma de mármore frio. As mulheres que ele tinha desprezado agora estavam vingadas.

Dia após dia, a sua paixão pela mulher que ele próprio criara aumentava. As suas mãos não puderam mais manejar o cinzel, tornaram-se inactivas. Ficava sob os grandes pinheiros, fitava o mar azul-safira, e devaneava criando imagens de uma mulher de mármore que vinha sobre as ondas com os braços estendidos, um sorriso nos lábios e que se transformava numa mulher de carne e ossos; tocava com os pés nus a areia branca, os raios do sol de Chipre roçavam seus cabelos de mármore, que se tornavam vivos e dourados. Ele corria apressado de volta a casa para constatar que esse milagre não se realizara, beijava com paixão as pequenas mãos frias e depositava ao lado dos delicados pés de mármore os presentes que ele sabia eram cobiçados pelas mulheres jovens — conchas brilhantes, pedras preciosas e raras, pássaros de cores deslumbrantes e flores perfumadas, âmbar rescendente, pérolas

que brilhavam e reluziam com as mais formidáveis combinações de cores que o espírito de um artista pudesse conceber. Fazia mais, comprava uma vasta quantidade de pérolas maravilhosas para adornar as orelhas e o colo alvo e frio da sua amada; os comerciantes indagavam quem poderia ser a criatura que fazia Pigmalião dissipar os bens da sua fortuna.

A essa divindade ele deu o nome de Galateia; no silêncio da noite as inumeráveis estrelas prateadas pareciam sempre sussurrar: “Galateia...”, e naqueles dias, quando a tempestade abatia sobre os desertos de areia da Arábia e as ondas bravias batiam contra os rochedos de Chipre, o espírito da tempestade parecia emitir no estampido das ondas um longo, desolado e inexprimível murmúrio: “Galateia!... Galateia!...”. Ele adornou um leito para ela com tecidos de púrpura de Tiro, e sobre almofadas macias deitou a linda cabeça da mulher de mármore que ele amava.

Assim o tempo transcorria, até que se aproximou a ocasião dos festivais de Afrodite. A fumaça subia ondulante dos altares, o odor do incenso misturava-se ao perfume dos pinheiros e as vítimas, adornadas de grinaldas, mugiam e baliavam enquanto eram levadas para o sacrifício. Como rei, Pigmalião realizou fielmente e com perfeição todos os actos que a ele incumbia praticar na solenidade, e, por fim, foi deixado aos pés do altar para fazer sozinho as suas preces. Nunca antes, quando depositava os seus pedidos diante dos deuses, as suas palavras tinham vacilado, mas nesse dia falou não como um escultor-rei mas como uma criança temerosa do que ia pedir.

“Ó, Afrodite, que tudo podes!”, exclamou, “rogo-te que me

envies uma mulher como Galateia!”

“Dá vida à minha Galateia”, não ousou dizer; mas Afrodite soube perfeitamente as palavras que ele desejou ter pronunciado, e sorriu ao ver como Pigmalião estava ajoelhado. Três vezes a deusa fez as chamas do altar levantarem-se impetuosamente como sinal de que a prece tinha sido ouvida, e Pigmalião voltou para casa, mal ousando esperar, sequer permitindo que a sua alegria vencesse o medo.

As sombras da noite caíam quando ele entrou no aposento sagrado que tinha preparado para Galateia. Sobre o leito coberto de púrpura ela repousava. Pareceu-lhe que os olhos dela fitavam os seus, e que lhe sorria acolhedora. Correu para ela, ajoelhou-se a seu lado e tocou com seus lábios os dela, feitos de mármore inerte. Muitas vezes ele tinha feito o mesmo, e sempre aqueles lábios gelados e sem vida pareciam transmitir a sua frieza directamente ao seu coração, mas agora estava seguro de que não estavam mais frios. Sentiu uma de suas delicadas mãos; também não estavam mais rígidas nem frias nem insensíveis ao toque, mas repousavam macias e cálidas entre as suas. Roçou suavemente os dedos nos cabelos de mármore, e sentiu o cabelo dourado, macio e ondulante de seus desejos. Novamente, com a reverência com que tinha depositado as oferendas no altar de Afrodite, beijou seus lábios. Galateia correspondeu com as faces rosadas e quentes; os olhos, como dois lagos transparentes iluminados ao sol, fitavam-no com uma alegria tímida.

Silencia depois disso a história de Pigmalião e Galateia. Sabemos apenas que suas vidas foram afortunadas e que tiveram um filho, Pafo, de quem a cidade sagrada de Afrodite recebeu o

nome. Talvez, Afrodite tenha rido muitas vezes ao ver Pigmalião, que outrora tinha desprezado as mulheres, transformar-se num servo devoto da mulher modelada originalmente por suas próprias mãos.

Faetonte

A via que Faetonte era incapaz de percorrer

Dante, Purgatório.

De Apolo, o deus do sol, e de Clímene, a bela ninfa do oceano, nasceu na prazerosa terra da Grécia uma criança a quem foi dado o nome de Faetonte, o Luminoso e Resplandecente. Os raios do sol pareciam transluzir nos cabelos encaracolados do destemido menino, e quando à tarde outras crianças procuravam a sombra amena dos bosques de cipreste, Faetonte erguia a cabeça para as alturas e fitava impávido o céu de bronze, de onde os raios ardentes do sol vinham tocar seus cabelos dourados.

“Olhem, é meu pai que dirige a sua carruagem pelos céus!”, dizia ele orgulhosamente. “Em breve, eu também guiarei os quatro cavalos brancos como a neve”.

Os mais velhos ouviam essa ostentação infantil com um sorriso, mas Epafo, meio-irmão de Apolo, sentia a raiva despontar em seu coração toda a vez que via Faetonte transformar-se num jovem arrogante e conduzir-se como se fosse verdadeiramente um dos Imortais. Certo dia, virou-se para ele e disse-lhe com furioso desdém:

“Dizes tu que és filho de um deus? Vergonhosamente arrogante e um mentiroso tu és! Tens sempre falado do teu

ascendente divino. Dá-nos alguma prova de que és filho do Sol! Não és mais filho do glorioso Apolo que as verminas que o calor propicia crescer no pó de meus pés.”

Por um momento, ante o insulto cruel, o jovem permaneceu abatido em silêncio, e então o seu orgulho aflorou, sua voz vigorosa precipitou-se raivosa e humilhada: “Tu, Epafo, és um mentiroso. Vou pedir a meu pai e ver-me-ás conduzir a sua carruagem dourada pelo céu”.

Correu para sua mãe a fim de encontrar conforto para o orgulho ferido, como muitas vezes fazia para as pequenas feridas da infância, e com o coração explodindo contou sua história.

“É verdade que meu pai nunca se dignou a falar comigo”, disse. “Contudo, eu sei, pois tu me disseste, que ele é meu pai. E agora empenhei minha palavra. Apolo tem de me deixar conduzir seus cavalos, de contrário ficarei para sempre marcado com a pecha de mentiroso e arrogante, além de humilhado entre os homens.”

Clímene ouviu com tristeza a sua queixa. Ele era tão jovem, tão valente, e, contudo, um insensato.

“És de facto filho de Apolo”, disse ela, “ó, filho de minha alma, tua beleza é como a dele, teu orgulho é próprio de um filho dos deuses. Mas és um deus apenas parcialmente. Embora tua coragem altiva ouse empreender todas as coisas, é uma insensatez extravagante pensar fazer o que somente um deus é capaz.”

“Nada que eu diga terá algum proveito. Vai, procura teu pai, e pede-lhe o que desejas”, ela acrescentou por fim, e orientou-o sobre o modo como poderia encontrar o lugar no Leste onde Apolo repousava antes que o labor do dia começasse. Com ansiosa

alegria, Faetonte partiu para a sua jornada. Viajou sem pausa uma longa distância, mas, quando a cúpula brilhante e as torres adornadas de pedras preciosas do Palácio do Sol apareceram diante dele, esqueceu a sua fadiga e apressou a sua ascensão à morada de seu pai.

Febo Apolo, vestido de púrpura incandescente como o resplendor do céu crepuscular, estava sentado em seu trono dourado. O Dia, o Mês e o Ano estavam ao seu redor, além deles estavam as Horas. A Primavera estava ali, sua cabeça cingida com uma grinalda de flores; o Verão, coroado de grãos maduros; o Outono, com os pés avermelhados pelo sumo das uvas; o Inverno, com os cabelos brancos e espessos de neve.

Apolo reconheceu-o como filho, e, quando o jovem o olhou com o destemor arrogante da juventude, o deus saudou-o bondosamente e pediu-lhe que anunciasse a razão da sua vinda e o seu pedido.

Faetonte contou a Apolo a mesma história, do mesmo modo como a tinha contado a Clímene, e seu pai ouviu-o, entre orgulhoso e aborrecido, e um vexame algo embaraçoso. Quando o jovem terminou, acrescentou ansioso, com os olhos brilhantes e as faces ruborizadas: “E, ó luz do mundo infinito, se eu sou de facto teu filho, concede-me o que pedi, e por um dia apenas deixa-me conduzir tua carruagem pelos céus!”

Apolo balançou a cabeça e respondeu muito seriamente:

“És de verdade meu amado filho”, disse, “e pelo terrível Estige, o rio da morte, juro que te darei qualquer outro presente que me peças e te farei prova que teu pai é o imortal Apolo. Mas nunca, nem para ti ou qualquer outro, mortal ou imortal, concederei a honra

de conduzir minha carruagem”.

“Serei humilhado para sempre, meu pai”, argumentou. “Certamente, não gerarias um filho comprovadamente mentiroso e arrogante”.

“Nem mesmo os deuses podem fazê-lo”, respondeu Apolo. “De modo nenhum, nem mesmo o todo-poderoso Zeus. Ninguém, excepto eu, Febo Apolo, pode conduzir a carruagem flamejante do sol, pois o caminho está repleto de perigos e ninguém além de mim o conhece.”

“Diz-me apenas o modo como fazê-lo, meu pai!”, insistiu Faetonte, “e aprenderei rapidamente.”

Apolo sorriu meio entristecido:

“A primeira parte do caminho faz-se percorrendo uma subida íngreme”, disse. “É tão íngreme, que apenas muito lentamente meus cavalos podem subi-la. A metade do caminho fica no ponto mais alto do céu, tão alto que mesmo eu sinto vertigens quando olho para a terra e o mar em baixo. A última parte do caminho é um precipício tão abrupto, que minhas mãos mal podem controlar o galope vertiginoso de meus cavalos. Durante toda a corrida, o céu gira em círculo, e com ele as estrelas. Tenho de passar entre os chifres do Touro, por Sagitário cujos arcos estão sempre retesados e prontos para matar, perto do Escorpião, que estende os ferrões ameaçadores, e das grandes garras do Caranguejo, que tacteiam em busca de presa...”.

“Ah, meu pai, não tenho nenhum medo dessas coisas!”, replicou Faetonte. “Concede-me conduzir teus cavalos de crinas alvas por apenas um dia!”

Apolo olhou-o condoidamente, e permaneceu em silêncio por

um pequeno instante.

“As mãos frágeis do homem”, disse por fim, “o corpo frágil do homem! — e nele há a alma de um deus. É para ter compaixão, meu filho. Não sabes que o benefício que almejas obter de mim é a Morte?”

“Preferível a morte à desonra”, replicou Faetonte, e acrescentou orgulhosamente: “Por um dia eu seria como um deus, meu pai. Eu não tenho medo”.

Apolo foi vencido, e Faetonte conquistou o desejo de seu coração.

Os quatro cavalos brancos, batendo com as patas e relinchando com todo o esplendor de sua força, surgiram trazidos do pátio do palácio. Foram atrelados à carruagem cujos eixos, varões e rodas eram de ouro e os raios de prata; em seu interior, incrustações de diamantes e crisólitas emitiam reflexos deslumbrantes do sol. Apolo ungiu o rosto de Faetonte com uma poderosa essência que o protegeria das chamas, e sobre sua cabeça colocou os raios do sol. As estrelas foram-se, até a Estrela d’Alva, a última a retirar-se do céu, e, ao sinal de Apolo, a Aurora, de dedos rosados, abriu as portas de púrpura do Leste, e Faetonte viu um caminho rosa-claro abrir-se diante dele.

Com um grito de exultação saltou para a carruagem e tomou as rédeas douradas nas mãos. Mal ouviu as palavras de despedida de Apolo: “Segura firme as rédeas e usa com moderação os chicotes. Toda a tua força será requerida para manter os cavalos no caminho. Não vás tão alto nem tão baixo. Uma altitude média é a melhor e a mais segura. Segue, se puderes, as marcas das rodas da minha carruagem!”. A sua voz alegre de agradecimento ao

benefício divino ressoava de volta para Apolo, que o via desaparecer na aurora ainda com uma suave coloração como as plumas do peito de um pombo.

Os cavalos seguiam para o alto, e as chamas de seus narizes tingiam de uma cor de fogo as nuvens que pairavam sobre a terra e o mar. Faetonte sentia-se verdadeiramente o filho de um deus, e estava rejubilante da sua origem. O dia pelo qual ansiara ao longo de toda a sua curta vida tinha finalmente chegado. Ele estava conduzindo a carruagem que, à medida que avançava, despertava a terra adormecida. O esplendor das rodas e dos raios de luz que lhe coroavam a cabeça coloriam as nuvens. Ria alto em êxtase com o que via: ao longe lá em baixo, o mar e os rios em que ele se tinha banhado como um jovem mortal reflectia cores verde, rosa e púrpura, ouro e prata, carmesim vivo, que ele, Faetonte, estava dispendo do alto do céu. A névoa cinza voluteava nos topos dos montes ao seu desejo. A bruma branca retirava-se dos vales. Todas as coisas vivas despertavam; as flores abriam as pétalas; os grãos tornavam-se dourados; as frutas amadureciam. Se Epafo pudesse vê-lo agora! Certamente o estava vendo e notando que Faetonte, e não Apolo, comandava os cavalos e conduzia a carruagem do Sol.

Mais e mais rápido os cavalos de crina branca corriam. Logo deixaram para trás a brisa da manhã, e logo viram que não estavam sendo conduzidos pelas mãos de Apolo, o mestre que sustentava as rédeas douradas. A carruagem vacilou. Não apenas o peso leve do jovem mas o modo fraco com que segurava as rédeas fê-los tomados de uma ânsia para correr. Uma espuma branca fluía de suas bocas como das ondas de um mar em fúria, e seu galopar ficou tão veloz quanto o dardo lançado do arco de Zeus.

Ainda assim, Faetonte não teve medo, e quando eles o ouviram gritar em êxtase, “Mais rápido, meus bravos! Mais veloz ainda!”, isso os fez avançar, enlouquecidamente, cegamente, com a impetuosidade de uma tempestade. Tinham se desviado da rota, e nenhuma esperança havia de a retomarem. O arrebatamento de Faetonte extinguiu-se completamente diante da terrível evidência de que tinham se desviado do curso e de que suas mãos não eram suficientemente vigorosas para guiar os cavalos. Passaram perto da Ursa Maior e da Ursa Menor, que ficaram chamuscadas com o calor. A Serpente que, entorpecida e inerte, fria e inofensiva, repousava enrolada em torno do Pólo Norte, sentiu um calor que a tomou de fúria e a tomou perigosa novamente. Descendo, sempre descendo, galopavam os cavalos enlouquecidos. Faetonte viu o mar como um escudo de bronze fundido, e a terra estava tão próxima, que todas as coisas sobre ela estavam visíveis. Quando passaram pelo Escorpião, e mal escaparam de seus ferrões, o medo assaltou o coração do jovem. Sua mãe falara a verdade. Ele era um deus apenas parcialmente, e demasiado jovem. Sentindo um horror diante do qual era impotente, puxou com força as rédeas para tentar deter a descida dos cavalos, e, esquecido das recomendações de Apolo, os açoitou furiosamente. A ira produz a ira, e a fúria dos cavalos imortais desdenhou a fúria de um jovem mortal. Com um violento balançar de suas cabeças, arrancaram as rédeas de suas mãos, e, enquanto pairava vertiginosamente agitado de um lado para o outro, Faetonte soube que o benefício que almejava alcançar de seu pai significava na verdade a morte para ele.

E, que lástima, era uma morte horrível, pois, com olhos como

chamas que consumiam seu cérebro, o jovem contemplou a terrível destruição que seu orgulho tinha causado. A carruagem do Sol em chamas fez nuvens de fumaça, secou todos os rios, todas as fontes. O fogo ardia no alto dos montes, as grandes cidades foram destruídas. A beleza da terra estava violada, os bosques e prados e todas as árvores e lugares prazerosos estavam devastados. As plantações tinham sido assoladas, os rebanhos e seus pastores mortos. Na Líbia até os dias de hoje há um deserto estéril e inóspito produzido pela passagem dos cavalos. Os Etíopes que sobreviveram são até hoje negros em decorrência do calor cruel. O Nilo mudou seu curso para escapar às chamas, as ninfas e as nereidas fugiram aterrorizadas em busca de um lugar em que as águas tivessem escapado da destruição. A superfície da Terra queimada e enegrecida, repleta de milhares de homens carbonizados, fendeu e atemorizou Plutão pela luz abrupta que penetrou até seu trono.

A tudo isso Faetonte assistia, impotente e com a alma em agonia. Sua tolice infantil e orgulho tinham sido grandes, mas a angústia que agora o torturava era uma punição muito pesada, até mesmo para um deus que tivesse cometido uma falta.

A Terra, diante da devastação ao seu redor, olhou para o alto. Tinha as faces enegrecidas e os olhos cegos, e com uma voz fatigada clamou por Zeus, que ele olhasse do Olimpo para ela e visse a ruína causada pela carruagem do Sol. Zeus, o ceifeiro das nuvens, olhou e, diante daquela deplorável devastação, seu semblante tornou-se sombrio. Foi terrível a sua fúria contra aquele que sustinha as rédeas da carruagem. Convocou Apolo e todos os deuses para testemunha, pegou uma flecha de raio flamejante, e

por um momento Zeus e todos os habitantes do Olimpo fitaram a carruagem chamejante na qual estava a figura oscilante, pequena e débil de um jovem mortal, cego de horror e estremeando de agonia. De suas mãos, Zeus lançou o raio, e a carruagem se espedaçou. Faetonte, os cabelos louros em chamas, rolou como uma estrela cadente luminosa do alto do céu, e caiu no rio Erídano. Os cavalos retornaram para seu mestre, Apolo, que, com raiva e mágoa, os açoitou. Falou indignado da punição dada ao filho pelo Soberano do Olimpo. Ainda que tenha sido, na verdade, uma punição indulgente, pois Faetonte era apenas um semideus, e nenhuma vida humana estava preparada para viver depois de experimentar um dia tão terrivelmente angustiante.

Mais amargamente lamentou Clímene o seu belo e único filho, e tão incessantemente suas três irmãs, as Elíades, o choraram, que os deuses as transmudaram em álamos, às margens do rio. As lágrimas, enquanto caíam, transformavam-se no âmbar precioso. Ainda outros choraram por Faetonte, morto prematuramente no frescor de sua juventude. Cincus, rei da Ligúria, amou ternamente o galante jovem. Várias vezes mergulhou no rio, até encontrar e trazer os restos daquele que tinha sido o belo filho de um deus, e lhe proporcionou um túmulo honroso. Ainda não convencido de que tinha conseguido resgatar completamente os restos mortais de seu amigo, continuou a mergulhar no rio, sempre buscando, até que os deuses, cansados de sua interminável dor, transformaram-no em cisne.

Ainda podemos ver o cisne deslizando tristonhamente sobre as águas, como um barco de velas brancas que leva o corpo de um rei para seu descanso. De vez em quando mergulha profundamente

na água como se procurasse pelo jovem que teria sido um deus não fosse ele buscar a morte.

Endimião

Na Grécia antiga era a deusa Diana que conduzia a carruagem da lua pelo céu nocturno. Era a caçadora dos bosques, que fazia ecoar entre árvores e nos altos montes o ladrar dos cães acossando a caça. Essa deusa amou o pastor Endimião com um amor concebido à luz do luar, e, tal como a lua, realizado na penumbra difusa e envolto da aura imprecisa do sonho.

Repetidamente na história da mitologia encontramos histórias da deusa, algumas vezes ela aparece com o seu nome mais conhecido de Diana, outras vezes com o seu nome grego Ártemis, mais antigo, e ainda outras com o nome de Selene, a deusa da Lua dos romanos. Apolo, o deus do Sol, é seu irmão gémeo, e partilha com ela o poder de manejar com perfeito domínio o arco. Ambos presidem a música e a poesia.

Conta a lenda que, quando a carruagem dourada do deus do Sol desaparece no ocidente, os cavalos prateados de sua irmã cruzam o céu com seu marchar silencioso, a carruagem da lua ilumina a abóbada anoitecida do céu e envolve de luz prata todas as coisas sobre a terra. É a deusa Diana que nessa hora tem como bosque de caça a amplidão do céu nocturno onde as Plêiades

Brilham como um bando de pirilampus
numa tela prateada.

Tennyson

Ela espreita entre os galhos do abeto e dos pinheirais coando sua luz entre as folhas e projectando sombras misteriosas nos caminhos do bosque. Move-se a bela caçadora

Os cabelos soltos agitam-se na noite
Através do escuro bosque Diana abre caminho.

Andrew Lang

Ocorreu uma noite, enquanto ela caçava no Monte Latmos, o jovem pastor Endimião estar adormecido ao lado do seu rebanho. Ela deteve os seus cães que se tinham lançado em perseguição pela noite, e eles pararam perto de Endimião. Muitas vezes ele tinha visto a deusa de longe, um tanto assombrado de uma criatura tão bela e, ao mesmo tempo, tão implacável. Diana nunca tinha notado a beleza encantadora do jovem. Ela considerou-o tão perfeito quanto o seu irmão Apolo, talvez mais perfeito ainda, pois seu rosto adormecido voltado para cima tinha o encanto prateado da sua amada lua. Uma paixão ardente e abrasadora teria nascido aos raios ardentes do sol, mas o amor que então nasceu sob a luz pálida da lua era uma paixão mágica. Diana fitou-o demoradamente. Quando Endimião sorriu no seu sono, ela ajoelhou, e, curvando-se, beijou os seus lábios com delicadeza. O toque da luz do luar não era mais delicado que o toque de Diana. Não obstante, foi suficiente para acordá-lo. Porém, demorou-se no sono querendo prolongar aquele êxtase de felicidade tão perfeita que experimentara. E antes que os seus olhos adormecidos pudessem ser a testemunha dos seus sentidos, Diana apressou-se

em fugir dali. Endimião levantou-se num salto, mas viu apenas o rebanho adormecido, e ouviu o que lhe pareceu ser o ladrar de cães em plena caça na floresta ao longe no topo da montanha. Somente para seu próprio coração ousou deixar falar o sussurro desse acontecimento encantador que ele acreditou ter vivido. Voltou a deitar-se esperando que mais uma vez esse milagre lhe fosse concedido. Nenhum milagre mais lhe sobreveio; sequer pôde voltar a dormir, tão intensa era a sua emoção.

No dia seguinte, nas horas abafadas em que Apolo conduz a sua carruagem reluzente ao longo do céu, Endimião, enquanto pastoreava o seu rebanho, tentou pelo sono reviver aquele encantamento uma vez mais, e desejou que o dia logo findasse e o frescor da noite escura voltasse. Quando anoiteceu, tentou permanecer acordado e ver o que poderia acontecer, mas logo o bondoso sono fechou os seus olhos cansados, e

Veio-lhe a encantadora visão de uma virgem,
Ela vinha num carro dourado
Que descia da lua suspensa no céu.

Lewis Morris

Ela beijava-o sempre. Contudo, quando acordava, ele nunca via nada mais tangível que um feixe de luz prateada da Lua sobre os arbustos na encosta da montanha, nunca ouvia nada mais concreto que o eco distante do ladrar de cães caçadores. Se olhava para o céu com ânsia e olhos muito agudos, uma nuvem escura escondia apressadamente a lua de sua contemplação ansiosamente inquiridora.

Assim passava o tempo. Os dias de Endimião estavam repletos desse sonho diurno ardente. As suas horas de sono traziam-lhe sempre esse puro êxtase. Para a deusa também o ser humano que ela amava parecia-lhe tornar-se cada vez mais precioso. Toda a alegria do dia e da noite estava concentrada nos momentos em que ficava ao lado de Endimião adormecido.

As ovelhas do pastor prosperavam como as de nenhum outro. Nenhuma fera ousava aproximar-se delas; nem as tempestades nem as doenças as atacavam. Contudo, as coisas da terra já não possuíam nenhum valor para Endimião. Ele vivia apenas para o seu sonho encantado. Se lhe chegasse a velhice e o cansaço, ainda sim Endimião continuaria vivendo no puro sonho. A Diana, entretanto, veio-lhe o medo de que a beleza de seu amado declinasse com o tempo, e de seu pai, Zeus, obteve para aquele que amava a graça de uma juventude e um sono eternos.

Chegou então a noite em que os sonhos de Endimião não mais tiveram fim. Foi uma noite em que a lua fez para si mesma um longo caminho de prata pelo mar, desde o distante horizonte até à praia onde as ondas encrespadas batem numa luminosa e sempre ondulante orla prateada. Prateadas eram também as folhas das árvores do bosque, de onde entre os galhos dos ciprestes sagrados e os imponentes pinheiros Diana lançava suas flechas de prata. O ladrar dos cães não veio inquietar o sono das ovelhas de Endimião, eram as estrelas luzentes que pareciam cantar no alto céu. Enquanto ainda aqueles lábios delicados o tocavam, as mãos ergueram delicadamente Endimião adormecido e levaram-no para uma caverna secreta no Monte Latmos. Ali, para sempre, ela vinha beijar os lábios do seu amado adormecido. Ali, para sempre, dormiu

Endimião, feliz envolvido no êxtase perfeito dos sonhos que jamais terminam.

Orfeu

Não somos todos amantes como Orfeu, procurando em vão na solidão e no ermo do espírito o amor que se foi de nós para sempre, chorando para Eurídice retornar? Não somos todos tolos como Orfeu, esperando entre a agonia do amor e o êxtase do desejo, ter Eurídice de volta? Não somos todos falhos, como Orfeu, abandonando o caminho que conduz ao outro mundo pelo deste?

Fiona Macleod

Os cientistas e estudiosos costumam tomar os mitos antigos, dividi-los em partes para encontrar algum significado profundo oculto em cada parte da história. É possível encontrar quem vê em Orfeu a personificação do vento que, ao passar, “verga as árvores no seu curso entoando a sua música bravia”, e que Eurídice é a manhã “com sua beleza brevíssima”. Outros dizem que Orfeu é “a expressão mitológica do enlevo que a música proporcionou aos povos primitivos”; outros ainda aceitam, sem hesitação, a ideia de que Orfeu é o sol quando, ao fim do dia, mergulha no abismo escuro da noite, na vã esperança de alcançar a sua esposa perdida, Eurídice, a aurora cor de rosa.

Na Trácia, agraciada com as melhores dádivas dos deuses, nasceu Orfeu. Apolo foi seu pai, o deus da música e do canto. A musa Calíope foi sua mãe. Apolo presenteou-o com uma lira, e ele

próprio o ensinou a tocá-la. Não demorou muito para que todas as formas selvagens dos bosques da Trácia deixassem as aberturas e cavernas das rochas, se arrastassem das árvores, saíssem do meio das moitas e vegetação rasteira para ouvir a música que nascia dos dedos do menino. O arrulho dos pombos, o trinado límpido do pássaro-preto, o canto da cotovia, o gorjeio do rouxinol, tudo cessava quando o menino tocava. O vento aquietado já não movia as folhas das árvores, também silentes para não deixar escapar aquele raro suspiro que seus dedos tiravam das cordas mágicas. Nem fera nem homem algum que vivia naquele tempo conseguia escapar ao poder da sua melodia sedutora. Ele tocava uma canção suave, e todas as coisas dormiam; tocava uma canção alegre, e todas as flores abriam em completa florescência sobre a terra fria, os botões de rosa desabrochavam numa espécie de sumptuosidade que bendizia a vida, toda a terra parecia cheia dos ecos amorosos vindos da doçura da sua música.

Ele tocava uma música bélica, e, longe dali, os tiranos adormecidos levantavam-se completamente despertos, e, num esgar raivoso, contraíam os lábios deixando os dentes nus; os jovens inexperientes da Trácia corriam a pedir que seus pais os deixassem sentir o gosto da batalha; os guerreiros experimentavam com o polegar o gume agudo de suas espadas, e sorriam felizes.

Enquanto ele tocava, parecia que as pedras e as rochas ganhavam coração. Toda a alma do universo se tornava algo grandioso, belo e palpitante, mediante o instrumento, de cujas cordas soantes nascia a música de Orfeu.

O seu poder revelou-se imenso, e ele tornou-se um príncipe poderoso da Trácia. Não apenas pela sua lira, mas a sua própria

peessoa tocou o coração da encantadora Eurídice, fazendo-a cativa. Parecia que, depois que se tornaram esposos, toda a felicidade lhes pertencia. Mas, embora Himeneu, o deus do casamento, ele próprio viesse santificá-los no dia em que se casaram, os augúrios daquele dia estavam contra eles. O archote que Himeneu trazia não tinha uma chama dourada, mas expelia uma fumaça negra penetrante que fez seus olhos lacrimejarem. Sentiram um temor que não sabiam de onde vinha; mas, logo depois, quando Eurídice desfilou com o cortejo das ninfas pelos bosques, a razão ficou conhecida. Um pastor audacioso, que não sabia que ela era uma princesa, amou Eurídice logo que a viu, e perseguiu-a para lhe declarar o seu amor. Ela, temendo seu atrevimento selvagem, fugiu dele. No terror em que se encontrava, corria demasiadamente rápido para que pudesse ver onde pisava, e uma serpente venenosa, que espreitava entre os arbustos, mordeu-lhe o pé. Eurídice morreu numa agonia dolorosa. O seu espírito foi para o Mundo das Sombras deixando Orfeu com o coração partido.

A brisa que soa pesarosa no mar nocturno, o vento que murmura soluçante nas árvores, o pássaro que canta triste procurando o seu companheiro, os sussurros entristecidos do bosque nocturno, o marulho melancólico dos regatos, tudo agora parava numa quietude silenciosa, pois uma maior dor se erguia da música de Orfeu, e estendia-se prolongada como um soluço que silenciava toda a vida.

A expressão da sua tristeza tocou igualmente os deuses e os homens, mas nenhum conforto Orfeu obteve para si mesmo. E, por fim, quando suportá-la era já impossível, rumou para o Olimpo, suplicou a Zeus que lhe desse permissão para descer à tenebrosa

região das Sombras e trazer a sua esposa. Zeus, tocado pela sua angústia, deu-lhe permissão, mas preveniu-o solenemente dos terríveis perigos que o esperavam.

Porém, o amor de Orfeu era tão perfeito, que não conhecia nenhum medo; agradecido, apressou-se rumo à caverna escura junto ao promontório de Ténaro, e alcançou logo a entrada do Hades. Aterrorizante e assustador era o cão de três cabeças, Cérbero, que guardava a porta. Recebeu Orfeu com rosnados e grandes urros de uma fera selvagem ávida da sua vítima. Orfeu tocou a sua lira e a fera, pasmada, quedou-se em silêncio. Continuou tocando e o cão cheirou amorosamente os pés do músico, olhou para o seu rosto com uns olhos mansos cheios da luz que surpreendemos nos olhos dos cães da terra enquanto fitam afectuosamente os seus amos. Tocando continuamente, Orfeu ultrapassou a porta. A música que fazia vibrar em sua lira ressoava adiante e alcançava os ouvidos de Plutão em seu trono antes que o músico lá tivesse chegado.

Certamente, jamais ali foi ouvida semelhante música. Ela expressava o passado e o futuro, a beleza permanente, e as formas mais perfeitas dos sentimentos que não morrem, a imortalidade escondida na brevidade das coisas. De tal modo ecoou, que alcançou o recesso mais escuro do Hades. A mão do tempo cessou seu curso, e tudo ali parou por um instante para ouvir a música de Orfeu. Tântalo foi libertado da sua pena de tentar beber o gole que sempre retorna de seus lábios ressequidos e crestados. O incessante curso da roda de Ixião parou, o implacável corvo já não dilacerava o fígado do Titã Prometeu; Sísifo interrompeu sua tarefa fatigante de arrastar a pedra montanha acima, sentou-se sobre a

rocha para ouvir; as Danaides descansaram do seu labor de colher água numa peneira. Pela primeira vez, o rosto das Fúrias ficou banhado de lágrimas; as sombras inquietas dos mortos, que vagueavam na escuridão como folhas de Outono arrastadas ao vento invernal, permaneceram silentes para atentar e ouvir⁴. Orfeu ainda tocava quando alcançou o trono de Plutão e sua rainha Prosérpina, onde os encontrou vestidos em trajes lúgubres e frios, com o implacável Destino a seus pés. A Prosérpina a música de Orfeu fez acordar a lembrança das alegrias da sua juventude à beira do mar Egeu na encantadora ilha da Sicília. Novamente sentiu a fragrância e a beleza das flores da primavera, e mesmo ali no

⁴ Nota do tradutor: Tântalo, Sísifo e Ixião são famosos pelo suplício que padeciam no inferno, O primeiro, segundo Ovídio, foi condenado a sofrer terrível sede no meio de um regato fresco e de águas claras, que constantemente se furtava aos seus lábios ressequidos, e, afligido pela fome, a árvore afastava os galhos toda a vez que a sua mão tentava colher os frutos. Sísifo foi condenado a carregar eternamente uma pedra até ao alto de uma montanha; ao chegar ao cume, a pedra rolava, e ele era obrigado a recomeçar todo o trabalho. Ixião foi lançado aos infernos por Zeus onde teve os braços e as pernas amarrados a uma roda cercada de serpentes e que girava sem cessar. As Danaides eram cinquenta jovens, filhas de Dánao, que mataram os seus maridos na noite de núpcias. Para puni-las, Zeus condenou-as a colher eternamente água com peneiras. As Fúrias, também chamadas Eumênides, são divindades infernais encarregadas de executar a sentença determinada aos culpados. O seu nome deve-se ao furor que inspiram.

Hades o aroma das violetas parecia chegar, renovava em seu coração a dor do dia em que Plutão a arrebatou de sua mãe e a levou para o Mundo das Sombras. Silente, sentou-se ao lado do seu senhor e seus olhos estavam turvos.

Quando, com um suspiro tremulante, a música cessou, Orfeu apresentou decidido o seu pedido: deixá-lo reaver Eurídice; dar-lhe de volta aquela que era mais do que sua vida, conceder-lhe levá-la de volta “para a luz do Céu”, eis tudo o que pediu.

Plutão e Prosérpina não ousaram trocar um olhar, ainda que estivessem de acordo na resposta que dariam. Eurídice lhe seria concedida mediante uma condição. Não se poderia virar para ver seu rosto antes de alcançar a região luminosa do mundo superior. Na sua grande ansiedade, Orfeu condescendeu, e foi com o coração feliz que ouviu convocarem Eurídice para o seguir, quando então retrocedeu para tomar o caminho de volta.

A alegria voltou ao coração de Orfeu ao sentir os passos macios da amada atrás de si. Ela estava ali, junto dele novamente, quase a podia tocar com um simples voltar das mãos. A sua felicidade não se perdera com a morte. Seu amor tinha conquistado de volta a sua amada, até mesmo das regiões infernais. Logo que alcançassem a luz, poderia falar-lhe de todo aquele amor que, enquanto ainda ela vivia na terra, não lhe tinha dito. Poderia agora tornar perfeito tudo que antes deixara incompleto e falho.

Contudo, veio-lhe uma dúvida atormentante. E se Plutão o tivesse enganado? E se um espírito escarnecedor o estivesse seguindo em vez da amada Eurídice? Quando começou a escalar a subida que dava acesso à luz, seu temor tornou-se mais cruelmente sensível. Quase podia sentir que os passos dela tinham cessado;

que, ao alcançar a luz, se acharia abandonado uma vez mais na sua dolorosa solidão. A dúvida esmagava-o.

Já tão próximos se achavam, que a escuridão tornava-se esmaecida, não mais intensa que a do anoitecer em que as sombras avançam cobrindo todas as coisas. Nesse instante, pareceu a Orfeu que não havia mais razão para esperar. Voltou-se bruscamente, e olhou aquela que o seguia. Era de facto a sua Eurídice, que, desejando alcançá-lo, estendia os braços para ele. Contudo, isso não durou mais que um breve momento. Antes que a pudesse abraçar, ela mergulhou de volta na escuridão da morte.

“Adeus! Adeus! Adeus!”, ouviu-a pronunciar desesperançada, e sua voz ia desaparecendo no abismo.

De Plutão enternecido de sua música grandiosa
Obteve de volta sua Eurídice amada
Para num lampejo fugaz a ter retornada.

Milton

Tentou segui-la, mas foi um esforço vão. À tona da escuridão, na torrente impetuosa do Aqueronte, o barco de Caronte estava pronto para levar à outra margem os mortos. Orfeu correu para ele com ansiedade a fim de desfazer o seu acto intempestivo. Caronte repeliu-o com severidade. Não havia lugar para ele no seu barco. Somente aqueles que iam para nunca mais retornar podiam fazer a travessia. Orfeu permaneceu junto do rio por sete longos dias e noites na esperança de que Caronte se abrandasse. Por fim, perdeu a esperança, embrenhou-se nas florestas da Trácia, onde árvores, rochas, feras e pássaros lhe eram afectuosos.

Dias e noites ele permaneceu nas sombras dos bosques, exprimia a dor do seu coração na música da sua lira. Os animais mais ferozes da floresta deitavam-se mansos a seus pés e olhavam-no com olhos repletos de piedade; o canto dos pássaros cessava e o vento murmurava entre as árvores chamados pelo lamento: “Eurídice! Eurídice!”

No alvor da manhã, tinha a impressão de vê-la de novo, adejante entre a névoa e a luz difusa que penetrava na obscuridade do bosque. Ao cair da tarde, quando todas as coisas se aquietavam e a noite evocava o mistério da floresta, as folhas secas farfalhavam ao toque de uns pés que eram os dela, e ele via-a vaguear nas trilhas do bosque, no meio das sombras distendidas das árvores. Tinha o rosto alvo banhado pela luz do luar e os braços estendidos para ele.

Naquele olmo no fim da trilha vejo
Teu rosto vago invadido de tristeza,
Eurídice! Eurídice!
E as folhas agitantes repetem
Eurídice! Eurídice

Lowell

Um excelente dia adveio para Orfeu quando Jasão, líder dos Argonautas, o procurou para lhe propor que se viesse juntar aos demais heróis para ajudar na busca do Velo de Ouro.

“Não tenho tido já demasiada carga e fadigas vagueando por tão vastos e longínquos lugares?”, suspirou Orfeu. “Em

vão recebi de minha mãe divina o dom da música; em vão cantei e me empenhei; em vão descii à morada da morte e encantei todo o reino do Hades para reconquistar Eurídice, minha esposa. Eu tive de volta a minha amada para perdê-la no mesmo instante, e deambulei atormentado por lugares remotos, pelo Egipto, pelos desertos da Líbia e pelas ilhas de todos os mares... Seduzi em vão o coração dos homens, dos animais selvagens, das árvores e das pedras inertes com minha lira e canto mágicos, dei-lhes repouso, mas nenhum repouso encontrei para mim mesmo.”

Kingsley

Orfeu tomou o seu lugar no formidável navio Argo junto com os outros heróis e navegaram pelos caminhos do mar. As canções que Orfeu cantou para os seus companheiros falavam de suas grandes aventuras, e muitos foram os infortúnios e desventuras que sua música evitou. Por ela, monstros foram acalmados; as sereias não puderam atrair os argonautas com seu canto sedutor, pois maior foi o poder mágico que sua melodia exerceu no coração dos homens; ela deteve as montanhas num momento em que sucumbiam numa corrente devastadora. São hoje chamadas de Canções de Orfeu, ou Órficas.

Depois da aventura Argonauta, Orfeu voltou para os seus domínios na Trácia. Mas a sua alma ferida não conheceu remédio. As árvores ouviam novamente os seus cantos de ansiedade, novamente elas murmuravam: “Eurídice! Eurídice!”

Certo dia, ele sentou-se à margem do rio na silenciosa

floresta. Chegou-lhe de longe um bulhento clamor de vozes, abafou sua música como os gritos ásperos de um bando de gaivotas açuladas à visão de uma presa. Era o dia da festa de Baco. As bacantes invadiram o bosque, uma turba sensual e bulhenta, em que sátiros dançavam cabriolas ao redor e centauros relinchavam alto. Há muito as bacantes odiavam o fiel poeta-amante, pertencente a uma só mulher cuja morada era o Mundo das Sombras. Os ouvidos de Orfeu eram insensíveis às suas vozes apaixonadas; seus olhos, cegos aos encantos de suas danças ardentes e exuberantes de cores, beleza selvagem e sedutora, risos e cantos alucinados. Estavam de facto enlouquecidas nesse dia, e, em seu desvario, a própria existência de Orfeu era algo que não podia ser admitido. Primeiro, apedrejaram Orfeu, mas a sua música fez as pedras caírem inofensivas a seus pés. Depois, possuídas de um frenesi de crueldade, lançaram-se sobre ele e mataram-no. Dilaceraram-lhe os membros, e, por fim, lançaram a sua cabeça e a sua lira manchada de sangue no rio. Enquanto a corrente fluía, a lira murmurava sua última música e os lábios pálidos de Orfeu ainda suspiravam por aquela a quem ele finalmente se foi unir na região da morte, “Eurídice! Eurídice!

“Quantos outros não morreram da mesma forma? É a luta eterna da força brutal contra a inteligência doce e sublime inspirada pelo céu, cujo reino não é deste mundo”.

No céu, há uma constelação chamada Lira, também conhecida pelo nome de Orfeu. Nela, os deuses colocaram a sua lira, e o seu nome ficou para sempre gravado. No dia da sua morte, as Musas vieram ter ao lugar do seu martírio, com amor zeloso levaram as partes do seu corpo destroçado para o Libetiera, aos

pés do Olimpo, onde o queimaram. Ali até hoje o rouxinol canta mais docemente que em qualquer outro lugar da terra. O seu canto fala da vida após a morte, de um amor que não conhece fim, e, de tal modo forte, que é capaz de vencer a morte, a invencível.

Apolo e Dafne

O conquistador de toda a terra, embora nem sempre conquistador do coração de uma virgem, era Apolo, o de cabelos louros anelados.

Vendo certo dia o travesso Eros brincar com o seu arco e flechas, Apolo disse-lhe debochadamente:

“O que tens para fazer com armas de guerra, mocinho insolente? Deixa-as para mãos como as minhas, que sabem muito bem como manejá-las. Contenta-te com o teu archote, e atija as suas chamas, que é o que podes fazer, para que tanto teus dardos como teus braços jovens não venham a causar danos nem aos deuses nem aos homens”.

O filho de Afrodite deu a sua resposta, e enquanto o fazia, ria divertidamente. “Com teus dardos podes golpear todas as coisas, grande Apolo, mas um dos meus dardos certamente atingirá o teu coração!”

Eros escolheu cuidadosamente duas flechas da sua aljava. Uma era de ouro e tinha a ponta aguda. Armou-a cuidadosamente no seu arco, puxou a corda até que estivesse tensa, e deixou voar a flecha, que foi directamente ferir o coração do deus do Sol. A outra flecha, de chumbo e de ponta rombuda, atingiu a bela Dafne, filha de Peneu, o deus-rio.

O deus-menino riu cheio de alegria, pois o seu coração malicioso sabia bem que aquele ferido com o dardo de ouro era

possuído de uma ânsia de amor duradoura, motivo da perda de muitos homens e de muitos deuses, ao passo que o de ponta de chumbo provocava uma aversão ao Amor e uma imunidade a toda a fragilidade de alma que ele causa.

Isso aconteceu no tempo em que Apolo ainda não tinha amado. Porém, assim como a primeira tempestade subjuga e faz vergar a árvore jovem, o coração de Apolo vergou quebrantado quando se viu atingido da primeira ânsia de amor. Durante todo o dia, enquanto conduzia a sua carruagem dourada, até ao entardecer, quando suas rodas de fogo desciam e se apagavam nas águas dos mares do Oeste, ele pensava em Dafne. Por toda a noite sonhava com ela. Jamais, porém, chegava para Dafne a hora em que desejasse o Amor por estar tomada do Amor. Nunca olhava com olhos dóceis para o deus de louros cabelos aos caracóis, cujo rosto era como aquelas coisas primorosas e delicadas que a luz do sol revela. A sua única paixão era a caça. Sendo uma das ninfas de Diana, era indiferente, pura e casta de alma como era a virgem deusa.

Veio o dia, por fim, em que Apolo não mais podia refrear a sua louca ansiedade. As chamas da sua carruagem tardavam em retirar seus reflexos luminosos da terra, e as folhas das árvores revivescidas com a primavera estavam contornadas de uma luz dourada. Dafne vagueava pelo bosque na penumbra, livre, leve e jovial como um broto explodindo em vida no começo da primavera.

Apolo seguiu-a suplicante. Embora um deus, adveio-lhe essa humildade provinda do amor irresistível que sentia pela ninfa. Ela ouviu-lhe os passos e voltou-se altiva e irritada com o facto de alguém a seguir sem que o tivesse desejado.

“Espera, filha de Peneu!”, pediu. “Não me hostilizes, aceita este teu submisso amante. A ti somente curvo minha cabeça. Para todos os demais que vivem sobre a terra, sou o conquistador e o rei”.

Dafne, porém, detestou as suas palavras de amor ardente, e fugiu. Apolo perseguiu-a, o amor dera asas aos seus pés e logo ela percebeu que não tardaria em alcançá-la. Ela não via o imortal Apolo como amante, mas como um detestável inimigo e fez seus pés voarem mais rapidamente que nas ocasiões em que estava ao lado de Diana, sua senhora. Mesmo assim, Apolo alcançou-a, já quase a segurava quando ela chegou às margens verdejantes do rio, do qual seu pai, Peneu, era o deus.

“Ajuda-me, meu pai!”, ela pediu, “salva-me daquele cujo amor temo!”

Enquanto falava, os braços de Apolo laçaram-na, mas, no momento em que ele abraçava sua cintura flexível e frágil como um salgueiro jovem, a ninfa Dafne já não era a mesma. Seus cabelos perfumados, seus braços suaves e alvos, seu corpo terno, toda ela transformou-se ao abraço do deus-sol. Seus pés ressurgiam em raízes que se iam cravando na terra macia e húmida da beira do rio; seus braços formaram galhos lenhosos em que folhas verdes brotavam; seu rosto desapareceu, e o córtex de uma grande árvore encerrou seu corpo alvo.

Apolo continuou abraçando aquela que tinha sido seu primeiro amor. Sabia que o pai de Dafne a tinha atendido. Resignado, disse: “Já que não podes ser minha esposa, serás minha árvore; meus cabelos, minha lira e minha aljava te possuirão para sempre, ó louro, árvore dos Imortais!”

É por isso que ainda falamos dos louros conquistados por aqueles cuja fama é imortal; ainda hoje o primeiro amor de Apolo coroa a cabeça daqueles cujos dons os dotam para habitar com os imortais do Olimpo.

Psique

Aqueles que lêem pela primeira vez a história de Psique, surpreendem-se de imediato pela semelhança com os contos de fada da infância. Temos aqui três irmãs; as duas mais velhas são perversas, a mais jovem, bela e gentil e incapaz de defender-se da perversidade das suas irmãs. Perde o esposo em virtude da sua falta de fé. É, na verdade, um conto muito antigo, mais antigo que os contos de fada, a história de um amor, que não é suficientemente forte para confiar e esperar até vencer os obstáculos e prosperar, a história de como a semente da suspeita pode ser plantada num coração inocente por aqueles cujo coração está repleto de maldade.

Era uma vez, assim diz o conto, um rei e uma rainha que tinham três lindas filhas. A primeira e a segunda eram de facto belas, mas a beleza da mais jovem era tal, que todo o povo do lugar a adorava como uma dádiva recebida do Olimpo. Esperavam diante do palácio real, e quando ela surgia, lançavam grinaldas de rosas e violetas pelo caminho onde seus pés pisavam, cantavam hinos de louvor como se ela não fosse uma virgem mortal mas a filha de deuses imortais.

Muitos diziam que a beleza de Afrodite era menos perfeita que a de Psique, e quando a deusa viu que os homens abandonavam seus altares a fim de adorar uma virgem mortal, tomou-se de fúria contra eles e contra a princesa que,

completamente inconsciente disso, tinha sido a causa de uma ofensa desonrosa contra a deusa.

Afrodite foi procurar o seu filho Eros e encontrou-o no jardim sentado entre as flores. Olhava despreocupadamente os belos pombos da sua mãe alisarem com o bico as penas cor de neve ao sol. Tirou-o daquela contemplação, e destilou furiosamente a história da sua desonra.

“É preciso que tomes para ti a tarefa de vingar a honra da tua mãe”, disse ela. “Tu, que tens o poder de fazer brotar o amor nos homens, fere com uma das tuas setas o coração dessa virgem presunçosa, humilha-a diante de todos os mortais fazendo-a amar um monstro, a quem todos desprezem e de quem todos fujam.” Eros ouviu a ordem da sua mãe com um prazer perverso nos olhos e seu belo rosto encheu-se de uma alegria efervescente. Isso era, na verdade, um jogo próprio da sua índole.

No jardim de Afrodite há uma fonte de água doce, e outra de água amarga. Eros encheu dois vasos de âmbar, um com água doce e outro com a amarga, colocou-os em sua aljava, e

Da terra alçou altivo ao ar e planou ao vento
Desde o céu azul aos mares resplandecentes

Psique dormia profundamente nos seus aposentos e rapidamente, quase sem olhar para ela, Eros salpicou gotas da água amarga em seus lábios. Com uma das suas setas, feriu-a no peito. Como uma criança, que acorda com medo e olha ao redor confusa e assombrada, Psique, com um ligeiro suspiro, abriu os olhos, mais azuis que a violeta na primavera, e fitou Eros. Ainda

que se soubesse invisível, ele estremeceu ante aquele olhar.

“Falam a verdade!”, disse para si. “Nem mesmo minha mãe é tão bela quanto essa princesa.”

As pálpebras de Psique tremularam rapidamente e logo desceram sobre os olhos. Seus longos cílios negros caíram sobre a face rosada, seus lábios encarnados curvaram-se como o arco de Eros, sorriram felizes, e em seguida entraram novamente no sono. Ele demorou o olhar na sua perfeita beleza, e, penalizado, limpou delicadamente com os dedos a gota de sangue da ferida, curvou-se e roçou os lábios nos dela, tão suavemente, que Psique pensou em seus sonhos que estava sendo acariciada pelas asas de uma borboleta. Outra vez ela se moveu no seu sono e Eros, retrocedendo bruscamente, feriu-se com uma de suas setas. Essa ferida o privou de todo aquele sossego despreocupado existente no coração de um menino e ele soube que amava Psique com o amor inextinguível de um deus imortal. E já, tomado de um arrependimento amargo, todo seu desejo era desfazer o mal que tinha feito. Banhou rapidamente os lábios de Psique com a água doce da alegria, e quando ela se ergueu em seu leito, estava radiante da beleza vinda de uma nova, jamais sonhada felicidade.

Inteira o Amor a contemplou naquele dia
E a seus olhos mais e mais bela ela resplandecia,
E quando ele o voo alçou de seus umbrais,
A seus pés vendo o mar à luz da lua
Conduzir como um Zagal as ondas turbulentas,
Jurou ela seria somente sua
Nem deuses nem homem a teriam jamais,

E como uma deusa num paraíso
Ela viveria nas ciências divinais;
Sim, esse dom Jove lhe concederia:
Intocada pela morte sua doce face,
Seu corpo celestial os tempos atravessasse
Até que dos altos montes os fundamentos
Ao mar por fim se fundissem; com tais juramentos
Ele esqueceu de sua mãe a crueldade.

William Morris

Tornou-se conhecido de todos do lugar e em outras partes onde a fama da beleza de Psique tinha chegado, que a poderosa deusa Afrodite se tinha declarado inimiga da princesa. Ninguém ousava fazer-lhe a corte, e, embora muitos nobres suspirassem de amor por ela, permanecia no palácio de seu pai como uma rosa rara cujos espinhos faziam todos temerem arrancá-la de seu caule original. As suas irmãs casaram-se e o seu pai admirava aquele estranho facto de ver a mais bela das suas três filhas sem esposo.

Por fim, um emissário conduzindo oferendas foi enviado pelo rei ao oráculo de Apolo para indagar da vontade dos habitantes do Olimpo sobre a sua mais bela filha. Com terrível ansiedade, o rei, a rainha e Psique esperaram o retorno do emissário. Antes mesmo de alguma palavra ser pronunciada, eles souberam que o destino de Psique tinha sido declarado pelo oráculo.

“Nenhum amante mortal está destinado à bela Psique”, disse o oráculo. “Seu esposo será um monstro, a quem nem os homens nem os deuses podem resistir. No alto da montanha ele espera-a. Um infortúnio indescritível sobrevirá ao rei e a todos os habitantes

desta terra se ele ousar resistir a esse decreto imutável dos deuses imortais”.

De corpos mortos tu serás rei.
Tropeçando nas trevas irás sem trégua,
E clamarás uma segunda morte que te alivie a dor.

William Morris

O infeliz rei sabia que não adiantava lutar contra os decretos do destino. Psique, pelo seu lado, foi para os seus aposentos e ali, onde antes tinha experimentado por um instante fugaz uma alegria desconhecida e inexprimível, sentou-se abatida e soluçante ante o deplorável, medonho destino com que os deuses a golpearam e que, por amor de seu pai e de seu povo, ela não poderia evitar.

O sono bondoso não lhe veio trazer esquecimento e teve de encarar por toda a noite o horror dessa fatalidade que a destinava para esposa de um monstro, exilada da vida comum nas mãos de um ser cujas feições já seu espírito adivinhava assustadoras; quando não isso, vinha-lhe ao pensamento a vida brutal que poderia levar com semelhante criatura e nada mais sentia que um peso demasiado sobre seus ombros jovens.

A noite transcorreu nessa tormenta insolúvel, e, quando por fim a manhã despontou, as criadas vieram embelezá-la com a magnificência nupcial apropriada à mais bela filha de um rei. Vestida majestosamente, iniciou a subida à montanha acompanhada de um cortejo, perante o qual os próprios deuses deviam lamentar. Com a cabeça curvada, o rei e a rainha seguiam diante da liteira que levava a filha, adornada com um véu nupcial

cor de açafrão e uma grinalda de rosas nos cabelos dourados.

As virgens carregavam os archotes ao lado de Psique e os menestréis tocavam hinos nupciais enquanto marchavam adiante, mas esse cortejo sumptuoso mais parecia o de sombras de almas que exprimiam soluços tristes nas cordas dos seus instrumentos.

Alcançaram, por fim, o cume rochoso onde deviam deixar a infeliz noiva. O seu pai não ousou fitá-la nos olhos enquanto retrocedia para o caminho de volta. O cortejo nupcial desceu com passos silenciosos como um grupo de pessoas de coração partido que retornava para casa depois de sepultar uma pessoa muito amada.

Ela não viu nenhum sinal do monstro que lhe fora destinado para esposo, embora a todo pequeno ruído o seu coração se sobressaltasse de temor, e quando o vento da noite soprou e os seus uivos ecoaram no silêncio daquela solidão, sentiu roçar-lhe o rosto um tremor mortal e caiu desfalecida sobre a rocha inóspita.

Mas Zéfiro, o suave Vento-Sul, era amigo. Eros tinha-o como seu fiel mensageiro e enviou-o ao cume da montanha para conduzi-la até ele. Recomendou-lhe que muito ternamente a tomasse nos braços e a levasse ao palácio dourado situado naquela verdejante e prazerosa terra onde ele fizera sua morada.

Conduzida pelo vento, ela voou sobre a campina florida, além da qual se elevava o palácio dourado de Eros, resplandecente como o sol num céu verde e âmbar, azul e rosa. Psique dormia profundamente, fatigada das suas angústias. Quando acordou, sentiu reiniciar-se a aflição do seu espírito, mas, em vez da rocha estéril e do abandono, viu diante de si bosques encantadores, com árvores repletas de frutas e flores, prados perfumados e floridos

cuja beleza encheu os seus olhos de contentamento. Pássaros cantavam entre as árvores, alisavam com o bico a plumagem ou voavam para uma fonte de águas claras e havia o palácio, a fachada dourada, as arcadas de mármore, uma beleza que nunca pensou encontrar ali.

Caminhou indecisa para a porta dourada, aberta para ela. “Isto é uma armadilha”, pensou. “Desta forma o monstro quer atrair-me subtilmente para uma gaiola de ouro”. Enquanto assim pensava, pareceu-lhe que pequenos pássaros pairavam em seu redor e lhe sussurravam ao ouvido: “Não tenhas medo. Não duvides. Nenhum mal está reservado para ti, apenas as alegrias de amar e ser amada”.

Perdeu o medo e atravessou a porta. Encontrou um ambiente da mais perfeita beleza, deslumbrante aos olhos e confortante ao espírito. Não pôde deixar de alegrar-se à visão de tão agraciadas maravilhas. Reparou depois num banquete aprontado com as finas iguarias de que mais gostava. Tais sinais diziam-lhe que tudo fora preparado para recebê-la. Essas boas-vindas evidentes acalmaram-lhe completamente a alma. Sentou-se à mesa, e foi servida sem que se apresentasse visível nenhum servidor. Enquanto durou a ceia, escutou uma música perfeita, sem que também os músicos lhe aparecessem.

Depois de se sentir reanimada, recolheu-se a um aposento onde achou um leito confortável pronto para o seu descanso e quando esse misterioso dia chegou ao fim Psique soube que, fosse monstro ou não, ela era amada por alguém cujos pensamentos eram todos para ela, e que só cuidava de desejar apenas o que ela própria desejava.

A noite desceu finalmente. Psique sabia que não tardaria em vir aquele que seria seu esposo. Enquanto esperava na escuridão do aposento, sentiu voltarem os seus pressentimentos. Presenciara até então somente demonstrações de um amor perfeito, mas um tal amor podia ser apenas o ardil de um ser cruel que assim agia para melhor sacrificá-la, e o horror a qualquer momento podia tomar forma.

Mas Eros entrou suavemente. Aproximou-se e dirigiu-lhe palavras amorosas. Cada gesto seu demonstrava carícia e ternura. O Amor que lhe dedicava era de facto absolutamente perfeito e ela logo percebeu que o seu amante era o próprio Amor.

Um tempo de completa felicidade começou para Psique. Todos os dias ela vagueava pelos domínios do Amor. Por toda a parte via os sinais da sua paixão e da sua ternura. Durante a noite ele vinha para o seu lado, permanecia com ela todo o tempo, mas retirava-se antes de despontar a manhã. Quando lhe pedia para ficar, ele apenas respondia:

Contigo estarei enquanto minha face
De ti mantiver oculta. Se me visses o rosto, forçado
Seria a te deixar; os deuses superiores
Unem a Fé ao Amor, e este recua ante
Todo o olhar perscrutador.

Lewis Morris

Assim o tempo passava para Psique, cada dia mais se apaixonava pelo Amor e a felicidade mais e mais lhe preenchia os dias. Contudo, sempre lhe retornavam à lembrança aqueles dias

tristes em que seu pai e sua mãe sofreram com seu tormento e suas irmãs tinham olhado para ela com desprezo, vendo nela uma pessoa que seria punida inevitavelmente pela sua maldade.

E veio o dia em que pediu a Eros que lhe concedesse, por amor, uma dádiva: permitir que suas irmãs viessem vê-la e constatassem a felicidade com que tinha sido agraciada. Eros relutou, pois o íntimo lhe dizia que nada de bom sucederia daquela visita. Mas, sendo incapaz de negar qualquer coisa a Psique, acabou consentindo.

Zéfiro foi enviado no dia seguinte para conduzir as duas irmãs ao prazeroso vale do Amor. Enquanto esperava, Psique pensou em tornar o palácio mais encantador para a vinda das irmãs. Bastou apenas desejá-lo e tudo se cumpriu logo conforme seus desejos.

As duas irmãs ficaram desnorteadas com a beleza e a magnificência ali reinantes. Diante de tanto deslumbre, suas possessões lhes pareceram algo insignificante e desprezível. Logo o ressentimento lhe dominou o espírito. Sempre tinham invejado a irmã mais nova, já a supunham morta, vítima do monstro, e agora que a encontravam mais bela do que nunca, adornada com jóias raras, radiante de felicidade e rainha de um palácio mais apropriado para a morada dos deuses, a inveja transformou-se imediatamente em ódio. Procuraram, pois, o meio de melhor saciarem a maldade que sentiam contra aquela criatura que as tinha desgostado com seus inestimáveis dons.

Começaram a assediá-la com perguntas: Onde estava aquele que era o seu senhor e a quem ela devia tão requintada felicidade? Por que estava ausente quando elas chegaram? Que

tipo de homem era ele? Era louro, moreno? Jovem ou velho? Psique confundiu-se como uma criança desorientada e respondeu medrosamente com palavras que se contradiziam. As irmãs perceberam logo que esse esposo, a quem Psique jamais vira, era na verdade um dos deuses imortais, e trataram de destilar em seu espírito palavras que a fariam perder-se.

“Céus, que infelicidade a tua!”, disseram. “Pensas que escaparás do mau destino que os deuses prepararam para ti? O teu marido não é outro senão o monstro do qual o oráculo falou! Tola Psique! Não consegues entender que os monstros temem a luz? Que grande horror será para ti presenciar essa coisa asquerosa chegar na escuridão da noite e dizer-te palavras de amor”.

Psique ouvia desorientada e confusa. De facto, foi entre o crepúsculo e a manhã que Eros tinha conquistado seu amor. Nunca estivera com ela fora das horas nocturnas. Mas estava certa de que o conhecia bem... Tinha-o pintado com a beleza de Eros, jovem e encantador, com cabelos dourados e ondulados, um esposo para glorificar, um amante para adorar. Agora percebia, desapontada e cheia de temor, que aquele a quem amava era um ser detestável, um monstro evitado pelos homens.

“O que devo fazer?”, perguntou pesarosamente às irmãs.

“Mune-te de uma lâmpada e um punhal para matar o homem ou monstro que seja. Quando essa criatura estiver no sono profundo, levanta-te cautelosamente do leito e com a luz nas mãos deverás ter a coragem de fitá-lo em todo o seu horror. Quando te tiveres certificado de que estamos certas, mata-o sem vacilar com o teu punhal e estarás livre desse destino que te foi infligido pelos deuses.”

“Mas... Que será de mim?... Ele é a minha vida, o amante que eu adoro...”

“Louca!”, gritaram. “Como pode a filha do nosso pai e nossa irmã confessar algo tão indigno! Mata o monstro, somente assim poderás ter esperança de retornar ao teu lugar entre os homens.”

A noite caía quando partiram levando consigo presentes régios. Psique, ainda que hesitante e temerosa, apressou-se em providenciar uma lâmpada e um punhal. Eros chegou e aninhou-se junto dela. Dentro em pouco o sono o envolveu. Ela despreendeu-se do seu abraço, levantou-se em silêncio e voltou trazendo a lâmpada e o punhal.

O rosto de Eros desvendou-se à luz da lâmpada suspensa nas suas mãos e o que viu não foi o monstro esperado, mas o mais belo e sublime dos deuses, com pele alva, cachos louros caindo sobre os ombros e as faces rosadas. Demorou o olhar na figura amada, e fruiu por instantes a sua perfeita beleza. O Amor ele próprio, o Amor materializado, a perfeição completa de um ser, em tudo o oposto daquilo que suas irmãs tinham falado. Ele, de quem o oráculo tinha dito que nem os deuses nem os homens podiam resistir.

Mas subitamente ele moveu-se e estendeu os braços no seu sono. Psique retrocedeu assustada, a lâmpada balançou e uma gota de óleo quente caiu sobre os ombros de Eros. Ele acordou, e lançou-lhe um olhar penalizado. Depois falou-lhe tudo que tinha sido, tudo que poderia ser. Uma vida imortal a esperava. Bastava que ela tivesse confiado, que tivesse tido paciência para esperar.

Depois partiu e deixou-a sozinha com o seu desalento. A noite arrastou-se lenta para Psique e pela manhã, desfigurada pelo

cansaço, desconsolada e infeliz, encontrou-se deambulando pelos lugares da sua felicidade, até que chegou às margens de um rio. Ali permaneceu ouvindo o som das suas águas contra as pedras e raízes das árvores, e, enquanto olhava, veio-lhe à mente a ideia de que tinha encontrado o meio de pôr fim ao seu infortúnio.

“O que é a Vida para mim agora! Vem, ó Morte!”

Saltou na corrente esperando que a sua alma extenuada fosse levada para as sombras. Mas o rio manteve-a flutuando na superfície e conduziu-a a uma campina onde Pã, sentado na margem, mergulhava alegremente os pés na água. Psique, toda ensopada e envergonhada, pôs nele uns olhos tristes e o deus falou-lhe gentilmente, advertindo-a da sua tolice. Ela era esplendidamente jovem e bonita para tentar pôr fim à vida de modo tão rude, disse ele. Os deuses do rio nunca seriam tão inclementes a ponto de levar precipitadamente uma jovem de tão perfeita beleza para o Hades.

“Não podes evitar o teu destino, e deves vivê-lo como todas as jovens mortais”, disse ele. “Se com as próprias mãos acabas com tua vida, maiores sofrimentos te esperam na região dos mortos. Apenas os deuses, por sua vontade, podem determinar quando se completarão os teus dias na terra”.

Psique, convencida de que o deus falava a verdade, olhou pesarosa e demoradamente para ele, e prosseguiu a sua peregrinação. Vagueou sem rumo, até que os seus pés a levaram para perto do lugar onde as suas irmãs viviam.

“Vou lá dizer-lhes o mal que fizeram”, pensou. “Certamente, se arrependerão quando souberem que por suas palavras cruéis defraudaram minha fé e me tiraram o amor e a felicidade.”

As duas mulheres receberam com satisfação a fisionomia abatida de Psique. Em vez de consolo, deram-lhe um riso de desprezo e escorraçaram-na das suas portas. Depois, a mais velha dirigiu-se para o alto da montanha em busca de Zéfiro para a conduzir ao palácio do Amor. Certamente, agora que a outra já ali não estava, o deus ficaria imensamente feliz em tê-la como sucessora, ela, uma bela mulher, agora muito mais encantadora que a jovem pálida e de olhos vermelhos desfigurada pela dor. Tamanha convicção estimulada pelos deuses vingativos fez que ela gritasse em alta voz com os braços erguidos:

“Eis-me aqui, meu senhor! Leva-me em teus braços até ele, Zéfiro!” Ela saltou do alto da rocha escarpada e mergulhou no espaço vazio. Os corvos naquela noite alimentaram-se do seu corpo destroçado. O mesmo aconteceu à outra irmã, iludida pelos deuses, que a incitaram a buscar a própria destruição. O mal que fizeram foi dessa forma vingado.

Psique deambulou exaustivamente durante dias e noites, sempre procurando o seu Amor, sempre ansiando fazer algo que a resgatasse do acto que tinha sido a causa da sua perda. Foi de templo em templo, mas em nenhuma parte pôde encontrar o que buscava.

Por fim, ela chegou ao lugar onde Afrodite habitava, em Chipre. O amor que sentia a fez corajosa, já não temia a morte nem podia imaginar aflição mais cruel que aquelas já experimentadas. Procurou a deusa, sua inimiga, e pediu-lhe humildemente que a levasse da vida.

Com fúria e um desdém cáustico, Afrodite recebeu-a:

“Tola, tu”, disse ela, “não te darei a morte! Deverás ceifar o

que por tuas mãos semeaste. Muitos dias lamentarás sobeja e miseravelmente. Serás minha serva, e encontrarei trabalhos adequados para ti.”

Ali começou para Psique um tempo difícil de provações. Afrodite inventou, com cruel engenho, trabalhos para ela.

“Vai ao meu celeiro. Ali encontrarás grãos de cevada e trigo, ervilha e milho, papoula e coentro misturados. Separa cada tipo de grão e organiza-os em montes de acordo com o tipo a que pertencem até o começo da noite.”

Encontrou no celeiro uma incontável quantidade de grãos, misturados e emaranhados em grande confusão. Tudo aquilo deveria ser separado e organizado em apenas um dia. Se falhasse, seria penalizada com mais infortúnios. Sem esperança de que pudesse cumprir semelhante tarefa, iniciou o seu trabalho. Enquanto o sol brilhou, ela esforçou-se arduamente para separar os grãos, mas o dia foi para ela muito curto, e quando a sombra da noite desceu, tornou-se dificultoso distinguir um tipo de grão do outro. Como resultado da sua labuta, tinha conseguido juntar apenas pilhas insignificantes de cada grão. Muito em breve teria de entregar a tarefa cumprida, e Psique fugia de imaginar que punição lhe seria aplicada.

Escurecia rapidamente, mas, enquanto uma luz mortiça ainda persistia em alguns pontos do celeiro, pareceu a Psique que fios escuros de água escorriam lentamente por baixo das portas e gretas das paredes. Logo notou que aquele desfile vagaroso de linhas longas e escuras era uma interminável procissão de formigas.

As formigas fizeram rapidamente para Psique o que ela não

tinha conseguido. Quando finalmente foram embora encarreiradas em procissão, os grãos estavam todos separados em grandes pilhas, e o coração triste de Psique experimentou não apenas um alívio grato, mas também sentiu fluir em si uma torrente de alegria.

“Eros enviou-me as formigas”, pensou ela. “O seu amor por mim não morreu”.

Afrodite, surpreendida e irada, viu que a tarefa, embora tivesse julgado impossível que Psique a realizasse, foi rápida e perfeitamente cumprida. A possibilidade de que ela possuísse habilidades mágicas enraiveceu-a mais ainda e no dia seguinte preparou-lhe uma nova tarefa:

“Do outro lado do rio radioso, minhas ovelhas de velo dourado pastam as doces flores do prado. Vai, atravessa o rio e traz até ao anoitecer um tufo de lã tirada de cada uma delas”.

Psique desceu até a margem do rio e no momento em que punha os pés na água ouviu um murmúrio vindo dos juncos que caíam curvados sobre o rio:

“Toma cuidado, Psique!”, diziam. “As ovelhas de velo dourado, com seus grandes cornos, são criaturas malignas que investem contra a vida dos mortais, e te matarão logo que teus pés alcançarem a outra margem. Aguarda e espera até que se tenham deitado à sombra das árvores ao entardecer e o murmúrio do rio as tenha aquietado no sono.”

“Ai de mim, tenho de cumprir a ordem da deusa e ser-me-ão necessárias muitas horas cansativas para colher a lã que ela exigiu”, disse Psique.

Novamente os juncos murmuraram:

“Poderás colher rapidamente a lã dourada que fica nos

arbustos e nos troncos das árvores enquanto as ovelhas estiverem adormecidas”.

O coração de Psique vibrou de alegria mais uma vez, pois percebeu que era muito amada e protegida por Eros. Adormeceu durante o dia à margem do rio, e, ao pôr-do-sol, atravessou a corrente para a outra margem e colheu a lã dourada conforme a recomendação recebida dos juncos. Quando, pelo anoitecer, ela compareceu diante de Afrodite trazendo a preciosa encomenda, o semblante da deusa mostrou-se anuviado.

“Se tens tantas habilidades mágicas para que o perigo não te assalte, dar-te-ei uma outra tarefa ainda mais digna do teu valor”, disse, e dispôs-lhe uma nova ordem. Trazer um vaso de água do rio negro. Parte da sua corrente fluía para o rio Estige, outra parte para o Cócito, e Psique sabia que, sendo as fontes protegidas por criaturas repugnantes, uma morte horrível era o destino de todos os que se arriscassem a uma aventura tão temerosa.

Sabendo que não evitaria sofrer o seu destino, como lhe tinha dito Pã, foi adiante, e na manhã seguinte rumou para a negra montanha, de cujos flancos fluíam as águas turvas que ela devia encontrar. E, uma vez mais, veio-lhe o socorro do seu amado. Ouviu um barulho de asas ao vento e viu voar para ela o pássaro de Jove, que lhe perguntou por que chorava. Quando soube a razão, disse:

“Que a tua aflição cesse, pois levarei teu vaso, e para ti o encherei na corrente negra. Mas lembra-te de mim quando alçares ao trono de tua majestade”.

Psique exultou de alegria, e ao anoitecer já entregava a Afrodite o vaso cheio da água do terrível rio. Embora soubesse que

tarefas mais árduas lhe seriam preparadas, já nada temia.

Afrodite recebeu-a com olhos sombrios e com feições iradas, disse: “Se és tão habilidosa na tua magia para que o perigo não temas, vou dar-te agora uma tarefa ainda mais merecedora do teu valor”.

Ordenou-lhe que fosse ao Vale das Sombras, onde correm as águas escuras do Cócito e do Estige e onde Plutão reina em lúgubre majestade sobre as sombras inquietas dos mortos. Teria de suplicar a Prosérpina a caixa do unguento mágico, o segredo que somente a Rainha das Trevas conhecia, pelo qual a beleza mais rara, jamais contemplada pelos olhos dos deuses ou dos homens, seria obtida por aquele que o usasse.

“Estou exausta e ansiosa”, disse Afrodite e parecia uma rosa que tinha acabado de se abrir. “Meu filho foi ferido por uma escrava infiel, em quem ele depositou a sua fé. A tarefa de cuidar da sua ferida me fez perder muito da minha beleza”, completou com desdém.

“Devo reparar o meu erro”, pensou Psique, e, quando o dia raiou, tomou o caminho que, por vias extenuantes, levava àquela região sombria de onde nenhum viajante pôde jamais retornar. Mantinha a firmeza no coração, porém, à mediada que avançava, um medo pavoroso apossou-se dela.

“Melhor me seria apressar minha descida às sombras”, pensou.

Dirigiu-se a uma velha torre, decidida a lançar-se de suas alturas e abreviar o fim da sua jornada. Mas, antes que conseguisse dali se atirar, uma voz sussurrou ao seu ouvido:

“Ó, tola és”, disse, “por que não lutas para manter a

esperança que em ti não está morta?” E a voz orientou-a sobre o modo como podia alcançar rapidamente o Hades, enfrentar com coragem o Rei das Trevas e a sua bela esposa, Prosérpina.

Ela atravessou a região das trevas, suportou a visão dos seus horrores, enfrentou seus perigos conforme lhe fora ensinado, e finalmente chegou diante do trono de Prosérpina.

A Rainha do Hades entregou-lhe a caixa com o precioso unguento, e Psique apressou-se de volta trazendo alegremente a valiosa encomenda. Sentiu alívio quando novamente alcançou a luz benéfica do dia. Contudo, depois de ter triunfado, assaltou-a um pensamento insistente.

“Esse unguento traz de volta tudo o que o tempo e o sofrimento fizeram murchar, e proporciona uma beleza maior que aquela de que tanto se regozijam os Imortais. Eros amou-me porque sou bela, mas agora minha beleza desgastou-se e consumiu-se. Se abrisse essa caixa e me servisse desse unguento de Prosérpina, estaria de novo suficientemente bela para ser a noiva dele, de Eros cujo amor é minha vida.”

Não pôde resistir, e abriu a caixa fatal. Dela veio não a Beleza, mas o Sono, que enlaçou seus membros e fez pesar suas pálpebras. Psique caiu na beira do caminho aprisionada pelo Sono.

Eros, que a amou sempre, com um amor que conhecia que a vazante e a cheia não dependem de nossa vontade, levantou-se do leito e foi em busca daquela que tinha enfrentado até os horrores do Hades por seu amado. Encontrou-a à margem do caminho, enlaçada pelo Sono. Seu rosto oval estava alvo como o galanto; os lábios, curvados como o arco de Eros, estavam da cor do carmim, e os cantos da boca desciam suavemente declinados. O vento

soprava sobre as folhas dos salgueiros e cantava entre os juncos dobrados.

Eros encheu-se de piedade ao olhar Psique inocentemente adormecida à beira do caminho. Era sua bela alma que ele amava, não lhe importava se seu corpo era como a rosa que acabou de abrir ou como uma árvore abatida por ventos tempestuosos. E, quando seus lábios a tocaram, Psique acordou, e ouviu o seu suave murmúrio:

Amada, abre teus olhos
Podes agora olhar-me. Não mais me afastarei,
Serei teu para sempre.

Lewis Morris

Dos ombros alvos de Psique asas de prata e ouro começaram a surgir, e de mãos dadas, voou com Eros rumo ao Olimpo.

Ali todos os deuses estavam reunidos. Afrodite já não a olhava com o cenho sombrio, mas sorria-lhe amavelmente. Deram-lhe uma taça de ouro e, enquanto ela a sustentava nas mãos, a voz do grande Pai e Soberano do Olimpo soou alta e clara:

Bebe agora, ó tu cheia de beleza, e não temas!
Nesse gole renascerás
E viverás para sempre livre de cuidados e dores

William Morris

Desse modo Psique, uma alma humana, obteve por meio de

amargo sofrimento a felicidade perfeita de um amor puro.

Ainda podemos ver a borboleta, que é o seu símbolo, arrebentar-se em um tombo torpe contra o chão, estender depois as asas brancas e douradas, e voar entre as flores em direcção ao sol. Faz-nos ainda perceber suas irmãs, mariposas brancas, mergulharem estupidamente em aflições inexprimíveis, indo irreflectidamente ao encontro da agonia de uma morte cruel.

A Caçada de Cálidón

Eneu era rei de Cálidon; e Alteia, sua rainha. Nasceu-lhes um filho, que foi a alegria da mãe e, mais tarde, a sua mais amarga tristeza. Meléagro era o seu nome. Antes do seu nascimento, a sua mãe sonhara que trazia no seu seio uma criança turbulenta. Mas quando o menino nasceu, viu-se que, ao contrário, era uma criança majestosa, um príncipezinho calmo que, ao olhar pela primeira vez o mundo, fitou serenamente a mãe com uns olhos de violeta.

Vieram aos aposentos da criança as três Parcas tecendo os fios do destino, tecendo incessantemente.

“Ele será forte”, disse a primeira, enquanto urdia os fios. “Ele será corajoso e afortunado”, disse a segunda. Mas a terceira deitou uma acha de lenha ao fogo, e, enquanto os seus dedos mirrados teciam a trama fatal, olhou para o recém-nascido com olhos tristes e remotos:

“Dou a ti e a essa acha que queima o mesmo tempo de vida”, disse.

Alteia pulou da cama, e, sem cuidar que se podia queimar, tirou a acha em chamas, atravessou com passos firmes o aposento, despejou água nela e apagou-a no mesmo instante. “Viverás para sempre, meu querido”, disse. “Essa acha queimada que tirei das chamas nunca verá o fogo novamente”, acrescentou, e a criança sorriu maravilhosamente.

Os anos passaram velozes, e Meléagro, a criança destemida

e bela, transformou-se num galante rapazinho, depois num esplêndido homem. Quando Jasão e os seus heróis navegaram para a terra distante a fim de conquistar o Velo de Ouro, Meléagro era um dos nobres heróis. Recebeu louvores de todos os homens pelas suas acções heróicas. Quando as tribos do norte e do oeste fizeram guerra contra a Etólia, ele lutou contra o exército inimigo e dispersou-o como o vento do Outono impele as folhas caídas para diante.

Mas a sua vitória trouxe-lhe dano. Seu pai, Eneu, no fim de um ano fecundo, tinha oferecido sacrifícios aos deuses, e esquecera-se de honrar a deusa Diana. Para punir a sua negligência, ela enviara esse exército destruidor. Quando Meléagro saiu vitorioso, a fúria de Diana contra seu pai tornou-se mais contundente. Enviou dessa vez um javali feroz, tão grande como os touros de Épiro, furioso e selvagem devorador, e a terra de Cálidon passou a ser devastada por essa fera incontrolável. Os campos de trigo foram esmagados pelos seus pés, as vinhas foram assoladas, os olivais ficaram em ruína, como se tivessem sido devastados por um ciclone. As ovelhas, umas foram massacradas pela fera; outras, igualmente destruídas na fuga desordenada causada por descontrolado pânico. Muitos acorreram para matá-lo, mas somente para encontrar uma morte horrível. Meléagro decidiu perseguir o monstro, e convocou todos os heróis da Grécia para o ajudar.

Teseu e o seu amigo Píritos vieram; Jasão, Peleu, pai do futuro Aquiles; Télamon, pai de Ajax; Nestor, naquele tempo ainda jovem; Castor e Pólux; Toxeu e Pléxipo, irmãos de Alteia. Mas ninguém mais destemido nem mais pronto para a luta com o monstro de Cálidon que Atalanta, a filha de um rei da Arcádia.

Quando Atalanta nasceu, o seu pai recebeu enraivecido a notícia do seu nascimento. Ele não desejava filhas, mas apenas filhos vigorosos que pudessem combater por ele. Tomado de uma raiva furiosa provinda do seu grande desapontamento, abandonou a princesa na Colina do Pártenon para que morresse. Uma urso ouviu o choro comovente da criança, e levou-a para o seu abrigo. Atalanta foi amamentada junto com seus filhotes, ali ela saltitava e brincava com os ursinhos, seus companheiros. Cresceu forte e cheia de vigor como nenhuma outra criatura selvagem da floresta.

Certo dia, alguns caçadores ali vieram para atacar a toca da urso, e mataram-lhe a mãe nutriz. Ficaram assombrados de encontrar em semelhante lugar aquela criatura destemida, de pele alva com faces rosadas e olhos audazes, que chorou lágrimas de raiva e dor humanas quando viu a urso, sua mãe, ensanguentada e morta, que lutou e se defendeu de modo semelhante aos seus ferozes irmãos de criação.

Sob os cuidados dos caçadores, Atalanta cresceu e se tornou mulher, com toda a beleza de uma virgem e todo o vigor e a coragem de um homem. Corria tão veloz quanto Zéfiro quando soprava do Oeste e impelia as nuvens brancas diante dele, que fugiam como gamos assustados perseguidos por um cão.

As setas que atirava com o seu arco iam cravar-se directamente no coração da fera que estivesse na sua mira, era quase tão rápida quanto as flechas que lançava contra a caça.

Quando, por fim, o rei, seu pai, soube que a linda caçadora, de quem os homens falavam como de alguém apenas um pouco abaixo de Diana, não era outra senão sua filha, não tardou em reconhecê-la. Tão orgulhoso ficou da sua beleza e graça, da

maravilhosa ligeireza dos seus pés e habilidade na caça, que logo desejou casá-la com um dos grandes homens da Grécia. Atalanta consultou um oráculo.

“Não te cases”, disse o oráculo. “O casamento para ti só trará pesar”.

Com o coração imune, e com a ousadia e a coragem de um homem jovem, Atalanta juntou-se aos heróis para a Caçada de Cálidon. Era tão formidavelmente encantadora, tão jovem, tão forte, tão corajosa, que Meléagro a amou imediatamente; os demais heróis também a fitavam com olhos de adoração à sua beleza. Diana, que a tinha trazido sob a sua protecção na infância, também amava a jovem, uma virgem galante e destemida, por quem alimentava uma grande ternura.

Uma névoa cinza subia dos charcos quando a caça começou. Os caçadores, já no início da caminhada, encontraram os vestígios do odiado javali. Animais massacrados pelo monstro indicavam o seu rumo. Aqui, tinha destroçado um prado florido; ali, tinha aniquilado um exuberante campo de trigo, e viam-se as marcas das suas presas brutais cravadas nos troncos das árvores, antes um pacífico bosque de oliveiras férteis.

Encontraram o inimigo num charco. O seu enorme e pesado corpo arfava no meio das ervas pisadas e nenúfares destruídos, os juncos agitavam-se enquanto ele saltava e bufava furioso ante a presença dos seus perseguidores. Era algo imundo, com o seu focinho avermelhado pousado no lodo esverdeado do charco. Olhava desafiador e raivoso para o céu de límpido azul, ávido para trazer àqueles que o vieram caçar uma morte cruel e abominável.

Jasão foi o primeiro a arremessar a lança. A ponta aguda

apenas roçou a fera. Desembaraçado, o javali disparou, a enorme cabeça hirsuta, na direcção do nobre Nestor, que encontrou refúgio nos galhos de uma árvore. Télamon avançou para impedi-lo de destruir os heróis. Um cipreste foi arrancado pelas raízes, vítima do monstro assolador. Os cães caíram diante dele, mas antes que fossem agarrados pela fera, Atalanta, tomada de uma sanha vingativa, puxou o arco e disparou contra seus flancos uma flecha, dirigindo a Diana uma prece para que a guiasse certa ao alvo.

A flecha cravou-se em seus flancos, e o javali ofegou, metade do corpo submerso no limbo. Depois de ferido, o monstro tornou-se mais terrível. Um após outro, vários caçadores foram levados para uma morte abominável.

Diante de tão furiosa investida, até mesmo um herói fica confrangido. Contudo, Meléagro colocou-se no seu caminho, e repeliu o seu ataque violento.

A lança nas mãos, mirou o flanco esquerdo e golpeou. A arma atravessou-lhe o desmesurado corpo. Mortalmente ferido, o monstro retorceu-se, e sua boca espumante expeliu a última fúria da sua vida.

Grande foi a aclamação entre aqueles que ainda estavam vivos quando a ferrenha batalha chegou ao fim. Meléagro cortou a cabeça do javali enquanto, ainda agonizante, o monstro exalava o último gemido, e nesse momento mais alto aclamaram os homens da Grécia. Mas não para si mesmo Meléagro tomou os despojos da fera. Depositou aos pés de Atalanta o horrendo troféu.

“Esses despojos são teus, não meus”, ele disse. “A lança mortal foi disparada por ti. Os louvores pertencem a ti”.

Atalanta enrubesceu, riu discreta e alegremente, não apenas

porque Diana tinha ouvido sua prece e a tinha ajudado a destruir a fera, mas pela felicidade de ver que Meléagro era tão nobre em suas dádivas.

A frente dos heróis cobriu-se de sombras. Um deles gritou enraivecido:

“Toda a Arcádia nos lançará impropérios, e dirão de nós que fomos despojados por uma mulher”.

Como uma faísca que ateia fogo na relva seca, a raiva apossou-se de todos. Avançaram contra Atalanta, apoderaram-se do troféu e agrediram-na como se ela fosse uma mulher dissoluta e não a filha de um rei.

Meléagro foi tomado de grande fúria. Ele amava a bela caçadora, e, além disso, aqueles que ele julgara seus amigos tinham não só desonrado Atalanta, mas tinham-lhe feito a ele próprio um doloroso agravo. Saiu golpeando para a direita e para a esquerda. Os irmãos de Alteia, Toxeu e Pléxipo, que tinham sentido maior despeito e amargura, caíram mortos.

As notícias da destruição do javali chegaram a Alteia por rápidos mensageiros. Ela foi ao templo dos deuses levar-lhes oferendas pela vitória do seu filho. Encontrou no caminho uma procissão lenta de pessoas que levavam os corpos dos mortos na luta. A sua alegria transformou-se em pranto quando viu o rosto inerte dos dois irmãos mortos. Foi terrível a sua dor e fúria quando soube quem os tinha matado. O orgulho e o amor de mãe esvaíram-se do seu coração como a água de uma fonte que se evapora sob a acção de um fogo devorador. Não ofereceria sacrifícios aos deuses, mas seus irmãos mortos teriam o maior sacrifício que uma mãe podia fazer para que a culpa de seu filho

fosse punida.

Correu para os fundos do palácio, e removeu do esconderijo a acha há muito tempo tirada das chamas para preservar a vida de Meléagro, o filho que tinha feito seu coração palpitar de felicidade. Ordenou que acendessem um fogo, e, por quatro vezes, quando as labaredas flamejavam altas, tentou jogar a acha nas chamas. Ainda quatro vezes recuou, e por um breve momento a apertou contra o peito como se acariciasse o filho, mas, por fim, lançou-a entre as chamas mais vivas.

Enquanto sua mãe decidia o seu destino, Meléagro coroava com mãos afectuosas a bela Atalanta, punha-lhe na cabeça uma grinalda de folhas, sinal da vitória. De súbito, percorreu-lhe todo o corpo uma dor aflitiva. Seu sangue tomou-se fogo, a mão da Morte que o feriu era como chumbo incadescente. O seu espírito nobre partiu em agonia, sem queixa, amando trespassado de dor a virgem por quem a afeição que nutria fora causa de uma grande pena para si mesmo.

Quando as últimas cinzas se desmancharam e se desintegraram em nada, a alma de Meléagro partiu. A sombra de sua mãe o seguiu no mesmo instante pelo vale escuro, pois matara-se com uma espada. E Diana, vendo as irmãs de Meléagro agoniadas e a imensa dor de seu pai, teve compaixão deles e transformou-os em pássaros.

Assim terminou a caçada de Cálidon. Atalanta voltou para a Arcádia com o coração oprimido pelo mal que involuntariamente tinha causado.

As três Parcas tecem continuamente os fios, os ventos levam as cinzas frias e as espalham pela terra desolada que Meléagro

salvou e que já desponta fecunda novamente.

Atalanta

Atalanta, filha do rei da Arcádia, voltou para sua terra com o coração triste. Tinha considerado os homens apenas como seus pares, pessoas a cuja destreza na caça ela estava acostumada a opor a sua própria. Porém, Meléagro, o herói que a tinha amado e a tinha honrado mais que a própria vida, cujo amor o tinha levado prematuramente para o reino das Sombras, foi aquele que tocou o seu coração como nunca antes tinha acontecido. Seu pai, orgulhoso do seu triunfo em Cálidon, pediu-lhe novamente que se casasse com um dos muitos pretendentes nobres que a cortejavam.

“Se de facto eles me amam como dizes”, replicou Atalanta, “devem estar prontos a arriscar por mim até mesmo a própria vida. Serei o prêmio daquele que me vencer numa corrida. Mas aquele que tentar e fracassar deverá pagar com a morte a sua derrota.”

Um após outro, os pretendentes chegavam para competir com a virgem cujo rosto os tinha encantado, embora a corrida representasse para eles nada além do que uma corrida para a morte. Nenhum homem mortal era tão veloz como Atalanta, que tinha primeiramente corrido com as criaturas selvagens das montanhas e das florestas, tinha ousado correr com os ventos e mesmo eles tinham ficado para trás. Para ela, essa disputa significava um divertimento maravilhoso. Era sempre certa a sua vitória. Se os jovens que entravam na disputa desejavam arriscar as suas vidas, em que a poderiam censurar? A cada dia eles iniciavam

a corrida, alimentados de uma esperança palpitante e de uma determinação feroz para vencê-la. A esperança ia murchando e uma fúria desesperadora enchia-lhes o coração assim que a viam voar e avançar com rapidez incomparável frustrando-lhes toda a tentativa de vencê-la. A cada dia, depois que a corrida terminava, mais um pagava o preço da sua derrota.

Entre aqueles que assistiam diariamente à disputa estava o seu primo Milanion. Queria odiar Atalanta de toda a vez que via os seus amigos morrerem por causa dela. Mas, contrariamente aos seus desejos, dia após dia, sua beleza, sua inocência e sua espontaneidade natural iam imprimindo-se tenazmente no seu coração. Jurou que a venceria, mas sem a ajuda dos deuses isso não seria possível. Procurou, pois, Afrodite e pediu-lhe auxílio.

Milanion era um jovem belo, e para Afrodite, que amava a beleza, ele apresentou suas razões argumentando que Atalanta se tinha tornado para ele mais que a vida. Em consequência, já não sentia pesar pelos jovens, seus amigos, que tinham morrido por amor a ela. A deusa sorriu para ele com bondosa simpatia.

No jardim do seu templo, havia uma árvore com galhos e ramos de ouro, as folhas eram douradas como o céu à luz do crepúsculo e dela pendiam maçãs douradas. Afrodite colheu três e deu-as ao jovem, que não tinha temido pedir-lhe que o auxiliasse a conquistar a virgem que ele amava. Orientou-o como usá-las, e Milanion, muito feliz, retomou o caminho de volta.

No dia seguinte dirigiu-se a Atalanta:

“Até hoje, invencível na terra, a vitória tem sido tua”, disse, “mas teus pés velozes têm encontrado apenas pés lentos e vagarosos para ultrapassar. Tu me aceitarias para uma competição

contigo? Pois, seguramente, te vencerei por meus próprios méritos”.

Milanion fitou os olhos de Atalanta com um sorriso tão jovial e destemido quanto o de um herói habituado a olhar nos olhos dos seus pares.

O mesmo olhar a caçadora devolveu, mas seu rosto enrubesceu, como se os dedos rosados da aurora o tivessem tocado e em seu coração o amor estivesse despontando como um amanhecer.

Nem mesmo Meléagro tinha sido tão completamente grandioso, nem tão completamente destemido.

“Estás sendo induzido pelos deuses imortais”, ela disse e enquanto falava os seus longos cílios caíam sobre a face. “Tenho pena de ti, Milanion, pois, arriscando-te a competir comigo, teu destino será seguramente o prado onde Plutão e Prosérpina reinam sentados em seus tronos lúgubres.”

“Estou pronto, Atalanta. Competirias comigo já?” E fitou serenamente os olhos dela até que novamente eles caíssem como se tivessem por fim encontrado um vencedor.

Atalanta e Milanion iniciaram a corrida como duas andorinhas que voassem sobre um mar ensolarado festejando a chegada da primavera. Quase não se podiam ver os seus pés tocarem o solo e todos aqueles que estavam presentes juravam que, finalmente, ali acontecia uma verdadeira corrida, uma corrida digna de ser presenciada pelos deuses.

Corriam quase lado a lado, de modo que ninguém podia dizer quem seria o vencedor. Enquanto assim iam, Milanion, obedecendo à recomendação de Afrodite, deixou cair uma das maçãs douradas. Jamais Atalanta imaginara semelhante fruto, uma

maçã de ouro reluzente! Parou, equilibrou um dos pés, como os pássaros fazem por curto tempo no vôo, e apanhou o fruto precioso. Ele avançou muitos passos antes que ela novamente o alcançasse. Quando já quase o ultrapassava, Milanion atirou a segunda maçã. Atalanta tornou a parar seduzida pelo fruto. Novamente ele ganhou distância. Uma vez mais, com a respiração oscilante, ela reconquistou o tempo perdido. Pela terceira vez, Milanion atirou no seu caminho a maçã da ilusão dourada dos deuses. Outra vez, ela parou e apanhou a maçã de ouro.

Explodiu entre os espectadores uma espectacular aclamação. A virgem tinha sido vencida. Atalanta, entre tímida e envergonhada, correu ao encontro do vencedor. Estava na verdade feliz, pois já amava o jovem, que tão ousadamente a desafiara numa disputa que ela ardilosamente concebera para não haver vencedor. Milanion vencera não apenas a competição, mas o coração da virgem caçadora, antes tão distante e intocável como a neve de Inverno sobre o cume do Monte Olimpo.

Aracne

O feno que, espesso e luxuriante como a fragrância da ulmária e os olhos dourados das margaridas, crescia há pouco no verdejante prado perto do rio, está agora seco; ainda perfumado, embora morto, escondido dos raios tépidos do sol, sob os esteios escuros do celeiro. Ocasionalmente, um gato vem ali fazer uma incursão de caça aos ratos ou aninhar-se aquecido tomado de um preguiçoso sono ronronante. Uma vez por outra, uma galinha entra furtivamente na ponta dos pés pela porta aberta e faz para si um ninho oculto no qual põe os ovos, anunciados subseqüentemente com um bulhento cacarejo de júbilo orgulhoso que anula completamente toda a precaução prévia. Crianças entram às vezes para perseguir gatos ou galinhas, ou simplesmente para derrubarem um ao outro no feno macio, que eles deixam em caótica desarrumação; quando se vão, um pouco mais do céu pode ser visto pela pequena janela do teto, ou pela grade de madeira da janela rente ao chão. Qualquer outra criatura viva pode entrar ou sair por aquelas janelas do celeiro; sobre as vigas escuras há sempre uma criatura viva trabalhando, incessantemente trabalhando. Quando, pela clarabóia, o deus-sol envia um raio de luz, um alongado facho de partículas flutuantes se insinua diante da janela pela qual entra parte do esplendor do verão que se inicia. É então que a obra da incansável trabalhadora é perceptível, pois sobre a janela paira iluminada a tapeçaria cinza tecida por Aracne,

a aranha, que tece com inimitável arte os seus fios suspensos entre as vigas.

Ela foi em outros tempos uma ninfa, dizem — a filha de Idmo, o tintureiro, de Colofon, cidade da Lídia. Não havia ninguém em toda a Lídia que tecesse como a bela Aracne. As ninfas saíam do rio dourado Pastolo e dos vinhedos de Timolo para vê-la cardar a lã das ovelhas de velo branco, de tal modo era aprazível ver a lã transformar-se por seus dedos em algo semelhante às nuvens macias suspensas sobre o cume dos montes. Encantava ainda a extraordinária habilidade com que movimentava com destreza a lançadeira entre os fios. O enredamento da trama surgia mágico, de fino trançado, que seus dedos velozes trefilavam e mais mágica a inventividade singular com que ela criava: pássaros, flores, borboletas, cenas de todas as maravilhas da terra eram representados, histórias antigas ganhavam vida no traçado das suas mãos criativas.

A Palas Atena, a deusa dos artesãos, chegaram as notícias de que em Colofon, na Lídia, vivia uma ninfa cuja habilidade competia com a sua própria. Ela, sempre enciumada de uma honra que era dela, tomou a forma de uma mulher já curvada pela idade, e, sustentando-se num bastão, juntou-se ao grupo de pessoas que paravam em torno de Aracne para vê-la tecer. Com os braços de neve enlaçados entre si, as ninfas presenciavam admiradas as flores que dos seus dedos despontavam, ao mesmo tempo em que florescências brotavam do chão à vinda de Deméter. Atenas foi forçada a admirar enquanto se maravilhava diante da habilidade mágica da auspiciosa Aracne.

Falou com ela gentilmente. Com palavras persuasivas de

uma mulher sábia, aconselhou-a a não deixar a sua ambição voar tão alto. Maior que todas as artesãs hábeis era a grande deusa Atena. Se, tomada de uma vaidade ímpia, estava sonhando que um dia a ela se podia igualar, na verdade cometia nisso um crime que algum deus certamente puniria.

Aracne fitou brevemente as imagens perfeitas que criava; depois dirigiu um olhar desdenhoso à velha mulher e deu uma sonora gargalhada.

“Disseste *igual* a Atena, velha mãe?”, replicou. “Para dizer a verdade, deves morar com os pastores nas longínquas montanhas, não és habitante da nossa cidade. Se fosses, não terias falado de *igualdade* entre o meu trabalho e o de Atena; que o *supera* seria a palavra certa.”

“Ímpia!”, disse Palas Atena irada, “àqueles que se pretendem maiores que os deuses sobrevém um infortúnio insuportável. Acautela-te com o que dizes, pois a punição cairá sobre ti inapelavelmente”.

“Não tenho medo de Atena”, disse Aracne ainda rindo, “nem meu coração estremece diante da advertência sombria de uma velha tola”. E, virando-se para as ninfas que, meio aflitas, ouviam suas palavras ousadas, disse: “Formosas ninfas, vós que presenciais meu trabalho dia-a-dia, bem sabeis que não falo em vão. Meu talento é tão grande quanto o de Atena, e maior ainda pode vir a ser. Que Atena venha disputar comigo se a isso ousar. Sei perfeitamente que serei a vencedora.”

Atena deixou cair o disfarce e diante das ninfas assustadas e da audaciosa Aracne apareceu a deusa radiante com olhos que ardiam de ira e orgulho ofendido.

“Eis, Atena veio!”, disse. As ninfas e as mulheres dobraram os joelhos diante dela em adoração humilde. Somente Aracne ficou impassível. Seu rosto revelava quão acelerado seu coração estava. Nele a cor passou do rosado ao pálido, embora falasse firme e calmamente.

“Falo a verdade”, disse. “Nem mulher alguma nem deusa pode tecer como eu. Estou pronta a sustentar o que eu disse, e se falei com orgulho, em meu orgulho permaneço. E se te dignas, grande deusa, a medir teus talentos com os da filha de um tintureiro, se vitoriosa fores, me disponho prazerosamente a pagar a pena.”

Os olhos de Atena, a deusa de olhos gris, escureceram como o mar envolvido de nuvens tempestuosas. Sem tardar, no mesmo instante tomou seu lugar ao lado de Aracne. Dispuseram as tramas no tear com uma urdidura perfeita e as firmaram na lançadeira.

A urdideira separa os fios, entre eles outro fio é inserido com lançadeiras que os dedos impelem veloz e longitudinalmente. Mergulhados entre a urdidura movente, os dentes laçam e entrelaçam os fios. Ambas aceleram, movimentam os braços perspicazes, apanham cada uma sua tapeçaria e a envolvem em torno do peito, a avidez vence a fadiga. Ambas combinam a púrpura... e compõem nuances de variações tonais imperceptíveis; exactamente como o arco-íris que, em seu vigoroso arco, tinge usualmente uma grande extensão do céu por meio dos raios de luz reflectidos nas gotas da chuva. Embora

milhares de cores brilhem, uma peculiar transição entre as cores ilude os olhos que o contemplam... Nas suas telas também o maleável ouro é misturado aos fios.

Ovídio

As telas prontas, Atena e Aracne apressam-se em decorá-las com imagens tais, que nenhum artesão hábil jamais sonhou realizar. Dos dedos de Atena nascem cenas tão perfeitas e reais, que ao observador parece ter a deusa criado a própria vida. Cada imagem fala da onipotência dos deuses e do destino que sobrevém aos mortais que ousam com presunção blasfema pretender-se semelhantes aos habitantes imortais do Olimpo. Ao primeiro relance da tela de Atena, os olhos de Aracne vibram envolvidos pelo encantamento do belo que transparece nas criações da deusa. Longe de se intimidar, seus dedos continuam deslizando velozes. A deusa vê, com a fronte cobrindo-se ainda mais de sombras, que a filha de Idmo, o tintureiro, escolhera para tema cenas que revelam a fraqueza dos deuses. Uma após outra, imagens vívidas modelam-se em suas mãos. As ninfas têm a respiração entrecortada, entre o medo e o êxtase, ante uma genialidade semelhante à dos deuses conjugada com a mais arrogante audácia.

Ninguém podia escolher entre a deusa e Aracne, pois as cores e formas, as mais refinadas concepções das imagens da filha de Zeus eram equivalentes, sem exceção, às da filha do tintureiro de Colofon.

Mais e mais sombrios iam ficando os olhos de Atena à medida que via a beleza mágica das imagens, cada uma um insulto

aos deuses. Nenhuma mão hábil tinha alguma vez trazido imagem como aquela em que Europa⁵

voava sobre o dorso do touro divino, uma mão agarrando seus grandes cornos e a outra apanhando os drapeados das vestes de púrpura, que se não molhassem nos infindáveis repuxos das águas do venerável mar. Seu manto largo flamulava ao vento como as velas de um navio, já com leveza ele levava a virgem adiante pelo mar.

Moscós

Por fim, a tempestade explodiu. Com sua lançadeira a deusa golpeou enraivecida a tapeçaria de Aracne. Os bordados magistras foram despedaçados e transformados em farrapos informes. Ainda empunhando a lançadeira de buxo, atacou Aracne furiosamente. As ninfas, diante de sua fúria, fugiram de volta para seus rios dourados e os vinhedos de Timolo; as mulheres de Calofon, com um terror cego, apressaram-se em fuga. Aracne, humilhada e reduzida a pó, percebeu que a vida para ela não mais seria um bem valioso. Tinha almejado, no meio do orgulho da sua genialidade esplêndida, competir com um deus, e soube nesse momento que semelhante disputa era inteiramente vã. Apanhou uma corda suspensa da trave do tear, prendeu-a ao pescoço e tentou enforcar-se. Mas, antes que a vida a tivesse deixado, Atena segurou e afrouxou a corda. Em

⁵ Nota do tradutor: Zeus assumiu a forma de um touro branco e raptou Europa, filha de Agenor, rei da Fenícia. Iludida pela forma do animal, ela montou em seu dorso e foi por ele conduzida a Creta.

seguida, anunciou o destino de Aracne:

“Viverás, ó criminosa infame! Tu viverás eternamente, suspensa como agora, tu e toda a tua descendência, que os homens possam nunca esquecer a punição de uma blasfema que ousou rivalizar com um deus.”

As belas formas de Aracne iam murchando e definhando enquanto a deusa falava. Seus braços e pernas perfeitos reapareciam cinzentos em forma de arame arqueados. Seus braços de neve já não existiam, e no lugar da bela tecelã pendia suspensa na viga a criatura ante cuja visão são poucos, até hoje, os que não recuam com repugnância. Ali permanentemente Aracne fia, permanentemente só, sem nenhum companheiro.

O orvalho ainda não evaporou no jardim, pois não há muito que o sol mostrou sua face. Repara o pequeno buxo bem aparado, uma grande maravilha! Dentro e fora, e sobre todos os seus ramos e folhas, Aracne teceu sua teia, sobre ela há milhões de gotas de orvalho brilhantes como o diamante. Repentinamente, todas as cores do céu se reflectem deslumbrantes na tapeçaria cinza que ela teceu. Aracne ressurgue em todo o seu esplendor.

Idas e Marpessa

Diariamente, enquanto o deus-sol, conduzindo a sua carruagem pelas alturas celestes, se voltava como um escudo de bronze incandescente para o Mar Egeu, Idas e Marpessa sentavam-se juntos sob as sombras amenas das árvores ou caminhavam nos vales cheios de violetas e salsas silvestres, onde raramente Apolo se dignava a ir. Pelo anoitecer, quando, em esplendor majestoso de púrpura, carmesim e ouro, Apolo afundava-se em repouso no céu ocidental, Idas e Marpessa vagueavam à beira-mar observando as ondas que roçavam brandamente os seixos na praia ou subiam o aclave da montanha de onde podiam ver a primeira aparição do crescente prateado de Diana e as luzes cintilantes das Plêiades surgirem na abóbada do céu. Enquanto Apolo procurava no céu e sobre a terra o melhor meio de satisfazer as suas veleidades impetuosas, Idas, para quem todas as alegrias significavam apenas Marpessa, procurava estar sempre ao lado desta. Os vales sombreados, o mar murmurante, as montanhas solitárias, ou o jardim coberto de amaranto púrpura, onde as rosas amarelas, rubras e de cor rosa deixam cair as pétalas sobre o trilho de mármore, tudo significava o mesmo para Idas: o paraíso era ter Marpessa ao seu lado; sem ela, tudo era um deserto baço.

Marpessa era mais bela que qualquer flor que crescia no jardim. Nem a música que Apolo tocava na sua lira era tão doce aos ouvidos de Idas como a voz terna de Marpessa. Essa era uma

música sempre nova para ele: uma melodia que fazia o seu coração pulsar aceleradamente. Sempre nova era também a sua beleza e sempre o mesmo arrebatamento encontrá-la.

Mas Evenos, o pai de Marpessa, opôs-se duramente a uma união com esse noivo cuja riqueza estava unicamente na sua juventude, saúde e amor. A sua bela filha parecia-lhe digna de algo superior.

Foi um dia infeliz para Marpessa aquele em que Apolo a viu enquanto, induzido pelos seus caprichos, andava silenciosamente entre as rosas do jardim. Ela estava sentada sozinha ao lado da fonte onde a água escorria lentamente no mármore. O zumbido das abelhas, o marulho contínuo da fonte, todas essas coisas aquietavam o espírito de Marpessa e os devaneios a confortavam. Os seus lábios, curvados como o arco de Eros, sorriam enquanto pensava em Idas, o homem que ela amava. Apolo observava-a silenciosamente. Ela era mais bonita que as flores mais lindas. Não convinha que essa rainha de todas as rosas viesse a ser esposa de um mortal: Marpessa pertenceria a ele.

Apolo foi imediatamente falar da sua intenção a Evenos. Não estava habituado a ver seus desejos negados, nem Evenos ansioso a fazê-lo. Na sua presença estava um verdadeiro esposo para a filha. Não um mortal insignificante, mas o próprio deus-sol em sua radiância. Foi então falar das pretensões de Apolo para Marpessa. Ela olhou curiosamente o seu reflexo na água da fonte, desejosa de saber se de facto era bela bastante para cativar o amor de um deus.

“Sou realmente tão magnificamente bela?”, perguntou a seu pai.

“Bela bastante para ser esposa do próprio Apolo!“,

respondeu orgulhosamente Evenos.

“Ah, sou verdadeiramente feliz!”, exclamou Marpessa com alegria. “Para a felicidade do meu Idas, sou bela!”

O seu pai era um homem inflamado e os seus dias prazerosos com Idas nos bosques ou no mar haviam de terminar. Apolo tomou um lugar no jardim de rosas e atraiu os ouvidos de Marpessa para a sua música e os olhos dela unicamente para a sua beleza. O deus não teve dúvidas ou temores. Logo, pois um breve tempo apenas bastaria, e, indubitavelmente, essa virgem seria sua, o coração dela conquistado tão certamente quanto os raios da sua carruagem conquistavam todo o espaço no céu e na terra. Contrariamente, enquanto Marpessa via e ouvia, os seus pensamentos estavam o tempo todo com Idas. Quando Apolo tocou mais primorosamente, pareceu-lhe que a sua música exprimia o amor que ela sentia por ele. Quando ele falou do seu amor, ela pensou “É assim que Idas fala”, e uma súbita lembrança das palavras entrecortadas do jovem mortal trouxe-lhe ao coração um arroubo de ternura, seus olhos cintilaram de tal modo, que Apolo pensou regozijante: “Em breve, ela será minha”.

Entrementes, Idas urdia e maquinava um meio de salvar a sua amada do seu pai obstinado e da paixão do deus. Procurou Neptuno, contou-lhe a sua história e pediu-lhe que lhe cedesse uma carruagem alada na qual pudesse voar para longe com Marpessa. Benévolo, Neptuno concedeu, e partiram os dois amantes voando para longe da costa em busca de uma terra onde pudessem viver e amar em paz. Tão logo Evenos soube que a filha tinha fugido, foi no seu encaço tomado de fúria por ela e seu amante.

Evenos não conseguiu alcançá-los, pois Idas escapou

conduzindo a carruagem sempre mais para o alto, mais e mais longe, até que ante o olhar de Marpessa as árvores da floresta tornaram-se uma mancha indistinta azul e marrom, as fontes e rios um fio de prata. Não antes que alcançasse o rio Licorma, pôde o pai enraivecido ver que a sua perseguição tinha sido vã. A carruagem conduzida por Idas voava sobre a correnteza bravia. Mas Evenos sabia que os seus cavalos, espumando e ofegando extenuados, não podiam mais prosseguir na perseguição. Impossível atravessar o rio, pois a corrente arrastaria os animais cansados, e ele sucumbiria com eles. Seria para sempre um homem humilhado. Não hesitou nem um momento. Sacou a espada e cravou-a no peito de um dos cavalos, depois do outro, que soltaram um relincho penetrante e caíram mortos. Ao mesmo tempo Evenos, com um grande grito, saltou na corrente, e o turbilhão de água fechou-se sobre a sua cabeça. Apenas uma vez ergueu os braços para pedir a clemência dos deuses; o seu corpo foi arrastado pela correnteza; e a sua alma, impelida para as Sombras. Desde aquele dia, o rio Licorma passou a ser chamado de rio Evenos.

Idas seguiu triunfalmente adiante. Porém, soube logo que tinha entrado na perseguição aquele que é superior a Evenos: o deus-sol estava no rastro da carruagem alada de Neptuno. Rapidamente a alcançou, mas assim que Apolo viu o rosto alvo de Marpessa e percebeu que era vitorioso, um poderoso raio lançado por Zeus sacudiu as montanhas e repercutiu pelos mais altos ermos de milhares de montes. Enquanto seus ecos ainda ressoavam, ouviu-se a voz de Zeus vinda do Olimpo:

“Deixa-a decidir!”, dizia.

Apolo deteve as suas mãos, que quase já arrebatavam de

Idas a mulher desejada de seu coração. Com os olhos ardentes e o rosto envolvido num halo encantador, falou para ela:

“Marpessa! Marpessa!, tu não virás para mim? Nem aflição nem sofrimento, nenhuma dor jamais me pode atingir. Entretanto, fui tomado de dor quando pela primeira vez vi teu rosto. Agora mesmo tu te arrastas para a dor, a escuridão e as sombras do túmulo. Não és mais que uma mortal! Tua beleza é breve. Teu amor por um homem mortal em breve se desvanecerá e morrerá. Vem para mim, Marpessa, e meus beijos em teus lábios te farão imortal! Juntos levaremos os raios do sol à terra fria e escura! Juntos convocaremos as raízes das flores para que brotem da terra morta! Juntos levaremos para os homens uma ceifa dourada, vestiremos as árvores no Outono com os nossos trajes vermelhos e dourados. Amo-te, Marpessa!, amo-te não como um mortal. Vem para mim, Marpessa, minha Amada!”

Idas, ante os rogos do deus, estacou atordoado. O coração de Marpessa ficou agitado com as palavras ardentes do belo Apolo, ainda ressoando no seu espírito. Viu seu amado mortal silente, os lábios lívidos, fitando primeiro o deus, depois o rosto pálido dela. Por fim, ele disse:

Pouco direi. Amo-te

Não apenas teu corpo envolvido da doçura de
Todo esse mundo, qual taça de Juno transbordante,
Qual vaso de vinho rescendendo no ar,
Qual rosa lânguida na noite da vida;
Tampouco teu rosto cuja força incita
A invasão de velhas cidades; não, nem

Teu frescor espiando-me qual sonho desconhecido,
Não por isso unicamente te amo, mas
Pela infinitude que em ti se aninha;
Tu és plena de sussurros e sombras,
Tu falas o que o mar tenta dizer abundantemente,
O que os rochedos anseiam falar;
Tu és tudo o que os ventos nunca pronunciaram,
O que a noite silente sugere ao coração,
Teu rosto imemorial vem de outros mundos,
Há muito tempo mortos, embora não saiba quando,
Em algum lugar canta, embora não saiba onde.
Ele tem a singularidade do Oeste sedutor,
Da tristeza dos horizontes marítimos; ao teu lado
conheço outros tempos e outras terras,
vidas remotas, vidas nas estrelas.
Ó beleza única, como uma luz brilhante
Nesse reino escuro do mundo! Tu és
Minha dor, minha luz matutina, minha música suspirante.

Stephen Phillips

Idas calou-se e seguiu-se um silêncio prolongado entre os três: um deus, um homem e uma mulher. Os olhos de Marpessa passearam do homem ao deus e de volta do deus ao homem. Por fim, falou, com uma voz amena que parecia vir “imemorial de outros mundos”.

Agradeceu a Apolo todas as alegrias que ele lhe oferecera. Que mais sublime destino para uma mortal que governar os raios do sol, trazer bem-aventurança à terra e aos homens? Que mais

podia uma mortal almejar que o dom da imortalidade repartida com aquele cujo poder dirigia o vasto universo e que ainda se tinha detido para lançar rosas vermelhas de amor apaixonado aos seus pés mortais? E contudo aquela existência livre de dores que ele lhe prometera não poderia ainda ser algo insuficiente para alguém que já tivesse conhecido o que são lágrimas?

Fosse ele de facto dar-lhe o dom da imortalidade que valor teria a vida para alguém cuja beleza se fosse empalidecendo como as folhas no Outono, cujo coração se fosse cansando e morrendo? Que destino mais terrível esse, suportar uma existência eterna em que a vida se estiolasse ao lado de alguém cuja juventude fosse perpétua?

Ela voltou-se para Idas, e disse:

“Se vivo com Idas, ambos prosperaremos lado a lado no meio do aroma e rumores do campo.

Ainda que com pernas hesitantes e tropeçantes, viveremos juntos, e, quando a primeira juventude houver passado, restará entre nós uma amizade bela, apurada ao sol e ao vento e alcançada na poeira diária da vida. Se fico contigo, passado o primeiro tempo de teus desejos, serei desprezada.”

O deus franzia o semblante às palavras que vinham da sua boca. Contudo, ele mantinha a confiança. Certamente, era apenas uma brincadeira que ela fazia com aquele pobre mortal. Ela viria para ele, essa rosa não fora feita para pertencer a um ser menor senão a ele, o deus do Sol.

Porém, Marpessa prosseguiu:

“E, tu, belíssimo deus, nesse tempo só lembrarás que uma vez te agradei, que uma vez fui jovem, e, indiferente ao meu destino

mortal, seguirás teu curso pelo alto céu, até te inclinares na última curva do dia para o teu mergulho no mar ocidental.”

A sua voz cessou. Sobre a terra estendia-se repentina escuridão. Para Apolo vinha agora a humilhação de um amor rejeitado. Houve quem dissesse que naquele dia a noite desceu sobre a terra repentinamente, que não houve crepúsculo, apenas uma escuridão tenebrosa que falava da passagem de um deus raivoso. Depois, os raios prateados da lua de Diana pareciam saudar a terra escura com um sorriso, e, na carruagem alada de Neptuno, Idas e Marpessa voavam, mais magníficos que os deuses, na harmonia perfeita de um amor humano que não teme o tempo, nem a dor, nem a própria morte.

Aretusa

No nosso país as narrativas sobre os deuses gregos parecem muito remotas. Os homens nessas narrativas parecem desvanecidos, como imagens irreais de um tempo muito distante de nós.

Embora assim seja, esses mitos ressoam ainda no nosso cotidiano através da poesia, da pintura, escultura, ou de lugares que trazem os seus nomes. É esse o caso de Aretusa, cujo nome sobrevive numa fonte, na Sicília: “Em Ortígia”, disse Cícero, “existe uma fonte de água doce chamada Aretusa, de inacreditável torrente, repleta de peixes, que seria inteiramente engolida pelo mar se não estivesse protegida das ondas por uma fortificação e um muro de pedras”.

A bela Aretusa foi uma ninfa do cortejo de Diana. Muitas vezes em plena caça ela trilhou os caminhos dos bosques, como uma corrente impetuosa que flui no meio da floresta, desde as montanhas até ao mar. Porém, veio para ela o dia em que já não era a caçadora, mas a presa caçada.

As rodas flamejantes da carruagem de Apolo faziam toda a terra faiscar de calor, e a ninfa procurou o abrigo afável do bosque onde pudesse mergulhar na frescura intensa do rio. Sobre o galho de uma árvore, que se curvava sobre a corrente, ela pendurou as roupas e mergulhou nas águas cristalinas. Um raio de sol, espiando entre as folhas, fazia a areia do fundo do rio brilhar como ouro e as

belas pernas da ninfa pareciam obras esculpidas pelo próprio Pigmalião, tal qual um mármore cinzelado por suas mãos perfeitas. Não se ouvia nenhum ruído, excepto o som brando da corrente, que se movia lentamente, quase parecia se deter, como se quisesse conservar em seu leito aquela criatura bela da floresta.

Porém, a brandura da corrente subitamente tornou-se agitada. As ondas, como o mar revolto que se agita em avanços e recuos, encapelavam-se num movimento mútuo para cima e para baixo sobre ela, e as águas já não murmuravam com doçura, mas falavam-lhe com uma voz excitada de paixão ardente. Era Alfeu, o deus do rio, que notara a sua presença e amou-a naquele instante e para sempre. O terror invadia Aretusa à medida que ouvia. Saiu apressadamente da água, e fugiu correndo em busca de um abrigo no bosque. O murmúrio, a partir de então soando como o turbilhão de muitas águas, tomou a forma de uma voz assustadora, cujo tom fez a ninfa estremecer.

“Escuta-me, Aretusa!”, disse. “Sou Alfeu, deus do rio, que tu agora fizeste sagrado. Sou o deus da corrente impetuosa, o deus das cascatas atoadoras. Meus domínios abrangem as montanhas em que a corrente jorra com estrondo sobre as pedras e ecoa nas cavidades escuras dos montes. Venho desde o Etna cujo fogo corre em minhas veias. Amo-te! Somente a ti amo. Serás minha e eu serei teu para sempre”.

Aretusa, tomada de um pânico ofuscante, fugiu da presença do deus que a amava. Ela corria pelo bosque ao mesmo tempo em que ele rapidamente a alcançava. O lírio dobrava-se sob seus pés velozes; as flores afastavam-se para trás enquanto ela passava. Mesmo assim, Alfeu já a alcançava. Quando, por fim, pressentiu

que a fuga era inútil, chamou por Diana e pediu-lhe que a salvasse. Uma nuvem, cinza e densa, cegante como a névoa que cobre o topo das montanhas, desceu repentinamente e envolveu-a. Alfeu inutilmente tentou achá-la.

“Aretusa!”, ela ouviu-o chamar com voz ansiosa e lamentosa. “Aretusa, minha amada!”

Ele esperou pacientemente, com o amor que torna as coisas incultas belas, até que, por fim, a brisa leve de Zéfiro soprou a névoa cinza e macia que ocultou de si a sua amada. Ele viu que a ninfa tinha sido transformada numa fonte. Sem tardar, ele próprio tornou-se uma torrente e fluiu em perseguição de Aretusa. Diana, para salvar a sua ninfa, abriu uma fenda na terra até aos domínios sombrios de Plutão por onde ela pôde avançar. Correu ainda além, depois subiu, até que por fim eia novamente aflorou para a liberdade de um céu azul, árvores, bosques de laranjas douradas e verdes olivais, flores de gerânio explodindo e a grande montanha da Sicília coberta de neve.

Mas Alfeu tinha um amor por ela capaz de banir todo o medo. Perseguiu Aretusa pela escuridão tenebrosa do vale Cócito; achou um meio de abrir caminho entre a terra impenetrável e juntou-se a ela novamente. Numa fonte que jorra próximo da costa ele podia finalmente unir suas águas às daquela por quem ele tinha perdido sua divindade.

Perseu

Dizemos de semelhante homem até hoje, em inglês, que é um herói, e chamamos “heróico” aquele viver de dores e tristezas que pode fazer bem à nossa humanidade.

Charles Kingsley

Na prazerosa terra de Argos, hoje um lugar de pântanos insalubres, outrora reinou o rei Acrísio, pai de uma jovem formosa. Dánae era seu nome. Foi muito amada por seu pai até ao dia em que ele, desejando conhecer o que lhe estava reservado oculto sob o manto dos deuses, consultou um oráculo. Retornou do templo com a cabeça baixa, pois o oráculo lhe anunciara que no dia em que Dánae gerasse um filho, pelas mãos desse filho certamente morreria. O medo da morte era nele mais forte que o amor pela filha. Pensou, por isso, que se a sacrificasse poderia iludir os deuses e frustrar a própria Morte. Uma grande torre de bronze foi rapidamente construída sob o seu comando e nessa prisão lançou Dánae, para aí arrastar penosamente os seus dias.

Quem, porém, pode furtar-se aos desígnios dos deuses? Do Olimpo o grande Zeus olhou para a terra e viu a princesa definhando na sua juventude. Cheio de piedade e amor, ele próprio, assumindo a forma de uma chuva de ouro, introduziu-se na torre de bronze. Dánae tornou-se sua esposa e viveu venturosamente com

ele o tempo que passou encarcerada.

Veio-lhe finalmente um filho, uma criança bela e majestosa. Grande foi a fúria do seu pai quando recebeu a notícia do nascimento daquele filho. Os deuses nas alturas celestes riram então dele? Esse riso ainda lhe seria favorável. Arrastou Dánae e seu filho recém-nascido, o pequeno Perseu, para a praia, colocou-os numa grande arca, lançou-os ao mar entregues ao sabor da sorte: um brinquedo para o vento e as ondas, uma presa para o mar cruel e bravoio.

Quando o vento bravoio, as vagas agitadas e o terror a arrebataram nessa arca, habilmente preparada, ela, o rosto em lágrimas, abraçou Perseu e disse: “Ai de mim, filho meu, que dor a minha! Tu porém dormes nessa arca infausta o sono inocente da criança; nessa escuridão inexpugnável tu brilhas e a aflição sombria se dissolve; não te dão preocupações o uivo do vento nem a água flutuante que no mover das ondas vem intensa sobre teus cabelos, e tu repousas, o rosto calmo, envolvido em teu manto de púrpura. Se do terror tivesses consciência, se tu ouvisses minhas palavras tranquilizadoras, te diria: dorme, meu filho, possam o mar e a nossa angústia infinita aquietar; possa, Pai Zeus, de ti sobrevir a mudança da sorte. Se minha súplica é audaciosa e ultrapassa o razoável, perdoa-me”.

Simonides de Keos

Dias e noites mãe e filho foram arremessados pelas ondas.

Nenhum mal lhes sucedeu porém e numa certa manhã a arca aportou na praia rochosa de Serifo, uma ilha do mar Egeu. Um pescador aproximou-se do estranho soçobro trazido pelas ondas, conduziu a mãe e a criança a Polidectes, o rei. Seguiu-se um tempo de paz para Dánae e Perseu. À medida que crescia, ele tornava-se mais admirável, mais destemido, mais propenso a encarar com coragem serena os olhos dos deuses e dos homens, mas, ao mesmo tempo, um infortúnio sucedia à sua mãe. Ela era apenas uma menina quando ele nasceu, e, com o passar do tempo, tornou-se mais bela. Polidectes, com olhos cobiçosos, olhava para ela sempre mais avidamente, sempre com um desejo ardente de tê-la como esposa. Dánae, entretanto, a amada de Zeus, não desejava casar-se com o velho rei de Cíclade e desdenhava orgulhosamente as suas pretensões. Para protegê-la, como ela sabia perfeitamente, tinha os braços vigorosos do filho Perseu. O rei não poderia fazer-lhe mal enquanto o filho estivesse ao seu lado. Mas ele, inconsciente do perigo que a sua mãe diariamente tinha de enfrentar, navegava tranquilo no mar pensando que a paz e a segurança o protegiam de todos os lados.

Certo dia em Samos, enquanto o seu navio estava atracado para carregamento de mercadoria, Perseu deitou-se à sombra de uma frondosa árvore e em pouco tempo suas pálpebras fecharam-se pesadas de sono. Vieram-lhe, como borboletas que voam sobre as flores de um jardim ensolarado, sonhos leves e aprazíveis. Ainda outro sonho se seguiu imediatamente àqueles. Neste, apareceu-lhe aquela cujos olhos gris eram como o mar insondável ao amanhecer de um dia de verão. O seu longo manto era azul como as flores do jacinto na primavera e a lança que trazia nas mãos era de um

esplendor luminoso. Falou a Perseu palavras proverbiais.

“Sou Palas Atena”, disse, “conheço a alma dos homens, e percebo aqueles cujo coração é insensível como os das feras que matam. Esses vivem sem preocupações. Nem a dor mais aguda, nem a alegria impetuosa livra seus pés da lama em que estão. Amada de meu coração é a alma daqueles cujas lágrimas são de sangue, cuja alegria é como a dos imortais. Se sentem dor, sofrem; ante uma decepção, entristecem-se. Até o seu amor é igual ao dos habitantes do Olimpo. São pacientes e resignados, sempre esperam, sempre acreditam, sempre lutam, destemidos e francos, e quando o sol de seus dias na terra se completa, as asas de uma existência de que jamais tiveram conhecimento os conduzem a um mundo superior para uma vida eterna, longe da névoa, da obscuridade e das desavenças do mundo.”

“Perseu”, disse, tomando a mão do jovem na sua, “tu és daqueles cuja alma entorpecida sempre vive em bem-estar prazeroso, ou serias como um dos imortais?”

Perseu, em seu sonho, respondeu sem hesitar:

“Melhor morrer jovem vivendo plenamente, lutando sempre, sofrendo sempre, do que viver confortavelmente como um animal que se alimenta entre pastagens floridas sem nunca conhecer uma alegria ardente ou manifestar uma dor”.

Palas Atena riu prazerosamente, pois amava intensamente a alma de um herói. Depois, mostrou a Perseu uma imagem que fez o seu coração valente sentir terror e contou-lhe uma história terrível.

No longínquo oeste, frio e cinzento, viveram três irmãs. Uma delas, Medusa, fora uma de suas sacerdotisas. Tinha cabelos dourados e uma grande beleza, mas, quando Atena percebeu que

era tão má quanto bonita, infligiu-lhe imediatamente uma punição. Cada mecha de seus cabelos transformou-se numa serpente venenosa. Seus olhos, que tinham sido uma vez a fonte do amor, eram agora como túmulos de pedra fria. Suas faces rosadas adquiriram a cor lívida da morte. Seu sorriso, que fazia o coração dos amantes estalar dentro do peito, tornara-se algo pavoroso. A boca escancarada, a língua protuberante, uma máscara grotesca que encarava o mundo, um horror ante o qual todos se quedavam aterrorizados e mudos.

Todos as criaturas da caverna escura em que ela vivia e dos bosques ao redor, que se depararam com o fitar apavorante dos seus olhos desesperançados, foram transformados em pedra.

Palas Atena mostrara a Perseu, reflectido num escudo de bronze, o rosto de uma das criaturas mais trágicas do mundo. Um arrepio gélido encheu-lhe a alma, mas Atena, com voz suave, perguntou-lhe:

“Perseu, tu dispões-te a pôr fim ao sofrimento dessa criatura maligna e deplorável?”

“Fá-lo-ei certamente; os deuses ajudar-me-ão”, respondeu.

Palas Atena, sorrindo prazerosamente, deixou os seus sonhos. Perseu acordou com um temor súbito. Viu, porém, que na verdade tinha apenas sonhado, embora no recesso secreto do seu coração cultivasse o seu sonho como algo sagrado.

Navegou de volta para Serifo, onde encontrou a sua mãe apreensiva com o rei Polidectes. Ela contou ao filho a história do assédio impiedoso do rei. Perseu, furioso, teria sem mais demora e com grande satisfação golpeado profundamente o coração de Polidectes com a sua espada afiada. Porém, deveria ser uma

grande vingança; retardou, pois, o momento de executá-la.

O rei ofereceu um banquete e nesse dia cada habitante do reino trouxe-lhe as melhores e mais valiosas oferendas para fazer-lhe honra. Somente Perseu veio de mãos vazias. Estando na corte do rei como se fosse um pobre miserável, os outros jovens, que sempre lhe tiveram inveja, escarneciam dele.

“Tu dizes que teu pai é um dos deuses!”, diziam. “Onde estão teus dons divinos, ó Perseu!”

Polidectes, feliz em humilhar aquele jovem protector da honra da mãe, repetia o sarcasmo insensato dos demais.

“Onde está a oferenda divina que o nobre filho dos deuses me trouxe?”, perguntou.

Perseu, a cabeça envergada para trás, encarou os olhos atrevidos de Polidectes. Era verdadeiramente o filho de Zeus naquele olhar superior de desdém dirigido àqueles que ele desprezava.

“Uma oferenda divina terás, na verdade, ó rei”, disse, e sua voz soava como o toque da corneta antes da batalha. “Uma dádiva divina será tua. Caso os deuses me ajudem, terás a cabeça da Medusa”.

O riso, apenas aflorado dos lábios, morreu instantaneamente na boca de Polidectes e de todos que ouviam. Perseu deixou o palácio com o coração avivado, pois sabia que Palas Atena tinha acendido a chama que nele agora ardia e, mesmo que perdesse a vida para vencer aquilo que perseguia, triunfaria e a injúria seria certamente reparada.

Ainda trémulo de raiva, Perseu desceu para a praia, o mar azul quebrava mansamente as suas ondas na orla:

“Se ao menos Palas Atena viesse”, pensou, “se meu sonho pudesse tornar-se real”.

Pois, como todos os jovens desde sempre, Perseu sonhava realizar façanhas heróicas e audaciosas. Como todos os jovens desde sempre, desejava ser o herói de uma grande aventura.

“Vem a mim! Rogo-te Palas Atena, vem! Deixa meu sonho tornar-se verdade”.

A sua súplica foi atendida. Apareceu no céu uma nuvem prateada que se expandia continuamente, mais e mais próxima e Palas Atena surgiu sorrindo para ele. Não estava só. Ao seu lado vinha Hermes, o de sandálias aladas. Perseu ajoelhou-se em adoração. Palas Atena aconselhou-o muito gentilmente, e, mais do que um conselho, colocou nas suas mãos um escudo polido cuja superfície era mais reluzente que a de um espelho.

“Não olhes para a Medusa; olha somente para a sua imagem reflectida nesse escudo e golpeia certo, firme e rapidamente. Quando a sua cabeça estiver cortada, envolve-a numa pele de cabra na qual o escudo fique suspenso.”

“Mas como atravessarei as vias húmidas e enevoadas desses caminhos de água?”, perguntou Perseu. “Quem me dera ser um pássaro de asas brancas que planasse sobre as ondas!”

Hermes, com o sorriso de um amigo gentil, colocou as mãos sobre os ombros de Perseu:

“Minhas sandálias aladas serão tuas”, disse. “Deixarás longe, para trás os pássaros marítimos de asas brancas”.

“Uma outra dádiva ainda é tua”, disse Palas Atena. “Cinje, como um presente dos deuses, esta espada divina.”

Perseu deteve-se por um instante: “Posso dizer adeus a

minha mãe?”, perguntou. “Posso antes oferecer sacrifícios a ti, a Hermes e a Zeus, meu pai?”

Palas Atena disse não. A oferenda que o Olimpo desejava era a cabeça da Medusa e quanto às lágrimas de sua mãe o seu coração podia ficar sossegado.

Perseu estendeu os braços e as sandálias aladas de Hermes levaram-no ao longo do mar até às terras frias do norte para onde Atena o tinha guiado.

Suas sandálias faziam-no percorrer num dia o correspondente a sete dias de jornada. A atmosfera tornava-se mais fria à medida que avançava, até que chegou por fim às terras de neves permanentes, onde o gelo opaco jamais deu lugar à tepidez da primavera.

Numa caverna sombria perto do mar viviam as Greias, as três irmãs grisalhas que Palas Atena o aconselhou a procurar. Eram velhas, sinistras e horríveis, tinham apenas um dente, as mãos mirradas em forma de garras e um olho que partilhavam entre si. Passavam de mão em mão o olho, resmungavam e tremiam na escuridão e no frio.

Perseu falou com elas corajosamente, pediu-lhes que o guiassem ao lugar onde Medusa e suas irmãs, as Górgonas, viviam.

“Ninguém sabe onde elas vivem”, disse Perseu. “Peço-lhes que me digam o modo como posso encontrá-las”.

As Greias eram da estirpe das Górgonas e odiavam os homens. Riram repulsivamente escarnecendo de Perseu, e recusaram dizer-lhe onde encontrar a Medusa.

O jovem, astucioso e alimentando o desejo de não falhar,

estendeu a palma da sua mão enquanto passavam o olho de uma para a outra. Na cegueira em que se achavam, uma delas deixou o olho na mão dele.

As Greias deram um uivo pungente e selvagem como o dos lobos que tiveram a presa arrebatada e rugiram para ele mostrando as bocas desdentadas.

“Sois malvadas e cruéis, e cegas permanecereis para sempre a menos que me faleis onde posso encontrar as Górgonas. Dizei-me, e tereis o olho de volta”.

Lamuriaram e suplicaram. Porém, quando perceberam que as suas súplicas eram vãs, disseram-lhe por fim onde encontrar a Medusa.

“Segue para o Sul, até ao seu ponto mais remoto. Encontrarás o limite extremo do mar, o lugar onde o dia e a noite se encontram. Existe aí o Jardim das Hespérides, onde deves perguntar qual o caminho. Dá-nos de volta nosso olho!”, choramingaram muito lamentosamente. Perseu devolveu-o, e voou para o sul como uma borboleta que se alegra em deixar para trás uma terra gelada e sombria.

Por fim, chegou ao Jardim das Hespérides. Encontrou entre as murtas, rosas e fontes iluminadas as ninfas, guardiãs da maçã de ouro. Pediu-lhes que lhe dissessem a direcção que deveria tomar para encontrar as Górgonas. Elas, porém, não lhe puderam dizer.

“Precisamos de perguntar a Atlas”, disseram, “o gigante sentado no topo da montanha e que mantém com os seus ombros fortes o céu e a terra separados.”

Perseu, acompanhado das ninfas, subiu a montanha e pediu

ao paciente Atlas que o guiasse ao lugar da sua busca.

“Posso vê-las ao longe, numa ilha do grande oceano”, disse Atlas. “Porém, a menos que uses o elmo de Plutão, a tua jornada será inútil.”

“O que é esse elmo? E como posso obtê-lo?”, perguntou.

“Se usares o elmo do soberano do Reino das Trevas, ficarás tão invisível quanto uma sombra na escuridão da noite”, respondeu Atlas. “Mas nenhum mortal pode obtê-lo, pois somente os imortais conseguem desafiar os terrores do Reino das Sombras e retornar. Porém, se prometeres fazer-me algo, o elmo será teu”.

“O que desejas?”, perguntou Perseu.

“Há muitos anos tenho sustentado a terra, estou extenuado com esse peso. Quando tiveres matado a Medusa, deixa-me fitar seu rosto para que eu me transforme em pedra e não tenha mais que sofrer eternamente este peso.”

Perseu prometeu. Uma das ninfas, a comando de Atlas, desceu à Região das Sombras. Esperaram pelo seu retorno durante sete dias. Trazia o rosto pálido e os olhos turvos quando finalmente voltou, mas tinha consigo o elmo de Plutão.

Perseu disse adeus às ninfas, e colocou o elmo. Imediatamente desapareceu, ocultado pelo poder do elmo de Plutão.

A luz delicada do dia logo se foi e ele viu-se num lugar onde um nevoeiro frio e húmido cobria todas as coisas, e onde o mar era escuro como as águas do rio que flui ao longo do Cócito. Naquela terra silenciosa onde não há “nem dia nem noite, nem nuvens, nem ventos nem tempestades” ele encontrou a caverna das Górgonas.

Duas delas estavam adormecidas, mas

No limiar uma terceira mulher vagueava,
A cabeça sempre de uma parede a outra volvia,
Lamentava alto e em seu desespero gemia,
Pois de seus cabelos tivera transformadas
As madeixas de ouro em serpentes movediças.

William Morris

A imagem da Medusa foi reflectida no escudo de Palas Atena. À medida que a fitava, Perseu teve a alma envolvida de pesar diante do horror da Medusa.

“Ó, é a sua natureza sórdida que devo destruir”, pensou primeiro, depois: “Matá-la será na verdade um bem”, disse. “A beleza que um dia teve tornou-se corrompida e toda a alegria da vida se transformou para ela numa agonia de recordações, a tortura de um remorso que não tem fim.”

Quando percebeu suas garras afiadas ainda ávidas e desejosas de golpear e matar, seu rosto tornou-se severo. Não mais retardou seu acto, golpeou com a espada o seu pescoço com todo o poder e força. O corpo da Medusa tombou sobre o chão rochoso com um clangor de bronze. Embrulhou a sua cabeça na pele de cabra, ao mesmo tempo em que desviava os olhos. Deu um impulso para o alto e partiu veloz.

As duas outras Górgonas encontraram o corpo da Medusa e, com gritos pavorosos, voaram no encalço de Perseu. Mantiveram a perseguição por muitas léguas. Voaram sobre o mar e as areias amareladas do deserto da Líbia. Perseu voava na frente e algumas gotas de sangue caíram da cabeça da Medusa; delas nasceram as

víboras, até hoje encontradas naquele deserto. As sandálias aladas de Hermes, porém, conduziram Perseu adiante e pelo anoitecer as Górgonas perderam-no de vista. Uma vez mais ele viu-se no Jardim das Hespérides. Foi recebido com alegria pelas suas formosas habitantes. Depois, foi cumprir a promessa feita a Atlas, que, exausto da sua longa fadiga, olhou ansioso para ele.

Perseu puxou o rosto da Medusa e levantou-o no ar para o Titã fitá-lo. Atlas olhou aquele rosto cuja beleza tinha uma vez sido pura e cheia de vida, mas agora só ostentava angústia e crueldade, perversidade sórdida e um desespero terrível. Transformou-se todo em pedra e o seu grande e paciente rosto, seus braços e pernas enormes firmaram-se para sempre constituídos no monte Atlas e ainda hoje a sua cabeça coroada de neve e os seus vastos ombros envolvidos de nuvens parecem manter a terra separada do céu.

Perseu novamente alçou voo. Passou por muitas terras, sofreu fadigas e necessidades; algumas vezes sentiu a sua fé fraquejar. Entretanto, prosseguiu adiante, esperando sempre, resistindo sempre. No Egito, teve uma trégua, foi servido e honrado pelo povo como um deus. Num lugar chamado Chemis ergueram-lhe uma estátua quando ele partiu e por muitas centenas de anos essa estátua permaneceu ali. Os egípcios diziam que Perseu sempre retornava, e nessas ocasiões a terra era por ele abençoada, o Nilo subia e a estação era fecunda.

Certo dia, enquanto voava viu do alto algo branco sobre uma rocha no mar. Parecia muito grande para ser um pássaro de plumagem branca, e desceu naquela direcção para que pudesse ver mais claramente. As ondas batiam contra a rocha íngreme de uma ilha erma, sobre ela ressaltava uma imagem que, no primeiro

instante, julgou ser uma estátua de mármore branco. A imagem não era senão a de uma jovem, delicada e ainda muito menina, embora tão bela quanto as ninfas do Jardim das Hespérides. Invisível no elmo de Plutão, Perseu aproximou-se. Viu que a figura frágil agitava-se com soluços trémulos. As ondas vinham-lhe sobre os pés a cada instante e correntes pesadas mantinham-na presa à rocha. Uma grande raiva agitou o seu coração, tirou imediatamente o elmo e postou-se ao lado dela. A virgem gritou aterrorizada. No rosto de Perseu, porém, não havia nada de nocivo, mas apenas força, bondade e pureza brilhavam nos seus olhos calmos.

Perguntou-lhe gentilmente o significado da sua prisão. Ela contou-lhe a sua triste história. A mãe, uma mulher belíssima, era a rainha da Etiópia. Um dia vangloriou-se de que nem as ninfas eram tão bonitas quanto ela e uma punição terrível lhe foi infligida. Apareceu ao longo da costa um monstro marinho para assolar os seus domínios. Tinha uma figura repugnante e terrível foi a devastação que realizou. Em consequência, toda a terra da Etiópia prostrava-se em lamentação.

Por fim, o seu pai consultou um oráculo e este anunciou-lhe que o país somente se libertaria mediante o sacrifício da sua bela filha, Andrómeda, que deveria ser entregue à criatura que flagelava a costa. Foi trazida ali por seus pais, pois uma vida podia ser dada em favor de muitas e para que sua mãe sofresse a pena de ver a filha transformada em vítima expiatória de uma vaidade que era dela. Mal acabou sua história, o mar foi fendido pela acção do monstro, que agitava as águas como se uma tempestade violenta estivesse próxima. Andrómeda gritou desesperada:

“Vê! Ele está vindo. Salva-me! Ah, salva-me! Sou tão jovem

para morrer”.

Perseu alçou voo, pairou por um instante como um falcão que está na iminência de lançar-se sobre a presa e rapidamente arremessou-se contra o monstro; golpeou-o com a espada repetidas vezes, até que a água em torno da rocha se encrespasse como uma espuma viscosa de sangue e seu adversário flutuasse, já apenas um banquete para os animais do mar que se alimentam de carne em decomposição.

Perseu rompeu as correntes que prendiam Andrómeda, amparou-a nos braços e levou-a de volta ao pai.

O rei e a rainha da Etiópia jamais sentiram uma alegria como essa de ver a filha retornar, liberta de um sacrifício que tinham por irremediável. Mais feliz estava Andrómeda. Perseu, seu libertador, o mais amado e grandioso herói para ela em todo o mundo, não apenas tinha lhe dado a liberdade, mas também seu coração.

Seu pai alegremente a deu a Perseu como esposa e não houve na Etiópia festa de núpcias mais esplêndida que alguma vez se tivessem imprimido na memória dos homens. Em plena festa, porém, um homem ameaçador entrou na sala do banquete acompanhado de um grupo de seguidores mal-encarados. Era Peneu, que, embora tivesse sido o noivo prometido de Andrómeda, nada ousou para salvá-la. Avançou directo para Perseu e uma luta feroz teve início. Porém, Perseu tirou da pele de carneiro a cabeça da Medusa: Peneu e seus sequazes foram transformados em pedra.

Os festejos duraram sete dias. Na oitava noite Palas Atena apareceu em sonho a Perseu:

“Tens brincado de herói nobre e excelentemente, ó filho de

Zeus! Mas agora que tua fadiga está próxima do fim e tua dor terminou em alegria, venho pedir de volta as sandálias de Hermes, o elmo de Plutão, a espada e o meu próprio escudo. A cabeça da Górgona debes conservá-la ainda por algum tempo, pois quero tê-la no meu templo em Serifo para que eu possa usá-la em meu escudo para sempre”.

Assim que acabou de falar, Perseu acordou, o escudo, o elmo, a espada e as sandálias aladas tinham desaparecido, de modo que ele soube que seu sonho não tinha sido uma ilusão.

Perseu e Andrômeda navegaram para o Oeste, numa galé feita por um artesão hábil da Fenícia. Quando, por fim, chegaram às águas azuis do Mar Egeu, viram erguer-se diante deles os rochedos de Serifo. Os remadores pararam os longos remos e o navio atracou sobre os seixos da praia. Perseu e sua esposa procuraram Dánae.

A frente de Perseu cobriu-se de sombras quando Dánae lhe contou as crueldades que sofrera nas mãos do rei Polidectes na sua ausência. Ele entrou no palácio e ali achou o rei e seus amigos em pleno festim. Durante sete anos estivera ausente e já não era o juvenzinho que permanecia no salão nobre do palácio, mas um homem desenvolvido que se conduzia como um deus. Somente Polidectes o reconheceu, levantou os olhos de sua taça de vinho e fitou-o zombeteiramente.

“Então retornaste?, ó filho inominável de um deus imortal”, disse. “Tu te vangloriaste, mas penso que foi uma ostentação presunçosa.”

Porém, enquanto ainda falava, o riso zombeteiro paralisou-se na sua face e o rosto daqueles que estavam com ele enrijeceu de

terror.

“Ó rei, jurei que se os deuses me ajudassem terias a cabeça da Medusa”, disse Perseu. “Os deuses ajudaram-me. Olha, aqui tens a cabeça da Górgona”.

Polidectes e seus amigos fitaram, com um terror selvagem nos olhos, aquela coisa terrível. Transformaram-se em pedra, e ali ficaram em círculo para sempre.

Perseu partiu navegando com a esposa e a mãe, pois ele tinha um grande desejo de levar Dánae de volta para a terra onde ela nascera, para ver se o pai dela, Acrísio, ainda vivia e se era capaz de se arrepender da crueldade que praticara com a filha e o neto. Mas ali chegando, viu que o mal causado por Acrísio já tinha sido punido. Ele tinha sido deposto do trono e exilado por um usurpador. Sem tardar, Perseu puxou a espada e destronou imediatamente o impostor. Todos os homens de Argos o aclamaram como seu glorioso rei. Porém, Perseu recusou dizendo:

“Vou em busca de Acrísio”, disse. “O pai de minha mãe é o vosso rei”.

Novamente a galé partiu, navegaram rumo à cidade de Larissa, onde o velho rei vivia.

Ali chegaram em pleno festival dos jogos desportivos. Acrísio estava sentado ao lado do rei. Era um homem idoso, embora ainda ostentasse uma dignidade real.

“Se eu, um estranho, tomar parte nos jogos e conquistar um prémio dos homens de Larissa, certamente o coração de Acrísio se inclinará dócil para mim”.

Tirou o elmo e o corselete e ficou de torso nu ao lado dos jovens de Larissa. Tinha um porte de tal modo semelhante ao dos

deuses, que todos proclamaram admirados:

“Certamente, esse estrangeiro veio do Olimpo, é um dos imortais.”

Pegou um disco, avançou cinco braças adiante dos demais, e arremessou-o. Uma grande aclamação ecoou entre os espectadores e Acrísio aclamou tão alto como todos ali.

“Mais longe ainda!”, gritavam. “Tu podes lançar mais longe ainda! És mesmo um herói!”

Perseu aplicou toda sua força, e lançou outra vez o disco, que voou de sua mão como o raio das mãos de Zeus. Os espectadores acompanharam, com a respiração suspensa, o voo do disco, prontos para um grito de júbilo. A alegria, porém, morreu repentinamente quando uma rajada de vento apanhou o disco em pleno voo e o arremessou contra Acrísio, que tombou debruçado. Perseu correu para ele e levantou-o nos braços. Porém, percebendo que o espírito de Acrísio já tinha abandonado o corpo, deu um grito de dor, e bradou para o povo:

“Olhai para mim! Sou Perseu, o neto do homem que matei! Quem pode escapar dos decretos dos deuses?”

Depois disso, Perseu reinou durante muitos anos. Vieram quatro filhos e três filhas para ele e para a sua bela esposa. Governou com sabedoria e excelência e quando, em agradável velhice, a Morte o levou, a si e a esposa de seu coração, os deuses, que sempre o tinham amado, colocaram-no entre as estrelas para viver eternamente. Nas noites iluminadas e estreladas, podemos vê-lo segurando a cabeça da Górgona. Perto dele estão o pai e a mãe de Andrómeda, Cefeu e Cassiopéia e a seu lado está Andrómeda com seus braços alvos estendidos no céu azul como

nos dias em que estivera acorrentada à rocha. Todos os navegantes dos caminhos do mar procuram orientação naquele cuja viagem está terminada, cujo combate está concluído e encontram a direcção na Constelação de Cassiopeia.

Níobe

... Como Níobe, toda lágrimas.

Shakespeare

A citação é exaustivamente pronunciada, como tantas outras provindas do *Hamlet*; também na pintura e escultura os personagens da mitologia são amiudadamente representados. São cenas que relembram os momentos-limite dos personagens mitológicos nos seus instantes trágicos. Não quer nisso louvar o sofrimento, como muitos pensam, mas representar a vulnerabilidade e os limites do homem perante o mistério da vida. Níobe não é diferente, acha-se exaustivamente citada e representada. O grupo nobre - atribuído a Praxiteles - de Níobe e a última remanescente de suas filhas, no Palácio de Uffizi em Florença, é tão frequentemente reproduzido, que tem contribuído igualmente para fazer da torturada rainha tebana uma figura conhecida da tragédia pictórica, de tal modo que bastam esses exemplares da arte de Shakespeare e Praxiteles para que a figura trágica de Níobe perdure na memória, e se faça monumento de arte permanente no tempo.

Como em muitas narrativas da mitologia, a sua tragédia é a história da vingança de um deus furioso dirigida a um mortal. Ela era a filha de Tântalo, seu marido era Afion, rei de Tebas, ele próprio filho de Zeus. Dela nasceram sete belas filhas e sete filhos nobres e também belos. O seu orgulho arrogante não provinha da beleza que

possuía, nem da fama do marido, nem da admirável estirpe e grandeza do seu reino. A rainha de Tebas tinha a certeza inabalável de que a nenhuma mulher vieram filhos como os dela, que iguais não havia nem na terra nem no céu.

Porém, entre os Imortais havia uma mãe que também julgava seus filhos insuperáveis. Latona, mãe de Apolo e Diana, estava absolutamente certa de que em todos os tempos e na eternidade a vir não podia existir um filho e uma filha tão perfeitos em beleza, sabedoria e poder como aqueles dois que eram seus e proclamou em alta voz sua crença orgulhosa. Níobe riu sarcasticamente quando ouviu isso.

"A deusa tem um filho e uma filha", disse. "Podem ser belos, sábios e poderosos, mas eu tenho sete filhos e sete filhas, e cada filho meu é mais magnificante que Apolo, cada filha minha é superior a Diana, a deusa da Lua."

Latona ouviu suas palavras presunçosas e a fúria arrebatou o seu coração.

O povo de Tebas costumava promover todos os anos um grande festival em honra de Latona e de Apolo e Diana, seus filhos. Foi um dia infeliz para Níobe aquele em que se veio juntar à multidão de adoradores que, coroada de louros, ali se tinham reunido para celebrar a glória dos deuses, diante de cujos altares depositavam o incenso que traziam.

"Ó criaturas, que loucura cometeis aqui!", disse, e a sua voz soava cheia de escárnio, "não desperdiceis vossos cultos de adoração, meu povo! Não sou porventura mais excelente que Latona? Sou filha de uma deusa; o rei, meu marido, é filho de um deus. Não sou bela? Não sou tão nobre como Latona? Asseguro

que sou definitivamente mais fecunda que a deusa, que tem apenas um filho e uma filha. Reparai em meus sete nobres filhos! Atentai para a beleza de minhas sete filhas e vede se em beleza e em tudo o mais não são iguais aos habitantes do Olimpo!"

O povo aclamou explosivamente, pois de facto Níobe e os seus filhos eram semelhantes aos deuses. "Vossos cultos", continuou, "melhor proveito acharão se dirigidos ao nosso rei, a mim e a meus filhos, pois são os que vos envolvem de protecção e de tal modo vos fazem fortes que podereis sem medo desprezar os deuses."

Da sua morada no cume das montanhas da Cíntia, Latona ouviu as palavras arrogantes da rainha de Tebas. Como uma rajada de vento reaviva o fogo nas brasas amortecidas, sua cólera reacendeu em furor. Ela chamou Apolo e Diana e ordenou-lhes que vingassem o insulto blasfemo feito a eles. Os deuses gémeos ouviram com o coração em chamas.

"Serás verdadeiramente vingada!", vociferou Apolo. "Essa mulher insolente saberá que não fica impune quem profana a honra da mãe de deuses imortais."

Com os arcos de prata nas mãos, Apolo, o lançador que de longe golpeia, e Diana, a virgem caçadora, correram para Tebas. Encontraram todos os jovens nobres do reino disputando nos jogos desportivos: uns, nas corridas; outros, nos discos. Primando em todos os jogos estavam os sete filhos de Níobe.

Apolo não perdeu tempo. Uma seta de sua aljava voou e o filho mais velho de Níobe tombou sobre o chão de seu carro vencedor. O irmão que vinha imediatamente atrás tombou em seguida. Dois outros filhos de Níobe estavam lutando e foram

atingidos ambos por uma única flecha. Um outro correu para ampará-los e a morte também o arrebatou, rápida e certa. Os dois mais jovens, no momento mesmo em que pediam clemência aos deuses, foram atravessados pelas flechas infalíveis de Apolo. Os gritos de todos aqueles que assistiam a essa terrível matança não tardaram em trazer Níobe ao lugar onde seus filhos jaziam mortos. Não obstante, seu orgulho continuou inabalável. Desafiou os deuses e a Latona, a cujo despeito ela atribuía o destino de seus "sete filhos perfeitos".

"Ainda não venceste, Latona!", ela bradou. "Meus sete filhos estão mortos, mas ainda me restam as sete filhas de beleza perfeita que de mim nasceram. Tenta compará-las, se podes, com a beleza de teus dois filhos! Ainda sou mais fecunda que tu, Ah, cruel e invejosa mãe de uma só filha e um só filho!"

Enquanto ainda falava, Diana preparou o arco e como a foice de um segador corta rapidamente, uma após outra, as flores brancas do campo, assim as suas flechas mataram as filhas de Níobe. Quando apenas uma restava, o orgulho de Níobe desfez-se. Amparou com os braços as formas delicadas de sua filha mais jovem, levantou os olhos para o céu e pediu a clemência dos deuses.

"Ela é tão pequena", lamentou. "Tão jovem, tão cara! Ah, poupa-me essa", pediu, "apenas essa entre tantos!"

Os deuses riram. O arco de Diana ressoou metalicamente, como uma nota musical áspera. Trespasada por uma flecha de prata, a menina caiu morta. A dignidade de Latona estava vingada.

Oprimido pelo desespero, o rei Anfion matou-se e Níobe foi deixada sozinha para contemplar a ruína ao seu redor. Permaneceu

prostrada durante nove dias, uma Raquel grega, chorando por seus filhos e recusando-se a ser confortada. No décimo dia, os soluços eram já demasiados, mesmo para o coração sobre-humano dos deuses suportar. Olharam para o rosto de Níobe, viram uma angústia que nenhuma mão humana podia amparar nem a palavra de um deus podia confortar, e tiveram clemência. A sua dor foi imortalizada, pois Níobe, pela vontade dos deuses, transformou-se em pedra. Foi levada por uma tempestade lamentosa ao topo do Monte Sifilo, na Lídia, onde uma fonte de Argos recebeu o seu nome. Embora uma pedra, de seus olhos cegos de rocha as lágrimas ainda fluem, uma ribeira límpida de águas correntes, símbolo da angústia de uma mãe e da sua dor interminável.

Jacinto

... A morte triste
de Jacinto, quando o sopro inclemente
De Zéfiro o ceifou - Zéfiro agora penitente
Antes que Febo alce o céu no levante,
Afaga as flores entre a chuva soluçante.

Keats

"Morre jovem quem os deuses amam" — Assim dizem as antigas narrativas de homens e mulheres amados pelos deuses. Aparentemente, não sobrevinha uma boa fortuna àqueles homens considerados dignos de estar na companhia dos deuses. Por outro lado, esse amor era sinal de que eram dotados de qualidades superiores e nisso se achava a razão da deferência divina.

Jacinto era um desses jovens eleitos dos deuses. Diz a lenda que ele nasceu em Esparta, era filho de Clio, uma das musas, e de um mortal a quem ela se uniu. Da mãe, ou do pai, ou dos próprios deuses recebera o dom da beleza. Ocorreu certo dia que Apolo, enquanto conduzia a sua carruagem na abóbada celeste cujo domínio era todo seu, viu o jovem. Jacinto, além de admiravelmente belo e pleno de encanto, era também musculoso e forte como um pinheiro esbelto do Monte Olimpo.

Quando Apolo falou com Jacinto, achou que o seu rosto não mentia o que seu coração trazia. O deus percebeu com alegria que

tinha encontrado enfim o companheiro perfeito, o audaz e sempre jovial companheiro, que, com ânimo sempre disposto, estava pronto a reunir-se a ele. Se Apolo desejasse caçar, com um grito festivo Jacinto chamava os cães. O grande deus queria pescar, Jacinto estava pronto para preparar as redes e lançar-se entusiasmado na nobre ocupação de pesca dos peixes. Se Apolo desejasse subir aos cumes ermos das montanhas, onde nem mesmo o bater de asas das águias quebrava a constante quietude, Jacinto estava pronto para o acompanhar. E quando, no topo da montanha, Apolo fitava em silêncio o espaço infinito, Jacinto partilhava com o amigo a mesma contemplação. Se Apolo se punha a tocar a lira, o jovem deitava-se a seus pés e ouvia silencioso a música perfeita que o deus criava.

Todavia, não era apenas Apolo que desejava a amizade de Jacinto. Zéfiro, o Vento Sul, que o conhecera antes que o deus atravessasse seu caminho, tinha ansiosamente desejado tê-lo como amigo. Mas quem se podia colocar contra Apolo? Contrariado, Zéfiro notou aquela amizade sempre perfeita e em seu coração despeitado o ódio cresceu e sussurrava-lhe ânsias de vingança.

Jacinto distinguia-se em todos os desportos e para Apolo, que amava todas as coisas belas, era uma completa alegria vê-lo preparar-se para lançar o disco: os músculos tensos, o porte harmónico faziam-no assemelhar-se a Hermes, pronto para repelir o chão embaraçoso sob os pés. Ele podia lançar o disco mais longe até mesmo que o deus seu amigo e o riso jubiloso que exprimia quando bem-sucedido fazia o deus sentir que homem algum nem os deuses podiam possuir tamanha doçura.

Veio o dia, predeterminado pelo Destino, em que os dois

amigos jogavam juntos uma partida. Jacinto fez um primoroso arremesso. Apolo tomou posição e lançou o disco alto e longe. O jovem correu adiante ansioso para medir a distância, gritando excitado com o lançamento, verdadeiramente o lance primoroso de um deus. Foi então que Zéfiro obteve a sua oportunidade. Sobre as árvores veio prontamente o murmúrio do Vento Sul, golpeou o disco de Apolo, que voou com ímpeto contra a fronte de Jacinto. Partiu os cachos de cabelos que lhe caíam sobre o rosto, atravessou a pele, as carnes e os ossos e derrubou-o ao solo. Apolo correu, levantou-o nos braços, mas a cabeça do jovem tombou sem vida sobre os ombros do deus.

"Se eu pudesse morrer por ti, Jacinto!", clamou Apolo. "Despojei-te da tua juventude. O sofrimento é teu, o crime é meu. Cantarei para ti sempre, ó amigo perfeito! Tu viverás eternamente como uma flor que aos corações dos homens falará da primavera e da juventude eterna".

Enquanto falava, a seus pés brotava das gotas de sangue um cacho de flores, azuis como o céu na primavera, embora pendessem as pétalas como se em estado de dor.⁶

Ainda hoje, quando o Inverno chega ao fim e o canto dos pássaros anuncia a primavera, encontramos nos bosques os sinais do juramento do deus-sol. Os lariços, como dríades esbeltas, ostentam uma vestimenta emplumada de folhagens suaves e sob as árvores as prímulas olham para cima, como estrelas caídas. Indo pelas trilhas pisamos sobre as folhas finas e perfumadas dos

⁶ O mito diz que sobre as pétalas do jacinto Apolo escreveu "Ai, Ai!".

pinheiros e das faias do ano passado que ainda não perderam o seu âmbar radiante; na curva, o deus-sol penetra subitamente entre os galhos das árvores, e ante nós estende-se um canteiro de um raro azul, que parece viver e mover-se entre a luz e as sombras.

À medida que contemplamos, vemos o sol tocar as pequenas flores em forma de campânula do jacinto silvestre, o Vento Sul passar sobre elas e movê-las docemente. Assim Jacinto continua vivendo; assim Apolo e Zéfiro ainda amam e choram o amigo.

O Rei Midas

O reino da Frígia outrora estava sem um rei. O povo, muito perplexo, procurou a ajuda de um oráculo. A resposta veio bem definida:

"O primeiro homem que entrar na cidade conduzindo um carro será vosso rei."

Um dia entrou na cidade o camponês Górdia com sua esposa e o filho. Vinha numa carroça que se arrastava com lentidão sobre as pesadas rodas de madeira. O seu destino era a praça do mercado, o seu negócio era vender a produção da sua pequena propriedade agrícola - aves, uma ou duas cabras e um par de odres de vinho. Uma multidão ansiosa aguardava a sua entrada e uma grande aclamação de boas-vindas os saudou com alegria. Os recém-chegados percorreram com olhos assombrados a multidão, a boca aberta pasmados, quando foram aclamados Rei, Rainha e Príncipe da Frígia.

Os deuses tinham de facto conferido a Górdia, humilde camponês, uma dádiva surpreendente. Tornara-se desde então, como bem prenunciara o oráculo, o senhor de toda a Ásia. Ele demonstrou a sua gratidão dedicando o seu carro à divindade que dispôs o oráculo. Amarrou-o no lugar com o nó mais hábil que sua sabedoria simples conhecia, prendeu-o firme, tanto como seus braços vigorosos, mãos fortes e toscas podiam. Ninguém conseguia desatar o famoso nó de Górdia, até que, séculos depois, Alexandre

o Grande veio à Frígia e partiu completamente o nó com a sua espada poderosamente conquistadora.

No devido tempo, Midas, o filho de Górdia, herdou o trono e a coroa da Frígia. Como muitos outros não nascidos e provindos de uma estirpe real, as honras influenciaram-no intensamente. Desde o dia em que o carro do seu pai entrara na cidade no meio das aclamações do povo, tinha compreendido o valor do poder e, por conseguinte, desde a sua meninice em diante cobiçava o poder, sempre mais poder. Além disso, o seu pai camponês ensinara-o que o ouro podia comprar mais poder. Consequentemente, Midas desejava sempre mais ouro, para que pudesse obter solidez no mundo, de modo que nenhum descendente de uma longa estirpe de reis o pudesse contestar. Os deuses olharam do Olimpo e riram, juraram que Midas teria a oportunidade de realizar o desejo do seu coração.

Um dia ele e a sua corte estavam reunidos num cerimonial solene, quando se introduziu no seu meio o sátiro Sileno, mestre do jovem deus Baco. Apareceu montado num asno pardo, velho e bem nutrido, vinha coroadado de hera, alegre e extravagante, oscilando como um bêbado.

Midas tratou esse mal-afamado velho pedagogo com toda a deferência devida ao amigo de um deus e por dez dias e noites o festejou com pompas reais. No décimo primeiro dia Baco veio em busca de seu preceptor, e com profunda gratidão disse a Midas que pedisse o que desejasse, pois ele tinha feito honra a Sileno quando estava em seu poder desonrá-lo.

Midas não ponderou nem por um minuto. "Eu quero possuir ouro", disse precipitadamente, "muito ouro. Eu desejaria que a um

toque todas as coisas comuns e sem valor se transformassem em ouro."

Baco, sabendo que nisso falava o filho de um camponês, obrigado muitas vezes a ir para a cama faminto depois de um dia de trabalho penoso nos planaltos rochosos da Frígia, contemplou um tanto pesaroso o rosto ambicioso de Midas, e respondeu: "Será como tu desejas. Tudo que tocares se transformará em ouro".

Baco e Sileno foram-se embora, seguidos de uma turba de libertinos cantadores, enquanto Midas punha à prova prontamente as palavras de Baco.

De uma oliveira apanhou um pequeno galho coberto de folhas, que, surpreendentemente, se tornou pesado e brilhante como a sua coroa. Parou para tocar o ramo verde no qual floriam violetas perfumadas e o ramo transformou-se num brocado de ouro, as violetas perderam a fragrância e transformaram-se em flores douradas e sólidas. Tocou uma maçã que pendia vermelha ao sol e imediatamente ela se tornou dourada como as maçãs do Jardim das Hespérides. Ao entrar no palácio, roçou brevemente os pilares de pedra, e estes brilharam como o fulgor do céu ao pôr-do-sol. Os deuses não o tinham iludido. Tudo que tocava transformava-se em ouro. Entrou alegremente no palácio e ordenou que uma festa fosse preparada, uma festa esplêndida para uma ocasião tão magnífica.

Porém, Midas sofreu um desapontamento doloroso, quando viu a carne assada transformar-se numa placa de ouro entre seus dentes. Aturdido, viu que os aromas dos temperos tinham perdido o sabor e tornavam-se algo arenoso quando mastigava, o arroz virava grãos de ouro, o leite coagulado tornava-se o dote adequado para uma princesa, completamente impróprio à digestão humana.

Perplexo e infeliz, Midas apanhou a taça de vinho, mas o vinho vermelho virou ouro junto com a taça que o continha. Não pôde aplacar a sede, pois mesmo a água cristalina das fontes transformava-se em ouro fundido quando a levava aos lábios. Ele podia comprar a terra inteira se desejasse, mas mesmo as crianças recuavam aterrorizadas com medo do seu toque e não havia nada agora que o motivasse a viver. Arrastava-se com a alma abatida, com fome e sede, levando consigo o seu pesado manto de ouro. Apenas por poucos dias poderia suportar a aflição de uma tal riqueza. O ouro era poder, ele sabia perfeitamente, mas que valor tinha o ouro se agora ele morria de fome?

Por fim, desesperado, clamou ao deus que o tinha premiado com uma dádiva que agora lhe era detestável.

"Salva-me, Baco! Sou um néscio, a insensatez do meu desejo foi a causa de minha ruína. Livra-me dessa maldição de transformar o que toco em ouro e servir-te-ei fielmente para sempre." Baco, compadecido dele, disse-lhe que fosse a Sardis, a principal cidade dos adoradores da sua divindade, seguisse o curso do rio até a fonte que lhe dá origem e ali mergulhasse a cabeça; por esse modo seria para sempre libertado da maldição de transformar tudo em ouro ao toque das mãos. Foi uma longa jornada essa que Midas empreendeu. Era um homem exausto e faminto quando finalmente chegou à fonte onde o rio Pactolo nascia. Arrastou-se lentamente e mergulhou ávido a cabeça e os ombros na água. Pouco esperou para perceber resíduos de ouro flutuantes e quando, por fim, se ergueu da água, viu que aquele poder detestável o tinha deixado. Notou depois no fundo do rio partículas de ouro brilhando na areia. Daquele dia em diante o rio Pactolo ficou famoso pelo seu

ouro.

Uma lição o rei camponês aprendeu pagando com sofrimento o seu engano. Ele já não desejava riquezas em ouro, nem poder. Ambicionava levar uma vida simples e ouvir a flauta de Pã junto com os pastores nas montanhas ou com as criaturas selvagens dos bosques. Mas havia ainda mais sofrimento reservado a esse ser ao mesmo tempo cômico e trágico.

Era um dia de festa para as ninfas. Os faunos e as dríades e todos os que viviam nos ermos solitários da Frígia vieram ouvir a música do deus que os presidia a todos. Pois, quando Pã se sentava na penumbra do bosque e tocava a sua flauta, a água dos rios pulava alto e passava sobre as pedras cobertas de musgo, toda a natureza se alegrava e até as sombras dançavam. Nesse dia, o deus, rindo festivo e pleno de alegria, estava tão extasiado ante o próprio poder, que gritou:

"Quem fala de Apolo e sua lira? Pode a música de alguns dos deuses ser perfeitamente agradável talvez a um homem insensível ou dois. Mas a minha música toca o coração da própria terra. Ela arrebatada em êxtase a seiva das árvores, desperta para a vida e a alegria o recesso mais íntimo da alma de todos os seres mortais."

Apolo ouviu enraivecido essas palavras presunçosas.

"Ó, tu cuja alma é como a alma do chão inculto!", disse, "ousas colocar tua música, que é como o vento soando entre os juncos, ao lado da minha, que é como a música das esferas?"

Pã, sentado à margem do rio e brincando com os pés de cabra entre os nenúfares, riu ruidosamente e retrucou:

"Sim, ousado, Apolo! Disputaria prontamente contigo, tu com

tua lira de ouro; eu com minha flauta de juncos do rio".

Ocorreu de o rei Midas estar presente nessa disputa entre Pã e Apolo, vindo a ser um dos juízes da competição.

O primeiro a executar sua música foi Pã com a sua flauta de juncos frágeis. Enquanto tocava, as folhas das árvores agitavam-se tremulantes, os lírios adormecidos levantavam as pétalas, os pássaros paravam de cantar para ouvir. Toda a beleza do mundo expandia-se em maior beleza, o terror em maior terror, e Pã ria ao ver as ninfas e os faunos dançarem, primeiro com júbilo; depois, trémulos de medo; os botões das flores abrirem-se e os veados bramirem em seus domínios nos altos dos montes. Quando ele terminou, toda a terra aquietou muda. Pã virou-se orgulhoso para o deus de cabelos louros anelados:

"Podes, então, criar uma música como a minha, Apolo?", desafiou.

Apolo, magnificante no manto púrpura cobrindo escassamente a perfeição do seu corpo, na coroa de louros cingindo os caracóis dourados de seus cabelos, olhou para Pã do alto da sua superioridade divina e sorriu silenciosamente. Por um instante suas mãos roçaram brevemente as cordas de ouro da sua lira e então as pontas dos dedos deslizaram por elas harmoniosamente. Toda a criatura dotada de alma sentiu-se uma habitante do Olimpo. Não mais existia a disputa e a desarmonia. Os homens pararam pacificados de seus temores; os campos verdes e os bosques tinham esmorecido, caídos na adormecência; as ninfas formosas, as dríades, os faunos, centauros, todas as criaturas não mais lutavam; a palpação da natureza e os desejos ávidos de paixão aquietaram-se diante da melodia de Apolo. Quando as

cordas de sua lira pararam de ressoar, era como se a Terra tivesse renascido e todas as coisas se tivessem tornado novas.

Tudo ficou em silêncio durante algum tempo. Depois, com voz amena, Apolo perguntou: "Vós, ouvintes, quem é o vencedor?"

A Terra, o mar, o céu e todas as criaturas do céu e da terra e das profundezas, responderam a uma só voz:

"A vitória é tua, divino Apolo." Porém, havia uma voz discordante.

Midas, todo perplexo e de modo totalmente incompreensível, estava aliviado quando a música de Apolo terminou. "Se Pã tocasse novamente", murmurou para si mesmo, "eu desejaria viver e a música de Pã me daria a vida. Eu amo os brotos lanosos das vinhas e as folhas aromáticas dos pinheiros, o perfume das violetas na primavera. O cheiro da terra revolvida é terno para mim, o hálito do gado que pastoreia no prado entre ervas aromáticas e lírios é-me agradável. Quero beber o vinho tinto e comer, amar e lutar, trabalhar, viver a alegria e a tristeza, ser feroz e forte, cansar-me e dormir o sono profundo dos homens que vivem apenas como frágeis mortais."

Então elevou a voz e disse: "A música de Pã é mais doce, mais verdadeira e maior que a de Apolo. Pã é o vitorioso, e eu, rei Midas, entrego-lhe a coroa da vitória!"

O deus-sol virou-se desdenhosamente para Midas. O seu rosto de camponês sobressaía expandido pela decisão altiva. Por instantes, Apolo fitou-o em silêncio e o seu olhar tinha o vigor de algo capaz de transformar um raio de sol em gelo cristalizado.

"Os ouvidos de um asno ouviram a minha música", disse sarcasticamente. "De agora em diante Midas terá orelhas de asno".

Aterrorizado, Midas passou as mãos pelos cabelos e percebeu que ali despontavam as orelhas pontudas e longas de um asno. Enquanto fugia, ouviu o grito de alegria festiva de Pã, os faunos, as ninfas e os sátiros repetirem aquele grito com alegria ruidosa e zombeteira. E isso foi talvez o que mais o tenha ferido.

Ter-se-ia, por sua vontade, escondido nos bosques, mas não encontrou refúgio ali. As árvores, os arbustos e as plantas floridas pareciam agitar-se com um sarcasmo cruel. De volta ao palácio, foi em busca do cabeleireiro da corte, a quem ele podia seduzir com ofertas de compensação para criar um meio de encobrir-lhe as orelhas longas e pontudas, símbolo da sua tolice. O cabeleireiro aceitou alegremente os óbolos e os presentes de ouro que lhe foram oferecidos em grande quantidade, atendeu o pedido e toda a Frígia se admirou do estranho turbante do rei.

Embora o seu silêncio tivesse sido comprado com muito ouro, o barbeiro da corte estava inquieto. Durante o dia e toda a noite ele se atormentava com esse segredo grave. Por fim, quando o silêncio se tornou uma tortura demasiada de sustentar, foi a um lugar isolado, cavou ali uma cova profunda, ajoelhou-se e sussurrou calmamente o segredo para a terra húmida: "O rei Midas tem orelhas de asno."

Completamente aliviado, apressou-se em tomar o caminho de casa. Ocorreu que, no lugar onde o segredo foi sepultado, cresceu uma moita de juncos. Quando o vento soprava, os juncos murmuravam para todos que por ali passavam: "O rei Midas tem orelhas de asno! O rei Midas tem orelhas de asno!"

Todos, se ouvem cuidadosamente o que os juncos sussurram quando o vento sopra, podem ouvir a mesma coisa até

hoje. E aqueles que escutam esse sussurro podem, talvez, ter um pensamento de compaixão para Midas, o ser trágico-cômico da mitologia.

Ceíce e Alcíone

No reino da Tessália, em dias já muito remotos, reinou um rei cujo nome era Ceíce, filho de Vésper, a Estrela-d'Alva. Era quase tão radiante em graça e beleza como o pai. Sua esposa era a encantadora Alcíone, filha de Éolo, o Soberano dos ventos. Amavam-se com perfeição. A felicidade em que viviam permaneceu inabalável até o dia em que Ceíce teve de chorar a perda de um irmão. Seguiu-se imediatamente a esse infortúnio um terrível prodígio que levou Ceíce a recear de que, possivelmente, tivesse atraído a hostilidade dos deuses. Decidiu consultar o oráculo de Apolo, em Carlos na Jónia, a fim de descobrir seu erro e redimi-lo. Alcíone, tomada de maus presságios, empalideceu quando ele veio comunicar-lhe sua decisão, mas, percebendo que não adiantava tentar dissuadi-lo, pediu-lhe que a levasse consigo. O rei, porém, conhecia perfeitamente os perigos do traiçoeiro Mar Egeu para pôr em risco a vida da mulher que ele tanto amava.

"Prometo", disse, "pelos raios brilhantes de meu Pai, a Estrela-d'Alva, que retornarei, se assim permitir o destino, antes que a lua tenha completado duas vezes seu curso."

Os marinheiros esperavam na praia enquanto Ceíce e Alcíone se diziam adeus. Depois os remadores abaixaram os longos remos e o navio partiu singrando ritmado o mar enevoadado.

Ceíce permaneceu no convés fitando a esposa até que seus olhos já não a podiam distinguir das pedras na praia, nem ela

tampouco podia ver as velas brancas do navio que cortava as ondas agitadas. Alcíone retornou da praia com o coração confrangido, e mais confrangido se tornou quando o dia declinou e a noite escura desceu sobre a terra. Pois a atmosfera estava repleta dos uivos bravios do vento quando açoita as ondas com fúria e as espalha com estrondo violento na praia.

"Meu rei", suspirou, "meu rei! Meu senhor!" Por longas e fatigantes horas ela rogou aos deuses que o trouxessem salvo de volta, ofereceu repetidamente incenso aromático a Juno, para que tivesse compaixão de uma mulher cujo esposo amado estava no mar em meio a tempestade.

O rei da Tessália, de facto, enfrentava a fúria do mar. Em pouco tempo, a obscuridade difusa do anoitecer fez da costa de sua terra uma linha baça e indistinta, os cavalos de crinas brancas de Poseidon, o deus do mar, começaram a empinar as cabeças, e, quando a noite caiu, uma teia escura apagou todos os sinais da terra e de todas as coisas que lhe eram familiares.

O Vento Leste rugia sobre o Mar Egeu, levava os cavalos do mar à loucura, e atingia as velas com força violenta. Fê-las em farrapos e quebrou o mastro como se fosse um frágil junco do rio. Ante tão furiosa tempestade, os remos não tinham nenhuma valia. O vento uivava e as ondas saltavam com violência sobre o convés. Os marinheiros foram arrastados e engolidos pelas ondas.

Enquanto teve vida, os pensamentos de Ceíce foram todos para Alcíone. Temia a dor que sua morte podia trazer a sua rainha incomparável, sua Alcíone, e rogava aos deuses por ela. Para si mesmo pediu apenas que as ondas levassem seu corpo para a praia, a fim de que Alcíone com mãos amorosas pudesse sepultá-

lo.

As ondas e o vento apoderaram-se dele enquanto rogava. A Estrela d'Alva, oculta atrás da negra mortalha do céu, viu que seu filho, um rei valente e um amante fiel, tinha ido para o mundo das Sombras.

A Aurora de dedos cor de rosa mal despontou na Tessália, e Alcíone já estava na praia olhando para o mar ao longe em busca de um sinal de seu esposo. Tinha as faces pálidas e os olhos exaustos, e fitava ansiosa o ponto onde viu pela última vez as velas. Não seria possível que Ceíce, tendo vencido o temporal, pudesse agora ter desistido da viagem à Jôma, e estivesse retornando para trazer-lhe paz ao coração? Mas o mar estava repleto de destroços espalhados e o vento ainda arrastava ao longo da praia farrapos trazidos pelas ondas, e para ela só havia a opressiva tarefa de vigiar, de aguardar e esperar por um navio que jamais retornaria. O incenso dos altares exalava um perfume intenso, abafava o cheiro penetrante das algas trazidas pela maré, pois Alcione continuava rogando, apreensiva, ainda na esperança de que seus rogos pudessem conservar salvo o homem que ela amava. Ocupou-se em preparar as roupas que ele usaria em seu retorno, escolher para si os trajes em que ela apareceria mais bela a seus olhos. Recordava a modulação de sua voz quando ele lhe dissera que de todas as rainhas ela era a mais nobre, e já quase tinha esquecido os horrores da noite anterior, tão certa estava de que em breve voltaria a ouvir sua voz amada.

Chegaram por fim aos ouvidos de Juno aquelas súplicas por Ceíce, cujo corpo morto estava então sendo levado pelas ondas agitadas. Já a tais súplicas ela não podia atender. Ordenou a Iris,

sua mensageira, que fosse à morada do deus do Sono, irmão da Morte, pedisse-lhe que enviasse a Alcíone uma visão de Ceíce para lhe dizer que sua espera exaustiva era vã.

Iris, vestida em seu manto da cor do arco-íris, coloria as nuvens enquanto atravessava o céu ao comando de sua senhora. O Sono tinha sua morada num vale entre as montanhas cimerianas. Ali o sol nunca vinha, nem som algum quebrava o silêncio. As nuvens pairavam silenciosas e o escondiam continuamente. Em volta da caverna longas sombras espreitavam, ao anoitecer apressavam os passos do viandante apreensivo. Nenhum ruído se ouvia, mas vinha do vale ao longe um murmúrio tão vago e brando, que não se podia dizer fosse um ruído mas uma canção suave lembrada em sonhos. Depois do vale do Sono, corriam as águas do Lete, o rio do Esquecimento. Perto da caverna onde habitavam os irmãos gêmeos, o Sono e a Morte, cresciam papoulas vermelhas como sangue, e à porta pairavam formas indistintas, seus dedos sobre os lábios ordenavam silêncio a todos que ali entravam, o amaranto e as papoulas ligeiramente ondeantes traziam os sonhos em que não há despertar.

Logo que Iris alcançou o vale silencioso do Sono, as nuvens deslizaram suavemente e desceram aos vales para cumprir a vontade dos deuses. Não existiam portões com gonzos que rangessem ou barras que ressoassem, e Iris caminhou livremente entre as sombras calmas. Foi de uma caverna externa para outra interna, e à medida que avançava mais e mais escuro o ambiente se tornava. Em um leito de ébano envolvido de cortinas escuras, o deus do Sono jazia dormitando. Trazia os trajes pretos ponteados de estrelas douradas. Uma grinalda de botões de papoula envolvia-

lhe a cabeça sonolenta, e ele se inclinava sobre os ombros de Morfeu, seu filho favorito. Em torno de seu leito flutuavam sonhos prazerosos, curvavam-se docemente sobre ele e sussurravam mensagens. Afastando os sonhos ociosos para o lado, como os raios do sol afastam para longe a névoa, Iris aproximou-se do leito, e a luz de seu manto cor do arco-íris iluminou a caverna escura. O Sono apenas entreabriu os olhos preguiçosamente, moveu a cabeça a fim de acomodá-la mais confortavelmente, e com voz sonolenta perguntou-lhe que missão a trazia ali.

"Sono", disse, "tu o mais gentil dos deuses, que tranquiliza o espírito e conforta os corações ansiosos, Juno ordena-te que envies um sonho a Alcíone, na cidade de Traquine, no qual lhe apareça representado o marido morto e todos os factos ocorridos no naufrágio".

Iris transmitiu a mensagem e afastou-se depressa, pois sentiu as pálpebras pesadas e o corpo envolvido de torpor. Partículas prateadas dançavam ao redor dos seus olhos, e já a embalavam os espíritos das papoulas vermelhas que levam aos mortais o descanso benéfico e o esquecimento reparador.

O Sono, desperto o bastante apenas para dar suas ordens, confiou a Morfeu a tarefa imposta a ele por Juno. Depois, com um bocejo, retornou a seu travesseiro macio, e entregou-se ele próprio a um sono intenso.

Morfeu, enquanto se conduzia para Traquine, tomou a forma de Ceíce. Ali encontrou Alcíone adormecida em seus aposentos. Durante longo tempo nesse dia ela tinha vigiado o horizonte distante, por mais de uma hora tinha queimado inutilmente incenso aos deuses. Por fim, deitou-se no leito com a alma e o coração

cansados esperando encontrar sossego no sono. Pouco depois, já mergulhada naquele sono profundo que o cansaço e o coração angustiado trazem, Morfeu aproximou-se e permaneceu a seu lado. Ele era apenas um sonho, mas o rosto era o de Ceíce. Já não era o radiante e belo filho da Estrela d'Alva aquele que agora estava ali fitando-a com pesar e olhos condoídos sem vida. Suas roupas pingavam água; seus cabelos estavam cheios de ervas do mar. Seu rosto estava pálido, suas mãos brancas seguravam pedras e areias, em que tentou inutilmente se agarrar em sua agonia de morte.

Alcíone soluçava em seu sonho enquanto olhava para ele. Morfeu, inclinado diante dela, dizia-lhe as palavras que lhe incumbiram transmitir.

"Sou teu esposo, Alcíone. Teus rogos e a fumaça do incenso azulada não mais me podem ajudar. Estou morto, abatido pela tempestade e pelas ondas bravias. Morto, a face pálida dos céus me olha, o mar implacável empurra meu corpo frio, que ainda te procura desejando um porto em teus braços amados, desejando descansar em teu seio amoroso e cálido."

Alcíone levantou-se com um grito, mas Morfeu já tinha desaparecido. Não havia sinais de pés molhados nem gotas de água no chão denunciando, como ela esperava, a vinda de seu senhor, nem o Sono a visitou novamente naquela noite.

Ela já se encontrava na beira do mar quando a manhã rompeu cinzenta e fria. Como sempre, seus olhos procuraram o horizonte distante, mas nenhuma vela branca, nenhum sinal de esperança se apresentou, a não ser algo indistinto, uma mancha escura flutuando na água. Vinha de longe entre a paisagem cinzenta em direcção a ela. Logo percebeu que era um corpo sem

vida arrastado pelas ondas. Mais e mais se aproximou, até que por fim ela pôde reconhecer o náufrago trazido pelo mar. Falava com o coração despedaçado, estendia os braços e clamava:

"Ó Ceíce! Meu amado! É dessa maneira que tu retornas para mim?"

Tinha sido construído ali um molhe para quebrar a investida furiosa do mar e da tempestade.

A atormentada Alcíone pulou para essa barreira, correu sobre ela, e, vendo o corpo do homem que ela amava fora de seu alcance, pronunciou sua última prece, uma prece de angústia silenciosa aos deuses.

"Apenas deixa-me estar com ele", suspirou. "Conceda apenas que eu me aconchegue em seu peito amado. Deixa-me mostrar-lhe que, vivo ou morto, eu sou sua e ele é meu para sempre."

Um grande milagre foi então concedido a Alcíone. De seus ombros surgiram asas brancas, ela planou sobre as ondas e aproximou-se do corpo inerte de Ceíce. Enquanto voava, emitia gritos de ansiedade, mas de sua garganta vinham apenas gritos roucos. Os deuses tinham ouvido seus rogos; transformaram-na em um pássaro para que pudesse alcançar Ceíce sobre as ondas.

Contudo, os deuses não foram impiedosos, ou, talvez, o amor de Alcíone fosse um amor poderoso. Pois também a alma de seu marido, o rei, tinha passado para o corpo de um pássaro marítimo de asas brancas. Para sempre Alcíone e seu companheiro, conhecidos como os pássaros de Alcíone,⁷ desafiam

⁷ O martim-pescador é comumente conhecido como o verdadeiro

a tempestade, e altivamente enfrentam, lado a lado, as furiosas ondas do mar raivoso.

Os deuses concederam-lhe ainda uma graça: durante sete dias, antes dos dias mais curtos do ano, e mais sete depois deles, reina no mar a mais absoluta calma durante os quais Alcíone choca os ovos em seu ninho flutuante. Esses dias calmos e ensolarados ficaram conhecidos como Dias de Alcíone.

"Ceíce!", eles gritam. "Lembre-se de Ceíce!" Enquanto os pássaros gritam, os pescadores enchem apressadamente seus barcos e dirigem-se para o ancoradouro, a fumaça azul das chaminés de suas casas sobe em espiral para o ar e as papoulas vermelhas inclinam-se sonolentas entre o trigo dourado.

pássaro Alcíone. Sobre isso diz Sócrates: "Esse pássaro não é muito grande, mas recebeu grande honra dos deuses em virtude de seu amor; pois, durante o período em que faz o ninho, todos usufruem aqueles dias felizes, chamados de Alcionides, cuja calma excede os demais".

Aristeu, o apicultor

... Todo som é doce
As miríades dos rios que correm pela relva,
O lamento dos pombos nos olmos imemoriais,
E o murmúrio das abelhas inumeráveis.

Tennyson

As abelhas colhem o delicioso mel entre o perfume das flores da limeira. O som dos seus zunidos ouvido a distância é um acalanto convidativo ao sono para aqueles que passam, preguiçosa e sonolentamente, as tardes de verão sob as sombras das árvores. Aquela fileira de colmeias protegidas pela cerca de ervilhas-de-cheiro mostra onde elas muito bem guardam o seu tesouro para que os homens o não roubem. Mas sobre o plano alto do terreno cheio de urzes púrpuras elas zunem dentro e fora das campânulas melíferas, levam a matéria pilhada para casa onde dela desfrutarão, livres da investida de homens e animais que apreciam o mel que misteriosamente criam.

Aristeu foi o primeiro a tornar perfeita a arte da apicultura na sua amada terra da Grécia. A sua arte está presente nesses homens que andam em torno da colmeia protegidos por véus, dominam a agressividade das abelhas e logram uma actividade sempre aperfeiçoada pela técnica apurada no decorrer dos tempos.

O mito de Aristeu explica a sua origem e revela quão antiga é a arte da domesticação das abelhas.

Aristeu era pastor, filho de Cirene, ninfa das águas. Veio-lhe um dia, ouvindo o zumbido das abelhas silvestres entre os tomilhos do campo, a grande ideia de que podia domesticar aquelas trabalhadoras diligentes e fazer proveito da sua obra. Ele percebeu que as cavidades das árvores e das rochas eram utilizadas como local em que armazenavam o seu tesouro, e assim o jovem e perspicaz pastor providenciou para elas a casa que ele sabia lhes agradaria, e colocou perto delas o alimento que mais desejavam. Em breve Aristeu tornou-se famoso como domador de abelhas. Até mesmo no Olimpo falavam do seu mel como algo que era alimento para os deuses.

Tudo podia ter corrido bem para ele se não lhe tivesse vindo o dia fatal em que viu a bela Eurídice e se perdeu de amor por ela. Ela fugiu dos protestos impetuosos do seu amor, pisou numa serpente cuja picada a levou para as Sombras. Os deuses ficaram enraivecidos contra Aristeu e, como punição, mataram-lhe as abelhas. As suas colmeias ficaram vazias e em silêncio, não mais "o murmúrio das abelhas inumeráveis" acalentava os ouvidos dos pastores, que vigiavam o rebanho enquanto pastavam o trevo encarnado e o lírio dos prados.

No fundo da corrente de um rio profundo, a ninfa Cirene, mãe de Aristeu, sentava-se em seu trono. Os peixes dardejavam em torno dos seus pés alvos, ao seu lado sentavam-se as suas servidoras tecendo cordas verdes, delicadas e fortes, que elas próprias enlaçavam ao pescoço daqueles que se perdiam na força da corrente impetuosa. Uma ninfa cantava, enquanto trabalhava,

uma canção muito antiga em que narrava uma das também antiquíssimas histórias da fragilidade dos homens e do poder das criaturas da água. Mas, sobrepondo-se a sua canção, aquelas que tinham ouvidos atentos escutaram a voz de um homem chamando alto e condoidamente.

A voz era de Aristeu chamando pela sua mãe. Ao comando de Cirene, as águas abriram-se e deixaram-no descer ao fundo mais remoto onde as fontes dos grandes rios nascem. O troar possante de muitas águas rugiu nos seus ouvidos. Eram as correntes dos rios iniciando o curso que os levavam todos ao mesmo porto irrequieto, o Oceano. Alcançou, por fim, Cirene e contou-lhe a sua história infeliz.

"Ó, minha mãe, trouxe para os homens que vivem as suas vidas breves, trabalham e morrem, como eu próprio, embora seja filho de uma ninfa e de um deus, duas dádivas primorosas. Ensinei-lhes que podem colher das oliveiras um fruto inestimável, e ainda de mim aprenderam que as pequenas abelhas que zunem dentro e ao redor das flores podem tornar-se suas servidoras e proporcionar-lhes a riqueza mais doce que da Natureza pode ser tirada."

"Isso já sei, meu filho", disse Cirene, e sorriu para Aristeu.

"Mas não sabes do destino que sobreveio ao meu exército de trabalhadoras laboriosas. Não mais vem da minha aldeia de abelhas o rumor de muitas asas e de pezinhos em actividade enquanto voam, rápidas e vigorosas, aqui e acolá, para transportarem à colmeia os seus tesouros de néctar."

"Meu filho, já ouviste falar de Proteu?", disse Cirene. "Ele é o pastor dos rebanhos do vasto mar. Nos dias em que o Vento Sul e o Vento Norte lutam juntos, o Vento Leste derrota o Vento Oeste e

deixa-o humilhado diante de Proteu, tu podes vê-lo levantar a cabeça coberta de cãs e a longa barba branca sobre as ondas verde-prata do mar. Ele açoita os seus cavalos marinhos, de crinas brancas, nus de sela e freios, bravios e em fúria diante dele. Somente Proteu — somente ele e mais ninguém — pode dizer-te por qual artifício podes recuperar as tuas abelhas."

Aristeu perguntou à mãe como poderia encontrar Proteu e obter dele o conhecimento que procurava. "Não adianta pedir-lhe de modo súplice; jamais, a não ser pela força obterás dele o seu segredo. Somente se conseguires por meio da astúcia acorrentá-lo enquanto ele dorme e segurar firme as correntes, não se deixando intimidar pelas formas em que ele tem o poder de se transformar, poderás obter dele o conhecimento que desejas."

Tendo assim falado, Cirene ungiu-o com o néctar dos deuses imortais. No seu coração nasceu uma nobre valentia e na sua pessoa parecia fluir uma nova vida.

"Ó minha mãe, leva-me agora a Proteu", disse. Cirene deixou o seu trono e conduziu-o à caverna onde Proteu, o pastor dos mares, tinha a sua morada. Aristeu ocultou-se atrás das pedras cobertas de algas; a ninfa, por seu turno, utilizou nuvens macias para se ocultar. Ao meio-dia, sob o calor abrasador da carruagem de Apolo que reluzia no alto céu, Proteu retornou com seu rebanho para as sombras da sua caverna ao pé do mar murmurante. Sobre o chão arenoso ele estirou-se, e logo, o corpo lasso e em repouso, foi envolvido por um sono alegre e sem sonhos. Aristeu observava-o do seu esconderijo atrás das rochas. Tendo percebido que por fim dormira, avançou muito firme e silenciosamente, prendeu-lhe os membros adormecidos com correntes fortes e fê-lo seu prisioneiro.

Gritou alegre e orgulhosamente por ter dominado o pastor dos mares. Este acordou, e no mesmo instante transformou-se num javali ávido para cravar-lhe as presas afiadas. Aristeu, inabalável, sustentou firme as correntes. Proteu transformou-se num tigre de pele fulva e negra, ávido para devorar. Aristeu continuou segurando a corrente, sempre firme sem se deixar sucumbir ante o olhar furioso da fera. Transformou-se em um dragão escamoso, que expelia chamas e retorcia-se com violência, e ainda Aristeu o segurou. Depois, em um leão de pêlo amarelo farejando ávido para matar. Aristeu ainda lutava contra o mesmo leão quando aterrorizou seus ouvidos o som do fogo que flamula e devora tudo em seu caminho. Antes que o crepitar das chamas e seus grandes estalos se extinguissem, veio a seus ouvidos o som de muitas águas, a corrente estrondosa de um rio enraivecido, a força irresistível das ondas poderosas do mar. Ainda assim, Aristeu segurou firme as correntes.

Por fim, Proteu retomou a sua forma, e, com um suspiro vencido, falou a Aristeu:

"Criatura pequena!", disse. "E pequenos são os teus desejos. Por tua corte insensata fizeste a bela Eurídice ir prematuramente para as Sombras; quebraste o coração de Orfeu, cuja música é como a dos Imortais. É por essa razão que as abelhas que prezas como um tesouro deixaram as colmeias vazias e em silêncio. Quão minúsculas são as abelhas! Quão imensa, ó Aristeu, a dor de Orfeu e Eurídice! Todavia, por tua astúcia conquistaste o poder de obter de mim o conhecimento que procuras. Ouve-me então, Aristeu! Deves munir-te de quatro touros e de quatro vacas iguais em beleza. Em seguida, debes construir num bosque frondoso quatro

altares, e prestar a Orfeu e Eurídice as devidas honras funerárias para que possas aplacar a mágoa que causaste. No fim de nove dias, quando tiveres cumprido a tua tarefa piedosa, retorna e verás o que os deuses te mandaram".

"Cumprirei o mais fielmente possível essa determinação, ó Proteu", disse Aristeu. Depois, soltou solenemente as correntes que o prendiam e retornou para o lugar onde a sua mãe o esperava. Partiu em seguida para a sua terra iluminada de sol.

O mais fielmente, como tinha dito, Aristeu cumpriu o seu voto. Quando no nono dia retornou ao bosque, logo percebeu o som característico das suas trabalhadoras, e isso fez o seu coração parar e em seguida palpitar como o de um homem a quem o combate travado numa temível batalha lhe tivesse sido auspicioso.

Da carcaça de um dos animais oferecidos em sacrifício, cujos ossos limpos e claros evidenciavam-se agora pelos raios de sol que penetravam na obscuridade do bosque, vinha o "murmúrio das abelhas inumeráveis".

"Daquele que se alimenta vem o alimento, daquele que é forte vem a doçura".

Aristeu, um Sansão da Grécia antiga, alegrou-se excessivamente, sabendo que a sua ofensa impensada fora perdoada, e que para sempre a ele pertencia o prazer de ter dado aos homens o poder de domar e dominar as abelhas que recolhem das flores alegres e coloridas o seu mais precioso tesouro.

Prosérpina

A história de Perséfone — Prosérpina — é uma representação da primavera. Quando o sol aquece a terra crestada e nua e as prímulas olham o benigno céu azul por entre os abrunheiros cobertos de neve, podemos quase ouvir o vento brando murmurar um nome, "Perséfone! Perséfone!", e ao mesmo tempo ele agita os lírios e sopra entre a doçura de mel dos amentos que salpicam como ouro sobre os salgueiros à beira do rio.

Houve um tempo em que não havia primavera, nem verão nem outono, nem o inverno frio com as suas tempestades de neve, dias curtos e sem luz. O sol e a tepidez morna eram permanentes; havia sempre flores, cereais e frutas; em nenhum lugar as flores cresciam com cores mais deslumbrantes e perfumes mais aromáticos do que nos auspiciosos jardins da Sicília.

De Deméter, Mãe Terra, nasceu uma filha mais bela que as flores existentes, e cada vez mais amada tornava-se para a mãe essa criança, a encantadora Prosérpina. Perto do mar azul, nos prados da Sicília, Prosérpina e as formosas ninfas, suas companheiras, passavam dias felizes. Eram pequenos os dias para toda a alegria em que viviam, e Deméter fez a terra ainda mais auspiciosa para que pudesse trazer mais felicidade à sua filha Prosérpina. As flores com que as ninfas trançavam guirlandas a cada dia tornavam-se mais perfeitas na forma e nas cores.

Um dia, entre as anémonas encarnadas e púrpuras reais, e o

vermelho luxuriante dos gerânios, Prosérpina deu um grito de alegria, pois viu diante dela, ao lado de um regato, um narciso em exuberante florescência. Estendeu as mãos ansiosas para apanhá-lo, quando, repentinamente, uma nuvem escura toldou a terra. As ninfas, com um grito de temor, fugiram apressadas. À medida que a nuvem descia, ouvia-se um terrível som, como o tumultuante fluxo de muitas águas, ou o giro das rodas pesadas da carruagem de alguém que vem para matar. A terra abriu-se, e dela surgiram os quatro cavalos negros de Plutão, relinchando alto com impetuosidade, ao mesmo tempo que o deus com semblante severo, de pé no seu carro de ouro, os instigava.

"Os cavalos negros vieram — vieram;
Ó mãe, mãe!" chamou com voz sumida —
Perséfone, Perséfone!
"Ó luz, luz, luz!", gritou, "adeus;
Os cavalos negros esperam por mim.
Ó lugar de sombras onde devo viver
Longe de ti, ó minha mãe Deméter!"

Jean Ingelow

Plutão tomou-a nos braços com um aperto forte de que não se podia fugir. Prosérpina chorou como criança e tremeu ao contacto do seu corpo gélido. As flores que tinha colhido caíram, e chorou também pela perda daquelas que mais tinha desejado colher. Não perdeu a esperança enquanto ainda via a luz do dia, os montes rochosos de formas singulares, os vinhedos e olivais e os prados floridos da Sicília. Certamente, o Rei dos Terrors não

poderia roubar uma criatura tão jovem, tão feliz, tão cheia de beleza. Ela mal tinha saboreado a alegria da vida, e ainda lhe faltava beber mais profundamente dos anos que ainda tinha para viver. A mãe a salvaria certamente — a mãe, que nunca a tinha abandonado —, a mãe e os deuses.

Implacável como o ceifeiro, cuja foice corta a planta granulada e as flores mal desabrochando, Plutão arrebatou-a. As rédeas de cor férrea estavam soltas sobre a crina negra dos cavalos, ele instigava-os apenas pelos nomes, e já os animais quase voavam no trote veloz da corrida. Cavalgaram ao longo das margens do rio Anapo, até que, na altura da cabeceira desse rio, alcançaram a fonte Cíano. Plutão golpeou a água com o seu tridente, elas abriram-se e os cavalos desceram para o mundo inferior na escuridão das trevas. Prosérpina não mais conheceu a prazerosa luz do dia.

Que mal houve que a casa não torna?

Deméter procura-a por toda a parte,

Vagueia incessante, o cenho triste

Desde a manhã ao anoitecer.

"Minha vida, imortal embora,

É nada", ela clama, "pois estou sem ti,

Perséfone, Perséfone!"

Veio então a dor para a grande Mãe Terra, a dor da mãe que perdeu a filha muito amada.

Minha vida é nada sem ti,

Perséfone! Perséfone!

A deusa procurou a filha por terra e mar, desde o Leste onde a Aurora de dedos cor-de-rosa se ergue, até ao longínquo Oeste onde Apolo mergulha as rodas flamejantes da sua carruagem nas águas do mar. Com um véu negro sobre a cabeça e conduzindo uma tocha em chamas por ambas as mãos, durante nove dias carregados de melancolia ela procurou a filha amada. Ainda, por mais nove dias e nove noites insones, a deusa, torturada por uma dor que é humana, permaneceu num estado miserável de desesperança. Durante o dia, o sol quente açoitava-a; à noite, os raios prateados da carruagem de Diana eram-lhe mais dóceis, o orvalho ensopava-lhe os cabelos e as vestes e misturava-se ao sal das suas lágrimas pesarosas. Era já uma rainha de fantasmas e sombras, todos os lugares escuros da terra lhe eram conhecidos. Ao romper da manhã do décimo dia, a sua filha mais velha, Hécate, veio para o seu lado.

"Vem, vamos em busca do deus-sol", disse Hécate, "ele certamente viu o deus que raptou a pequena Prosérpina. Em breve, a sua carruagem atravessará os céus. Vem, vamos pedir-lhe que nos guie ao lugar onde ela está escondida."

Vieram então diante da carruagem do glorioso Apolo, postaram-se na frente dos cavalos como duas nuvens cinzentas que impedem a passagem do sol. Pediram-lhe que dissesse o nome daquele que raptara Prosérpina.

"Esse ladrão não é ninguém menos que Plutão, o Rei das Trevas, aquele que rouba a própria Vida. Não chores mais, Deméter. Tua filha está salva aos cuidados dele. A pequena ninfa

que brincava nos prados é agora Rainha das Sombras. Nem Plutão a ama em vão. Ela agora ama a Morte."

As palavras do deus-sol não trouxeram nenhum conforto ao coração doído de Deméter. A sua alma ferida envolveu-se de amargura, e porque sofria, outros tinham de sofrer tanto quanto. Porque chorava, todos deviam chorar. As flores aromáticas falavam-lhe apenas de Perséfone; as uvas púrpuras lembravam-lhe a vindima, a filha colhendo a fruta. Os trigais dourados e ondulantes falavam-lhe que Perséfone era como uma espiga de trigo colhida antes do tempo.

Veio então sobre a terra a escassez, a aridez e a esterilidade.

Os trigais

Secaram nas espigas, as uvas púrpuras

Não mais amadureceram nas vinhas, e todos os deuses

Ficaram condoídos....

Lewis Morris

Os deuses e os homens igualmente padeceram com a dor de Deméter. Zeus, pesaroso pela esterilidade da terra, enviou-lhe um mensageiro, mas vã foi a sua vinda. A Mãe Terra ficou impassível, pois lhe fora subtraída a que lhe era mais amada. "Dá-me de volta minha filha!", clamava. "Presencio com alegria o sofrimento dos homens, pois nenhuma dor é como a minha. Da-me de volta minha filha e a terra será fértil outra vez."

Relutante, Zeus atendeu ao pedido de Deméter. Ela teria a filha de volta, mas impôs uma condição: que Perséfone não tivesse

tomado de nenhum alimento durante a sua permanência no reino de Plutão; de outro modo, a sua súplica seria vã. Deméter deixou alegre o Olimpo e desceu ao Reino das Sombras para outra vez encontrar e ter nos braços a filha adorada.

Mas no reino sombrio de Plutão algo singular acontecera. Prosérpina já não sentia nenhum horror do rosto lívido do deus, nem o seu aspecto sombrio nem os seus olhos opacos lhe causavam temor. Ele era vigoroso e cruel, ela assim o tinha pensado, mas agora percebia que o toque das suas mãos frias e pesadas tinha uma infinita ternura.

E Plutão, conhecendo a ordem do Rei do Olimpo, deu à sua esposa raptada uma romã. Ela tomou-a nas mãos e, porque assim ele desejou, comeu os grãos deliciosos. Era já demasiado tarde para Deméter salvar sua filha. Ela "tinha comido as sementes do amor" e "transformara-se em outra."

Uma romã rubra ele lhe ofereceu:

"Amada, come comigo nesse dia de adeus;"

E ordena venham os cavalos negros:

"Filha de Deméter, queres partir?"

As portas do Hades livres estavam;

"Ela retornará em breve", diz,

"Minha esposa, minha esposa Perséfone".

Ingelow

Entretanto, Deméter, com o seu empenho, obteve realizar parcialmente o que pretendia. Não a teria de volta completamente, mas Prosérpina passaria metade do tempo com ela e a outra

metade com Plutão. Trouxe-a de volta para a ilha florida da Sicília. Os pessegueiros e as amendoeiras abriam flores brancas como neve quando ela passava. As oliveiras cobriam-se de folhas, o trigo brotava, crescia verde, luxuriante e opulento. Os limoeiros e os laranjais ficavam dourados de frutos deliciosos, e toda a terra cobria-se de flores. Durante seis meses do ano ela ali permanecia, e os deuses e os homens alegravam-se com a volta de Prosérpina. Depois por seis meses deixava a sua terra verde e prazerosa e descia ao Reino das Sombras para o deus que a amava. Durante a sua ausência, as árvores ficavam nuas, a terra fria e seca, as flores recolhiam-se temerosas para o fundo da terra e esperavam o retorno da filha de Deméter.

Ela ia e voltava. A época de semear e a época de segar nunca mais deixaram de existir. Ao seu retorno o mundo frio e adormecido acordava e rejubilava, os pássaros cantavam festivos, os brotos despontavam, as flores abriam-se inumeráveis, era a ressurreição completa da natureza: a vinda da primavera.

O tempo ordena, e as mutações
Governam homens e deuses, empurram-nos
Para onde não sabemos; mas a antiga terra sorri
A cada estação de flores, e as sementes brotam
De seu cárcere hibernal, renascem e planam aéreas,
Vestem novos trajés, mudam, transformam-se
Até que a última mutação se faça.

Lewis Morris

Latona e os camponeses

À noite, uma cantiga sonora, semelhante a marteladas em bronze, pode ser ouvida elevando-se dos pântanos e charcos. É a cantoria das rãs que, não sendo vistas, sugere criaturas cheias de dignidade solene. O coaxar dos seus companheiros menores impressiona menos, embora não se possa escapar a ele naquelas noites em que as libélulas de asas iridescentes estão adormecidas, os pássaros estão silentes nos galhos, os lírios na lagoa já se tenham fechado em sono, as trutas já tenham parado de saltar e agitar a água. "Krrroak! krrroak! krrroak!", e prosseguem "krrroak! krrroak! krrroak!"

Nunca cessa, é interminável. Prossegue adiante como o chiado das engrenagens de um grande relógio que não pode parar nunca: uma queixa melancólica contra a dureza do destino, um protesto rouco contra as coisas do modo como elas são. Essa é a história das rãs, cujo teor lembram as peças cômicas de Aristófane, as fábulas de tom moral de Esopo, que têm sido sempre, mais ou menos, considerados comediantes menores do mundo animal.

Latona era a deusa das noites escuras. A ela o poderoso Zeus entregou o incerto favor de seu amor inconstante. Grande foi a ira de Hera, sua rainha, quando viu que já não era a esposa mais querida do seu onipotente senhor e com uma repreensão furiosa expulsou a sua rival, que para a terra foi exilada.

Quando Latona chegou ao lugar do seu exílio, soube que a

vingativa deusa tinha jurado aplicar uma punição eterna a qualquer um, mortal ou imortal, que ousasse demonstrar alguma bondade e compaixão por ela, cuja única falta estava no facto de ter sido amada por Zeus. Ela vagueou de região em região, uma desterrada entre os homens, até que por fim, chegou à Lícia.

Uma tarde, quando a escuridão de que ela mesma era a deusa tinha começado a descer, Latona alcançou um vale verdejante e prazeroso. A relva refrescante e macia era confortante a seus pés cansados. Alegrou-se quando viu o reflexo prateado da água de uma fonte, pois sua garganta estava seca, seus lábios crestados, e ela muito fatigada. Ao lado dessa fonte silenciosa, onde os lírios flutuavam, cresciam salgueiros delgados e vimeiros verdes, que um grupo de camponeses cortava e, ao mesmo tempo, tagarelavam sem parar.

Humildemente, pois a sentença de Hera cheia de palavras rudes e rejeição cruel ressoava-lhe sempre aos ouvidos, Latona aproximou-se da margem da fonte, e, ajoelhando-se, ficou muito agradecida pela água. Os camponeses logo que a avistaram, mandaram-na embora com brutalidade. Não ousasse beber sem pedir da água límpida em cujas margens seus salgueiros cresciam. Muito lastimosa, Latona olhou em seus rostos toscos.

"Certamente, bondosos homens", ela disse, e sua voz era triste e apagada, "a água pertence a todos. Tenho viajado longo caminho, e estou exausta, quase morta. Concedei-me apenas mergulhar os lábios na água para um único gole. Por piedade, concedei-me esse benefício, pois estou morrendo de sede".

Foram rudes e ásperas as vozes zombeteiras e os gracejos que vieram em resposta. Em seguida, um mais ousado que os

companheiros deu um pontapé em sua figura ajoelhada, outro passou diante dela, entrou na fonte, pisou e sapateou até que a água se tornasse lamacenta sob seus pés largos.

Logo todos estavam pisando e dançando maldosamente na água antes transparente. Os lírios e os miosótis foram esmagados, os peixes que faziam sua morada debaixo das pedras fugiram aterrorizados. Era só lama, a água toda violada e poluída. Riam em grande alarido, um riso insensato pela devastação que tinham causado.

A deusa levantou-se. Já não parecia uma mulher simples, muito cansada, faminta e sedenta, que tinha viajado longos caminhos. Diante dos olhos assombrados dos camponeses, ela ressurgiu dotada do esplendor próprio dos deuses imortais. Seus olhos tornaram-se carregados como o mar furioso ao anoitecer.

"Criaturas sem pudor!", disse, com uma voz atoadora como a de uma tempestade violenta. "Ah!, criaturas sem pudor! Então é assim que ouseis afrontar um habitante do Olimpo? Vede, doravante tereis como habitação o lodo dos charcos, vossa casa será a água que vossos pés grosseiros aviltaram".

Enquanto falava, aqueles camponeses rudes passavam por uma transformação estranha e terrível. Suas formas começaram a definhar, tornaram-se pequenos e achatados, as mãos e os pés ficaram palmados, a boca tornou-se grande, emurhecida e arreganhada, apropriada para comer vermes e moscas. Verde, amarelo e pardo passaram a ter as cores da pele. Quando tentaram gritar por misericórdia, de suas gargantas vinha apenas "Krrroak! krrroak! krrroak!"

Naquela noite, emergiu do lago o clamor de uma grande

lamentação. Não eram palavras de pesar, apenas a incessante e áspera queixa das rãs, que usualmente ouvimos nos charcos.

Depois disso, tudo correu bem para Latona. Retomou o caminho, e alcançou a praia. Ali levantou os braços em ansiosa súplica na direcção das ilhas do mar Egeu, cobertas de flores púrpuras. Distante, na tapeçaria macia do límpido azul, Zeus ouviu sua súplica. Ele pediu a Poseidon que enviasse um delfim para levar a deusa que ele amava para a ilha flutuante de Delos. Quando lá ela chegou, ele fixou a ilha no fundo do mar com cadeias fortes.

Nesse santuário nasceram a Latona duas crianças gémeas, desde então colocadas entre os mais célebres dos deuses imortais: Apolo e Diana.

Aqueles rudes transformados em rãs
Injuriaram os gémeos de Latona descendentes
Que a lua e o sol depois regeram em glória.

Milton

Eco e Narciso

Nós a encontramos na solidão dos montes, e ainda podemos estar com ela, sem disso nos darmos conta, no atordoado rumor das cidades barulhentas. Ela repete o rumor das ondas que batem contra os penhascos, os rumores difusos entre as ruínas dos templos antigos. Ao anoitecer, ela imita o grito lamentoso do pássaro, faz repercutir a música do órgão de uma catedral, repete o estampido e estrondo dos canhões na guerra. Faz o estrépito da queda de uma árvore ressoar. Ao longo da noite, nas antigas casas campestres, ela brinca livremente e dá nova vida aos cantos tristes do caminhante que anda sem cessar. Ela faz ecoar as vozes das crianças quando brincam à beira do mar, e responde a seus risos alegres; também as assusta com os arremedos zombeteiros que à noite ela faz ressoar. Assim a ninfa, que sofreu a dor de um amor irrealizado, acha algum conforto nos dias brilhantes do verão e da primavera quando dá felicidade às crianças e elas lhe retribuem o seu amor.

Quando o mundo era ainda jovem e as ninfas, faunos e dríades habitavam a floresta, não havia ninfa mais encantadora e mais alegre do que essa cujo nome era Eco. Diana alegrava-se com a rapidez de seus pés na caça, e aqueles que ela encontrava pelos caminhos do bosque seguiam adiante risonhos com a lembrança de seu palavreado festivo e seu humor matreiro.

Foi um mau dia para Eco quando ela cruzou o caminho de

Hera, rainha dos deuses. A ciumenta deusa procurava seu lascivo marido, que estava se divertindo com uma das ninfas. Eco, cheia de alegria travessa, deteve a deusa com sua conversa, até que a ninfa fugisse para um refúgio salvador. Hera ficou furiosa quando descobriu que essa ninfa travessa tinha ousado enganá-la com semelhante trapaça, e ali dispôs impiedosamente uma sentença para a encantadora Eco.

"De hoje em diante", ela disse, "a língua com que tu me iludiste ficará atada a de outros. Não mais terás o poder de falar em saudação. Tua fala será escrava da fala de outros, e desde este dia até que o tempo tiver cessado falarás somente para repetir a última palavra que teus ouvidos escutarem."

Eco era agora uma ninfa mutilada. Não obstante, permaneceu inteira em tudo que mais importava e seu coração alegre ainda lhe pertencia. Porém, apenas por um curto tempo isso iria perdurar.

Narciso, o belo filho de uma ninfa e de um deus-rio, estava certo dia caçando em uma floresta solitária quando Eco o viu passar. Ele lhe pareceu mais belo que um deus ou qualquer outro homem. Logo que o viu, compreendeu que morreria se não conquistasse seu amor. Desse dia em diante, ela o acompanhou como se fosse sua sombra, planando de árvore em árvore, aninhando-se entre as samambaias espessas, imóvel como alguém que espreita um animal selvagem. Olhava-o de longe enquanto ele repousava, alimentando seus olhos com a beleza dele. Com isso, nutria seu coração ansioso, e procurava encontrar contentamento na contemplação de seu rosto todos os dias.

Veio enfim um momento perfeito. Narciso tinha se afastado

de seus companheiros de caça. O sol da tarde filtrava-se entre as folhas e tecia no caminho do bosque uma rede de tons escuros e dourados. Ele parou repentinamente ao ouvir os passos macios da ninfa sobre as folhas farfalhantes. "Quem está aqui?", ele gritou.

"Aqui!", respondeu Eco.

Narciso olhou entre as sombras das árvores e, não vendo ninguém, chamou:

"Vem!"

"Vem!", repetiu a voz alegre de Eco, o coração palpitante achando que seu dia de felicidade tinha finalmente chegado.

"Por que te ocultas de mim?", falou Narciso. "Por que te ocultas de mim?", repetiu Eco. "Vamos nos juntar", disse o jovem, e essas palavras soaram como uma música quando Eco as repetiu em seguida.

"Vamos nos juntar!", e, como a aurora afasta a teia da noite e surge na manhã, a ninfa afastou as folhas e apareceu com os braços estendidos para ele, que era o senhor da sua vida.

Narciso a olhou com olhos frios e com a maior indiferença.

"Afasta-te!", ele gritou, recuando como se estivesse diante de algo que ele detestasse. "Afasta-te! Prefiro morrer a pertencer-te!"

"Pertencer-te!", disse Eco compadecida, mas seu apelo foi em vão. Narciso não a amava, e seu desprezo encheu-a de vergonha. Desde então, nunca mais foi vista nas celebrações da floresta. As ninfas dançaram como nunca tinham dançado, por afeição a ela, que murchara e desaparecera completamente como se fosse uma flor breve na passagem da primavera.

Eco ocultou sua dor na solidão dos penhascos e montanhas, nas cavernas e rochas, e no fundo mais solitário da floresta.

Quando o vento soprava à noite com murmúrios e sussurros entre as árvores, as ninfas podiam ouvir ao longe a voz de Eco repetindo suas lamentações. Noites longas seguiam-se a dias desesperançados, e apenas lhe diziam que seu amor tinha sido completamente vão. Veio então uma noite em que os ventos não mais viram a imagem da ninfa. O corpo de Eco tinha se definhado pela dor. Apenas sua voz permaneceu para repetir os risos zombeteiros e os sussurros tristonhos. Sua voz continua ainda ecoando, embora todos os deuses antigos tenham ido e apenas uns poucos mortais conheçam sua história.

Feliz e infenso ao amor, Narciso seguiu seu caminho. Outras ninfas, além de Eco, sofriam em vão por amor a ele. Uma delas, menos gentil que Eco, destilou a história de seu amor desprezado nos ouvidos complacentes da deusa do Amor, e suplicou-lhe que punisse Narciso.

Cansado e com sede depois da caça, Narciso procurou certo dia uma fonte solitária nos bosques para aplacar a sede e descansar.

Era um recanto aprazível, cercado de ramos trançados em cujo centro uma fonte de águas cristalinas reflectia perfeitamente como num espelho o céu e a vegetação ao redor.

Ele se debruçou sobre a fonte para beber, deparou um rosto que o fitava através da água e um par de olhos que encontravam os seus. Sentiu surpresa e alegria de ver uma criatura que certamente era a mais bela da terra. Uma ninfa, assim ele pensou, que o fitava intrépida, e que evidentemente partilhava da mesma alegria de o ver ali.

Em torno da cabeça, ela tinha uma nuvem de caracóis tais,

que nem mesmo os de Adónis ou mesmo os de Apolo eram tão perfeitos. Os olhos eram como os pequenos lagos sombreados de um regato nas montanhas, que os raios do sol riscam com pequenos traços de luz.

Narciso sorriu extasiado, os lábios dela entreabriram noutra sorriso. Ele estendeu os braços; ela fez o mesmo. Ele inclinou-se, tomado de enlevo, para suavemente beijá-la; ela mais próxima dele ficou, e mais próxima ainda... mas, quando a boca de Narciso já se entregava num beijo à ninfa, apenas a água fria da fonte tocou os lábios dele; seu êxtase diluiu-se. Com um desapontamento apaixonado, Narciso esperou por seu retorno. Logo que a água novamente se aquietou, uma vez mais ele viu aquele rosto raro fitá-lo. Contemplou apaixonadamente a linda criatura, mas, embora o rosto na fonte reflectisse um constante e igual olhar de adoração e desejo, foram inúteis as repetidas vezes que tentou apertar nos braços aquele ser, que era apenas o reflexo de sua própria imagem.

A deusa vingadora tinha castigado completamente Narciso, fazendo-o viver a ânsia de um amor irrealizado. Dias e noites ele permaneceu na fonte. O sol despontava, os seus raios coavam-se entre as folhas das árvores, e Narciso estava ali debruçado sobre a fonte; o sol partia, a noite aquietava tudo em silêncio, e Narciso ali permanecia contemplando apaixonadamente a própria imagem reflectida na água. Seu rosto logo ficou pálido, tinha já os olhos de um ser da floresta a quem um caçador tivesse causado um ferimento mortal. De facto, Narciso estava mortalmente ferido, prostrado, por um amor sem esperança dirigido a um ser que era, na verdade, apenas uma imagem de sua própria criação. Nas águas da fonte mergulhou finalmente tentando alcançar a criatura

que via ali refletida, e assim sua alma desceu ao reino de Plutão. Sua sombra atravessava já o sombrio rio Estige, e mesmo aí curvou-se no barco para que pudesse obter um vislumbre do ser amado nas águas escuras do rio.

Eco e as outras ninfas foram vingadas, embora ficassem envolvidas de pesar quando viram o belo Narciso morto. A voz de Eco repetiu condoidamente cada grito de pesar das ninfas em seus lamentos. Mesmo os deuses estavam condoídos.

As ninfas prepararam com as próprias mãos uma pira funerária para Narciso, mas em vão procuraram seu corpo. Os deuses do Olimpo o tinham transformado em uma flor branca, a flor que ainda leva seu nome e preserva sua doce memória.

Flor solitária, ele contempla,
Quieta, sozinha flor que nenhum orgulho ostenta
Inclina a beleza sobre as água claras,
Para ao mais próximo a triste imagem tocar
Surdo ao brando Zéfiro permanece imóvel
E fica a definhar, ansiar, amar.

Keats

Ícaro

Dédalo, neto de um rei de Atenas, era um grande artífice. Não era apenas um grande arquitecto, mas um grande escultor com especial poder criativo. Não havia ninguém que se lhe igualasse. A ele, os artífices que se seguiram devem a invenção do machado, da pua, dos instrumentos de carpintaria. A sua incansável mente estava sempre ocupada com novas invenções. A seu sobrinho Pérnix ele ensinou tudo o que sabia das artes mecânicas. Em breve Pérnix, embora parecesse que não conseguiria superar o tio, igualou-se a Dédalo na capacidade inventiva.

Certo dia, enquanto andava à beira-mar, o jovem extraiu a espinha de um peixe, e, reflectindo sobre as suas possibilidades, foi para casa e ali forjou uma imitação no ferro. Inventou assim o serrote. Ainda o aclamavam, e ele já surgia com nova ideia. Maior invenção seguiu-se àquela. Juntou duas peças de ferro, uniu-as com cavilhas pelas pontas e afiou as duas outras. Assim nasceu o compasso. Certamente, ele era maior que Dédalo. Isso foi demasiado para o espírito ciumento do artista.

Um dia, estando os dois no alto da Acrópole, Dédalo, acometido mortalmente de despeito, lançou dali o seu sobrinho. Ele caiu, sabendo perfeitamente que estava indo para uma morte cruel. Palas Atena, protectora dos artesãos, veio porém em sua salvação. Ela transformou Pérnix num pássaro, que até hoje leva o seu nome. Dédalo viu Pérnix, a perdiz, voando rapidamente na direcção do

campo distante. Desde então, a perdiz não se desenvolve ou pousa em lugares altos, ela aninha-se em recantos sob tufos ou entre o trigo, e, se observarmos, veremos que seu voo é sempre baixo.

Dédalo foi banido de Atenas devido ao seu crime. Ele encontrou refúgio na corte de Minos, rei de Creta. Colocou o seu grande poder inventivo ao serviço do rei. Desenhou um labirinto para ele, de tal modo intrincado, que, semelhante ao rio Meandro, não tem começo nem fim, sempre retorna para si mesmo em confuso traçado. Logo se tornou agraciado com os favores do rei, mas, sempre ávido de poder, incorreu com uma de suas invenções audaciosas na ira de Minos. O monarca lançou-o numa prisão, juntamente com o filho Ícaro. Não havia, porém, trancas e barras suficientemente fortes para deter esse mestre artesão. Dédalo não demorou a encontrar um modo de escapar da torre em que fora encerrado com o filho. Mas fugir de Creta não era fácil. Havia muitos lugares naquela ilha onde era fácil ao pai e ao filho esconder-se, mas os súbditos de Minos eram principalmente marinheiros, e Dédalo bem sabia que eles mantinham vigilância em toda a costa. Isso impedia-o de fazer para si um barco, levantar velas e fugir com segurança.

Ocorreu a Dédalo, esse pioneiro das invenções, a grande ideia de, usando a sua habilidade, criar um caminho para ele e o filho por outro elemento que não a água. Ao pensamento de como poderia enganar os marinheiros simples que vigiavam cada enseada, cada praia, cada foz de rio, Dédalo deu uma gargalhada em seu esconderijo no meio dos ciprestes sobre o monte. Pensou com desdém no rei Minos, que tinha ousado opor seu poder ao engenho de Dédalo, o grande artesão.

Muitos pássaros foram sacrificados para que a invenção projectada fosse concluída. Numa floresta nas montanhas ele montou uma estrutura feita de madeiras leves, e cobriu-a com penas de aves cuidadosamente fixadas com cera. Concluído, o mecanismo reproduzia perfeitamente as asas de uma grande águia. Quando pela primeira vez prendeu o artefacto nas suas costas, Dédalo pensou poder voar de modo igual aos pássaros. Tendo feito o teste, um segundo par foi criado para Ícaro. Era todo feito com penas brancas, de modo que parecia as asas de um grande cisne. Dédalo circulou em torno do filho e, com o coração transbordante pela orgulhosa invenção, mostrou a Ícaro como podia melhor elevar-se às alturas em direcção ao sol, ou descer ao mar azul distante lá em baixo, como podia dominar os ventos e as correntes de ar e torná-los seus servos.

Foi um dia alegre para pai e filho: Dédalo nunca tinha bebido tão profundamente desse vinho embriagador dos deuses: o êxito; e para Ícaro tudo era uma alegria pura. Nunca tinha conhecido a liberdade e o poder de modo tão absolutamente glorioso. Quando criança, observava o voo dos pássaros ao longe sobre as colinas azuis onde o sol se punha, desejava ter asas para segui-los. Na sua fantasia sonhadora, elevava-se acima das árvores e dos campos, alçava as alturas com asas fortes que o levavam longe para a bem-aventurada liberdade de voar. Quando o sono o deixava, o jovem levantava-se do leito, estendia os braços ansiosamente, como fazia nos sonhos, mas não podia voar. Vivia as horas em que estava desperto desapontado com o desejo insatisfeito, e agora tinha chegado o momento disso tudo acabar. Dédalo estava feliz e orgulhoso também por ver a alegria do filho e sua coragem

arrojada. Apenas Ihe dirigiu uma palavra de recomendação.

“Acautela-te, querido filho de minha alma, evita em teu novo poder pretender elevar-te até aos portais do Olimpo. Pois certamente os raios quentes da carruagem de Apolo atingirão tuas asas, a cera dissolver-se-á, e então virá para mim e para ti uma aflição indescritível.”

À noite, em seus sonhos Ícaro voou, e quando acordou, temendo achar apenas a lembrança fantasmagórica de um sonho, correu a ver seu pai. Encontrou-o de pé ao lado do leito de folhas macias sob as sombras dos ciprestes, pronto para prender em seus ombros as grandes asas que tinha criado.

A gentil Aurora, a de dedos cor-de-rosa, erguia-se lentamente no Leste quando Dédalo e Ícaro iniciaram o voo. Iam lentamente. Os pastores cuidavam dos seus rebanhos nos declives do monte Ida, perceberam a sombra escura das asas e olharam para o alto. Sentiram medo quando viram o que lhes parecia ser pássaros-monstros, notaram que se dirigiam para o mar. As aves dos rios saíram dos juncos, e voaram em grande alarido o mais velozes possível para escapar dos monstros. Os marinheiros, à beira-mar, sentiram o coração oprimido quando viram os estranhos pássaros. Acreditaram que um sinal tão estranho podia indicar um presságio de grandes calamidades. Dirigiram-se para casa apressados a fim de oferecer sacrifícios nos altares de Poseidon, soberano do mar profundo.

Dédalo e Ícaro deixaram Samos e Delos à esquerda, e Lebintos à direita. Já o deus-sol tinha iniciado seu curso diário. Logo que as asas de Ícaro romperam o ar fresco da manhã, o corpo frágil do jovem sentiu frio, e ele desejou os raios do sol que refulgiam nas

águas do Mar Egeu e o tingia de cores entre o verde-oliva e o verde-safira, o esmeralda e o dourado abrasador. Ele e o pai mudaram o curso e dirigiram-se para a Sicília. A ilha apareceu ao longe, estendida como uma pedra preciosa no mar, as ondas ao redor iluminadas pelos raios de Apolo. Era uma imagem esplêndida. Ícaro deu um grito de alegria. Apolo olhou para baixo, viu o grande pássaro de asas brancas, um cisne com o rosto e as formas de um belo jovem que avançava exultante; viu outro menos gracioso, com asas de coloração escura, que seguia mais devagar na mesma linha de voo. O calor que radiava de sua carruagem tocou o corpo não aquecido de Ícaro como o roçar de uma carícia, e, se um pouco antes o seu voo tinha-se retardado, agora parecia invadido de uma nova vida. Como um pássaro que gira e se eleva e se precipita para o centro da luminosidade, assim fez Ícaro. Avançou até que cada pena de sua plumagem ficasse reluzindo como ouro e prata. Fez um voo descendente, tão próximo da água, que as ondas quase apanhavam suas asas, e então elevou-se, cada vez mais alto, sempre mais para o alto. Viu o deus-sol radiante sorrindo para ele. As advertências de Dédalo foram nesse instante esquecidas. Como tinha superado outros jovens na corrida, agora Ícaro desejava superar os pássaros. Sentia-se tão forte, tão destemido estava, que parecia poder enfrentar o Olimpo, que podia gritar para Apolo enquanto passava por ele e ousar propor-lhe uma corrida do Mar Egeu até o lugar onde os cavalos do deus-sol se entregavam ao repouso noturno no mar do desconhecido Oeste.

Seu pai observava-o aterrorizado. Chamou por ele com advertências angustiadas, abafadas pelo silvo das correntes de ar contra as asas de Ícaro, que, ao mesmo tempo, abriam passagem

entre as nuvens ruidosas. Aconteceu então algo terrível. As asas pareciam ter perdido a força. Ícaro flutuou perdendo inteiramente a direcção correcta do voo. Recuperou-se, flutuou novamente. Depois, como um pássaro apanhado pela flecha certa de um arqueiro hábil, caiu, rolou no ar várias vezes, até que mergulhou no mar cor de esmeralda e azul translúcido.

O carro de Apolo continuou sua marcha. Seus raios, que tinham levado à morte aquela criatura tão ousada, agora brilhavam no rosto morto de Ícaro e tornavam reluzente a plumagem molhada, como se coberta de diamantes, que ainda abertas o mantinham sobre as ondas.

Dédalo foi golpeado no coração, mas não teve tempo para lamentar o fim prematuro do filho, pois mesmo agora os navios de Minos podiam estar em sua perseguição. Voou adiante para sua protecção. Na Sicília construiu um templo para Apolo, e ali deixou suas asas como oferenda propiciatória ao deus que tinha causado a morte do filho.

Quando a noite desceu sobre aquela parte do mar, que leva o nome de Ícaro até hoje, ainda ali flutuava o corpo do jovem cujos sonhos se tinham realizado. Por um momento brevíssimo teve ele conhecimento da perfeita realização de potencialidades sonhadas, pois apenas por pouco tempo saboreou a doçura de um prazer perfeito, e, depois, num voo ousadíssimo, o tinha perdido para sempre.

As Nereidas cantaram consternadas uma canção fúnebre para ele enquanto era levado à deriva pela corrente, e quando as estrelas prateadas surgiram reluzentes na cúpula escura do céu, era como uma mortalha aveludada, um ornato de prata em sua

honra, estendida em torno do seu corpo morto de asas brancas como neve.

Tinha ousado excessivamente, e tão pouco tinha realizado. Contudo, não se pode dizer que tenha vivido em vão. Um jovem que enfrentou os céus tremendos, voou com a alma e o coração destemidos para a região dos deuses imortais, pôde, mesmo que pelo tempo curtíssimo de uma pulsação do coração, saborear o poder supremo: o êxtase de uma felicidade ilimitável.

Clítia

Os raios de sol batem sobre o muro alto de um antigo jardim, roçam as frutas que se ostentam vermelhas e douradas ao seu brilho tépido. As abelhas zunem ao redor do canteiro de heliotrópios, murmuram dolentemente ao abrigo das pétalas das rosas, cuja doçura traz de volta a fragrância da primavera. Sobre o velho relógio-de-sol os pombos de plumagem branca arrulham modorrentos enquanto alisam sua plumagem cor de neve, e os lírios inclinam as longas hastes como uma procissão de monjas vestidas de branco. Junto ao muro do jardim, uma longa fila de flores amarelas volta a face para o sol com arrogante confiança, fitam Apolo, o de cabelos dourados, enquanto ele conduz sua carruagem de fogo triunfante nas alturas celestes.

Girassol é o nome pelo qual conhecemos aquelas flores pujantes que, por alguma razão, falham completamente em sugerir a história de Clítia, a ninfa derrotada em virtude de seu amor sincero, não correspondido. Ela era uma ninfa das águas, tímida e gentil, que vivia nos rios ermos, e banhava-se onde as libélulas voavam em torno dos lírios d'água nos lagos de águas transparentes. Às sombras dos álamos e dos salgueiros prateados ela se deitava para o repouso do meio-dia. Temia as horas em que as flores caíam sobre sua cabeça e as águas murmurantes perdiam a gelidez ante o resplendor ardente do sol.

Veio, porém, um dia em que Apolo, o conquistador, olhou

para o lago à beira do qual ela se sentava, e o rosto do deus reflectiu-se na água como num espelho. Nunca mais ela se ocultou do deus de cabelos dourados, pois, no instante em que vira na água a imagem de sua beleza radiante, ele se tornara o senhor e dono de sua alma. Durante a noite esperava sua vinda, a Aurora a encontrava olhando na direcção do Leste para os primeiros raios dourados de sua carruagem flamejante; ao longo do dia seguia-o com olhos fixos desejosos, e não deixava de deter a vista em sua beleza até que o último reflexo de sua radiância tivesse mergulhado no céu ocidental.

Semelhante devoção devia ter tocado o coração do deus-sol, mas ele não desejava possuir um amor que não tinha buscado. A adoração da ninfa o aborrecia, não sentiu nem mesmo piedade quando notou que o rosto dela, dia após dia, tornava-se cada vez mais descorado, e suas encantadoras formas estiolavam-se. Contudo, ela manteve sua humilhante vigília durante nove dias, sem comida e sem bebida. Obsessiva na humildade de sua devoção, só almejava uma única palavra de amor, ou apenas um olhar amável para nutrir seu coração ávido. Mas Apolo, cheio de desprezo e enfado, açoitava seus cavalos de fogo quando a cada dia passava por ela, não se dignava a dar-lhe um olhar mais gentil que o oferecido aos sátiros que andavam entre as folhagens densas dos bosques.

Ligeiramente zombeteira, Diana disse: "Na verdade, a bela ninfa lança tão desbragadamente o tesouro de seu coração aos pés de meu irmão de louros cabelos anelados, que isso lhe permite maltratá-la, e ela está se tornando uma flor emurchecida". Enquanto assim falava, o coração dos demais habitantes imortais do Olimpo

ficaram tomados de piedade.

"Ela será uma flor!", disseram, "e por todo o sempre viverá uma vida que se renova a cada ano com a vinda da primavera. Nos dias longos de verão ela se ocupará para sempre em adoração serena ao deus que ama!"

E, de acordo com a vontade dos deuses, a ninfa deixou sua forma humana e assumiu a forma de uma flor, e para sempre, como símbolo da constância, ela fita com ardor sereno o rosto do sol, seu amado.

Há os que dizem que a ninfa se metamorfoseou não no girassol, mas no heliotrópio, que faz ao deus-sol uma rara oferenda de fragrâncias quando seus raios tépidos o tocam. E no velho jardim cercado de muros, entre as abelhas que zunem modorrentamente e os pombos brancos que arrulham, o pujante girassol oferece a Apolo um olhar em busca de outro olhar, e entre o aroma do resedá que se mistura aos botões de cravo e às rosas, o perfume do helitrópio é, mais que todos, um incenso digno de ser oferecido no altar de um deus por sua amante devotada.

Os Grous de Íbicus

O assassino traga embora a língua muda

Falará com a mais milagrosa das vozes

Shakespeare

Íbicus, o poeta amigo de Apolo, ia feliz em direcção a Corinto. Viajava a pé pelo país onde as flores silvestres cresciam abundantes e as árvores estavam cobertas de flores. Sua voz melodiosa entoava uma peça de música de sua própria composição, e a cada passo ele experimentava como suas palavras e música se exprimiam em sua lira. Tinha um coração brando, porque levava sempre em si pensamentos benignos, nunca comportava o mal. Cantava somente acções nobres e grandiosas e todas as coisas que podiam dar alento a seus semelhantes. Estava indo a Corinto para a corrida de carros e o sumptuoso festival de música, no qual todos os grandes poetas e músicos da Grécia eram certamente encontrados.

Era o tempo do retorno de Adónis e Prosérpina à terra. Estava entrando reverentemente no bosque sagrado de Poseidon, quando avistou, coroando a altura diante dele, as torres brilhantes de Corinto, e ouviu gritos ásperos de pássaros que retornavam do exílio. Íbicus sorriu quando olhou para o alto e viu um grande bando de grous cinzentos voltando de seu refúgio de inverno nas areias

douradas do Egipto. Festejavam, acenavam e reverenciavam entre si, à vista dos charcos da terra natal.

"Feliz retorno, caros irmãos!", ele gritou. "Possamos encontrar, eu e vós, nada que não seja apenas bondade no povo dessa terra!"

Os grous gritaram novamente como resposta ao seu cumprimento, e o poeta prosseguiu alegremente, adentrando as sombras do bosque escuro, além do qual ele jamais passaria como homem vivo. Ia feliz, nada temendo do mal, quando foi golpeado e lançado ao chão por mãos assassinas antes mesmo que pudesse saber quem eram os dois ladrões que subitamente saltaram de uma passagem estreita coberta de galhos espessos. Lutou com todas as forças, mas seus braços eram os do músico, não de um guerreiro, e logo foi dominado pelos salteadores. Gritou em vão aos deuses e aos homens por ajuda. Em sua agonia final, ouviu uma vez mais as vozes ásperas e o agitar de asas dos pássaros migradores. Sangrando mortalmente, voltou os olhos para os pássaros.

"Tomai minha causa, caros grous", disse, "já que nenhuma voz que não a vossa respondeu ao meu chamado!"

Os grous gritaram rouca e pesarosamente como se dissessem adeus, e agitaram as asas voando na direcção de Corinto deixando o poeta morto.

Quando o corpo foi encontrado, defraudado e terrivelmente ferido, levantou-se um grande clamor de lamentação por toda a Grécia onde ele era conhecido e muito amado.

"É dessa forma que te vejo a mim restituído?", disse alguém que o esperava em Corinto como seu honrado hóspede. "Eu que esperava coroar tua frente com os louros da vitória quando

triunfasses no templo da música!"

Todos aqueles, a quem a encantadora personalidade de Íbicus e a magia de sua música fizeram seus amigos, estavam vigilantes e ansiosos para vingar um crime tão vil. Ninguém sabia, porém, como tinha acontecido aquele acto perverso — ninguém, excepto os grous.

Veio enfim o dia do festival, que Íbicus tinha almejado com alegria, e dele agora se achava ausente. Milhares e milhares de homens, seus compatriotas, estavam no teatro em Chipre; assistiam a uma peça que fazia o coração estalar dentro do peito.

O teatro tinha por cobertura apenas a abóbada azul do céu.⁸ O sol iluminava o palco e os que representavam. As três Fúrias, as Euménides, com rostos cruéis e duros, serpentes no lugar dos cabelos e gotas de sangue caindo dos olhos, eram representadas por actores tão perfeitos, que os espectadores estremeciam diante delas. Tinham nas terríveis mãos a punição aos criminosos, aos inospitais, aos ingratos, e aos crimes mais cruéis e abjectos. Era delas a missão de conduzir os espíritos condenados para o Flegetonte, o rio de fogo que flui no Hades, e os impelir pelos portões incandescentes que levam ao suplício. Seus trajes são farrapos

Manchados de coágulos de sangue

⁸ Os teatros da antiguidade eram construções imensas. Comportavam de dez a trinta mil espectadores. A entrada era franca e geralmente ficavam repletos. Não tinham telhados e os espetáculos se realizavam durante o dia.

com toda pompa e terror.

Virgílio

Em cadência solene, diante dos milhares de espectadores que assistiam e ouviam subjugados, as Fúrias andavam ao redor e cantavam sua canção de terror:

"Maldito! maldito! Maldito aquele cujas mãos estão sujas de sangue! As trevas não o ocultarão, nem mesmo nas entranhas da terra suas acções secretas ficarão encobertas! Inútil será tentar escapar de nós pela fuga, pois a vingança está em nossas mãos, e, mais velozes que o falcão ao atirar-se contra a presa, seremos em nosso golpe. Persequimos sem trégua, nem nossos pés velozes e nossos braços vingadores se demoram em piedade. Maldito! maldito! maldito o que derrama sangue inocente, pois não terá paz nem descanso até que tenhamos conduzido sua alma atormentada ao Hades para o suplício eterno!"

Não havia ninguém que, escutando o canto sentencial das Fúrias, não pensasse em Íbicus, o poeta de alma gentil tão amado e tão perfidamente levado à morte. E na intensidade do momento, uma grande emoção vibrou na multidão quando o canto cessou e uma voz, soando com horror assombrado, explodiu dos bancos superiores:

"Veja ali! Veja ali! Olha, amigo, os grous de Íbicus!"

Todos levantaram os olhos, viram passar sobre o teatro, com gritos roufenhos, o bando de grous aos quais o poeta tinha entregado sua mensagem quando morria. Como um choque eléctrico, veio a todos que ali estavam o conhecimento de que aquele que gritara era o assassino de Íbicus.

"Peguem-no! peguem-no!", gritaram milhares de vozes.
"Peguem o homem e ao outro a quem ele falou!"

Afoitamente, o perverso tentou negar suas palavras, mas era já tarde. O vozerio da multidão era como o de um mar furioso que avança e nada deixa escapar imune. O homem que tinha falado e seu companheiro foram agarrados por incontáveis mãos ávidas.

Com o rosto branco de terror, pois as Fúrias os tinham acossado, eles confessaram o crime e foram condenados à morte. O bando de grous de plumagem cinza e cabeças rosadas voou para os pântanos; ali as aves ficaram sinalizando, curvando a cabeça uma para as outras e dançando ao sol dourado, felizes porque a causa de Íbicus fora defendida, e o músico-poeta que as tinha saudado com boas-vindas fora vingado.

Sirinx

É assim porque a paixão virgem ainda existe em nossos corações, porque a voz de Sirinx ainda permanece em nosso espírito como música melancólica, uma música de tristeza e ansiedade, que para a maioria de nós manifesta-se extremamente poderosa nos sussurros das águas correntes.

Fiona Macleod

Nas horas em que as sombras da tarde alongam-se e o vento brando da noite, insinuando-se entre as árvores, move a superfície quieta de um lago, pode-se ouvir um sussurro prolongado como um suspiro. Não há nota mais triste nem mais doce de se ouvir que essa da grande orquestra de Pá, nem mais maravilhosa pode ser, pois o sussurro vem dos juncos que se inclinam ligeiramente ao vento que passa entre eles, habitantes das margens de lagos e rios ermos.

Essa é a história de Sirinx, o junco, conforme Ovídio narra para nós.

Vivia na Arcádia uma ninfa, de nome Sirinx. Tão formosa era, que por amor a ela os faunos e sátiros deixavam de saltitar e dançar, e quedavam-se em silêncio atento para que pudessem fitá-la enquanto passava. Mas para nenhum deles Sirinx tinha uma

palavra de bondade. Ela não alimentava nenhum desejo de amar.

Quanto ao Amor, em verdade não o conheço,
Tenho desviado incisiva meus lábios de o tocar,
E do fado que os deuses com indiferença outorgam.

Lady Margaret Sackville

Sirinx mantinha uma devoção fiel a apenas um dos deuses. Ela adorava Diana, e a acompanhava na caça. Podia se comparar à deusa quando corria com leveza pela floresta. Havia alguns que diziam não poder distingui-la da deusa, a não ser apenas pelo arco de uma e outra. O de Diana era de prata; o da ninfa era de chifre. Ela passava feliz os dias, sem temor, cuidados ou preocupação. Nem pelo ouro de Midas ela ficaria no lugar daquelas ninfas que, perdidas de amor, suspiravam pela afeição de um deus ou de um homem. Desimpedida de amor, a vontade livre, alegre e feliz, delicada e forte, como um jovem cuja alegria é correr e primar na caça, assim era Sirinx. Os braços de neve se destacavam entre o verde das folhagens, deslumbravam os faunos presentes quando ela puxava o arco para desferir uma flecha contra um veado, por ela perseguido desde o amanhecer. A cada despertar, era a manhã de um dia de alegria; a cada recolhimento noturno ao repouso, era para dormir como uma criança que sorri em seus sonhos à lembrança de um dia perfeito.

Entretanto, para ela, que não conhecia o medo, o Medo veio um dia. Uma tarde, ela estava retornando dos montes onde estivera caçando por várias horas, quando encontrou, face a face, com alguém que até então só tinha visto de longe. As ninfas falavam

amiúde dele. Quem é tão grande quanto Pá? — Pá, o dirigente dos bosques. Ninguém podia se pôr contra Pá. Aqueles que o desafiavam acabavam caindo sempre ao seu poder. Ele era o Medo; ele era a Juventude; ele era a Alegria; ele era o Amor; ele era a Fera; ele era Homem; ele era Deus; ele era a própria Vida. Assim falavam. Sirinx ouvia com um sorriso. Nem mesmo Pá poderia trazer-lhe o Medo.

Ele a encontrou em meio a quietude da grande floresta, permaneceu parado em seu caminho e a fitou com olhos maravilhados de júbilo. Como então uma criatura tão formosa podia habitar em seus domínios sem que ele tivesse tido conhecimento de sua existência? Sirinx sentiu o coração tomado de um sobressalto nunca antes experimentado.

Pá tinha a fronte coroada com uma densa ramagem de pinheiro. Seu rosto era jovem e belo, embora fosse mais velho que as montanhas e os mares. Seus olhos exprimiam tristeza e alegria, ternura e crueldade simultaneamente. Por brevíssimo tempo ele sustentou seu olhar no dela, e em seguida com voz amena e acariciante dirigiu-lhe palavras doces. Falou de amor e da perfeita beleza da ninfa. Embora falasse com delicadeza, algo desconhecido surgiu e golpeou com mãos de gelo o coração de Sirinx.

"Ah! Eu tenho Medo! Eu tenho Medo!", ela gritou, e a crueldade nos olhos de Pá emergiu, embora suas palavras ainda soassem com uma ternura apaixonada. Como um pássaro que estremece diante de uma serpente que o acoisa, assim ficou Sirinx, a caçadora. Seu rosto empalideceu, tornou-se cor do lírio branco da noite. E, quando ele a puxou para si e beijou seus lábios rubros, o

medo transformou-se em terror, e o terror fez seus pés correrem como se tivessem asas. Jamais na caça com Diana tinha corrido como agora. Mas Pá a perseguiu no mesmo passo. Logo ela ouviu seu riso atrás de si, e soube que as ninfas diziam a verdade — Ele era Poderoso, ele era o Medo, Ele era uma Fera, ele era a própria Vida. A escuridão da floresta rapidamente tornou-se mais densa, seus pés enroscaram-se nos ramos trançados da hera e das plantas rasteiras e a fizeram tropeçar. Ramos e galhos espessos impediam sua marcha, árvores bloqueavam o caminho. Toda a Natureza tornou-se cruel, e em toda parte tudo parecia um rumor de riso zombeteiro, risos das criaturas de Pá repetindo a alegria inclemente de seu senhor e mestre. Cada vez mais próximo, sempre mais próximo ele estava. A ninfa ofegava, respirava aos soluços como a corça exausta pela perseguição. Já ele estendia os braços para arrebatá-la quando alcançaram as margens do rio Ladon. Sirinx gritou para suas "irmãs aquáticas", as ninfas do rio, lançou uma desesperada súplica de piedade e socorro, então tombou para a frente, como uma caça que cai para morrer.

Pá, com um grito exultante, apossou-se dela enquanto caía. E surpreendentemente em seus braços segurava não um corpo perfeito com um coração que palpita, mas uma moita de juncos delgados.

Ficou perplexo por um breve tempo, instante em que a crueldade selvagem da fera desvaneceu-se, e em seus olhos insondáveis surgiu a aflição inexprimível de um homem. Olhou para os juncos à margem do rio e emitiu um prolongado suspiro, um suspiro condoído de tristeza, que logo se introduziu entre os juncos, e deles veio um som doce e pungente. Pá pegou seu punhal, e

cortou sete dos juncos que ali estavam à beira do rio murmurante.

"Ainda me pertencerás, minha Sirinx", disse. Juntou os juncos com perfeição, cortou as pontas de modo a deixá-los com o comprimento desigual, e fez para si um instrumento, que até hoje se chama Sirinx, ou Flauta de Pá.

E assim o deus fez a música.

Todas as noites ele se sentava às margens do rio de corrente veloz, e a música de sua flauta de juncos era tão doce e ao mesmo tempo de tão profunda tristeza, que parecia estar toda a Natureza falando por ela. E assim Sirinx ainda vive, e ainda morre:

Uma nota de música de seu suspiro de morte
Vem ternamente do frágil coração de um junco

A luz da noite desce no sítio silencioso e as sombras alongam-se sobre as águas. Podemos ainda ouvir seu sussurro tristonho entre os juncos que oscilam à beira dos lagos, fontes e rios.

A morte de Adónis

O mais formoso jovem
que sonho de virgem já concebeu

Lewis Morris

A beleza ideal da mulher, um tema que tem atravessado os séculos, pois perpetuado na mais grandiosa arte da pintura e da escultura, é a de Vénus (também chamada Afrodite), deusa da beleza e do amor. Aquele que compartilha com ela uma supremacia constante de formas perfeitas não é um deus, seu igual, mas um jovem mortal, filho de um rei.

Afrodite brincava certo dia com Eros, o deus do amor, e feriu-se acidentalmente com uma de suas setas. Imediatamente sentiu invadir-lhe o coração um desejo desconhecido e uma ânsia, como aquela que os mortais, vítimas do arco de Eros, bem conhecem. Essa ânsia ainda persistia quando ela ouviu os latidos dos cães e os gritos dos caçadores na floresta de Chipre. A caça não possuía nenhum encanto para ela, e por isso permaneceu afastada enquanto a presa irrompia pelas ramagens e plantas rasteiras do bosque com os cães atrás em furiosa perseguição. Ela suspirou profundamente, e seus olhos ampliaram-se em maravilhosa alegria quando deparou a beleza perfeita de um caçador de pés quase tão velozes quanto o raio que se precipita das mãos de Zeus. Sabia

que o jovem não era outro senão Adónis, filho do rei de Pafos, de cuja beleza incomparável já tinha ouvido falar; não apenas o tinha ouvido dos habitantes da terra, mas dos Imortais do Olimpo, que de sua beleza falavam maravilhados.

Os deuses e os homens prestavam igualmente homenagem a sua beleza, mas para Adónis essa honra nada significava. O que lhe alegrava era o vigor de sua compleição física perfeita, a rapidez de seus pés, o poder de seus braços, a velocidade de seus alvos certos, pois o jovem tinha paixão pela caça e era um caçador sem igual.

Afrodite sentiu que seu coração já não lhe pertencia, e soube que a ferida causada pela flecha de Eros só cicatrizaria no momento em que Adónis lhe oferecesse o mesmo amor. Já não era encontrada nas praias da Cítia ou nos lugares que sempre lhe foram mais aprazíveis. Os demais deuses riram quando a viram disputar com Diana na caça e seguir Adónis enquanto ele perseguia a corça, o lobo e o javali pela floresta e pelos declives das montanhas. O orgulho da deusa do amor fazia que ela mantivesse sempre a cabeça erguida, pois seu amor era algo que Adónis possivelmente não entenderia. Ele a considerava "algo melhor que seu cão, um pouco mais estimada que seu cavalo", e se admirava de vê-la seguir seus cães entre matagais, charcos e florestas ermas, vendo nisso apenas uma caprichosa fantasia.

A coragem serena de Adónis era para a deusa um prazer e uma tortura. Porque, para ela, que o amava infinitamente, o caminho dele parecia sempre coberto de perigos. Certo dia, ela lhe fez ansiosamente uma recomendação. Pediu-lhe que tomasse cuidado com os animais ferozes, pois podiam atacá-lo e levá-lo à

morte. O jovem riu com desdém e sarcasmo.

Em outra ocasião, ela lhe perguntou o que ele faria na manhã seguinte. Adónis, com uns olhos faiscantes e indiferentes à beleza dela, disse-lhe que ia dar caça a um javali selvagem enorme, o mais velho, o mais feroz até então caçado, e que, antes da próxima passagem da carruagem de Diana em Chipre, o deixaria morto com uma lança atravessada no corpo.

Com um terrível presságio, Afrodite tentou dissuadi-lo de sua aventura.

Acautela-te! Não sabes o que é
ferir com ponta de lança um javali cruel,
cujas presas sempre vorazes ele incessante aguça,
Como um sanguinário implacável pronto a matar.

...

Nenhum valor dará a essa face tua,
Em que tais olhos de amor admiração se tributa;
Nem a tuas mãos suaves, teus lábios doces, teus olhos de cristal,
Diante de cuja perfeição o mundo todo se curva;
A ti vencerá — terror medonho! —
Como escava a terra tua beleza ele escavará.

Shakespeare

Adónis apenas riu de seus conselhos. O mal seria esquivar-se acovardado diante da ferocidade de um velho monstro dos bosques. Rindo, com o orgulho de um jovem confiante diante dos temores ociosos de uma mulher, dirigiu-se para casa com seus cães.

Afrodite passou as horas subsequentes com a alma tomada de um temor corrosivo, próprio de uma mulher mortal. Logo cedo ela foi para a floresta a fim de novamente argumentar com Adónis e tentar persuadi-lo, por amor dela, a desistir da perigosa caça, pois ela o amava muito.

Mas, assim que os portais rosados da Aurora se abriram, Adónis começou sua caçada. A deusa pôde ouvir os latidos dos cães a distância. Percebeu, porém, que aquele alarido não era o de cães que arrastam triunfantes a caça dominada, mas o ladrar triste semelhante ao dos cães de Hécate.⁹ Afrodite, veloz como um grande pássaro, alcançou o lugar de onde vinha o alarido perturbador.

No meio do mato pisoteado, onde jaziam muitos cães dilacerados pelo javali, Adónis gemia em agonia mortal. Afrodite prostrou-se ao seu lado, e tomou sua cabeça amada nos braços.

Esse momento, *in extremis*, despertou em Adónis o sentimento do homem, e ele percebeu algo do significado do amor de Afrodite. Seus cães de caça e sua lança pareciam agora apenas brinquedos insignificantes.

Ficou por fim completamente silente como se dormisse, branco marmóreo e belo como uma escultura cinzelada pelas mãos de um deus. Mas o sangue jorrava da ferida na coxa, tingia de

⁹ Hécate era uma divindade misteriosa, às vezes identificada com Diana e, outras vezes, com Prosérpina. Era a deusa do mundo dos mortos, também da bruxaria e do encantamento, e acreditava-se que vagava à noite pela terra, vista somente pelos seus cães, cujos latidos indicavam sua aproximação.

vermelho a relva. Depois, por um breve tempo, o lume da vida nele vibrou, seus lábios frios tentaram mover-se em um sorriso de compreensão, procuraram os dela. Enquanto trocavam aquele beijo, a alma de Adónis partiu.

Adónis foi ferido cruelmente na coxa, mas uma ferida mais profunda leva Citeréia¹⁰ no coração. Em torno dele seus cães estimados ladram, e as ninfas dos bosques solitários choram; Afrodite vagueia com os cabelos soltos pelas clareiras do bosque - desditosa, as mechas desfeitas, os pés nus; os espinhos a ferem e seu divino sangue brota. Lamenta com gemidos profundos enquanto vai derrotada pelo bosque... Os rios deploram a dor de Afrodite, e as fontes choram por Adónis nas montanhas. As flores desabrocham rubras de agonia, e Citeréia vai pelas faldas dos montes e pelos vales pronunciando uma canção fúnebre: "Desventura, que desventura para Citeréia, ele morreu, o encantador Adónis!"

Bion

Ela pediu piedosamente a Zeus trazer-lhe de volta seu amor perdido. Nenhuma resposta veio.

Gritou então amargurada: "Farei um monumento a Adónis que será eterno!" Enquanto falava, suas lágrimas se misturaram ao sangue dele, e se transformaram em flores.

"Uma lágrima derramada para cada gota de sangue de

¹⁰ Afrodite.

Adónis. As lágrimas e o sangue tornaram-se flores sobre a terra. Do sangue vieram as rosas; das lágrimas as anémonas".

Mas a dor de Afrodite não se aplacou. Zeus, já agastado com suas lágrimas, a ouviu pedir, para seu assombro, que consentisse em deixá-la descer ao Mundo das Sombras para ali sofrer a noite eterna ao lado daquele que amava. O coração de Zeus então abrandou.

"Jamais pode ser concedido que a Rainha do Amor e da Beleza deixe o Olimpo e a terra prazerosa para se lançar na escuridão do Hades", ele disse. "Em vez disso, antes permitir que o belo jovem a quem amas retorne do Mundo Inferior a cada ano, e aqui permaneça por seis meses para que tu e ele possais conhecer a alegria de um amor realizado".

E assim veio a acontecer. Quando a sombra melancólica do inverno ia embora, Adónis retornava à terra e aos braços daquela que o amava.

Até na morte é forte o amor bastante,
Que morrer de todo não pude, e ano após ano,
Quando a radiante primavera volta, e a terra renasce,
O Amor abre seus portais veneráveis, e me convoca
A atravessar a voragem.

Lewis Morris

Vem a estação do canto dos pássaros, a terra ressequida ressurgue radiosa em adornos de folhagens verdes e flores aromáticas. Adónis já retornou de seu exílio e deixa seus sinais na flor delicada que é sua, a flor branca com o centro dourado, que

tremula ao vento como as mãos brancas da deusa que um dia também se agitou aflita de dor.

O inverno arrebatava anualmente o "adorável Adónis" e o leva de novo para as Sombras. Ainda assim, sabemos que a Primavera retornará pelo tempo que a terra durar; tanto quanto o surgir do sol de todo dia permanecerá enquanto o tempo existir, para criar:

Le ciel tout en fleur semble une immense rose
Qu'un Adonis céleste a teinte de son sang.¹¹

De Heredia

¹¹ Em francês no original:

"O céu todo em flor qual uma imensa rosa
Que um Adónis coloriu com seu sangue".

Pã

A religião grega criou uma vasta quantidade de fábulas. Se as considerássemos no seu conjunto como uma imensa peça teatral, veríamos que, entre os milhares de personagens, há um que aparece reiteradamente. Desde o primeiro acto até ao último, cena após cena, em conexão com outro personagem, depois outro, Pã está presente: tão jovem e também tão velho; tão abertamente jovial e também tão infinitamente triste.

Se, em vez disso, considerássemos a mitologia grega como uma colossal e esplendorosa peça musical, veríamos soar uma nota recorrente: a música pura e mágica da flauta de Pá.

Temos a história de Pá e Eco, de Pã e Midas, de Pã e Sirinx, de Pã e Selene. De Pã e Pítis, de Pá e Pomona. Foi Pá que ensinou música a Apolo. Foi Pá que falou palavras de conforto à desatinada Psique; Foi Pã que deu a Diana cães de caça. Os demais deuses têm um papel específico na grande peça cujo palco era algumas vezes o Olimpo; outras vezes, a Terra. Mas Pá é a expressão da própria Terra, ele é a encarnação da Natureza mesma.

Entre as várias histórias de sua genealogia, a oferecida por um dos poemas de Homero conta que Hermes, o de sandálias aladas, uniu-se a Dríope, a bela filha de um pastor da Arcádia. Dessa união nasceu Pã, sob as árvores verdejantes. Dríope ficou tomada de horror quando pela primeira vez olhou para o filho, e

fugiu de sua presença. Abandonada, a criança urrou com toda sua força. Quando seu pai Hermes o examinou, descobriu nele um rosto rosado, orelhas algo pontudas e pequenos cornos que despontavam entre os cachos abundantes de seus cabelos, o peito coberto de pêlos mosqueados como o de um fauno; em vez das pernas cheias de dobras de um bebê, ele ostentava as pernas fortes e peludas de uma cabra. Era uma criatura serena, sobretudo alegre.

Hermes o envolveu em uma pele de lebre, rumou para o Olimpo e mostrou aos deuses o filho que tinha nascido dele e da bela ninfa dos bosques. Embora um bebê, Pã provocou o riso dos deuses. Apenas fez chorar uma mulher, sua mãe. Todos os demais exultaram diante da nova criatura nascida, que viera para lhes acrescentar alegria. Baco, que o amou mais que todos e sentiu que aquela criança continha algo de sua própria natureza, deu-lhe o nome pelo qual ficou conhecido para sempre: Pã, cujo significado é Tudo.

Pã crescia, semelhante terreno dos habitantes do Olimpo. Tornava-se o senhor dos bosques e dos lugares ermos. Era rei dos caçadores e dos pescadores, senhor dos rebanhos e dos pastores e de todas as criaturas da floresta. Todas os seres viventes, toda a natureza o tinha por seu senhor; mesmo as abelhas silvestres o conclamavam seu senhor supremo. Era sempre festivo. Se uma folia de música e risos ecoava, nisso estava Pã, que, conduzindo o cortejo dançante das ninfas e sátiros saltitantes, rompia o silêncio dos bosques. O cortejo o seguia ao som da melodia de sua flauta, a flauta para cuja criação uma ninfa fora transformada em juncos.

Usava em torno de seus cornos e cachos abundantes uma

coroa de folhas de pinheiros, lembrança de Pítis, outra ninfa em cujo desaparecimento também participara. Ocorreu certo dia a ela ouvir a música de Pã. Seguiu-o como uma criança atraída por um forte encantamento. Sua flauta a levou cada vez mais longe, para lugares perigosos e ermos, até que por fim foi parar à beira de um rochedo íngreme cujas escarpas desciam abruptas para o fundo rochoso. A música de Pã cessou, e o deus estendeu os braços para abraçá-la. Pítis sentiu nesse momento toda a alegria do mundo. Mas, nem ela nem Pã tinham-se lembrado de Bóreas, o impiedoso vento Norte, cujo amor ela tinha desprezado.

Antes que Pã pudesse tocá-la, uma rajada violenta arrebatou o corpo frágil da ninfa e lançou-a contra as rochas. De seu corpo nasceu o pinheiro, fazendo brotar a vida milagrosa nas escarpas do precipício. Na coroa de pinheiros Pã indicava que ele guardava uma lembrança afectuosa da ninfa.

Pã era a alegria, a juventude, a força, a primavera para todas as criaturas que o tinham como senhor supremo. Pã significava a substância fecunda da seiva das árvores, a exuberância fértil da relva, a haste verdejante do jacinto azul e do dourado lírio; a pulsação da vida que vibra nos bosques e nos prados; o trinado dos pássaros que chamam os companheiros; o arrulho dos pombos nos ninhos com os filhotes; a virilidade soberba do touro e do veado cujo bramido rompe o silêncio dos montes; a leveza de alma que faz as ninfas dançarem e cantarem, os faunos saltitarem e gritarem numa intensa alegria de viver. Tudo isso era Pã para aqueles que viviam em seus domínios.

Mas, para os homens e mulheres que também ouviam sua música, Pã não significava apenas alegria. Assumia frequentemente

a forma do terror, pois era uma força que, emanando da natureza, não se lhe podia resistir.

Ninguém o temia enquanto o sol brilhasse no céu; os pastores não o temiam enquanto pudessem ver o oscilar do algodoeiro, o lírio e o botão-de-ouro que oculta as armadilhas mortais dos pântanos. Homens e mulheres não sentiam nenhum medo enquanto os raios do sol iluminassem os caminhos do bosque, os pássaros cantassem exultantes, o eco distante de Sirinx repercutisse entre as bétulas e os pinheiros. Porém, o terror chegava logo que a escuridão envolvia a terra, hora em que a solidão e as trevas reinavam e os rumores assumiam formas desconhecidas e vagas. Cuidavam que já não era a doce melodia de sua música que ecoava, mas um riso zombeteiro. Fugiam desatinados e ofuscados por algo que não podiam ver, e só indistintamente ouviam. É por essa razão que a esses pavores repentinos deu-se o nome de pânico, ainda hoje conhecido como tal.

O domínio de Pã é a alegria, a beleza, a dor e o terror da vida. Nele se concentra esse fluir impetuoso em que se acham representadas as contradições da vida. Há quem o vê apenas como emblema do paganismo, um ser cruel, mais fera que homem, calcando com os pés de cabra as flores mais delicadas das fontes. Mas essa crueldade e essa ferocidade representam as forças vivas da Natureza, que trazem em si o "Grande Fogo da Vida", a espontaneidade de seu pujante e original festim.

"A Natureza é a vestimenta temporal de Deus. Ela O revela aos sábios. Oculta-O dos tolos", disse Carlyle.

Nos tumultos do ser, na tormenta do agir,
Eu viajo e crio, nos céus e na terra,
Crio e teço em incessante actuar!

A Vida e a Morte,
O oceano infinito;
O tomar e dar
O fogo da Vida;

Esse o tear vertiginoso do Tempo em que navego,
Em que teço a tela em que tu vês Deus.

Assim fala "Erdgeist" no Fausto, de Goethe. Ainda outro grande poeta escreve:

O sol, a lua, as estrelas, o mar, os montes e vales
Não são, ó vida, a Imagem Daquele que reina?
Ouidos humanos não ouvem, olhos humanos não vêem;
Se pudessem ouvir e ver, nessa Imagem não veriam Deus?

Tennyson

No reino de Tibério, naqueles dias em que na colina do Calvário, em Jerusalém, Jesus Cristo morreu como um criminoso na cruz: "Por volta da sexta hora, as trevas cobriram toda a Terra", Thamus, um capitão egípcio, estava no leme de um navio próximo das ilhas de Paxi no Mar da Jónia. Uma grande voz disse-lhe: "Vai! Proclama em toda a parte: O grande Pã está morto!"

Do tombadilho de seu navio viu aproximar-se Palode. Gritou alto as palavras que ouvira. De toda a Terra levantou-se uma grande lamentação. O mar e as árvores, os montes e todas as

criaturas de Pã suspiravam e soluçavam simultâneos numa ressonância das palavras do capitão: "Pã está morto, Pã está morto."

Nos montes ermos
E praias murmurantes
Ecoa lamento e pranto;
Dos vales de álamos orlados
E das fontes remotas
Com suspiros um deus se vai;
De flores coroadas, as tranças desfeitas
As ninfas nas sombras crepusculares
Entre espessas ramagens choram.

Milton

Pã morreu, e com ele morreram todos os deuses.

Deuses! Em vão vos exortamos,
Nada dizeis nem com vozes nem sinais!
De seus devotos ninguém vos consagrou
Um túmulo que fosse a vossas Divindades,
Uma só lápide que vos rememorasse:
"Aqui os sagrados deuses repousam"
Pã, Pã está morto

E. B. Browning

Pã permanece entretanto como representação da Natureza e

da vida. Alguns há que designam sua música como "Joie de vivre".¹² Musset diz "Le vin de la jeunesse", cuja levedura se faz "dans les veines de Dieu".¹³ É Pã que inspira Seuma, o velho habitante de uma ilha, de quem Fiona Macleod escreve que, contemplando o mar ao pôr-do-sol, disse: "Em manhãs como essa, tiro o meu chapéu para a beleza do mundo".

No bosque, erguem-se os grandes troncos de faia, a seus pés estende-se um tapete de primulas e jacintos, as anémonas vibram aos raios do sol escassamente coados nas folhagens, entre as fendas da cúpula florestal nescas do céu azul aparecem misturadas ao verde das ramagens. Um sussurro levanta-se das folhas secas à passagem da aragem, imitam os passos de alguém invisível caminhando no silêncio do bosque, rumores de sons indistinguíveis revelam a vida palpitando, a invisível entidade movimenta-se na floresta no meio do silêncio de seu abrigo total.

Na obscuridade do bosque eu o ouço cantar
Ténues, indistintas formas, onde musgos se alastram
sobre árvores ancestrais; vórtices de sombras a engendrar
Ecos ilusórios de formas fantasmais.

Fiona Macleod

¹² Alegria da vida.

¹³ O vinho da alegria produzido nas vinhas de Deus.

Lorelei¹⁴

Não sei bem qual a causa
De eu estar tão triste assim;
Talvez uma lenda de tempos idos,
Que em pensamentos está em mim.

Sentada está a virgem mais formosa,
Lá no alto, cativante, esplendorosa,
Os cabelos penteia e entretece
E em ouros de adornos resplandece.

O pente de ouro os fios penteia,

¹⁴ Nome de uma rocha com um extraordinário eco, no rio Reno, próximo a Sankt Goarhausen. O nome LORELEI deriva do alemão arcaico LUR combinado com o alemão moderno LAUERN (atrair, estar de tocaia ou à espreita de), e ainda LAI (uma rocha). Segunda a lenda, LORELEI foi uma virgem que, em desespero, se atirou no Reno em razão de um namorado infiel; transformou-se então em sereia e passou a atrair os pescadores levando-os à morte. A lenda inspirou romances, poemas e canções. A famosa poesia de Heinrich Heine (1757-1856) foi musicada várias vezes. As mais famosas composições são as de Friedrich Silcher e Franz List. (Tradução do poema e nota de Ilde Suto)

E uma canção canta para acompanhar;
Seu canto fabuloso qual uma teia,
Poder que a todos faz enredar.

Heine

Em toda parte, de Norte a Sul, de Leste a Oeste, o mito e a lenda nos apresentam crianças semi-humanas, criaturas cruéis do mar agitado e dos rios de correnteza bravia, que continuamente perseguem o homem para dilacerar seu corpo e destruir sua alma.

Na Escócia e na Austrália, em toda a Europa, temos contos que relatam seres horríveis e disformes que habitam rios ermos, lagos e pântanos. Encontrar com esses seres é encontrar a Morte.

Semelhantes em malignidade e infinitamente mais perigosos são os seres de extrema beleza, que atraem com irresistível encantamento os homens para o fundo de mares e rios. Pertencem a essa estirpe as sereias. Unir-se a uma delas acarreta um infortúnio indizível ao homem.

Contam-se histórias de uma melodia sedutora que se ouve em lugares ermos e remotos do mar, no crepúsculo, ou à noite quando a lua espalha uma luz prateada sobre as águas. Outras histórias falam de mulheres que moram no fundo do oceano. Elas vêm à tona para encantar a alma dos homens com sua beleza e com seus desejos ímpios de amor humano.

Sempre enfrentamos o mar. Todos nós conhecemos seu encanto sedutor, mas todos nós o tememos. E uma vez que vemos o mar em fúria, arremessando-se com violência contra a praia, encrespando e espumando sobre o convés do navio, podemos

entender muito das antigas crenças pagãs. Se alguém já observou a ira de um rio em plena cheia, investindo triunfalmente contra toda resistência, arrastando árvores que impedem sua torrente, levando homens, animais e tudo que encontra pelo caminho, facilmente perceberá de onde se originam os antigos contos de crueldade e da força irresistível da natureza.

Muitos são os contos de sereias do mar que tiram a vida de homens e lançam seus corpos à deriva entre escombros. Em uma crônica do século oitavo relativa a St. Fechin, lemos sobre a violência dos poderes malignos "vista naquela fúria das águas, turbulência e raiva diabólica com que o mar bate contra as rochas". "A dádiva amarga de nosso deus Poseidon", é o nome dado a essa torrente por Arquíloco de Paro, um dos primeiros poetas da Grécia. Outros poetas e narradores citam palavras de pescadores e de gente do povo nas quais se pode perceber por que mentes simples materializam os elementos devoradores e irrequietos da natureza na forma de uma mulher muito bela, doce e ao mesmo tempo cruel. "Ela é como uma mulher das velhas histórias cuja beleza é temível", disse Seuma, o habitante de uma ilha, "que parte seu coração seja quando sorri seja quando mostra fúria. Mas ela não se importa com isso, nem se você está ferido, se não. A razão disso está em que ela não tem coração, criatura unicamente feita de água selvagem".¹⁵

Traíçoeiros, belos, sem sentimentos, assim os homens consideram o mar e os rios impetuosos, dos quais as sereias da velha tradição são o símbolo. Ainda que traíçoeiros e impiedosos, detêm um poder de fascinação capaz de seduzir, na voz dos

¹⁵ Fiona Macleod, *The Winged Destiny*.

poetas, até a lua e as estrelas:

Uma vez sentado em um promontório,
Ouvi uma sereia, sobre o dorso de um delfim,
Tais sons melódiosos e harmoniosos cantava,
Que o rude mar quedou-se cortês à sua canção;
Estrelas se moviam desatinadas nas esferas,
Para da sereia-do-mar a melodia ouvir.

Shakespeare

São muitas as histórias de mulheres do mar e dos rios. Porém, uma delas ficou para sempre, pois Heine a imortalizou na poesia. Trata-se da virgem do Reno: Lorelei.

Próximo a St. Goar, emerge das águas do Reno uma rocha, de aproximadamente quatrocentos pés de altura. Muitos barqueiros ali encontraram a morte, e o eco que ela possui ainda ressoa cheio de pesar. Aqueles que conhecem o grande rio, no fundo do qual repousa oculto o tesouro dos Nibelungos, as "cidades luminosas às suas margens e os vinhedos verdejantes ao longo das colinas", podem compreender como é natural a crença na lenda de Lorelei, mormente se já experimentaram a aventura dos penhascos acidentados e encimados por castelos em ruínas, que ali pairam como sentinelas antiquíssimas que vigiam o leito do rio.

Costumeiramente um barco frágil corta as águas do rio. A rocha perigosa o espreita. Em torno dela as águas formam um turbilhão revoltoso e espumante. Todo o cuidado e habilidade lhe são requeridos para evitar um perigo evidente. Mas nem sempre almeja escapar ao fatal se, acima dele, uma voz canta:

Sua voz soou como a voz das estrelas
Quando com elas simultânea cantou.

O barqueiro levanta os olhos para aquela voz sedutora. Vê uma jovem de esplendorosa beleza, a mais encantadora que alguma vez sonhou. Sentada sobre a rocha, penteia os cabelos com um pente de ouro. O corpo é branco como a espuma das ondas; os olhos são verdes como as esmeraldas dos rios; os lábios encarnados sorriem para ele; os braços lhe chamam estendidos sedutoramente. A melodia de sua música atravessa-lhe a alma e faz seu coração palpitar. Os olhos da criatura o atraem irresistivelmente.

O perigo é completamente esquecido. A corrente turbilhonaste, livre agora para satisfazer sua natureza devoradora, apodera-se do pequeno barco e o arrebatou. O barqueiro ainda fita a criatura sobre a rocha, inebriado de sua incomparável beleza e do encanto mágico de sua voz, enquanto o barco é arrastado contra a rocha. Com o estridor do choque, recobra a consciência. Ainda pode ouvir, com o coração oprimido, o riso escarnecedor de Lorelei no instante em que é tragado como se milhares de mãos geladas se apossassem dele. Com um suspiro abafado, o barqueiro entrega a vida ao impiedoso rio.

A um único homem apenas foi concedido ver a sereia de perto, tão perto, que pôde tocar em suas mãos delicadas e alvas, sentir seus cabelos maravilhosos roçar-lhe os olhos. Era um jovem pescador. Ele a encontrou no rio e ouviu a extasiante canção, que ela cantava apenas para ele. Toda noite ela lhe dizia onde lançar as

redes no dia seguinte, o que o fez prosperar significativamente, e isso causou espanto aos demais pescadores do rio. Veio uma noite, porém, em que ele foi visto descer rejubilante o rio, atraído pela voz de Lorelei, que jamais tinha cantado com tal doçura antes. Não voltou mais.

Disseram que Lorelei o tinha arrastado para a sua caverna de corais, para que pudesse viver com ela eternamente.

É uma lenda muito antiga, assim como a de Odisseu, a quem Circe adverte:

"Tu encontrarás primeiro as sereias, que encantam todos os homens, seja quem for que se aproxime delas. Todos que são seduzidos por elas, involuntariamente, e ouvem a melodia das suas vozes jamais retornam para ver a esposa e os filhos de novo a seu redor, nem estes terão a alegria de o ver de volta; pois as sereias enfeitiçam os homens com uma música pura".

O encantamento que vem do chamado das águas não cessa de atrair os homens. O murmúrio das correntes dos rios e o som continuado das ondas do mar parecem exprimir um convite para que extremos em seus domínios. E entramos, atraídos por seu mistério.

Freia, rainha dos deuses nórdicos¹⁶

"Os nascidos na sexta-feira são amorosos e doadores", diz o antigo verso, que exprime as qualidades especiais de crianças nascidas em cada dia da semana. Aos que consideram a sexta-feira um dia de mau presságio, pode soar estranha a ideia de que crianças nascidas nesse dia da semana sejam abençoadas. Não se pode esquecer que antes do Cristianismo imperava o Paganismo, e este ensinou a todos aqueles que adoravam os deuses nórdicos que sexta-feira é o dia de Freia, "A Amada", protectora gentil, a doadora de todas as alegrias e prazeres. Dela proveio, nos tempos medievais, o designativo Frouwa (Frau), que mulheres de nascimento ilustre usavam como substituição ao nome tomado de seus senhores, e quando o cristianismo destronou o velho paganismo da Escandinávia, os Cristãos convertidos transferiram para a Virgem Maria os atributos que originalmente caracterizavam a sua "Lady" — Freia, a deusa do amor.

Na sua morada na Mansão das Névoas, Freia (também chamada Frigga), esposa de Odin, o Pai-de-Tudo, sentava-se diante de seu fuso de ouro para tecer nuvens. Os homens na Terra tinham no céu uma constante demonstração da prodigalidade de suas mãos tecelãs; eram pequenas nuvens lanosas, macias como

¹⁶ As referências a este mito e aos que se seguem estão indicadas na Apresentação desta obra, para onde enviamos o leitor.

as penugens de uma ave branca, ou as grandes nuvens projectadas sobre o céu azul, orladas de ouro, outras vezes de prata, e outras de um suave violeta, ou eram as grandes acumulações de nuvens escuras pressagiando uma tempestade.

Era a protectora daqueles que navegavam os mares, e também a guardiã das crianças. Dela ainda era a tarefa venturosa de unir no além-vida os amantes que a morte separou, descer aos campos de batalha e comandar a subida ao Valhalla de metade dos guerreiros que tinham morrido como heróis. Seu poder de visão a capacitava enxergar toda a terra e o futuro. Porém, mantinha seu conhecimento em segredo profundo, para que ninguém pudesse induzi-la a fazer revelações.

Vejo todo o porvir. Mas em meu seio

O guardo fechado, e

A ninguém o tenho revelado.

Mathew Arnold

Por isso, ela foi retratada com uma coroa de plumas de garça, o símbolo do silêncio — o silêncio dos lagos solitários onde as garças ficam na mais muda contemplação; algumas vezes vestida com um manto branco, outras com um manto escuro.

Uma grande mulher, em suprema majestade, com um molho de chaves na cintura - símbolo das donas-de-casa do Norte, de quem era a guardiã, protectora também da mãe e do seu filho recém-nascido, do marinheiro apossado pela tempestade lutando com as ondas do mar revolto, dos que morreram gloriosamente nos campos de batalha. Desse modo, é fácil ver que os seus

adoradores a viam como o ideal da mulher perfeita.

Os deuses da Escandinávia, como os da Grécia, tinham pequenas e grandes fraquezas. E Freia não foi menos louvável aos seus adoradores porque possuísse a chamada "fraqueza feminina" do amor pelos adornos. Ela apreciava jóias, e, conhecendo a maravilhosa habilidade dos gnomos para criar ornamentos requintados, furtou uma peça de ouro da estátua de seu esposo Odin, e pediu-lhes que fizessem dela um colar: o colar maravilhoso adornado de pedras preciosas (Brisingamen), que depois passou para a posse de Beowulf. Era tão requintado, que realçou a beleza de Freia e a duplicou, de modo que duas vezes mais perfeita se revelou, e o amor de Odin tornou-se também outro tanto acrescentado.

Mas acendeu-se a ira de Odin quando descobriu sua estátua adulterada. Convocou os gnomos, pois eles é que se ocupavam do fino metal. Ordenou-lhes que revelassem qual deles tinha cometido um tão grave erro. Não obteve resposta, pois os gnomos amavam Freia.

Baldado o intento, Odin colocou a estátua sobre os portais do templo, e empenhou-se a dispor apropriadamente as runas de modo que, propiciada ao poder da fala, a estátua revelasse o nome do autor da profanação. Freia, uma deusa onnipotente, agora se mostrava uma esposa temerosa da fúria do marido. Pediu aos gnomos que a ajudassem. Um deles, o mais horrendo de todos, prometeu que ia impedir a estátua de falar se Freia lhe concedesse o prémio de um sorriso. A rainha dos deuses, que não temia os seres feios e cujo coração era cheio de amor e piedade, sorriu gentilmente para a deplorável criatura. Foi um momento glorioso

para ele que jamais conhecera consideração, só o horror e a repugnância dos deuses.

E naquela noite um profundo sono arrebatou os guardiões da estátua de Odin. Enquanto dormiam, ela foi tirada de seu pedestal e destruída. O gnomo tinha cumprido inteiramente sua parte no acordo.

A ira de Odin irrompeu quando, na manhã seguinte, descobriu o sacrilégio. Nenhuma investigação pôde revelar o criminoso. Extremamente furioso, o deus abandonou Asgard. Ficou fora durante sete meses. Os Gigantes do Gelo invadiram seus domínios em sua ausência, e toda a terra ficou coberta com uma mortalha de neve, oprimida pelo gelo inclemente, sufocada e abafada pelo denso nevoeiro. Decorridos os sete meses lúgubres, Odin retornou. Com ele veio a bênção da luz e do brilho do sol, e os Gigantes do Gelo fugiram aterrorizados.

Freia tinha o poder de obter o que desejasse por artimanhas próprias da astúcia feminina. Odin, um deus sábio e prudente, era muitas vezes sobrepujado pelo talento dela, ocasião em que ela exercia domínio sobre o sábio deus. Certa vez, os Winilers e os Vândalos estavam em guerra, preparavam-se para uma batalha que ia decidir definitivamente qual povo governaria o outro. Os Winilers pediram a ela ajuda, e obtiveram a promessa de auxílio. Odin ocupava Hlidskialf, o mais alto ponto de Asgard, um mirante poderoso de onde podia ver o mundo todo e saber tudo que acontecia entre os deuses, gigantes, elfos, gnomos e homens. Freia viu dali os Vândalos e os Winilers preparando-se para a batalha que na manhã seguinte iam travar.

A noite estava descendo. Freia e Odin viram reluzir o brilho

das lanças, espadas e elmos de bronze, ouviram os gritos roufenhos dos guerreiros, a agitação que antecede a batalha. Conhecendo perfeitamente que seu senhor favorecia os Vândalos, Freia pediu-lhe que dissesse qual dos dois exércitos seria vitorioso. "O exército sobre o qual meus olhos pousarem primeiro quando ao amanhecer eu acordar", disse Odin, sabendo de antemão que seu leito estava colocado em tal posição, que não poderia deixar de ver os Vândalos quando acordasse. Satisfeito com sua astúcia, retirou-se para repousar. O sono logo desceu sobre suas pálpebras. Entretanto, enquanto dormia, Freia moveu delicadamente o leito, de modo que seus olhos caíssem sobre o exército que ela apoiava. Recomendou aos Winilers que vestissem suas mulheres com roupas de guerra, os longos cabelos habilmente arranjados sobre a face, de modo que parecessem barbas caindo sobre o peito, e, ordenadas em tropa de guerra, deixassem-nas encontrar os olhos de Odin ao alvorecer.

Vossas mulheres em tropa tomai

Filhas e esposas;

Os cordões de guerra prendei

Em seus tornozelos;

A couraça apertai

Em seus peitos;

Longos tufos prendei

Sobre seus lábios;

Guerreiros de longas barbas

O rei Odin julgará que são

Quando no campo à beira-mar

O honrardes ao amanhecer.

Charles Kingsley

Odin acordou na manhã seguinte quando o sol já derramava os primeiros raios sobre o céu e o mar. Olhou do alto de sua torre para o exército na praia, e, com grande assombro, exclamou: "Quem são aqueles de Longas-barbas?"

Freia, que tudo preparara para que assim sucedesse, disse em triunfante alegria: "São os Winilers! Tu deste a eles um novo nome. Deves agora premiá-los com uma dádiva tua! Deixe-os, pois, alcançar a vitória, rogo-te, amado senhor de minha alma".

Odin, vendo-se logrado e sabendo que os costumes nórdicos o obrigavam a conferir uma dádiva ao povo que ele tinha nomeado, concedeu aos Longas-barbas a vitória que Freia desejava. Essa dádiva não se limitou a apenas aquele dia, pois a Odin os Longas-barbas atribuíram as muitas vitórias, que, por fim, os levaram a encontrar uma pátria na ensolarada terra da Itália, onde a bela Lombardia mantém o nome que memoriza o estratagema de Freia.

Com o advento do Cristianismo, Freia, a Amada, foi destituída juntamente com os demais deuses antigos. Passou a habitar os picos solitários das montanhas da Noruega e da Suécia, e o Brocken, na Alemanha. Já não era uma deusa amada. Fora transformada em um poder demoníaco, cheio de horror e malignidade. Nas Noites de Walpurgis ela presidia o festim das bruxas no Brocken. Os gatos, que, segundo dizem, puxavam seu carro quando ainda era considerada uma deusa benevolente, deixaram de ser as criaturas gentis de Freia, a Bondosa, e passaram a ser considerados companheiros satânicos das bruxas.

Permaneceu de sua memória apenas um facto promissor. Quando ela chorou a morte de seu bem-amado filho Baldur, o Belo, as lágrimas que derramou transformaram-se no puro ouro encontrado no leito dos rios entre as montanhas. Os que descendem do povo que a adorou, saxões, normandos e dinamarqueses, podem certamente tirar de sua memória as impurezas danosas da superstição e manter apenas o ouro puro, representado no facto de que esses guerreiros ancestrais não adoraram um deus poderoso e feroz das guerras apenas, mas uma mulher, cujo atributo era o de ser "amorosa e doadora".

A morte de Baldur

Ouvi uma voz que gritava
"Baldur, o Belo
Está morto, está morto!"
Atravessou a atmosfera nevoenta
Como o grito pesaroso
Dos grous que voam ao sol.

Longfellow

Entre as divindades da Grécia encontramos deuses que agem de modo indigno, mas nunca de modo permanente como o de um vilão. Na mitologia nórdica, temos um deus inteiramente traiçoeiro e maligno, sempre o vilão ardiloso, malvado, vingativo e cruel. Trata-se de Loki. Seu antagónico e vítima é Baldur, o melhor dos deuses, o mais belo, e mais amplamente amado, um Galaad da Corte do rei Odin, seu pai.

Minha força é a força de dez,
Porque meu coração é puro

Nada de impuro podia ser encontrado em sua alma; ninguém podia contestar sua coragem. Ele sempre aconselhava a paz, era

sempre amável e infinitamente sábio. Sua beleza era extraordinária. A fronte nítida e cabelos dourados pareciam irradiar os raios do sol. Adorado igualmente dos deuses e dos homens, era considerado o deus da inocência e da luz.

Baldur vivia em Asgard com a sua esposa Narina, em felicidade perfeita. Amava e era amado, até a noite em que teve o sono perturbado por sonhos portadores de maus presságios. Na manhã seguinte, narrou aos deuses o sonho que tivera. Sonhara que a Morte, algo até então desconhecido em Asgard, tinha aparecido e lhe arrebatara a vida. Os deuses debateram solenemente o assunto a fim de encontrar um modo de evitar esse maléfico acontecimento.

Freia, sua mãe, trazendo o coração oprimido, e temerosa do destino que cercava a sua criatura mais amada, tomou para si a tarefa de, sob juramento, obter do fogo e da água, do ferro e todos os metais, árvores e arbustos, pássaros, feras e de todos os seres rastejantes a promessa de que não causariam nenhum dano a Baldur. Com ansiosa ligeireza percorreu todos os lugares, e de todos os seres da Natureza, animados e inanimados, obteve mediante juramento a promessa pretendida. Excepto de um único ser, o visco:

"Um ramo de visco pequeno e frágil crescia viçoso no campo". Tão pequena criatura, com delicadas folhas e sementes tão dóceis, tão carente de protecção abrigada sob os galhos fortes de um carvalho, que a deusa a ignorou. Certamente, nenhum dano podia vir ao belo Baldur de uma criatura tão insignificante. Retornou, pois, para Asgard satisfeita com o que já obtivera.

Baldur desde então se tornara invulnerável. Os deuses

tentavam inutilmente feri-lo, mas nem a espada, nem as pedras, nem o martelo nem o machado podiam produzir nele nenhum ferimento. E isso os divertia. O riso e a alegria tomaram conta de todos. Odin, entretanto, não ostentava a mesma tranquilidade. Insatisfeito, montou seu cavalo de oito patas, de nome Sleipnir, e cavalgou apressado a fim de consultar a grande profetisa Angrbotha, que morrera e agora estava no gélido Niflheim, o mundo subterrâneo, situado no longínquo norte, lugar aonde o sol jamais chega. Hel, a filha de Loki e de Angrbotha, era a rainha desse reino de trevas.

Ali, lugar amargamente gelado, ela recebia as almas daqueles que morreram por doença ou velhice; seu leito era a ansiedade; sua iguaria era a fome; a inanição sua faca. Seus muros eram altos e fortes, as trancas e grades eram imensas; "metade de seu corpo era azul, metade cor de carne humana. Essa deusa podia ser facilmente reconhecida, em tudo extremamente horrível e repugnante".

Dassent

Nesse reino não era recebida a alma que tivesse morrido em gloriosa batalha, nem admitidos aqueles que no último instante de vida enfrentaram bravamente as ondas furiosas do mar. Apenas os que morreram de modo inglório eram seus hóspedes.

Odin encontrou uma festa sendo preparada, os divãs estavam estendidos com ricas tapeçarias e ornamentos de ouro, à espera de um hóspede honrável. Angrbotha mais de um ano ali

repousava em sono permanente. Pelo poder mágico da palavra e dispondo as runas propiciatoriamente, pôde Odin tirá-la do sono. Ela se ergueu, terrível e furiosa, de sua câmara mortuária. Ele não se revelou o poderoso pai dos deuses e dos homens. Apenas perguntou-lhe para quem estava sendo preparada aquela grande festa, e por que razão Hel preparara os divãs tão esplendidamente. Angrbotha revelou então a Odin o futuro desconhecido: Baldur era o hóspede esperado. Pelas mãos de seu irmão cego, Hodur, sua alma viria para o Niflheim.

"Quem o vingará?", perguntou Odin, com o coração em fúria. A profetisa respondeu que a morte de Baldur seria vingada por Vali, seu irmão mais jovem, que não lavaria as mãos nem pentearia os cabelos até que tivesse levado o assassino de Baldur à pira funerária. Mas ainda outra pergunta Odin desejou ver respondida:

"E quem se recusará a chorar a morte de Baldur?"

A essa pergunta, a profetisa soube que aquele inquiridor não podia ser outro senão Odin, pois a nenhum mortal é dado saber tanto do futuro. Recusou-se mais dizer, e retornou ao silêncio da morte. Odin, sem mais alternativa, montou seu cavalo e voltou a seus domínios.

Encontrou todos se divertindo animadamente com a invulnerabilidade de Baldur. Tentou acalmar a inquietude de seu coração e esquecer os preparos festivos que viu na gélida região de Niflheim, estendeu os braços para o filho que lhe era mais amado e participou da alegria geral.

Apenas Loki não participava da mesma alegria. Odiava Baldur, e alimentava secretamente o desejo de destruir o amado de todos os deuses e homens. Traidor e vil, nunca cultivava um

pensamento que não fosse cheio de torpeza, sordidez e crueldade, e odiava Baldur por sabê-lo puro, autêntico e leal, uma criatura verdadeiramente livre de medo e isenta de reproche.

E dispendo a oportunidade de realizar seu intento, assumiu a forma de uma mulher, e dirigiu-se a Fensalir, o palácio de Freia, mãe de Baldur.

A deusa tecia nuvens, sentada em digna majestade. Loki, aparentemente uma mulher amável, fez uma pausa e em seguida perguntou, simulando assombro, o que significavam aqueles gritos festivos. A deusa sorrindo replicou:

"Todos os seres na terra juraram nunca ferir Baldur, e todos os deuses tentam feri-lo em vão. Baldur está para sempre protegido."

"Todos os seres?", indagou Loki.

Todos, excepto o visco. Nenhum ferimento lhe pode causar algo tão frágil que apenas vive da vida de outros", respondeu Freia.

O coração maligno de Loki alegrou-se. Foi imediatamente ao lugar onde o visco crescia, cortou um galho fino, fez uma ponta aguda e procurou o deus cego Hodur, irmão de Baldur.

"Por que também tu não miras Baldur com uma arma e não te divertes junto com os demais?", perguntou Loki a Hodur, que se mantinha afastado enquanto os demais deuses continuavam o alegre divertimento.

"Sabes bem que a escuridão é meu destino. Não tenho olhos para lançar armas em meu irmão", respondeu tristemente Hodur.

Loki colocou-lhe nas mãos a seta de visco e orientou o alvo. Hodur lançou o dardo certo. Esperou pela explosão de risos que se seguia ao ataque sempre infrutífero. O que veio, porém, foi um

terrível grito de lamento.

"Baldur, o Belo está morto! Está morto!"

Nos domínios dos deuses e em toda a terra escandinávia levantou-se uma amarga lamentação.

"Foi a maior aflição que alguma vez tinha sobrevindo aos deuses e aos homens", diz a história.

O clamor da terrível lamentação trouxe Freia ali onde

Jazia Baldur morto; em torno uma grande quantidade de espadas, machados, lanças e dardos que os deuses em divertimento tinham lançado inocentemente contra ele, a quem nenhuma arma podia trespassar; entretanto, em seu peito estava cravado o fatal dardo de visco.

Matthew Arnold

A dor de Freia foi tal que recusou conforto. Os deuses, oprimidos pelo pesar, não sabiam que conduta assumir. Foi ela que ordenou que alguém fosse sem demora ao Niflheim e oferecesse a Hel um resgate pelo retorno de Baldur a Asgard.

Hermoder, o Hábil, outro dos filhos de Odin, tomou para si a missão. Montou o cavalo de oito patas do pai, e rapidamente alcançou os gélidos domínios de Hel.

Ali encontrou Baldur sentado em lugar de honra e festejado por todos, soberano entre a gente que vivia no mundo subterrâneo. Com palavras eloquentes Hermoder rogou a Hel que permitisse o retorno de Baldur ao mundo dos deuses e dos homens, pelo muito que era afectuosamente amado por todos. Hel respondeu:

Se Baldur é tão afectuosamente amado,
E tamanha é ao Céu essa perda —
Ouve como Baldur poderá ao Céu ser restituído.
Mostra-me os sinais de que em todo o mundo é chorado!
Um único ser que o não chore, aqui Baldur ficará!
Tudo que vive e move sobre a terra chore
Tudo que sem vida é também chore;
Deuses, homens, brutos, todos chorem; plantas e pedras,
Saberei que tal perda é deveras sentida,
E meu coração subjugado o devolverá ao Céu.

Matthew Arnold

"Todas as coisas o chorarão!", respondeu com alegria Hermoder, e rapidamente transpôs o perigoso caminho de volta. Os deuses, tendo ouvido a resposta de Hel, enviaram mensageiros por toda a terra para rogar a todos os seres, vivos e inertes, que chorassem por Baldur. Tão amado de toda a Natureza era o belo deus, que os enviados deixaram atrás de si um rasto de lágrimas, e não houve ser que não chorasse.

Entrementes, em Asgard, era preparada a pira funerária de Baldur. Os mais altos pinheiros da floresta foram derrubados pelos deuses, e ajuntados em uma enorme pira no convés de seu navio, Ringhom, o maior do mundo.

Setenta varas¹⁷ ao comprido e quatro ao largo
Sobre a areia a quilha do navio;

¹⁷ Antiga medida inglesa, equivalente a 45 polegadas, 1.143 m.

E na proa alto, de ouro esplêndida
Figura feroz alteava
Que elmo de metal encimava.

Longfellow

Levaram o corpo para a praia, e o estenderam sobre a pira rodeada de ricas oferendas e coberta de estupendas tapeçarias e flores aromáticas. Sua esposa Narina contemplou sua bela e serena face, e, com o coração confrangido pela dor, caiu no chão morta. Colocaram-na ternamente ao lado dele. Também ali deixaram seu cavalo e seus cães de caça, mortos para que acompanhassem o amo na descida à terra dos mortos. Ao redor da pira entrelaçaram o espinheiro, símbolo do sono.

Enquanto isso, esperavam-no ressurgir radiante e glorioso de volta à terra e aos que muito o amavam. Divisaram os mensageiros que se aproximavam, e afluíram todos ansiosamente para ouvir as boas-novas de sua libertação do mundo dos mortos, as gratas palavras: "Todos as criaturas choraram, Baldur voltará!"

Com eles, porém, não veio a alegria mas o desespero. Todas as criaturas, viventes ou não, tinham chorado, excepto uma única. Uma gigante sentada em uma caverna escura rira deles com sarcasmo, pronunciara com diabólica alegria palavras escarnecedoras:

Nem vivo, nem morto,
Deu-me ele alegria.
Que Hei para si o tenha.

Perceberam que pela segunda vez Baldur tinha sido traído, que aquela gigante não era outra senão Loki. O perverso deus, notando a ira feroz de Odin e dos outros deuses, fugiu de suas presenças, ainda que não pudesse escapar da punição.

Nesse instante souberam que Baldur teria de permanecer irremediavelmente nos domínios da morte, até que sobreviesse o crepúsculo dos deuses, até que as antigas coisas tivessem passado, e tudo se tornasse novo.

Não apenas os deuses, os gigantes das tempestades e do gelo, também os elfos vieram para ver pela última vez aquele que amavam. A pira foi então acesa, e o grande navio lançado ao mar. Deslizava sobre as águas com suas velas em chamas.

Em chamas o navio ao mar lançado!

Nas distâncias flutuava

Em meio ao enevoado mar,

Com o sol se assemelhava

Submergindo sob as vagas,

Não mais Baldur retornará!

Antes que se apartasse do filho, Odin inclinou-se para ele e sussurrou-lhe ao ouvido uma palavra. Dizem que, enquanto os deuses permaneceram na praia fitando pesarosos o mar, as trevas desciam, e apenas as chamas sobre as ondas mostravam a direcção para onde ia. Tivessem embora oprimido o coração, desejavam o conhecimento daquela palavra sussurrada. Sabiam que com a morte de Baldur o crepúsculo dos deuses tinha começado, que somente depois de passados séculos o acto da sua

purificação e sua divinização seria realizado. Quando todos estivessem preparados para recebê-lo, a paz e a felicidade reinassem novamente na Terra e no Céu, Baldur retornaria — pois a palavra sussurrada no último instante foi *Ressurreição*.

Beowulf

Era entre os homens,
De força o mais possante.

Longfellow

Ler o poema de Beowulf é experimentar uma das mais admiráveis histórias já escritas, sejam esses leitores estudiosos que desejem argumentar sobre a data do poema, sejam teóricos engenhosos que desejem utilizar todos os contos dispersos e rimas como partes de um vasto quebra-cabeça dos mitos da natureza, sejam simplesmente leitores comuns que lêem uma história pelo puro prazer de ler.

É "o mais antigo poema épico em língua germânica". Foi trazido para a Grã-Bretanha pelos vikings, que navegaram pelo Mar do Norte para conquistar a Britânia, concorrendo para formar o grande amálgama que é hoje o povo britânico.

Uma vez aportada na Inglaterra, a lenda recebeu uma roupagem para que os britânicos pudessem mais facilmente apreciá-la. O cenário da história foi na ilha Sjaeland onde hoje está Copenhague. Mas o autor do poema o escreveu para seus compatriotas no mais puro anglo-saxão e estabeleceu o cenário nos lugares que ele e seus leitores conheciam bem, mas, certamente, o Beowulf do poema épico foi alguém que viveu e morreu na

Escandinávia.

Na Dinamarca, assim diz a história, estando o povo desejoso de um rei, um dia em que os pássaros marítimos pairavam sobre as ondas, viram flutuando à deriva um soçobro que a tempestade, naquele momento já acalmada, empurrara para a praia. Era um pequeno barco no qual, sobre um feixe de trigos maduros e cercado de preciosas armas e jóias, estava um lindo bebê sorridente em seu sono. Era filho de Odin, disso não tiveram dúvida, e o fizeram seu rei. Serviram-no fiel e lealmente por toda a vida.

Scyld Scefing era um valoroso e nobre rei, reinava sobre a terra e o mar, do qual não tivera medo nem mesmo quando ainda era um bebê. Muitos anos tinham vindo e tinham escoado. Scyld Scefing sentiu que a morte se aproximava, convocou sua corte e lhes disse o modo como desejava morrer. Fizeram como ele pediu. Prepararam uma pira funerária em um navio adornado de muitas jóias e ouro e forrado de feixes de trigo. Com grande dor e dificuldade, pois ele estava velho e a mão da morte pesava sobre ele, o rei subiu ao navio e deitou-se sobre a pira. Disse. adeus a seu fiel povo, e o navio foi lançado ao sabor da corrente. O povo assistia à sua partida e viu com o coração oprimido as velas que o conduziam desaparecer na névoa. Souberam que seu rei tinha voltado para o lugar de onde viera, que não veriam seu rosto nunca mais.

Scyld deixou descendentes, que, um após outro, reinaram na Dinamarca. Foi no reinado de seu bisneto, Hrothgar, que tiveram lugar os acontecimentos narrados na história de Beowulf.

Hrothgar era um guerreiro e poderoso rei. Sua fama espalhou-se amplamente pelos mares do norte, de modo que todos

os guerreiros do seu reino tinham orgulho de servi-lo nos tempos de paz, e, em tempos de guerra, de morrer por ele. Durante sua longa vida, ele e seus homens nunca partiram em seus navios sem retornar com o grito rejubilante da vitória, carregados dos ricos despojos dos inimigos. Quando envelheceu, Hrothgar determinou que um grande monumento fosse erguido à magnificência de seu reino. Foi então construído para ele um vasto palácio com torres majestosas e pináculos imponentes — o mais requintado Palácio-de-festas que seus habilidosos artífices podiam ter concebido. Depois de concluído, Hrothgar deu uma festa para todos os nobres. Dias e noites seguidos, a música e as canções dos menestréis, os murmúrios e os risos dos poderosos guerreiros ecoaram entre as grandes colunas do Heorot — o nome que seu palácio recebera.

Hrothgar estava orgulhoso na noite em que o banquete terminou entre as aclamações do povo. E como um homem orgulhoso e feliz, retirou-se para repousar enquanto seus guardiães, possantes guerreiros, deitaram-se no grande salão onde tinham festejado, e ali dormiram profundamente.

Nos pântanos escuros daquela terra vivia um monstro, feroz, pernicioso e cruel; amava o mal e odiava tudo que representava alegria e bem. Chegaram até ele os sons dos risos e os gritos do festim do rei Hrothgar. A canção doce dos menestréis e a melodia das harpas acenderam nele um ódio feroz. Do seu antro no pântano, coberto de uma névoa cinzenta e pestilenta, o monstro, conhecido por todos como Grendel, veio para matar e devorar. Dentro da noite escura, através do pântano ermo, fez seu caminho. Os pássaros fugiram apavorados. As criaturas selvagens desse lugar desolado arrastaram-se para dentro das covas e tremiam

enquanto ele passava. Por fim, chegou ao grande palácio onde achou placidamente dormindo os valentes e nobres guerreiros, que, esquecidos de Grendel, não cuidavam da sua fatal aproximação.

Hrothgar dormiu aquela noite profundamente. Somente abriu os olhos quando, na luz brilhante da manhã, os serviçais, esquecidos de sua augusta realeza, vieram aterrorizados acordá-lo. Contaram-lhe sofregamente a terrível história. Tinham vindo, diziam, para dispor na sala de banquete os juncos viçosos e perfumados dos prados e limpar todo vestígio da festa havida na noite anterior. Os cavaleiros que, completamente armados, haviam ali se deitado tinham desaparecido, e sobre o chão acharam as marcas de algo pútrido e fétido. Nas paredes e sobre os juncos pisoteados havia grandes e terríveis manchas de sangue humano.

Seguiram as pegadas, e se viram diante do pântano onde Grendel habitava. Fora-lhes estarrecedor ver os sinais de sangue que a besta deixara atrás de si. A dor de Hrothgar foi extrema, maior porém foi sua fúria. Ofereceu uma recompensa real a qualquer um que matasse o monstro, e prontamente dez de seus guerreiros prometeram dormir aquela noite no grande palácio e matar Grendel antes que a manhã chegasse.

Mas a manhã mostrou uma vez mais um espectáculo lastimável: o cheiro repugnante de carne pútrida, juncos pisoteados e manchados de sangue. Novamente as pegadas abomináveis do monstro foram encontradas pelo caminho que o conduzia de volta ao pântano.

Havia muitos homens valentes no reino de Hrothgar. Uma vez mais se empenharam para manter a dignidade do grande Palácio-de-festas Heorot e defender a honra de seu rei. Mas

durante doze funestos anos Grendel obteve seu tributo dos mais bravos homens do reino; e dormir no lugar que Hrothgar tinha construído para monumento de sua supremacia magnífica passou a significar, para aquele que a isso se arriscava, ir para uma morte indigna. Grendel estava da tal modo satisfeito, que se tornava gordo e robusto entre as névoas cinzentas do pântano, esquecido de que na terra dos geats surgia para a humanidade aquele cujos passos ecoariam ao longo daquelas trilhas de onde a Morte vinha.

No reino dos geats, Hygelac era o rei, e não houve em seus domínios herói mais grandioso que Beowulf, filho de sua irmã. Com a idade de sete anos ele foi levado à sua corte. Era um menino de olhos azuis grandes e belos, calmo e muito raramente dado a acessos de fúria. Quando por fim tornou-se um gigante de cabelos dourados, com um temperamento extraordinário, e vagaroso na acção, os outros guerreiros escarneceram dele como de alguém que era apenas exageradamente grande, e, de resto, uma criança muito afável. Porém, como os demais da mesma estirpe, a fúria de Beowulf, se era lenta para inflamar-se, tinha uma combustão terrível uma vez que começasse a arder. Uma breve manifestação dessa chama súbita já tinha mostrado ao povo que nenhuma acção vil ou má podia ser impunemente levada a efeito, nem palavras malignas podiam ser pronunciadas na presença de Beowulf. Na batalha contra os suecos, nenhuma espada tinha derrubado mais homens que a dele. E quando um campeão de nataçao do reino dos geats desafiou o gigante Beowulf para uma competiçao, por cinco dias completos nadaram juntos. Uma avalanche desceu de uma área coberta de gelo, o que os separou. O campeão foi lançado para a costa, e afortunadamente conseguiu alcançar a praia de seu amado

país. Beowulf foi arremetido contra um rochedo recortado, que poderia tê-lo feito em pedaços, não fosse sua luta e esforço audaz para resistir à violência das ondas e do inóspito rochedo. Sereias, gênios aquáticos e outros monstros investiram para tirar-lhe a vida. Ele segurou com uma mão a ponta aguda de uma rocha, ao mesmo tempo que com a outra distribuía golpes de espada contra aqueles monstros temíveis do mar. Seus corpos feridos com profundas cutiladas flutuaram mortos e foram levados para a costa. O rei e todos que procuravam o cadáver de Beowulf viram maravilhados aqueles seres mortos na praia. Quando, por fim, ele apareceu, foi recebido com grande alegria, e o rei, seu tio, presenteou-lhe com sua espada preciosa, Nægeling, como prêmio por seu valor.

Enquanto esse bravo vivia tais aventuras, na corte de Hrothgar diminuía cada vez mais o número dos guerreiros valentes. Apenas um homem que tinha testemunhado o horrível massacre daquelas noites negras conseguira escapar da morte. Era um poeta — um skald¹⁸ — que, depois de ter presenciado tão medonho horror em sua terra, fugira para a terra dos geats. Ali, na corte do rei, narrou em música a história terrível do interminável massacre de guerreiros nobres levada a cabo pelo torpe Grendel, habitante dos pântanos e charcos.

Beowulf ouviu o bardo inteiramente absorvido por seu canto. Aqueles que o conheciam perceberam em seus olhos um brilho como o da lâmina da espada quando é erguida para a batalha. Seu tio sorriu, não com surpresa mas muito satisfeito, quando ele lhe pediu que lhe desse permissão para ir à terra dos dinamarqueses a

¹⁸ Antigo bardo escandinavo.

fim de matar a hedionda criatura.

Acompanhado de catorze companheiros fiéis, Beowulf levantou velas e dirigiu-se para o reino de Hrothgar.

Numa manhã, o guardião da costa dinamarquesa fazia do alto de um penhasco sua vigilância quando notou um estranho navio de guerra avançando para a praia. Os homens a bordo da nave a conduziram com perfeita habilidade sobre as ondas e a fizeram atracar em uma pequena enseada entre rochedos. Com cabos fortes a prenderam em uma rocha. O valente guardião observou de longe o movimento da embarcação, em seguida desceu rapidamente ao encontro dos forasteiros e, apenas um contra quinze, desafiou bravamente os guerreiros.

"Quem sois, vós que pelos caminhos-do-mar aqui aportais? Sou guardião destas costas dinamarquesas, e vigio para que inimigos mortais não venham assaltar nossa terra. Nunca aqui aportou tão ostensiva comitiva. Dizei-me quem sois, e os costumes de seus pares. Nunca meus olhos viram guerreiro de porte mais bravo que esse que vos conduz. Se a aparência não me engana, não é ele um homem comum. Dizei-me sem demora quem sois e de onde vindes."

Beowulf fitou de frente o rosto do guardião e disse-lhe de modo simples e sem orgulho quem ele era, de onde tinha vindo e que ali aportara para libertar o país, matar a criatura que

Vem no escuro da noite
Propagar pavor medonho,
Saciar secretos ódios,
Trucidar e degradar.

O guardião ouviu essas nobres palavras com grandiosa alegria.

"Meus homens puxarão vosso navio para a praia", ele disse, "e o deixarão ancorado protegido das correntes vorazes. Acompanhai-me, vos levarei ao rei."

Era um galante grupo esse que se dirigia para o Heorot, onde o velho rei permanecia com a alma toldada de tristeza. Um gigante vestido em armadura, com lança, escudo e a poderosa espada Nægeling brilhando nas mãos, Beowulf assim se ressaltava: líder digno de um grupo de heróis.

Tal como o fizera para o guardião, contou a Hrothgar as razões de sua vinda, e de sua esperança de fazer a vida novamente vibrar no coração do rei.

Nessa noite, os guerreiros vindos das terras dos geats festejaram no grande salão de banquetes, onde, por doze anos infelizes, não se ouvia burburinho de vozes tão alegres e festivas. A rainha distribuiu ela própria o hidromel nas taças. O rei e os guerreiros brindaram entre si. Quando, por último, a bebida foi oferecida ao hóspede de honra, Beowulf tomou a taça das mãos da gentil rainha e brindou solenemente empenhando-se em libertar o reino da criatura maligna que o devorava, ou morrer em seu empenho.

É forçoso que eu realize nobres feitos nesta sala,
Ou aqui encontre minha perdição no escuro da noite.

Quando ao anoitecer a festa terminou, todos deixaram o

salão, excepto Beowulf e seus catorze companheiros. Armados, com espadas na cintura, os catorze heróis deitaram-se para dormir. Beowulf deixou de lado suas armas e deu sua espada a um nobre para levá-la, pois, disse:

Tenho ouvido

Que esse miserável imundo e obstinado devorador

Despreza a força dos braços ...

Corpo a corpo ... Beowulf lutará com o potente inimigo.

Os geats dormiram sabendo que provavelmente só abririam os olhos para lutar com uma morte horrível, embora livres de medo, pois conciliados pela absoluta crença de que "o que está para vir fatalmente virá". Enquanto isso, o monstro deixava o pântano, e arrastava-se em meio a névoa densa e húmida, entre juncos e caniços tremulantes. Os miasmas do pântano se tornavam mais venenosos ao sopro de sua respiração; entre os altos penhascos o cheiro do mar cinzento corrompia-se ao horrível odor de sua bestialidade repugnante. Avançava com voracidade. Havia nessa noite carne fresca, ele sabia, sangue mais forte que o daqueles que nos últimos doze anos tinham suprido sua sanha bestial. Encontrou a grande porta do salão de banquete trancada com barras e ferrolhos, mas a um arranco brutal as medidas de precaução revelaram-se obras inúteis e insignificantes.

Já um vago amanhecer diluía a obscuridade, quando Beowulf notou vindo do exterior pisadas furtivas, imediatamente seguidas de um estrépito de trancas que se partiam. Permaneceu quieto, apenas esperou. Em um breve instante a parca luz da

manhã foi obliterada por uma vasta sombra escura, e, mais veloz do que podia ser um urso no golpear, uma mão escamosa agarrou um dos guerreiros. O homem foi dilacerado em poucos minutos, e Beowulf ouviu com profunda repugnância ruídos característicos de algo lambendo sangue, o estalar de ossos esmagados e a degustação de carne quente. Outra vez o braço asqueroso estendeu-se para agarrar nova vítima. Porém, duas mãos potentes como o ferro colheram na escuridão aqueles braços estendidos. Grendel percebeu que tinha encontrado finalmente aquele que o podia desafiar. Os guerreiros de Beowulf acordaram para deparar um embate que nunca tinham presenciado. Inutilmente tentaram ajudar. Suas armas apenas roçavam inofensivamente a pele escamosa de Grendel. Pareceu-lhes que nenhum poder humano podia prevalecer contra semelhante fúria demoníaca. Cadeiras e mesas despedaçavam-se no chão sob os pés pesados de Grendel; rugiam os estrépitos da luta aos braços de Beowulf, que avançavam sempre firmes contra a violência da fera. Sua aversão e repugnância fizeram sua força romper as escamas, penetrar nas carnes e triturar os ossos do monstro de tal modo que a massa medular escorria. Agitaram-se em um combate tremendo homem e monstro, até que as paredes tremeram e a grande construção balançou em sua fundação, e quando por fim Grendel já não podia ir mais longe, com um terrível grito e arranco violento livrou-se da luta e fugiu rumando de volta para os pântanos. Mas com Beowulf ficara um dos braços do monstro, que para se libertar deixou-se decepar o braço, violentamente arrancado de sua articulação. Dessa vez, a trilha de sangue deixada na direcção dos pântanos era do monstro e não da vítima.

O júbilo de Hrothgar e de seu povo era de facto grandioso quando, ao amanhecer, em vez de manchas de sangue pisoteado e sinais de vítimas humanas, encontraram todos ilesos, à exceção de apenas um dos homens de Beowulf, e, examinando o medonho troféu, constataram que o inimigo conseguira escapar apenas para encontrar uma morte vergonhosa nos pântanos. Limparam todo o palácio e o adornaram com ornamentos magistras, de modo a torná-lo mais perfeitamente habitável para o mais digno homem. A noite, realizou-se uma festa, igual nunca antes tinha se realizado em todo o magnífico reino de Hrothgar. Os melhores skalds cantaram em honra ao triunfo de Beowulf. A rainha pessoalmente ofereceu ao herói uma taça de hidromel, junto deu-lhe o belo colar Brisingamen, o mais ricamente adornado de jóias, antiga obra requintada, que uma vez pertenceu a Freia, rainha dos deuses, e um grande anel do mais puro ouro. O rei ofereceu a Beowulf uma espada das mais esplêndidas, um elmo, um corselete e oito cavalos velozes. Sobre o dorso daquele que ele considerava o melhor, Hrothgar colocou uma sela de sua própria posse, habilmente trabalhada e decorada com ornamentos de ouro. A cada um dos guerreiros de Beowulf também foram oferecidos ricos presentes. A rainha, antes de deixar o salão com suas criadas, disse ao herói:

"Desfruta a tua recompensa, estimado Beowulf, enquanto puderes dela desfrutar. Viva valorosamente e abençoado! Conserva perfeita tua grande fama, e, em chegado o tempo, sê um rei protector para meus amados súbditos, fica sempre com eles na necessidade!"

Com o coração alegre num corpo exausto, Beowulf e seus homens deixaram o palácio depois que a festa terminara. Passaram

a noite em uma hospedaria. Dormiram com aquele sono de quem tinha estado de frente com a morte ao longo de uma interminável noite, e para quem a alegria tivesse chegado com o amanhecer.

Mas os cavaleiros da Dinamarca, displicentes na certeza de que Grendel nesse instante devia estar em agonia de morte, e que Hereot era novamente um lugar protegido e imune, deitaram-se no salão para dormir, com os escudos na cabeça, e suspenso acima deles o horrível troféu de Beowulf.

No dia seguinte quando o amanhecer raiou no mar do norte, as águas mostraram sinais de morte. Nos pântanos surgiu uma criatura, metade lobo, metade mulher, a mãe de Grendel. Esse que dela tinha nascido viera a sua morada para morrer, e entregou-lhe a incumbência de tomar para si a vingança que era dele. Ela rumou silenciosamente para o Hereot, abriu a porta agora descuidadamente desprotegida, apossou-se de Aschere, o nobre mais estimado de Hrothgar, e apanhou o tesouro desejado: o braço de Grendel, seu filho. Depois, foi para seu covil imundo, deixando atrás de si um murmúrio de lamentações.

A dor de Hrothgar com a morte de Aschere foi terrível, o amigo mais amado, membro de seu conselho. Beowulf ouviu seus lamentos com o coração triste, humilde, embora ardendo por desejo de vingança. A horrível criatura da noite era a mãe de Grendel, todos o sabiam perfeitamente. Beowulf vingar-se-ia dela, por Aschere, pelo rei, e por sua própria honra. E novamente jurou fazer tudo que pode a força de um homem para livrar o reino de uma criatura maligna. Sabia bem o perigo da tarefa que tinha diante de si. Deixou, pois, as disposições de como desejava ver direccionado tudo que ele estimava se não retornasse de sua jornada. Ao rei, que

temeroso de que ele avançava para uma jornada sem esperança, disse:

"Não te aflijas! Todo homem necessariamente há de enfrentar a morte quando chegar o resumo de sua vida. Deixa-o triunfar, enquanto pode, como um guerreiro celebrado no mundo. É isso o que melhor pode suceder depois da morte a um guerreiro que sucumbe."

Seus companheiros, Hrothgar e uma grande comitiva de dinamarqueses foram com ele levantar pelos rastos de sangue a pista da mãe de Grendel. Nas margens de um lago turvo encontraram a cabeça de Aschere. O fiorde estava coberto de manchas de sangue desde o lago até o cume, parecia ter acontecido ali um festim em que tivera lugar uma espécie de júbilo selvagem, um êxtase de ferocidade bestial. Monstros sem-número o habitavam.

Beowulf observou atentamente por alguns instantes. Depois armou o arco e lançou uma flecha direto no coração de um deles. Os nobres de Hrothgar assombraram-se diante da horrível criatura quando a puxaram morta para a margem.

Beowulf despediu-se então de Hrothgar e disse-lhe que, se em dois dias não tivesse retornado, certamente não retornaria jamais. Dirigiu palavras de ânimo a todos que, vendo-o lançar-se a uma aventura incerta, lhe diziam adeus com o coração consternado. Assim disposto, mergulhou nas águas turvas com a espada na mão, e o lago fechou-se sobre ele.

Mergulhou entre inúmeros perigos, atacado por criaturas malignas que avançavam para destruí-lo. Muita luta travou até que pudesse alcançar o fundo. Ali foi laçado pelas garras mortais da

mãe de Grendel, que tentou ferozmente esmagá-lo contra o peito. Vendo o inútil resultado de seu abraço horrendo, ela o golpeou repetidamente com uma faca. A perfeita armadura de Beowulf o protegeu, seus possantes músculos repeliram os golpes.

Ergueu a espada e desferiu um golpe mortal, que falhou inexplicavelmente. Estaria perdido se não tivesse visto, suspensa na parede daquele imundo antro,

Uma espada gloriosa
De gume e ponta aguda,
Antiga arma colossal
Uma herança dos heróis.

Pegou-a imediatamente e com um único golpe decepou a cabeça da criatura. Entre o sangue que fluía misturado à água, Beowulf viu um tenebroso horror: o corpo de Grendel jazia exalando seu último suspiro. Agarrou pelos cabelos esse despojo terrível, e nadou para o alto. A água turva tingiu-se de vermelho enquanto cortava as águas e subia para a superfície. Nas mãos ainda levava a espada que o salvara, mas o sangue venenoso dos monstros mortos provocou tamanha fervura causticante, que as lâminas se derreteram, e apenas o cabo da arma, no qual se viam estranhas runas impressas, permaneceu em suas mãos.

Seus companheiros e os dinamarqueses permaneceram ali onde ele os havia deixado. Observavam e esperavam. Viram a noite desmanchar-se na manhã, o dia afundar-se na noite e as águas se tingirem de sangue com uma desesperança sempre crescente. Porém, logo que as águas voltaram à cor, viram finalmente Beowulf

emergir trazendo nas mãos a cabeça de Grendel. Não havia lugares ermos, nem rochedos nem pedras na terra da Dinamarca que não ecoassem o grito de júbilo que então se ouviu: "Beowulf! Beowulf!"

O herói recebeu inúmeras dádivas daqueles a quem ele tinha protegido. Mas falou humilde ao rei palavras sábias:

Com honra nos trataste,
E por teu afecto,
Ó príncipe de guerreiros,
Se neste mundo mais feitos puder por ti realizar,
Eis-me disposto sempre
Armas por ti empunhar.
Se vorazes como Grendel
Inimigos te cercarem numerosos
Ameaçarem tua nação ruir,
Valentes guerreiros aos milhares
A ti conduzirei heróis que te hão de socorrer.

Em seguida, Beowulf e seus guerreiros levantaram velas de volta a sua amada terra. O navio dançava galante sobre as ondas, ia carregado de tesouros conquistados dignamente. Chegando a sua terra, contou a seus pares a história da destruição de Grendel e da Mulher-Lobo, deu o mais belo de seus cavalos ao rei, e para a rainha o colar Brisingamen, presente recebido da rainha dinamarquesa. Seu tio ficou muito satisfeito e orgulhoso, e teve lugar um esplêndido banquete em honra dos heróis. Os skalds compuseram canções para ele, e não houve herói em toda a terra do norte cuja fama fosse tão grande como a de Beowulf.

Nunca decepcionava o rei, que o tinha como o primeiro campeão e principal guerreiro. Em uma expedição contra os frísios, o rei Hygelac caiu vítima da astúcia do inimigo. Beowulf lutou bravamente por ele até o fim, e foi com profundo pesar que trouxe de volta para sua terra o corpo morto do rei. Os geats queriam fazê-lo rei no lugar de Hygelac, mas Beowulf era extremamente leal para tomar o lugar do filho de seu tio. Tomou sob sua proteção o príncipe infante, Hardred, levantou-o diante do povo e o proclamou rei; jurou servi-lo fielmente durante toda a vida. Não houve homem que não fizesse eco à promessa de seu herói Beowulf.

Quando Hardred, já um homem, foi traiçoeiramente morto pelo filho de Othere, Beowulf foi novamente escolhido para rei. Reinou durante quarenta anos com sabedoria e perfeição. A fama de seus braços fortes manteve a guerra afastada da terra, e sua sabedoria como homem soberano trouxe grande prosperidade e felicidade ao povo. Nunca tinha conhecido o medo, mesmo quando a debilidade da velhice o alcançou, e o fez saber que seus dias de permanência na terra chegavam ao fim.

Ao longo de todos aqueles anos de paz, a criatura que viria trazer-lhe a morte tinha espreitado, desconhecida e inimaginada, de uma caverna nas montanhas ermas.

Muitos anos antes do nascimento de Beowulf, uma estirpe de poderosos guerreiros conquistara pela espada um tesouro inestimável de armas, de ricas taças e vasos ricamente decorados, ornamentos magníficos em jóias preciosas e ouro, que estavam "além dos sonhos de cobiça". Foi ocultado em uma grande caverna entre as rochas pelo último remanescente daquela estirpe. Com a sua morte, o lugar do tesouro também permaneceu desconhecido.

Um dia, casualmente, um dragão o descobriu e ali permaneceu. Durante trezentos anos o monstro, de olhar maligno e invencível, dominou aquela riqueza magnífica. No fim desse tempo, um escravo, que fugia da fúria vingativa de seu senhor e procurava um refúgio nas montanhas, entreviu uma abertura na rocha. Entrou arrastando-se por ela. No interior da caverna achou o dragão adormecido sobre um tesouro de ouro e jóias reluzentes cujo brilho o ofuscou mesmo na escuridão. Tremeu por um instante. Depois, certo de que seu senhor o perdoaria se lhe presenteasse com uma taça de ouro tão ricamente revestida de jóias, ele se apossou de uma e apressou-se em fugir antes que o monstro despertasse.

O terror abateu-se sobre a terra quando o dragão acordou. Voou por toda parte em perseguição daquele que o tinha roubado. Em seu voo, expelia chamas sobre a terra deixando atrás de si um traço negro de ruína e morte.

Beowulf, logo que a notícia de tamanha destruição chegou-lhe aos ouvidos, soube que a ele pertencia a tarefa de salvar a terra para seu povo e sua descendência. Já era um homem velho e a força o tinha abandonado. Não era capaz de lutar com o dragão como tinha em outros tempos lutado com Grendel e a Mulher-Lobo, mas precisava acreditar na força de seus braços. Muniu-se de um escudo capaz de barrar as chamas que o dragão expelia e, tomando o escravo como guia, partiu para sua última luta acompanhado de um grupo de onze homens seleccionados. Quando se aproximava do lugar, pediu a seus companheiros que permanecessem onde estavam, "pois sozinho", disse, "conquistarei o tesouro e salvarei meu povo, ou, de outro modo, a morte me arrebatará".

Emanava da caverna uma nuvem pesada de vapor e fumaça sufocante que ofuscava a vista. Ele não pôde seguir adiante. Mas com voz possante o velho guerreiro gritou palavras altivas de desafio ao inimigo. O dragão investiu de seu antro rugindo e expelindo chamas capazes de destruir uma cidade; das asas de fogo e dos olhos o calor emanava escaldante.

A espada do herói reluziu e um golpe certo foi desferido contra sua cabeça escamosa. Porém, Beowulf não conseguiu dar um golpe mortal como outrora. O adversário apenas vacilou um momento. Com raiva furiosa, o monstro enrolou, qual uma serpente, a cauda em torno dele, e o calor fez a armadura incandescer como ferro em brasa sobre a pele do herói que, com o peito arfando em agonia, já quase estourava de dor e sofrimento.

Maior sofrimento lhe custou ver os companheiros fugirem tomados de pânico e o abandonarem ao seu destino. Nenhum deles era leal. Somente Wiglaf, jovem audacioso e companheiro estimado de Beowulf, permaneceu ali. Deplorando o vergonhoso acto daqueles que covardemente fugiram, avançou com a espada na mão, tendo por protecção apenas um escudo de madeira. Uma nova força nasceu em Beowulf quando viu que Wiglaf não o abandonara em sua necessidade. Juntos os dois heróis defenderam-se bravamente, embora, ferido pelas presas venenosas do monstro, o sangue fluísse abundante do pescoço de Beowulf. Um golpe partiu a espada de Beowulf, sem contudo ferir o dragão. Wiglaf correu e desferiu magistralmente outro golpe antes que seu senhor sucumbisse. Beowulf num gesto rápido puxou o sabre e com um esforço que mais parecia levar-lhe o que de vida lhe restava deceitou o dragão em duas partes.

Vencido o dragão, Beowulf soube que seu fim se aproximava. Agradeceu a Wiglaf sua lealdade, e pediu-lhe que entrasse na caverna, trouxesse o tesouro para que seus olhos moribundos pudessem contemplar as riquezas que tinha conquistado para seu povo. Wiglaf apressou-se, pois sabia que competia com a morte. Voltou abarrotado de armas, magníficos ornamentos, taças, vasos e barras de ouro, as mãos também cheias de jóias reluzentes. O tesouro do dragão parecia interminável, tantas foram as vezes que entrou e saiu carregando, ao acaso, tudo que estivesse mais próximo. Ouro puro, armas e espadas que os gnomos tinham criado trouxeram um sorriso de alegria aos olhos do rei moribundo. Os dez guerreiros envergonhados, vendo que a luta tinha chegado ao fim, voltaram para perto de seu rei, que agonizava ao lado de um magnífico tesouro. Beowulf proferiu suas palavras de adeus a eles e a Wiglaf, recomendou-lhes guardar a honra da terra dos geats, e disse:

"Sou grato ao Deus eterno, Rei glorioso, pelo vasto tesouro que aqui contemplei. Pude neste dia de minha morte conquistar para meu povo esta grande abundância. Aqui não mais habitarei. Depois de meus funerais, erige em memória de mim um túmulo de pedras no alto cume do penhasco marítimo. Que os navegantes o chamem Túmulo de Beowulf. Todos de minha estirpe já se foram, todos os guias valentes já se foram! Devo agora segui-los."

Assim foi a morte de Beowulf, o maior dos heróis nórdicos. Sepultaram-no em um grandioso túmulo no cume de um penhasco altíssimo sobre o mar. Junto colocaram uma fortuna, parte do tesouro que ele tinha conquistado. Consternados, "caminharam seus pares em volta do túmulo entoando cantos que diziam que ele

era o rei dos reis, o mais benigno dos homens, o mais bondoso, para seu povo o mais doce, o que mais merece louvores." E ali onde

No cume de um penhasco sobre o mar
As gaivotas brancas se reúnem e lamentam

Um túmulo abriga um herói absolutamente valente, um homem cuja honra é verdadeiramente perfeita.

Rolando, o paladino

Rolando, a flor da cavalaria,
Expirou em Roncesvalles.

Thomas Campbell

Os antigos cronistas contam que naquela manhã significativa em que William, o Conquistador, levou seus soldados à vitória em Hastings, um cavaleiro normando, de nome Taillefer (certamente uma figura de ferro), esporeou seu cavalo avançando para a frente de batalha. Face a face com o inimigo que odiava tudo que se relacionava à França, levantou a voz e cantou as proezas de Carlos Magno e de Rolando. Enquanto cantava, jogou a espada para o alto e a apanhou no ar com a mão direita. Os demais guerreiros juntaram-se a ele na Canção de Rolando, e gritaram em coro "Deus nos ajude! Deus nos ajude!"

Quinze mil deles caíram naquele dia sanguinolento, e é de se maravilhar que muitos que ali morreram deviam grande parte de sua coragem à lembrança do herói, em honra de quem cantaram antes que suas espadas encontrassem as do inimigo e suas lanças se chocassem contra a armadura dos britânicos.

A história de Rolando, conforme tem sido narrada, é apenas uma esplêndida camada de pintura colocada sobre um esboço de desenho. Os cronistas da época assim falam da Batalha de

Roncesvalles: "Nessa batalha Rolando foi morto, era nos limites da Britânia". Apenas um escudeiro bretão, nos levam a acreditar; na verdade, um homem extremamente valente, cujo nome não seria preservado nos arquivos clericais se não tivesse conquistado por seus próprios méritos e admirável coragem uma coroa de louro imperecível.

777 ou 778 A.D. são as datas prováveis da grande batalha de Roncesvalles, na qual Rolando morreu e conquistou a glória. Carlos Magno, rei dos francos, e Cabeça do Sagrado Império Romano, retornava vitorioso de uma campanha de sete anos contra os sarracenos na Espanha.

Nenhuma fortaleza permanece insubjugada
Nem muralhas, nem cidades sobram diante dele

Excepto uma, a cidade de Saragoça, baluarte do rei Marsile. Ali entre montanhas o rei e seu povo mantinham seus ídolos. Adoravam "Maomé, Apolo e Termagaunt", e anteviam com horror o dia em que o poderoso Carlos Magno viria, pelo poder de sua espada, obrigá-los a adorar o Cristo crucificado. Marsile reuniu-se em conselho com seus pares. Acreditar que o grande conquistador pudesse estar tranquilo e satisfeito com Saragoça ainda não conquistada era algo demasiado para esperar. Certamente, ele retornaria para impor-lhes sua religião. O que, então, seria melhor fazer? Blancandrin era um emir extremamente astuto, valente na guerra e sábio conselheiro, e aconselhou Marsile a enviar mensageiros a Carlos Magno para pedir-lhe estabelecer as condições em que seria permitido conservar seu reino em paz e

continuar a adorar os deuses de seus pais. Montado em mulas brancas, com selas de prata, rédeas de ouro e conduzindo ramos de oliveira nas mãos, Blancandrin e mais dez mensageiros chegaram a Córdoba, onde Carlos Magno descansava com seus soldados. Quinze mil homens experientes estavam ali com ele, e seus "Doze Pares", que eram para ele o mesmo que os Cavaleiros da Távola Redonda eram para o rei Arthur da Bretanha. Estabelecera sua corte em um pomar, e ali os enviados de Marsile o encontraram sentado em um trono de ouro sob um grande pinheiro em que as madressilvas pairavam suspensas como um dossel perfumado.

Era um homem de estatura maior que a comum e ostentava a imponência daqueles que podem verdadeiramente conquistar reinos. Trazia a espada de lado e observava prazerosamente as disputas entre os mais velhos de seus cavaleiros no jogo de xadrez sob a sombra das árvores frutíferas, e a luta de esgrima dos guerreiros mais jovens. Amava muito os seus Doze Pares, porém o mais amado era seu sobrinho Rolando. Via nele sua juventude novamente, seu poder de império, sua natural bravura, sua audácia absoluta, todas aquelas qualidades que o encareciam diante dos outros homens.

Rolando era filho de sua irmã Bertha, que o tinha desafiado casando-se com um cavaleiro pobre. Carlos Magno não mais a reconheceu como irmã, e Rolando nasceu na obscuridade e na pobreza. Era ainda uma criança quando seu pai, tentando atravessar a vau de um rio, foi arrastado pelas águas e engolido pela correnteza. Bertha não tinha mais ninguém para prover sua subsistência e a de seu filho. Em poucos dias ficaram

completamente sem alimento. Rolando via assombrado sua mãe definhar e ficar tão débil, que já não conseguia se levantar do leito, nem dar-lhe resposta quando ele a puxava e tentava fazê-la vir com ele em busca do pai ou de alimento. Percebeu que eram vãos seus esforços, e convenceu-se de que daí em diante deveria assumir o lugar do pai e obter alimentos para a mãe que permanecia debilitada no leito.

Rolando irrompeu no magnífico salão onde Carlos Magno e sua corte estavam se regalando em um farto banquete. Ali havia comida em abundância, e seu estômago faminto sentiu o cheiro aromático das iguarias deliciosas servidas em magníficas travessas de prata. Uma só daquelas travessas lhe bastava para fazer sua mãe recobrar a cor e as forças. Não hesitou um momento sequer. Saltou entre os convivas, agarrou uma travessa com ambas as mãos, e fugiu alegremente com o tesouro pilhado. Os serviçais o perseguiram. Carlos Magno, rindo, pediu-lhes que o deixassem ir.

"É apenas uma criança faminta", ele disse, "e esplendidamente corajoso". A ceia prosseguiu.

Rolando alimentou sua mãe e viu que ela se reanimava gradualmente. Logo outro pensamento veio-lhe à mente:

"Meu pai dava vinho a minha mãe... Eles estavam bebendo vinho naquele banquete. Um gole dará novamente cor às suas faces pálidas."

Correu de volta ao palácio tão rápido quanto podiam suas pernas. Carlos Magno sorriu ao ver aquela criança bela, que não alimentava nenhum medo, retornar ao local do furto. Veio directo ao rei, mediu solenemente as taças de vinho dos convivas, viu que a de Carlos Magno era a mais bonita e a mais cheia, estendeu a mão

ousada, apossou-se da taça e preparou-se para partir, como um pássaro de olhos brilhantes que pilha com naturalidade. O rei agarrou a mão que segurava a taça.

"Não, não! Ladrão atrevido", disse, "não deixarei que minha taça de ouro me seja roubada por um ladrão, ainda que tão resoluto. Diz-me, quem te enviou aqui para roubar?"

Rolando, uma criança firme e audaz, as mãos presas nas do rei, fitou destemido e altivo os olhos de Carlos Magno.

"Ninguém me enviou", respondeu. "Minha mãe está muito doente e sequer consegue falar. Ela disse que meu pai não voltará mais, e não tem ninguém excepto a mim para prover-lhe o sustento. Dê-me o vinho! Ela está tão desaquecida e tão pálida!". E lutou para se libertar das mãos que o seguravam.

"Quem és tu, então?", perguntou Carlos Magno.

"Meu nome é Rolando. Deixa-me ir, suplico", e novamente tentou se livrar. Carlos Magno disse zombeteiramente:

"Rolando, receio que teu pai e tua mãe ensinaram-te a ser um ladrão ladino".

A raiva reluziu nos olhos do menino:

"Minha mãe é uma dama de alta estirpe!", disse, "e eu sou seu pajem, seu arrimo, seu cavaleiro! Não digo palavras mentirosas", e golpeava o rei muito raivosamente.

"Quem é essa criança", perguntou Carlos Magno dirigindo-se aos nobres.

Um deles respondeu:

"É o filho de tua irmã Bertha e de Milon, o cavaleiro que morreu afogado há três semanas".

Carlos Magno ficou com o coração pesado de remorso

quando soube que a irmã estava na iminência da morte por carência. A bondade e a ternura entraram em seu coração, e desde esse dia amou Rolando como um filho.

Ele agora pertencia aos Doze Pares, e foi um dos que fizeram honra aos mensageiros de Saragoça quando entregaram a mensagem a Carlos Magno.

No dia seguinte pela manhã, Carlos Magno assistiu à missa, e logo após, sentado em seu trono de ouro sob o grande pinheiro, reuniu o conselho dos Doze Pares. Nenhum deles confiava em Marsile, mas Ganelon, que tinha se casado com Bertha e odiava Rolando, tão amado de sua mãe, tão estimado e honrado pelo rei, estava sempre pronto a opor-se às disposições de Rolando no conselho. Por isso, persuadiu Carlos Magno a enviar um mensageiro a Marsile com a ordem de que ele abandonasse Saragoça, imediatamente se tornasse um cristão, viesse em pessoa e prestasse humildemente homenagem a Carlos Magno.

Levantou-se a questão a respeito de qual dos Doze Pares devia levar a arrogante mensagem. Rolando, sempre ávido das missões perigosas, pediu para ser escolhido. Mas Carlos Magno não desejava que nem ele nem seu estimado cavaleiro Oliver fossem nessa missão — nem Naisme da Baviera nem Turpin, "o nobre e destemido bispo de Rheims". Não podia pôr suas vidas em risco, e Marsile era conhecido como traiçoeiro. Então, disse a seus pares:

"Escolhei para mim quem devo mandar. Que o escolhido seja o mais sábio; valente, mas que não seja precipitado e impetuoso, e que defenda minha honra bravamente."

Rolando, que nunca cultivava um pensamento mesquinho,

disse: "Ganelon deve ir. Não tens na verdade ninguém melhor do que ele".

"Aproxima-te, Ganelon, e recebe meu bastão e minha luva, pois o voto de todos os francos foram para ti."

Mas a honra que todos os demais desejavam não constituía nenhuma honra para Ganelon. Dirigiu-se a Rolando com uma raiva furiosa:

"Tu e teus amigos estão me enviando para a morte!", gritou. "Mas se por milagre eu retornar, cuida-te, Rolando, pois seguramente me vingarei."

Rolando ficou corado, depois pálido, e disse: "Eu te julgava um outro homem, Ganelon. Alegremente tomaria teu lugar. Dar-me-ia a honra de conduzir o bastão e a luva a Saragoça, senhor?" E buscou ansiosamente os olhos de Carlos Magno — tão ansiosamente como, quando criança, tinha suplicado a taça de vinho em favor da mãe.

Carlos Magno, com a frente turvada, balançou a cabeça.

"Ganelon deve ir", disse, "pois assim já ordenei. Vai! Pela glória de Jesus Cristo e pela honra de teu rei."

Contra sua vontade e relutante, ardendo de ódio contra Rolando, Ganelon acompanhou os Sarracenos a Saragoça. Um ódio tão profundo não era fácil dissimular, e enquanto cavalgava ao lado do astuto Blancandrin, este não demorou em esquadrinhar e trazer à tona a ferida supurada. Viu rapidamente que Ganelon pagaria até mesmo o preço da própria honra para vingar-se de Rolando e dos demais Doze Pares cujas vidas eram mais valiosas que a dele aos olhos de Carlos Magno. Não obstante, assim que chegaram a Saragoça, Ganelon, como um homem valente e leal,

entregou a mensagem insultante que ele próprio tinha concebido e que o Imperador, com sumptuosa arrogância, o tinha ordenado levar. Cumpriu perfeitamente a missão, embora soubesse que sua vida estivesse por um fio. Marsile conteve a ira, pensando com alívio sobre o que Blancandrin lhe dissera de sua descoberta durante a jornada de volta para Saragoça, e logo mostrou a Ganelon como ele podia se vingar de Rolando e de seus pares e a maneira como poderia manter sua traição oculta. Valiosos foram os subornos que ofereceu ao desleal cavaleiro.

E assim Ganelon vendeu sua honra. Negociou com os sarracenos e aceitou entregar-lhes Rolando e seus pares na travessia que fariam no estreito desfiladeiro de Roncesvalles. Marsile comprou a alma de Ganelon por mais de cinquenta moedas de prata. O imperador ficou extremamente satisfeito, quando esse Judas, membro dos Doze Pares, retornou a Córdoba trazendo-lhe presentes magníficos, as chaves de Saragoça e a promessa de que em dezasseis dias Marsile estaria na França para reverenciar e abraçar a fé cristã. Tudo aconteceu conforme seu desejo. Ganelon, que partira furioso, tinha retornado sereno e cortês, e tinha tomado para si toda a dificuldade da missão como um homem sábio e um soldado leal e valente.

"Te conduziste excelentemente, Ganelon", disse o rei. "Agradeço ao meu Deus e a ti. Serás recompensado."

A ordem de retornar à França foi imediatamente dada. O grande exército marchou por dez milhas, só então pararam e acamparam para passar a noite. Quando Carlos Magno dormiu, em vez de um sono pacífico, vieram-lhe dois sonhos. que o perturbaram intensamente. No primeiro, Ganelon apossava-se

brutalmente da lança imperial, lavrada em freixo rijo, que se partia estilhaçada em suas mãos. No outro, Carlos Magno viu-se atacado por um leopardo e um urso que dilaceravam seu braço direito. Um cão galgo vinha em seu socorro, e nesse momento despertou. Levantou-se do leito com o coração oprimido pelos maus presságios daqueles sonhos.

Pela manhã reuniu o conselho e lembrou os cavaleiros dos perigos da passagem erma de Roncesvalles. Era um estreito plano ovalado fechado em volta, excepto pelo sul onde o rio encontrava passagem por montanhas escarpadas e densamente cobertas de faia, precipícios fundos desciam vertiginosos, e o caminho que atravessava os cumes dos Pirneus era tão estreito, que só podia ser percorrido em fila única. Os perigos para quem viesse na retaguarda pareciam a Carlos Magno naturalmente muito maiores.

"Quem, então, comandará na retaguarda?", perguntou.

"Quem senão Rolando?", Ganelon rapidamente respondeu. "Ele sempre procura as posições onde o perigo está."

Carlos Magno, sentindo que muito devia a Ganelon, encerrou o conselho, embora com o coração tomado de terríveis pressentimentos. Todos os componentes dos Doze Pares, excepto Ganelon, disseram que, por amor a Rolando, iriam com ele e o escoltariam com segurança na perigosa travessia. Louvaram em alta voz sua bravura, "pois o medo da morte ele jamais carregou".

Carlos Magno, deixando-os atrás com vinte mil homens e comandando com Ganelon a vanguarda, reiniciou a marcha.

"Cristo te guarde!", disse a Rolando à parte. "Entrego-te a Cristo."

Rolando, vestido em sua armadura magnífica, o elmo na

cabeça, a espada Durendala na cintura, a corneta Olifante em torno do tórax e o escudo com emblema de flores nos braços, montou seu excelente cavalo Veillantif, e, segurando a lança reluzente, com a flâmula branca e fímbrias douradas nas mãos, abriu caminho para seus pares e para os demais francos que tão afectuosamente o amavam.

Não muito longe da passagem de Roncesvalles ele viu, reflectidas no lado escuro da montanha, as lanças dos sarracenos. Dez mil homens, sob o comando de Sir Gautier, foram enviados por Rolando para espioná-los, mas de todos os lados os pagãos os comprimiam, e todos os dez mil foram mortos, atirados das alturas dos penhascos para o vale fundo. Gautier sozinho, gravemente ferido, retornou para Rolando a fim de contar-lhe a traição de Ganelon, e preveni-lo da emboscada. Já então estavam em Roncesvalles, e a advertência chegava muito tarde. De longe, entre as faias, vindo pelos caminhos ermos das montanhas, os francos puderam ver o brilho das armaduras. Oliver, percebendo que nem mesmo a mais destemida bravura podia resistir a semelhante hoste, implorou a Rolando que tocasse a corneta mágica para que Carlos Magno retornasse para o ajudar. Os demais componentes dos Doze Pares rogaram também, mas Rolando não lhes deu ouvido.

Viram ao anoitecer que o inimigo se aproximava, mas não houve assalto, e o dia terminou tranquilo e calmo. Não havia vento. A relva estava molhada de orvalho, e entre as árvores os pássaros cantavam festivamente. Ao amanhecer, o bom bispo Turpin celebrou a missa e os abençoou. Quando terminou a celebração, notaram que as hostes dos sarracenos os cercaram. Rolando falou palavras estimuladoras de ânimo aos seus homens e confiou suas

almas e a si próprio a Cristo, "que sofreu por nós penas dolorosas", e por ele tinham de combater os inimigos da Cruz. Atrás de cada árvore e pedra parecia estar oculto um sarraceno, e em poucos minutos toda a passagem se agitava com homens em um combate mortal.

Nunca houve luta em que se realizassem tamanhos prodígios e façanhas. Doze reis sarracenos caíram diante das espadas de Rolando e seus pares, muitos guerreiros da hoste inimiga foram arremessados dos penhascos e pagaram pelas vidas dos homens da França que eles tinham em armadilha feito morrer. Nunca antes, em um dia apenas, um homem tinha feito tantos sucumbir como Rolando e Oliver — Um Rolando por um Oliver não era uma boa substituição, pois este era também um grande guerreiro, como os pagãos logo ficaram sabendo.

Rolando estava vermelho,
Vermelho de sangue dos que matou;
Vermelho o corselete, vermelhos os ombros,
Vermelhos os braços, e vermelho seu cavalo.

Ele e Oliver vinham juntos no meio da luta mais espessa, e Rolando viu que seu amigo estava usando como arma um cabo de lança e dava golpes com ele.

"Amigo, o que tens aí?", gritou Rolando.
"Nesse embate bastão não te vale
De uma espada de aço precisas,
Onde está tua Hauteclaire, tua boa espada

De punho dourado e cristal incrustado?"

"Aqui", diz Oliver; "a sanha é tanta

Que não tive tempo para sacá-la",

"Amigo", responde Rolando, "doravante

te amo mais que a um irmão".

Ao entardecer, tudo estava coberto de sangue, não havia sequer um sarraceno com vida, e os francos que ainda se mantinham vivos estavam completamente exaustos.

Rolando convocou seus homens para dar graças a Deus, e o bispo Turpin, que, com bravura tinha lutado nesse dia sangrento, rendeu graças, embora estivessem em uma situação lamentável, quase todos feridos, as espadas e lanças quebradas, as couraças rasgadas e manchadas de sangue. Satisfeitos, deitaram-se para descansar lado a lado, mas seus olhos não mais se abririam para ver a grata terra da França, pois, no instante em que Rolando se preparava para também se recolher, viu uma hoste de sarracenos conduzida por Marsile marchando sobre ele e seu pequeno grupo.

Milhares de homens bem-dispostos, ferozes e sedentos de vingança vinham contra um punhado de homens exaustos e feridos. Não obstante, os francos responderam com valentia ao grito de guerra de Marsile.

O grito de guerra dos soldados da França — Montjoie! Montjoie! — ecoava acima do som feroz da trompa das hostes sarracenas.

"Guerreiros do Senhor", gritou Turpin,

"Sejais valentes e imperturbáveis,

Pois esse dia a coroa vos será dada
Entre as flores do paraíso.
Em nome de Deus, nosso Salvador,
Não vos desanimeis nem temeis
Para que não mancheis vossa lenda
Cantada na canção dos menestréis.
Deixai-vos morrer gloriosos,
Já que esta noite nos verá sem vida! —
Não há lugar no Céu para covardes!
Cavaleiros, bravos e destemidos lutai,
Sentar-vos-eis entre os santos
Nos abençoados jardins do Céu.
Alçai, amigos de Deus, para a glória!"

Marsile caiu, primeira vítima do golpe mortal da espada de Rolando, que mais acirradamente que antes empreendeu uma terrível luta.

Mas agora os poderes do Bem e do Mal pareciam tomar parte no combate, pois uma tempestade desceu sobre as montanhas e uma espessa escuridão caiu. Os estrondos dos trovões e o ímpeto da chuva torrencial abafavam os gritos dos que lutavam, o estampido e o clangor de suas armas. Quando uma mancha cor de sangue cobriu tudo, um clarão sombrio mostrou um chão repleto de mortos e moribundos esmagados. Restavam apenas sessenta francos, e diante dessa deplorável imagem o orgulho de Rolando deu lugar à piedade pelos homens que ele tinha levado à morte. Propôs então mandarem uma mensagem a Carlos Magno para pedir-lhe auxílio.

Oliver protestou severamente. Mais cedo, quando ainda dia, ele o tinha desejado e Rolando recusara-se a pedir ajuda. Agora já se tinha feito noite. A hora da morte — a morte inevitável — estava vindo para eles. Por que então chamar Carlos Magno, se nem ele nem ninguém mais os poderia ajudar? Mas Turpin defendeu com vigor a vontade de Rolando.

"O chamado de tua corneta não trará de volta os mortos", disse, "mas se nosso imperador vier, poderá chorar nossos corpos mortos e conduzi-los com reverência para a bela França; ali poderão repousar em um santuário, salvos do sacrilégio de ficarem em terras pagãs sem as devidas honras funerárias, onde os animais selvagens os devorariam e as aves de rapina os rasgariam com bicos imundos."

"Disseste bem", concordaram Rolando e Oliver.

Tocou então a corneta três vezes, e tão forte o fez na terceira, que uma veia se rompeu, e um fio de sangue escorreu de sua boca.

Momentos antes, Carlos Magno, vendo o dia chegar ao fim, ficara alarmado com o atraso dos que tinham ficado na retaguarda. Mas o infiel Ganelon sempre o tranquilizava.

"Por que temes, senhor?", perguntou. "Rolando, sendo tão amante da caça, foi certamente em perseguição de algum javali ou veado."

Ouvindo agora o som da corneta, Carlos Magno não teve nenhuma dúvida do significado daquele chamado. Soube que seus sonhos tinham se tornado reais, e imediatamente rumou na direção da passagem de Roncesvalles, para que, mesmo na última hora, pudesse salvar Rolando e seus homens.

Antes que pudesse alcançar o filho de sua alma e socorrê-lo em sua premente necessidade, o tio de Marsile chegara ao local da batalha com uma força de cinquenta mil homens. Traspassado covardemente pelas costas por uma lança, Oliver arfava com o sangue que lhe escorria aos borbotões. Não obstante, gritava "Montjoie! Montjoie!", e a cada vez que sua voz emitia essas palavras, um golpe de sua espada, ou da lança de seus companheiros, mandava uma alma para a morte. Antes de exalar o último suspiro e cair por terra, humildemente confessou os pecados e rogou a Deus que lhe concedesse descanso no Paraíso, que abençoasse Carlos Magno, seu senhor, e a terra bem-aventurada da França, e, acima de todos os homens, guardasse ileso de danos seu verdadeiro irmão de coração e companheiro, Rolando, o valoroso cavaleiro. E então exalou docilmente o último sopro de vida. Rolando curvou-se sobre ele, e sentiu que parte do encanto de sua vida tinha acabado. Ainda tinha Aude, a irmã de Oliver, sua noiva, e a amava tão afectuosamente, que seus músculos ficaram rijos ao empunhar a espada para enfrentar novamente as hostes sarracenas, e sua coragem tinha a impetuosidade de uma onda furiosa quando bate de frente contra os penhascos rochosos durante uma tempestade bravia.

Somente Gautier, Turpin e Rolando restaram de todos aqueles que compunham os Doze Pares, e com eles uns poucos homens mutilados. Mas uma flecha sarracena logo atingiu o coração de Gautier, e apenas Turpin, ferido por quatro lanças, restou ao lado de Rolando. Apesar disso, a cada lança arremessada ele derrubava uma centena de homens, e quando caiu mortalmente ferido, Rolando agarrou uma vez mais a corneta e fez

sair dela um som penetrante:

... um sopro espantoso da corneta,
levado pelos montes ecoante,
Ao rei Carlos chegou,
Quando o bravo Rolando e Oliver
Cada paladino e seus pares
Morriam em Roncesvalles.

Walter Scott

Aquele sopro penetrou sensivelmente no coração de Carlos Magno. Apressou-se com seus homens para socorrer Rolando, a quem ele amava profundamente. Era já demasiado tarde. Turpin estava agonizando. Rolando, já moribundo, acabava de matar com um golpe de espada Veillantif, seu fiel e valente cavalo, que sofria agonizante com as feridas das flechas dos pagãos.

Ao longe, o herói ouviu o som das trompas dos soldados francos, e, com isso, os sarracenos fugiram aterrorizados. Caminhou vacilante e penosamente para o lugar onde Turpin jazia agonizante. Com dedos tateantes tirou-lhe a couraça e desfivelou o elmo dourado. Com as poucas forças que ainda lhe restavam, tentou vedar-lhe a ferida com tiras feitas da própria túnica, e o arrastou, tão delicadamente quanto podia, para um lugar sob as árvores cobertas de musgos ainda verdes.

"Ah, gentil senhor", diz Rolando, "deixa-me
trazer a ti os companheiros mortos
Que afectuosamente amamos; não podem partir

Sem bênçãos; seus corpos trarei a ti
E tu os abençoarás, e a mim, antes que morras."
"Vai", diz o bispo moribundo, "e o faça logo.
Graças a Deus! A vitória é tua e minha!"

Com grande dificuldade, Rolando levou os corpos de Oliver e de todos os componentes dos Doze Pares para onde Turpin jazia moribundo. Cada passo lhe custava dores terríveis e lhe arrancava mais sangue. Não obstante, conseguiu deixar todos em volta de Turpin, que os abençoou amorosamente e os absolveu a todos. E então a agonia de sua alma e de seu corpo ultrapassou o limite que podia suportar. Deu um grande grito, e desabou no chão sem sentidos. O bispo aproximou-se dele, tomou a corneta Olifante e arrastou-se com enorme esforço na direcção de uma corrente que escorria do desfiladeiro. Foi em busca de um pouco de água para reanimar o herói. Antes que pudesse alcançá-la, a névoa da morte desceu-lhe sobre os olhos. Juntou as mãos em oração, embora cada movimento lhe custasse muita dor, e entregou a alma a Cristo, seu Salvador e Senhor. E assim partiu a alma de um sacerdote sem mácula e nobre guerreiro.

Rolando estava completamente sozinho quando recobrou a consciência. Com mãos débeis desfivelou o elmo e se dispôs o melhor que podia. E, do mesmo modo como fizera Turpin, arrastou-se penosamente na direcção da corrente. Ali achou o bispo, a corneta Olifante a seu lado, e soube que o valente Turpin tinha morrido tentando obter água para ele. O herói então chorou de ternura e piedade.

Bravo bispo, honrado senhor de nobre estirpe,
Ao grande Rei do Céu tua alma entrego!

Que tua alma bela escapar possa das dores do Inferno
E o Paraíso te acolha em seus domínios.

Nesse momento, percebeu que para ele também "não havia outro caminho senão a morte". Avançou dificilmente na direcção do alto cume, a espada Durendala em uma das mãos, e na outra a corneta Olifante. Sob um pequeno ajuntamento de pinheiros encontrou uma grande pedra de mármore com degraus desiguais que levava mais para o alto do cume. Rolando não conseguiu subir, pois seu coração enfraquecido não o deixou ir adiante, e novamente caiu sem sentidos no chão. Um sarraceno, que por temor tinha se fingido morto, o viu caído ali e arrastou-se do abrigo onde se escondera.

"É Rolando, o sobrinho do imperador!", pensou alegremente, "levarei comigo sua espada!", disse triunfante. Mas no momento em que tocava no punho da espada, o herói recobrou os sentidos, e pôde ainda com as mãos moribundas desferir um grande golpe que partiu o crânio do inimigo e o deixou morto no chão. Em seguida falou a sua Durendala:

Morro certamente; antes do fim porém
Deixa-me a certeza, minha amiga, de que comigo findarás!
Se um pagão se apossar de ti quando em pó me tornar,
Se afligirá de dor meu espírito até o Juízo Final!

Mais fantasma que homem, moveu-se com infinita força de vontade e golpeou com a espada a pedra de mármore. Com o golpe, a pedra se dividiu, como se um machado a tivesse rachado. Tentou despedaçá-la em uma rocha de sardónica, mas a Durendala permaneceu inteira. Golpeou uma pedra de mármore azul com tamanha força, que faíscas saltaram como da bigorna de um ferreiro. Soube então que era inútil, pois Durendala nunca ficaria despedaçada. Levou então Olifante aos lábios e soprou um som de morte que ecoou dos penhascos aos vales e entre as árvores ao longe. Ainda hoje, dizem, quando à noite o espírito do guerreiro cavalga pelos vales e cumes e pela passagem escura de Roncesvalles, o mesmo som se ouve repercutindo em ecos pelas cavidades e reentrâncias dos montes.

Fez então uma confissão, e com uma prece de perdão por seus pecados e rogando a clemência de Deus, de cuja fé foi servidor e um soldado até o fim de sua vida, a alma de Rolando o deixou.

Carlos Magno e seus homens o acharam então, e terrível foi a dor e a fúria do imperador quando viu Rolando, seus Doze Pares e o exército de vinte mil homens mortos.

Carlos Magno jurou vingança, e ali, inclinado sobre o corpo morto de Rolando, chorou com infinita angústia:

O Senhor tenha de tua alma compaixão!

Não mais nossa grata França verá

Um cavaleiro tão valoroso

Quão desolada nossa grata França, quão órfã!

Abalado o império tremerá
Agora que em minha velhice me és tomado!
Tamanha é minha dor e um bem me seria agora morrer,
Unir-me aos meus valentes Pares no Paraíso,
Os homens contigo sepultassem meu corpo cansado!

Uma vingança terrível aquela que teve lugar no dia seguinte. Os sarracenos foram completamente exterminados. Os mortos foram sepultados no mesmo lugar em que tombaram, excepto Rolando, Oliver e Turpin. Seus corpos foram levados para Blaye e sepultados com honras em uma grande catedral.

Carlos Magno retornou então para Aix. Quando entrou no palácio, Aude, irmã de Oliver e prometida de Rolando, veio correndo ao seu encontro. Onde estavam os Doze Pares? O que era aquele murmúrio lamentoso de mulheres que choravam? Por que anunciavam assim a chegada do imperador e de seu exército conquistador? Ansiosamente ela perguntou de Rolando a Carlos Magno. O imperador contou-lhe consternado:

Rolando, teu herói, como um herói morreu.

Aude deu um grito pungente e caiu no chão sem sentidos. O imperador achou que ela tinha desmaiado, mas quando a tomou nos braços viu que estava morta. Levou-a piedosamente para Blaye e a sepultou ao lado de Rolando.

Carlos Magno tinha imensa ternura por aquela a quem Rolando amara. Mas foi impiedoso com Ganelon quando sua traição ficou provada. Em Aix-la-Chapelle, o mísero foi dilacerado

por cavalos selvagens. Encontrou uma morte humilhante e horrível, e seu nome permaneceu para sempre lembrado como o mais perverso dos traidores, ao passo que a memória de Rolando e dos demais Doze Pares persiste guardada em nobreza.

... Rolando e Oliver,
E os Doze Pares,
Que morreram na batalha de Roncesvalles;
Senhor Jesus, rei do céu,
Em tuas bênçãos nos guiamos, e nos confiamos
A uma vida livre de dores.

Sir Otuel

Os filhos de Lir

Aquieta, Ó Moyle, o bramido de tuas águas;
Mantém tua aragem, os teus elos de calma
Enquanto a filha de Lir em sussurros tristes
Conta ao céu de estrelas sua história de mágoas.

Moore

São seres trágicos, não cômicos, de antiquíssimo tempo que nos foram transmitidos. A literatura dos celtas é rica em tragédias. Devemos à imaginação romântica e tristonha dos celtas da ilha de Erin a história comovente dos filhos de Lir. Nos primeiros tempos, a Irlanda foi governada pelos Dedannans, um povo que veio da Europa e trouxe da Grécia uma magia e artes tão magníficas, que os habitantes da região acreditaram que eles eram deuses. Tinham tantos dirigentes, que um dia se reuniram para decidir quem era o mais excepcional de todos, a fim de que pudessem escolher entre eles um soberano. Escolheram Bodb, o Vermelho, e todos jubilosamente o aclamaram rei, excepto Lir de Shee Finnaha, que deixou o conselho enraivecido, pois julgava que devia ser ele o escolhido. Muito indignado, retirou-se para os seus domínios. Nos anos que se seguiram, ele e Bodb, o Vermelho, mantiveram mutuamente uma hostilidade acirrada. Um dia, porém, um grande infortúnio sobreveio a Lir. Após três dias gravemente enferma, sua

esposa, a quem ele muito amava, foi-lhe arrebatada pela morte. Bodb viu nessa ocasião a oportunidade de uma reconciliação com esse homem com quem não desejava manter inimizade. E para aquele esposo ferido pela dor enviou uma mensagem:

"Meu coração chora por ti e rogo para que sejas confortado. Tenho em minha casa três virgens, minhas filhas adotivas. As mais belas e mais instruídas de toda Erin. Escolhe aquela que desejares para esposa, reconhece-me como teu soberano e terás a minha amizade para sempre."

A mensagem trouxe conforto a Lir, que se pôs a caminho seguido de uma grandiosa comitiva de cinquenta carruagens. Não parou até alcançar o palácio de Bodb, em Loch Derg, no Shannon. Afectuosa e calorosa foi a recepção que Lir encontrou no seu soberano, e, no dia seguinte, como as suas três filhas adotivas estivessem sentadas ao lado da rainha, Bodb disse a Lir:

"Eis as minhas três filhas. Escolhe aquela que desejares."

"Todas são belas, mas Eve é a mais velha, e, por isso, é certamente a mais nobre das três. Eu escolho-a para minha esposa", respondeu Lir.

Casou-se com Eve naquele dia, e, de volta a Shee Finnaha, seus domínios, levou consigo a sua doce e jovem esposa. Amaram-se e foram felizes. Com o passar do tempo, nasceram dois filhos gêmeos, um filho e uma filha. Deram à menina o nome de Finola, e ao menino o nome de Aed. As crianças eram tanto belas quanto bondosas e tão felizes como a mãe. Novamente, ela deu à luz gêmeos, dois meninos. Ficra e Conn foram seus nomes. Mas, no mesmo momento em que essas crianças abriram os olhos para o mundo, os olhos da mãe fecharam-se para a vida. Lir novamente

perdia a esposa, mais abatido pela dor que antes.

A notícia da morte de Eve trouxe grande pesar ao palácio de Bodb, pois, de quantos a conheciam, ela era a mais amada. Mas novamente o rei enviou uma mensagem de conforto a Lir:

"Minha dor é contigo, e, como prova de minha amizade por ti e do amor que tínhamos por aquela que se foi, dar-te-ei uma de minhas outras filhas para ser a mãe das crianças que acabam de perder o afecto da que tinham."

E novamente Lir foi ao palácio em Loch Derg, o Grande Lago, e ali casou-se com Eva, a segunda filha adoptiva do rei.

Pareceu inicialmente que Eva amava os filhos da sua irmã como se fossem seus. Porém, o ciúme arrebatou-lhe o coração quando percebeu a devoção do marido por eles manifestada numa protecção cuidadosa e constante. Lir trazia-os para dormir perto dele; à menor manifestação de choro, levantava-se para afagá-los e confortá-los; ao amanhecer, saía do lado de Eva para observar se eles estavam bem. Era uma mulher sem filhos e não sabia se o que odiava era as crianças ou a irmã que as tinha trazido ao mundo, e o amor que Bodb, o Vermelho, dedicava às crianças mais a exasperava. Muitas vezes durante o ano ele vinha para visitá-las, outras tantas as levava consigo para ficar com ele, e na Festa das Estações — celebrada anualmente ao grande deus Mannanan, da qual todos aqueles que participavam não envelheciam —, os quatro filhos de Lir eram louvados por todos pela grande beleza, nobreza e bondade de que eram possuidores.

Mais essas crianças se tornavam objecto de um amor geral, mais o ódio de Eva aumentava, até que por fim o veneno corroeu-lhe tanto o corpo como a alma, e tanto se consumiu nesse ódio, que

ficou doente da sua própria maldade. Por quase um ano permaneceu acamada. O som dos risos das crianças e das suas vozes alegres, os seus rostos encantadores como os dos filhos de um deus e as palavras orgulhosas e amorosas com que o pai se referia a elas caíam como um ácido corrosivo numa ferida supurada. Veio por fim o dia em que o ciúme estrangulou a última réstia de bondade que havia em seu coração e a traição e a impiedade reinaram absolutas. Levantou-se do leito e ordenou que os cavalos fossem atrelados à carruagem a fim de que pudesse levar as crianças ao Grande Lago para ver o rei, seu pai adoptivo. Eram apenas crianças pequenas, mas a intuição percebe logo a aproximação de algo maligno, e Finola pressentiu que um mal sobreviria para ela e seus irmãos se fossem. Era também possível que tivesse percebido, com sua visão aguda de menina, o que Lir não conseguia enxergar. No tom da voz da madrasta, no modo de olhar, ela viu que o amor que a esposa de seu pai professava por ela e seus irmãos era apenas ódio, astutamente dissimulado. Tentou escusar-se, mas Eva não lhe deu ouvidos. Lir admirou-se das lágrimas suspensas nos olhos da menina e das sombras que toldavam os seus olhos azuis quando ela, sem outra alternativa, disse-lhe adeus e partiu na carruagem com a madrasta.

Quando já tinham avançado por um longo trecho, Eva virou-se para as suas criadas: "Sou muito rica", disse, "e tudo o que tenho será vosso se matardes para mim aquelas quatro criaturas odiosas que me roubaram o amor do meu marido".

As criadas ouviram-na com horror e com horror e vergonha responderam: "Horrendo é o acto que desejás nos fazer praticar; e mais horrendo é o que te faz ter um pensamento tão ímpio. O mal

certamente te possuiu para desejar tirar a vida dessas crianças inocentes, filhos de Lir."

Furiosamente ela pegou uma espada e teria ela própria feito o que as criadas se recusaram. Mas faltaram-lhe forças para realizar o seu intento maligno e seguiram avante. Chegaram ao Lago Darvra, e ali todos desceram da carruagem. As crianças, sentindo como se tivessem sido salvas de um evento horrível que afortunadamente não aconteceu, foram levadas ao lago para nadar. Alegrementemente e com risos festivos, os meninos patinharam na água límpida à margem cheia de juncos, todos três procuravam segurar a mão da irmã, cujo corpo delgado era branco como os nenúfares e os cabelos dourados como o ouro.

Eva, como uma serpente que golpeia traiçoeiramente a presa, propiciou na verdade a oportunidade para realizar o seu intento. Ao toque de uma vara mágica dos druidas, acompanhado do canto suave de uma antiga runa, as crianças desapareceram e em seu lugar surgiram quatro cisnes brancos. Embora Eva possuísse o poder de encantar os seus corpos, não podia tirar-lhes a alma, nem o poder da fala. Finola então falou e sua voz não era a de uma criança tímida, mas de uma mulher que podia ver o futuro e a terrível punição que aquele acto indigno receberia.

"Maligno é o acto que acabas de praticar", disse. "Demos a ti apenas amor, estamos na flor da idade e nossos dias eram de felicidade. Por crueldade acabas traiçoeiramente de pôr fim à nossa infância, mas nossa sorte é menos deplorável que a tua. Misérias e aflições virão sobre ti, Ó Eva, pois um pavoroso destino te espera."

E depois perguntou — ansiosa para saber quando os dias tristes de seu exílio teriam fim:

"Diz-nos quanto tempo passará até que possamos assumir nossas formas novamente."

Eva respondeu implacável: "Melhor teria sido para tua tranquilidade que nunca tivesses procurado sabê-lo. Mas dir-te-ei tua sentença, já que assim queres. Trezentos anos vivereis nas águas mansas do Lago Darvra; trezentos anos no Mar de Moyle¹⁹, que está entre Erin e Alba; trezentos anos ainda em Ivros Domnann²⁰ e em Inis Glora²¹, no mar ocidental. Até que um príncipe do norte se case com uma princesa do sul, até que Tailleken (St. Patrick) venha a Erin e até que escuteis o som dos sinos cristãos, nem meu poder nem o teu, nem o poder de qualquer runa dos druidas poderão libertar-vos enquanto perdurar o encantamento."

Enquanto assim falava, estranhamente um abrandamento penetrou em seu coração perverso. Estavam tão quietas aquelas criaturas brancas, sustentavam um olhar tão ansioso e suplicante, que a fez perceber a alma das pequeninas crianças. Lembrou-se que uma vez as tinha amado, que costumava beijar os seus rostos de bebê, principalmente comoveu-se ao ver Ficra e Conn silenciosos e meigos. E para que o peso da sua culpa pudesse ficar mais leve, disse:

"Um alívio terão em vosso sofrimento. Embora conservem o discernimento e o poder humano da fala, não terão aflições porque serão cisnes, e cantarão as canções mais doces que na terra já se ouviram."

¹⁹ Canal do Norte.

²⁰ Erris, em Mayo.

²¹ Uma pequena ilha perto de Bemmullet.

Voltou então para a carruagem e rumou para o palácio de seu pai adoptivo no Grande Lago, e os quatro cisnes brancos foram deixados nas águas solitárias de Darvra.

Quando chegou ao palácio sem as crianças, o rei perguntou-lhe desapontado por que não os tinha trazido com ela.

"Lir já não te ama", respondeu. "Ele não te confiará seus filhos, para que não lhes faças mal."

Seu pai, porém, não acreditou nas suas palavras. Mandou imediatamente mensageiros a Shee Finnaha para trazerem as crianças. Assombrado, Lir recebeu a mensagem e um terrível medo nasceu no seu coração quando soube que Eva tinha chegado ao palácio sozinha. Saiu a toda pressa e, ao passar pelo Lago Darvra, ouviu vozes cantando uma melodia tão doce e tão tocante que ele foi forçado, apesar da pressa, a parar e ouvir. Percebeu que os cantores eram quatro cisnes que nadavam na direcção dele, e que o acolheram com a voz alegre de seus filhos. Ficou ao lado deles durante toda a noite. Ouviu-lhes contar a história da transformação de que foram vítimas e, quando soube que nenhum poder poderia libertá-los antes que o tempo do encantamento se tivesse cumprido, Lir teve o coração alquebrado de dor e foi tomado de piedoso amor pelos filhos. Ao amanhecer, despediu-se ternamente e encaminhou-se para o palácio de Bodb, o Vermelho.

As palavras de Lir foram terríveis, tinha o rosto cerrado quando contou ao rei o acto perverso de Eva. Ela tinha imaginado, na loucura do seu ciúme, que Lir lhe daria todo o seu amor quando ficasse livre dos filhos. Agora, percebendo a ira raivosa nos olhos dele, ficou assustada, e afastou-se pálida e trémula da sua presença. O rei, tomado de uma ira igual a de Lir, disse:

"O sofrimento dessas crianças terá fim um dia, mas para ti virá uma condenação eterna".

E obrigou-a a dizer-lhe em juramento "qual a forma entre todas no mundo, em cima no céu, ou em baixo da terra, a mais abominável, a que ela mais temesse, para nela ser transformada".

"Um demónio do ar", respondeu a infeliz.

"Um demónio do ar tu serás até ao fim dos tempos!", disse o seu pai adoptivo e imediatamente tocou-lhe com a sua vara druidica. Uma criatura horrenda para olhos humanos suportar deu um grande urro de angústia, bateu as asas negras e alçou voo indo embora.

Depois, o rei dos Dedannans e todo o povo foram com Lir ao Lago Darvra. Aqueles que um dia foram as suas crianças amadas eram agora cisnes, que, logo que os viram, puseram-se a cantar para todos uma doce melodia. Havia no seu canto uma força mágica que aquietava a tristeza e a dor, dava descanso a toda aflição e adormecia o cansaço e o peso do coração.

Os Dedannans fizeram um grande acampamento nos arredores do lago para que pudessem estar sempre perto deles. Ali também, quando os séculos foram passando, vieram os Milesianos, que sucederam aos Dedannans em Erin e assim passaram-se trezentos anos felizes para os filhos de Lir.

Triste foi para eles e Lir, e para todo o povo, o dia em que se cumpriu o tempo de sua permanência em Darvra. Tinham de partir para o exílio distante de todos que os protegiam e os amavam. Os quatro cisnes disseram adeus ao pai e a todos, cantaram uma música de adeus, abriram as asas brancas e voaram para o mar bravio. Os homens de Erin, em memória dos filhos de Lir e da

magia de sua música, estabeleceram uma lei e a proclamaram por toda a região, para que daquele dia em diante ninguém daquele reino ferisse um cisne.

Os filhos de Lir alcançaram exaustos os penhascos recortados que cercavam o cinzento e bravio mar de Moyle, cujas ondas encapelavam-se turbulentas. Os dias que lhes vieram foram de fadiga, solidão e carência. Sentiam frio e fome. Contudo, continuavam cantando com a mesma doçura. Os sons ásperos da tempestade e o estrondo surdo das ondas contra as rochas eram atravessados da melodia penetrante e acariciadora dos cisnes.

Certa noite, uma tempestade vinda do nordeste abateu-se sobre o Mar de Moyle, e açoitava-o com fúria. A escuridão densa, os granizos que caíam como agulhas de gelo e as ondas gigantescas que assaltavam a costa encheram de pavor os filhos de Lir.

Finola disse aos seus irmãos: "Meus amados, é certo que a tempestade nos vai separar. Vamos combinar um lugar de encontro, pois se não for assim, nunca mais nos veremos de novo."

Sabendo que a irmã falava sensatamente, os três irmãos marcaram como lugar de encontro o rochedo de Carricknarone.

A tempestade que se abateu no mar entre Alba e Erin naquela noite foi devastadora. Nuvens negras e atroadoras escondiam a lua e as estrelas, não havia nenhuma separação entre o céu e o mar, ambos pareciam a mesma massa indistinta agitada em convulsão. Os relâmpagos que a espaços iluminavam a superfície do mar mostravam apenas fúria e destroços marítimos que a tempestade revolia. Os cisnes em breve viram-se separados um do outro, dispersos no mar raivoso. Conseguiram manter-se

vivos apenas com muita luta contra o vento e as ondas.

Terminada a noite tempestuosa, a manhã despontou cinzenta e triste. Finola nadou rumo ao rochedo de Carricknarone, lugar do encontro com os irmãos. Porém, não havia nenhum cisne ali, apenas gaivotas vorazes em busca dos restos deixados pela tempestade, e andorinhas marítimas que gritavam muito dolorosamente.

Sentiu uma grande aflição, pois temia nunca mais ver os irmãos. Mas logo avistou Conn chegando, tinha a plumagem em desarranjo, as penas partidas e a cabeça curvada. Depois o pequeno Ficra apareceu, todo encharcado, frio e açotado pelo vento. Finola aconchegou os irmãos sob as asas, e assim ficaram confortados e aquecidos.

"Se Aed chegasse", ela disse, "só então poderíamos ficar felizes".

Mal acabou de falar, viu Aed nadando na direcção deles. Finola trouxe-o para si e agasalhou-o junto ao seu peito de plumagem macia e a tranquilidade voltou para os filhos de Lir.

Tiveram ainda de enfrentar muitas outras tempestades, a neve e o frio cortante de invernos cruéis. Em uma noite de Janeiro veio um frio tão severo, que até as águas do mar se transformaram em gelo. Pela manhã, os cisnes tentaram levantar-se do rochedo de Carricknarone onde tinham se recolhido, mas o gelo grudara tão firme, que tiveram de deixar para trás a pele dos pés, as penas das asas, e a macia plumagem do peito. Quando o frio acabou, a água salgada era uma tortura para as suas feridas. Ainda assim, cantavam as suas canções intensamente doces falando da paz e da alegria que viria. Muitos marinheiros acoçados pela tempestade

foram embalados por elas, sem saber quem cantava para eles canções tão magicamente acalentadoras.

Apenas uma vez naqueles trezentos anos os filhos de Lir viram alguns de seus amigos. Avistaram o grupo descendo pelas margens na direcção da foz do Bann, na costa norte de Erin. Estavam vestidos em trajes galantes, com armas reluzentes, montados em cavalos brancos. Os cisnes correram ao encontro deles regozijantes de alegria, pois o grupo era conduzido por dois filhos de Bodb. Tinham vindo com mensagens amorosas do rei dos Dedannans e de Lir, e estavam-nos procurando ao longo da costa rochosa de Erin há vários dias.

Finalmente, os trezentos anos em que tinham de permanecer no mar chegaram ao fim. Os cisnes voaram para Ivros Domnann e para a Ilha de Glora no mar oeste. Ali suportaram sofrimentos e carências mais atrozes que aqueles que viveram no mar de Moyle.

Certa noite, a neve acumulou-se sobre eles e, além do gelo, o vento nordeste açoitava-os, já não podiam mais suportar. Mas Finola disse-lhes:

"Unicamente o grande Deus criador da terra e do mar pode nos socorrer, pois só Ele pode compreender a dor de nossos corações. Devemos pôr nossa fé Nele, queridos irmãos, e Ele nos enviará conforto e ajuda."

"Nele colocamos nossa fé", responderam os irmãos, e desde aquele momento o Senhor do Céu deu-lhes a Sua ajuda, de modo que nem a neve, nem o frio gélido, nem a tempestade, nem qualquer criatura do mar profundo puderam causar-lhes mal.

Decorridos os novecentos anos do encantamento, os filhos de Lir estenderam as asas e voaram rejubilantes de volta aos

domínios de seu pai, em Shee Finnaha.

Já não existia a casa e Lir estava morto. O lugar estava desolado, deserto de habitação humana, ocupado apenas de pedras, ervas e urtigas que cresciam em volta. Choraram sozinhas, crianças perdidas diante de ruínas desoladas, e ali ficaram toda a noite cantando canções melancólicas que expressavam a dor de coisas perdidas para sempre.

No dia seguinte voaram de volta para Inis Glora, onde a doçura de suas canções atraiu tantos pássaros, que o pequeno lago recebeu o nome de Lago dos Bandos de Pássaros. Por muito tempo voaram ao longo de toda a costa do Mar Oeste e na ilha de Iniskea mantiveram convivência com um grou solitário, que ali vivia desde o começo do mundo e ali permaneceria até ao fim dos tempos.

Enquanto assim viveram, o tempo passou, chegou a Erin alguém que trouxe gratas notícias, pois St. Patrick ali tinha chegado para conduzir os homens e levá-los da escuridão para a luz. Com ele viera Kemoc, que fez em Inis Glora o seu lugar de habitação.

Uma manhã, os quatro cisnes foram despertados pelas badaladas de um sino. Era Kemoc oficiando as matinas. Soava distante, mas foi suficiente para perceber que era um som desconhecido, pois nunca antes o tinham ouvido. Os três irmãos ficaram tomados de medo e voavam aqui e ali desnorteados tentando descobrir de onde vinha o estranho som. Quando retornaram para Finola, encontraram-na nadando pacificamente na água.

"Não sabeis que som é esse?", perguntou-lhes ela, adivinhando os seus pensamentos.

"Ouvimos um som débil e temível", responderam os irmãos, "e não sabemos o que é."

"É a voz dos sinos cristãos", disse Finola. "Em breve, nosso sofrimento terá fim, pois essa é a vontade de Deus."

Ficaram felizes e pacificados depois da explicação da irmã. Logo que cessou o som do sino, Finola disse: "Vamos agora cantar nossa música", e fizeram preces ao Deus do céu e da terra.

Kemoc, ao ouvir a melodia maravilhosa dos cisnes, soube que não outros senão os filhos de Lir podiam cantar com tão doce e suave melodia. Foi imediatamente ao lugar onde estavam, e perguntou-lhes se eram de facto os filhos de Lir, por cuja causa tinha vindo a Inis Glora. Sim, responderam, e contaram-lhe a história comovente de suas vidas.

"Venham para a terra e tenham confiança em mim, pois nesta ilha o encantamento chegará ao fim." Obedeceram e Kemoc pediu a um artífice hábil para talhar duas correntes finas; uma ele prendeu entre Finola e Aed, e a outra em Ficra e Conn e tão felizes estavam por novamente conhecer o amor humano e tão felizes em se unirem todos os dias com Kemoc para louvar a Deus, que a lembrança de seus sofrimentos e dores perdeu toda a amargura. As palavras de Eva tinham-se cumprido em grande parte e pouco faltava para que encontrassem a completa realização.

Decca, princesa de Munster, tinha-se casado com Larguen, rei de Connaught, e quando lhe vieram as notícias dos cisnes maravilhosos de Kemoc, desejou tê-los para si. Por meio de constantes rogos, conseguiu persuadir Larguen a mandar mensageiros a Kemoc para pedir os cisnes. Quando retornaram com uma terminante recusa, o rei ficou assaz raivoso. Como

ousava um simples clérigo recusar a satisfazer um desejo da sua rainha, esposa de Larguen de Connaught! Foi ele próprio a Inis Glora exigir o cumprimento do pedido.

"É verdade que ousas recusar a fazer de teus cisnes um presente para a minha rainha?", perguntou colérico.

"É verdade", respondeu Kemoc. Irado, Larguen pegou firme a corrente de prata que prendia Finola e Aed, depois a que prendia Conn e Ficra, e os trouxe do altar onde estavam para os levar à sua rainha.

No momento em que o rei segurou as correntes com sua força rude, algo maravilhoso sucedeu.

Em vez dos cisnes, Larguen viu surgir diante de si uma mulher e três homens muito velhos, magros, vincados de rugas e grisalhos. Ficou aterrorizado e correu de volta para o palácio, seguido das invectivas severas de Kemoc.

Os filhos de Lir, retornados agora à forma humana, voltaram-se para Kemoc e pediram-lhe que os baptizasse, pois sabiam que a morte estava próxima.

"Não estás mais pesaroso de te separares de nós que nós de ti, estimado Kemoc", disseram.

"Rogo-te que nos sepulte juntos", pediu Finola.

Na vida meus irmãos amados
Em meu seio se aninharam em repouso —
Ficra e Conn sob minhas asas,
E Aed em meu peito;

Põe ambos de cada lado meu —

Próximos como o amor que me confina;
Põe Aed aconchegado em meu rosto,
E os três com os braços enlaçados em mim.

Joyce

Kemoc assinalou-os com a santa cruz do baptismo sagrado e a morte os arrebatou no momento em que a água tocava suas frentes e as palavras sacramentais eram pronunciadas. Nesse momento, Kemoc levantou os olhos e viu quatro lindas crianças radiantes de alegria voando com asas brancas na direcção das nuvens. Deixavam atrás de si um traço prateado. Logo desapareceram da sua vista e não os viu mais.

Sepultou-os conforme Finola desejara, levantou-lhes um túmulo e gravou os seus nomes numa lápide. Concluído o acto piedoso, cantou um lamento e rogou a Deus pelas almas puras e delicadas daqueles que tinham sido os filhos de Lir.

Deirdre

Sua beleza encheu o velho mundo gaélico com um doce, maravilhoso e permanente rumor. O nome de Deirdre tem sido como uma harpa a milhares de poetas. Como apenas um nome permaneceu numa terra de heróis bravos e mulheres belas? Ainda hoje os homens a lembram e para sempre a lembrarão.

Fiona Macleod

Há muito tempo, antes do nascimento de Nosso Senhor, assim conta a tradição, nasceu uma menina que era uma

Estrela da manhã de encanto,
Infortunada Helena de uma terra do Oeste.

Era conhecida entre os celtas da Escócia como Darthool; entre os da Irlanda, como Deirdre. Tal como na história de Helena, não é fácil, ou sequer possível resgatar os factos da verdadeira história de Deirdre entre a trama de narrativas imaginárias que o tempo foi tecendo. Contudo, é tão intenso o fascínio de Deirdre ainda hoje, que tem sido a tarefa apaixonada de todos os homens e mulheres, a quem a herança gaélica deve tudo, de preservar e transmitir à posteridade o romance trágico da bela Deirdre e dos filhos de Usna.

Em muitos manuscritos antigos a história figura em sua forma mais ou menos completa. Encontramos no Manuscrito de Glenmasan, na Biblioteca dos Advogados de Edimburgo, a melhor e a mais completa versão, ao passo que a mais antiga e mais sucinta pode ser encontrada no Livro de Leinster do século XII.

Mas aqueles que encontram deleite nas histórias antigas e têm Deirdre para levá-los a viver o verdadeiro encantamento daquele tempo antigo, romântico e nebuloso de nossa Ilha Ocidental, devem recorrer a Fiona Macleod, a Alexander Carmichael, a Lady Gregory, ao Dr. Douglas Hayde, a W.F. Skene, a W.B. Yeats, a J.M. Synge, e todos aqueles que, como verdadeiros descendentes dos druidas, têm o poder de abrir os portões de entrada para as encantadas ilhas de Blest.

Conchubar, ou Conor, governava o reino dos Ultonianos, hoje Ulster, quando Deirdre nasceu em Erin. Reuniu em torno dele os mais famosos guerreiros desse tempo, heróis cujas façanhas grandiosas vivem nas lendas. Eram denominados "Os Campeões do Clã Ruivo", e em toda Erin e Alba repercutia a fama dos Ultonianos guerreiros.

Chegou um dia em que Conor e seus guerreiros, sumptuosos em seus trajes de gala compostos de uma túnica carmesim com broches de ouro marchetado e camisas brancas bordadas de ouro, foram a um festim na casa de um deles, cujo nome era Felim, um bardo que era caro ao rei, não somente por seus braços fortes para a guerra e rapidez nos golpes, mas também porque, nos tempos de paz, seus dedos tiravam a música mais doce de sua harpa. Enquanto festejavam, Conor percebeu uma sombra escura de horror e de dor cobrir o rosto de Cathbad, um druida que tinha vindo

em seu séquito, e viu que seus olhos envelhecidos estavam fixos, perdidos longe no Invisível. Imediatamente, pediu-lhe que lhe falasse o que de mal tinha visto. Cathbad voltou-se para Felim, e disse que sua esposa estava para dar à luz uma filha, cujos olhos seriam como as estrelas que se reflectem à noite na água; os lábios, encarnados como as sementes da sorva; os dentes, mais brancos que pérolas e cuja voz seria mais doce que a música das harpas encantadas. "Uma virgem bela, alta, esbelta, de cabelos longos, por quem contenderiam os campeões... e os reis poderosos ficariam embriagados de suas formas encantadoras e perfeitas". Por causa de seu encanto, disse, mais sangue virá a ser derramado em Erin que em todas as gerações passadas, muitos heróis, archotes dos gaélicos, virão a perder a vida. Por amor a ela, três heróis de renome eterno darão suas vidas, o mar no qual seus olhos de estrela se espelharão será um mar de sangue, uma aflição inexprimível virá aos filhos de Erin. Os nobres do Clã Ruivo olharam de modo sombrio para Felim, o harpista, e falaram:

"Se a criança que está para nascer de tua esposa vem trazer tanto mal à nossa terra, melhor que derrames seu sangue inocente antes que ela cubra de sangue nossa terra."

Felim respondeu:

"São palavras justas. Terrível é para mim e minha esposa perder uma criança tão bela. Contudo, eu a matarei para que minha terra possa ser salva de semelhante destino."

Mas Conor, o rei, tomou a palavra, e porque o encanto de uma beleza perfeita e a sedução mágica de Deirdre já o contaminavam antes mesmo de ela nascer, disse: "Ela não morrerá. Sobre mim tomo essa condenação. A criança deverá ficar afastada de todos os

homens até que alcance a idade de se casar. Chegado o tempo, a tomarei como esposa, e ninguém ousará contender por ela."

Mal acabou de falar, um mensageiro aproximou-se de Felim e comunicou-lhe que sua filha tinha nascido. Seguia-o uma procissão de mulheres cantando e conduzindo a criança em uma almofada enfeitada de flores. Todos que viram a minúscula criatura, com uma pele branca de leite, e cachos "mais dourados que o ouro do sol de verão no crepúsculo", olharam para ela com o medo que mesmo os mais bravos sentem em face do Desconhecido.

Cathbad disse: "Seja chamada Deirdre, doce ameaça que é". A criança fitou com olhos de estrela o druida de cabelos brancos enquanto ele cantava para ela:

Muitos sentirão ciúmes de teu rosto, ó chama de beleza; por tua causa, heróis irão para o exílio. Pois há perigo em teu rosto; ele trará banimento e morte para os filhos dos reis. Em teu destino, ó linda criança, há feridas malfazejas e derramamento de sangue.

Terás um pequeno túmulo isolado para ti; serás uma história de maravilhas para sempre, Deirdre.²²

Deirdre, a criança predestinada, foi deixada com sua mãe apenas um mês e um dia, e em seguida enviada para uma ilha solitária coberta de espessa mata, e somente acessível por um passadiço que se formava quando a maré estava baixa.

²² Da tradução de Lady Gregory.

Acompanharam-na uma ama e Cathbad, o druida.

Ali crescia em plenitude virginal, e a cada dia tornava-se mais encantadora. Recebeu de Cathbad instrução religiosa além das variadas formas de conhecimento de que o druida era possuidor, e evidenciava-se também que aprendia dele algo daquele poder místico que a capacitava ver o que se escondia nos olhos humanos.

"Diz-me", perguntou um dia ao seu mestre, "quem fez as estrelas, o alto firmamento, a terra, as flores, a mim e a ti?"

Cathbad respondeu: "Deus. Porém, quem é Deus, pelos céus!, homem algum pode dizer".

Deirdre, uma criança impetuosa, pegou o bastão druidico das mãos de Cathbad, partiu-o em dois, e lançou ao longe na água as duas partes. "Ah, Cathbad!", exclamou, "virá Alguém no futuro desconhecido para quem todas as tuas palavras e encantamentos druidas nada significarão."

A menina, vendo Cathbad de cabeça pendida e uma lágrima a escorrer-lhe pelo rosto, comovido por saber verdadeiras as palavras que ela pronunciara, ficou aflita por causar dor ao amigo que ela amava; passou os braços em volta do seu pescoço, e tentou confortá-lo com seus beijos.

Quando Deirdre tornou-se mais crescida, Conor enviou alguém de sua corte para instruí-la em tudo que uma rainha precisa saber. Seu nome era Lavarcam, que significa Tagarelice. Era de sangue real, pertencia a uma classe que naquele tempo tinha sido educada para ser contadora de história. Lavarcam era uma mulher talentosa, e maravilhou-se ante a extraordinária beleza da criança a quem ela tinha vindo educar, e igualmente maravilhou-se de sua

admirável inteligência.

Em um dia de inverno em que a neve caía intensa, Deirdre viu estendido na neve um novilho que tinha sido morto para servir-lhe de alimento. O sangue que escorria de seu pescoço trouxe para ali um corvo. Deirdre disse a Lavarcam: "Se houvesse um homem que tivesse os cabelos pretos como aquele corvo, a pele da brancura da neve e as faces tão vivas quanto o sangue que a tinge, para esse homem eu daria meu coração."

Lavarcam, sem pensar, respondeu:

"Conheço alguém cuja pele é mais branca do que a neve, cujo rosto é rubro como o sangue que a tinge, e cujos cabelos são pretos e brilhantes como as asas de um corvo. Seus olhos são azuis como o céu, os ombros e a cabeça excedem a altura de todos os homens de Erin."

"E qual é o nome desse homem, Lavarcam?", perguntou Deirdre. "E de onde ele é, e qual é sua estirpe?"

Lavarcam explicou-lhe que falara de Naoise, um dos três filhos de Usna, nobre de Alba, e que esses três filhos eram poderosos guerreiros.

"Meu amor não será de ninguém a não ser de Naoise, filho de Usna, e para sempre lhe pertencerá", Deirdre disse.

Lavarcam ficou apreensiva quando viu que suas descuidadas palavras tinham penetrado profundamente no coração de Deirdre. Tentou pensar em um meio de desfazer o mal que irreflectidamente tinha causado.

Nesse tempo, Conor tinha estabelecido uma lei pela qual ninguém além de Cathbad, Lavarcam e a ama de Deirdre poderiam atravessar a floresta que levava ao esconderijo, e ninguém além

deles colocaria os olhos nela até que ele a visse e a tomasse como esposa. Entretanto, Lavarcam um dia, após ter ouvido de Deirdre muitas perguntas insistentes sobre Naoise, encontrou um guardador de porcos, rude em aparência e palavras, vestido com uma pele de veado, acompanhado de dois sujeitos também rudes, escravos dos Ultonianos. Veio-lhe ao espírito um plano. Pediu-lhes que a acompanhassem até a floresta proibida e ali permanecessem, ao lado de uma fonte, até que ouvissem o grito da raposa e do gaio. Eles andaram então vagarosamente pela floresta, iam quietos em silêncio até que se viram fora das sombras das árvores.

Lavarcam correu então de volta para Deirdre e pediu-lhe que a acompanhasse a fim de que apreciassem a beleza da floresta. Afastou-se por um momento de sua protegida, e logo ouviu-se o grito da raposa e do gaio. Ainda Deirdre se maravilhava com os dois sons tão próximos que ouviu ao mesmo tempo, e Lavarcam já estava de volta. Logo em seguida, três homens vieram entre as árvores e passaram perto de onde ela e Deirdre estavam escondidas.

"Eu nunca tinha visto homens de tão perto", disse Deirdre. "Somente os tenho visto muito ao longe a partir das bordas da floresta. Quem são esses homens, que de modo algum me trazem alegria aos olhos?"

Lavarcam então respondeu: "São Naoise, Ardan e Ainle, os três filhos de Usna."

Deirdre olhou firme para Lavarcam, e o desdém e o riso despontaram em seus olhos agudos.

"Então quero falar com Naoise, Ardan e Ainle", disse, e antes que Lavarcam pudesse contê-la, escapou entre as árvores, tomou

um caminho entre as samambaias, e repentinamente surgiu na frente dos três homens.

Os três homens rudes, vendo uma criatura tão perfeita, ficaram certos de que Deirdre era uma das sidhe, e a fitaram com olhos arregalados e boca aberta de terror e assombro.

Por um instante, Deirdre os fitou, e então: "Sois os filhos de Usna?", perguntou.

Os três homens ficaram paralizados, assustados e estupificados. Ela os provocou com zombaria, até que o guardador de porcos não pôde mais, e deixou escapar toda a verdade de sua beleza, a mais perfeita de todo o mundo. Muito amavelmente, respondeu ao homem: "Não te culpo, pobre guardador de porcos, e para que saibas que te considero um homem fiel, quero pedir-te que faças algo para mim."

"Se eu posso fazer algo para agradar-te, eu o farei", disse. "Sempre, e com alegria pagarei com a minha vida. De hoje em diante, minha vida é tua."

Deirdre disse: "Desejo ver Naoise, um dos filhos de Usna."

E mais uma vez o guardador de porcos respondeu: "Minha vida é tua."

Deirdre, vendo em seus olhos algo muito bonito, aproximou-se e beijou sua fronte castigada e queimada pelo sol.

"Procura então Noise. Diz-lhe que eu, Deirdre, sonho com ele durante toda a noite e penso nele durante todo o dia, e que lhe peço venha encontrar-me aqui amanhã uma hora antes do pôr-do-sol."

O guardador de porcos a viu desaparecer na sombra das árvores, e então seguiu seu rumo pela floresta, disposto a pagar

com a vida pelo beijo que recebera de Deidre.

Lavarcam ficou extremamente intrigada com os actos de Deidre naquele dia, pois não lhe dissera uma palavra a respeito do que se tinha passado entre ela e o guardador de porcos. Pela manhã, quando deixou Deidre para ir à corte do rei Conor, viu, quando se aproximava de Emain Macha, asas negras esvoaçarem-se sobre algo deitado sobre a neve. Ao aproximar-se, três milhafres e três corvos aziagos voaram. Viu que a presa que devoravam era o corpo do guardador de porcos. Trazia em todo o corpo feridas abertas provocadas por lanças. Contudo, ele estava com um semblante feliz. Sorriu enquanto morria, e o riso permaneceu em seus lábios. Tinha com lealdade passado a mensagem. Falara da beleza de Deidre, e o rumor de seu comentário chegou aos ouvidos do rei. As palavras que dissera a Deidre tornaram-se verdadeiras debaixo das lanças dos homens de Conor: "Pagarei com a minha vida". Foi o primeiro sangue do muito que ainda seria derramado por amor de Deidre, a superior Beleza do mundo.

Lavarcam foi dali para o bivaque dos filhos de Usna. Contou a Naoise a história do amor que Deidre nutria por ele. Aconselhou-o a ir ao lugar onde ela estava escondida e ver a sua beleza. Naoise, vendo que até mesmo um homem inculto e rude tinha realizado por ela uma façanha própria daqueles que são da estirpe dos reis, sentiu seu coração palpitar.

"Irei", disse a Lavarcam.

Os dias corriam, e Deidre esperava, certa de que Naoise viria. Ouviu, um dia, uma canção de mágica doçura chegar-lhe através das árvores. Três vozes entoavam a canção, e era como se uma sidhe tocasse harpa para lançar encanto sobre os homens. A

voz de Ainle, o mais jovem dos filhos de Usna, era como os sons das cordas superiores da harpa, a de Ardan era como as do meio, e a de Naoise era como as cordas cuja ressonância intensa podia tocar o coração de um guerreiro e comovê-lo sensivelmente. Deirdre não precisou de mais, soube que aquela era a voz do seu amado. Voou para ele como um pássaro festivo e apareceu-lhe de frente.

Era como se uma torrente de luz tivesse irrompido inesperadamente no ambiente. Pois uma mulher mais bela do que qualquer imagem já sonhada surgiu de trás das ramagens. Estava vestida com um manto açafião sobre um branco brilhante como os raios do sol nas espumas das ondas, o conjunto estava preso com grandes laços amarelo-ouro, sobre os ombros caíam ondulados os cabelos, mechas que luziam em delicado fulgor, eram como uma cortina de névoa diante dele, entre a qual pôde ver os olhos, dois lagos azuis onde dançavam sombras púrpuras.

Fiona Macleod

Desde esse momento, Naoise "entregou seu amor a Deirdre, acima de qualquer outra criatura", e suas almas andaram juntas, tornaram-se uma para sempre. Foi para eles o início de um amor perfeito, e tão certos estavam daquele amor ao primeiro olhar, que era como se já tivessem nascido amando um ao outro.

Sabiam que a fúria de Conor se acenderia terrível quando soubesse que sua noiva predestinada era amada por Naoise, e

resolveram ambos que o melhor a fazer era escapar da ira violenta do rei.

Subitamente, enquanto assim confabulavam, Naoise puxou o dardo que levava consigo, e o lançou na direcção de umas samambaias curvadas ao peso da neve.

"É um lobo?", perguntou Deirdre.

Naoise respondeu: "Encontraremos sob as samambaias um homem morto, ou o sinal de um homem que ali se escondia".

Foram ver, e acharam os sinais de um homem que ali tinha se escondido, e ao lado do dardo, uma faca de cabo de madeira deixada para trás com a pressa da fuga.

Disse Naoise: "Bem sei que Conor pode ter mandado um espião em meu rasto. Venha comigo agora, Deirdre; caso contrário, posso te perder para sempre."

Deirdre, com o coração alegre, acompanhou aquele que seria agora o seu senhor. Naoise a levou consigo onde seus irmãos esperavam por ele. Ainle e Ardan, ambos ofereceram imediatamente sua afeição e lealdade eterna a Deirdre. Estavam, porém, cheios de pressentimentos, por ela e por Naoise, pois era certa a fúria de Conor.

Disse Naoise: "Embora o mal possa sobrevir, por minha amada estou disposto a viver no infortúnio pelo resto de minha vida."

Ardan e Ainle responderam: "Certamente, disso sobrevirá uma desdita, mas, embora assim seja, o infortúnio não te rondará enquanto vivermos. Iremos com ela para outro país. Não há em Erin um rei que nos ofereça boa acolhida."

Os filhos de Usna decidiram atravessar o Mar de Moyle para

encontrar em Alba, sua terra natal, um refúgio bem-sucedido. Naquela mesma noite fugiram. Levaram cento e cinquenta homens, outro tanto de mulheres e mais outro de cavalos. Quando na fuga voltaram o olhar para a terra onde tinham vivido, viram um fulgor rubro no azul intenso do céu nocturno, e souberam que a vingança de Conor já tinha começado. Iniciaram a viagem contornando Erin indo de Essa para Beinn Etair²³; a partir daí navegaram em uma grande galé. Os homens moviam os grandes remos e cantavam suas canções de remar. Deirdre tinha o coração leve como as asas brancas dos pássaros marítimos. Repousou nos braços vigorosos de Naoise e viu a linha azulada da costa de Erin desvanecer-se no nada.

Na Baía de Aros, na costa leste da ilha de Mull, encontraram seu primeiro repouso. Temiam, porém, a traição de um lorde de Appin, pois os olhos luminosos de Deirdre percebiam de imediato o mal que os filhos de Usna não eram capazes de ver. Seguiram então adiante até alcançarem o grande lago de Etive, cercado de montes, e Ben Cruachan, cujo topo coberto de névoas se elevava sobre o lago como um guardião da gente daqueles vales solitários e montes silenciosos.

A alegria despontou no coração dos filhos de Usna quando chegaram à casa de seus pais. Usna estava morto, mas além das cascatas de Lora erguia-se ainda o grande baluarte — o castelo vitrificado — que tinha construído para si mesmo e para aqueles que viriam depois dele.

Iniciou-se para Deirdre um tempo de perfeita felicidade.

²³ O Monte de Howth, na Baía de Dublin.

Naoise era sua vida, também seus irmãos Ihe eram muito queridos. Eram pródigos em seus actos de ternura e préstimos afectuosos. Os muitos vassallos que trouxeram não tinham nenhum apego por Alba, e alegraram-se quando seu senhor, Naoise, permitiu que voltassem para Erin. Os filhos de Usna sentiam-se felizes por não haver ninguém para se interpor entre eles e seus préstimos a Deirdre, a rainha de suas vidas. Ela logo aprendeu a conhecer bem cada pequena enseada, cada praia e cada vale solitário do Lago Etive, pois os filhos de Usna passavam muito tempo fora em caçadas lago acima. Acampavam em vários pontos das margens do Etive, e em *Dail-an-eas*²⁴ fizeram para Deirdre um recanto aprazível.

Sobre um declive acima da cachoeira construíram um pequeno abrigo, colmado com as samambaias nativas das montanhas, a argila vermelha dos charcos e com as penugens macias das aves. Ali ela podia ouvir o murmúrio e o gotejar da água cristalina nas pedras cobertas de musgo, os saltos do salmão na água e ver ao longe a cor prateada do grande lago. Quando o sol de verão estava quente, o zumbido das abelhas silvestres entre a mirta e urzes a embalava no sono; no Outono, quando as folhas das samambaias tornavam-se vermelhas e douradas, e os frutos da sorva vermelhos como os seus lábios, ela via os veados pastando nas montanhas cobertas de névoas, e lembrava aos irmãos a caça esperando por eles. O canto do tetraz, o bramido do veado, o ladrar da raposa, o sibilo das grandes asas das águias douradas, o canto dos pássaros, a cadência ritmada da água corrente, o lamento do vento entre a bétula, todas essas coisas eram como música para

²⁴ Vale da Cachoeira, hoje Dalness.

Deirdre, que amava todas as coisas.

Algumas vezes ela desejava ir às caçadas com Naoise e seus irmãos pelos vales ermos, pelos topos silenciosos dos montes entre névoas, e ver ao entardecer, quando estivesse cansada, seus devotos leais a conduzirem protegida para casa.

Entretanto, os dias felizes passaram. Em Erin, a ira de Conor tornou-se ainda mais intensa quando soube da felicidade de Deirdre e dos Filhos de Usna. Chegaram até ele rumores de que o rei de Alba tinha planejado ir contra Naoise, matá-lo e fazer de Deirdre sua esposa, mas, antes de realizado o plano, os Filhos de Usna e Deirdre navegaram mais além ao norte, e que ali, na terra de sua mãe, Naoise reinava como um rei. A fama dos Filhos de Usna não se limitou apenas a Etive; espalhou-se por toda a região dos Grandes Lagos, chegou ao Lago Awe, Lago Fyne, Lago Striven, Lago Ard, Lago Long, Lago Lomond, como também a maravilhosa beleza de Deirdre, das mulheres a mais bela.

O ódio de Conor aumentava continuamente, até que um dia veio-lhe à mente um plano diabólico pelo qual sua sede violenta de vingança encontraria perfeita satisfação.

Fez, por conseguinte, uma grande festa, na qual todos os heróis do Clã Ruivo estavam presentes. Depois de ter-lhes feito todas as honrarias, perguntou-lhes se estavam satisfeitos. Responderam a uma só voz: "Muito satisfeitos de facto!"

"O caso é que eu não estou", disse o rei. E com a astúcia de palavras elegantes contou-lhes que para ele era uma grande tristeza que os três heróis, aclamados nas Ilhas do Oeste e em todo o norte e oeste de Alba pelas façanhas que realizaram, não estivessem entre seus amigos, sentados à mesa em paz e amizade,

e não lutassem pelos Ultonianos como todos os demais heróis do Clã Ruivo.

"Levaram de mim aquela que era para ser a minha esposa", disse, "mesmo isso posso perdoar, e se retornassem para Erin, lhes daria alegremente a minha boa-acolhida."

A essas palavras, houve uma grande manifestação de alegria entre os lordes do Clã Ruivo e entre todos os demais que ouviram. Conor, com alegria no coração, disse: "Meus três melhores campeões os conduzirão de volta do exílio". Ele convocou Conall, o Vitorioso, Cuchulainn e Fergus, o filho de Ross, o Ruivo. Chamou em seguida Conall secretamente e perguntou-lhe o que ele faria se fosse enviado para buscar os Filhos de Usna, e, apesar do salvo-conduto, fossem mortos quando chegassem à terra dos Ultonianos. Conall respondeu que, se acontecesse semelhante acto indigno, ele mataria com as próprias mãos todos os traidores. Chamou depois Cuchulainn e apresentou-lhe a mesma questão. O jovem herói, com uma raiva desdenhosa, replicou que mesmo o próprio Conor não escaparia de sua vingança se esse acto de tamanha traição fosse realizado.

"Bem sei que tu não nutres amor por mim", disse Conor, e seu semblante estava sombrio.

Chamou então Fergus, que, extremamente compungido, respondeu que, se ocorresse tamanha deslealdade, o rei seria o único que ficaria resguardado de sua vingança.

Conor satisfeito, deu a Fergus o comando para ir a Alba como seu emissário e trazer de volta os três irmãos e a bela Deirdre.

"Teu nome desde sempre foi Boca-de-mel", disse, "por isso,

sei bem que com astúcia tu poderás trazê-los de volta a Erin. E quando tiveres retornado com eles, mande-os na frente, e fique na casa de Borrach. Ele estará prevenido de tua vinda."

Assim falou, porque para Fergus e todos os demais do Clã Ruivo, uma *geasa*, ou promessa, era sagrada. E ele sabia bem que Fergus tinha como uma geasa nunca recusar o convite para uma festa. E seu plano já estava bem traçado.

No dia seguinte Fergus e seus dois filhos — Illan, o Louro, e Buinne, o Ruivo — partiram em sua galé rumo ao baluarte dos Filhos de Usna no Lago Etive.

Um dia antes de terem fugido apressados de Erin, Ainle e Ardan tinham jogado xadrez com Conor, o rei. A prancha de jogo era de marfim puro, e as peças eram de ouro, forjadas com estranhos desenhos. Tinham vindo do Leste misterioso, num tempo distante além da memória de qualquer homem naquele tempo ainda vivo. Era uma das relíquias mais estimadas de Conor. Quando Ainle e Ardan levaram em sua fuga a prancha de xadrez, essa perda, depois da perda de Deirdre, causou-lhe a maior das amarguras.

Naoise e Deirdre estavam em frente do baluarte justamente jogando xadrez na peça valiosa, as ondas leves do Lago Etive se jogavam entre as algas, douradas como os cabelos de Deirdre, quando ouviram um grito vindo de entre as ramagens que caíam à margem onde aveleiras e bétulas formavam espessa vegetação.

"Essa voz é de um homem de Erin!", disse Naoise, e parou o jogo para ouvir.

Mas Deirdre disse logo em seguida: "Não. É a voz de um gaélico de Alba".

Falou assim para que pudesse iludir seu coração e tomá-lo

insensível à sombra negra de um mal que se aproximava. Veio então outro grito, e ainda um terceiro. Já não havia mais dúvidas, pois conheciam bem a voz de Fergus, o filho de Ross, o Ruivo. Quando Ardan desceu à enseada para recebê-lo, Deirdre confessou a Naoise por que tinha se recusado no início a reconhecer que a voz ouvida era a de um homem de Erin.

"Vi em sonho na noite passada", ela disse, "três pássaros que voavam de Emain Macha para cá. Traziam no bico três gotas de mel, que deixaram connosco, mas levaram três gotas de sangue".

Naoise disse: "Como, minha amada, tu interpretas este teu sonho?"

Deirdre disse: "Vejo que Fergus, enviado por Conor, vem com palavras melífluas de paz, mas atrás de suas palavras traiçoeiras está a morte."

Enquanto Deirdre e Naoise conversavam, Ardan e Fergus com seus companheiros subiam a encosta. O mirto, a urze e a samambaia, esmagados sob seus passos firmes, soltavam o mais doce aroma.

Fergus parou diante de Deirdre e Naoise, e transmitiu-lhes a mensagem de Conor. Falou-lhes da paz e da honra que os esperavam em Erin se atendessem às palavras de boa-acolhida que ele trazia.

Naoise disse: "Estou pronto". Porém, não ousou encontrar os olhos azuis de Deirdre, sua rainha.

"Sabes que minha palavra é um penhor de honra?", perguntou Fergus.

"Sei perfeitamente", respondeu Naoise.

Passaram aquela noite em alegria festiva. Apenas Deirdre tinha o coração suspenso, apreensiva de que nuvens escuras de tristeza e uma dor indizível estavam para vir.

A galé dos Filhos de Usna se fez ao mar logo que a manhã dourada insinuou-se sobre os montes azuis do Lago Etive; partiram enquanto os pássaros marítimos desciam com seus gritos e mergulhavam nas águas prateadas.

Deirdre, sobre quem pairava um pressentimento que ela não tinha coragem de pronunciar, cantou uma canção enquanto partiam:

A Canção de Deirdre²⁵

Amada terra, terra do leste,
Alba, e suas maravilhas.
Ó, se eu pudesse não me apartar de ti,
Que eu vá porém com Naoise.

Amo Dunfidgha e Dun Fin;
Amo Dun mais que todas;
Amo Innisdraighende;²⁶
E amo é Dun Suibhne.²⁷

Coillchuan! ó Coillchuan!
Onde Ainnle, ó infortúnio, se deleitava;

²⁵ Da tradução de W.F. Skene.

²⁶ Inistrynich

²⁷ Dun Sween

Muito breve, creio, foi aqui meu pouso
Com Ainnle em Oirir Alban.

Glenlaidhe! ó Glenlaidhe!²⁸
Eu dormia ao teu suave murmúrio;
Peixes, a carne do javali e do texugo
Eram meu alimento em Glenlaidhe.

Glenmasan! ó Glenmasan!²⁹
Boas suas plantas, belas suas árvores.
Solitário era o lugar de nosso sossego
Sobre o Invermasan coberto de gramas.

Gleneitche! ó Gleneitche!³⁰
Ali foi erguido meu primeiro lar,
Belos seus bosques ao amanhecer,
Quando o sol rompia em Gleneitche.

Glen Urchain! ó Glen Urchain!³¹
Vale contínuo de montes suaves,
Um homem mais feliz que Naoise
Não houve em Glen Urchain.

²⁸ Glen Lug

²⁹ No topo de Holy Loch, Argyllshire.

³⁰ Glen Etive

³¹ Glenorchy

Glendaruadh! ó Glendaruadh!³²

Amo cada homem de tua herança.

Doce a voz do cuco sobre os galhos curvos

Nos montes de Glendaruadh.

Amo Draighen e suas praias sonantes;

Amo a água sobre a areia clara.

Ó, se eu pudesse não me apartar do leste,

Que eu vá porém com meu amado!

Navegaram pelo mar entre Alba e Erin. A canção de Deirdre acordou em Ardan, Ainle e Naoise estranhos sentimentos de algo nocivo, do qual nem a coragem os podia salvar.

Em Ballycastle, em frente à Ilha Rathlin, onde uma pedra na praia (Carraig Uisneach) ainda tem o nome dos Filhos de Usna, Fergus e os exilados aportaram. Mal desceram na praia, um mensageiro aproximou-se e convidou Fergus para uma festa no baluarte de Borrach. Fergus, reconhecendo que nisso estava a mão de Conor e que aquilo era uma traição vil, enrubesceu de raiva e vergonha. Porém, não ousou quebrar sua *geasa*, ainda que, para mantê-la, a honra empenhada na promessa de salvo-conduto aos três irmãos fosse arrastada à lama. Por essa razão, deixou-lhes os filhos como escolta e dirigiu-se à festa no baluarte de Borrach, inteiramente consciente de que Deirdre falara a verdade quando lhe disse tristemente que nesse acto ele vendia a honra.

O presságio que invadira o coração de Deirdre tornava-se

³² Glendaruel

mais forte à medida que navegavam para o sul. Pediu a Naoise que fossem para um lugar seguro e ali esperassem até que Fergus, cumprida sua *geasa*, pudesse se juntar a eles quando então partiriam juntos para Emain Macha. Mas os Filhos de Usna, convictos de sua força e absolutamente confiantes da palavra empenhada por Conor e Fergus, riram do temor de Deirdre, e prosseguiram na jornada. Sonhos de presságios pavorosos invadiram seu sono, e durante todo o dia seus olhos, sobressaindo-se de seu rosto níveo, pareciam violetas entre a neve. Ela viu nuvens de sangue rondarem os belos Filhos de Usna. Viu todos, também Illann, o louro, com a cabeça cortada, terrivelmente ensanguentados. Contudo, nenhum argumento podia persuadir Naoise. O destino o levava adiante.

"Temos de ir para Emain Macha, minha amada", disse. "Fazer outra coisa que não isso seria mostrar que temos medo, e de modo algum temos medo."

Chegaram, por fim, a Emain Macha. Conor, com recepção cortês, enviou-lhes mensagem dizendo que a casa dos heróis do Clã Ruivo estava à disposição deles aquela noite. Embora o lugar escolhido para sua hospedagem confirmasse as intuições de Deirdre, passaram a noite em grande alegria. Além disso, Deirdre recebeu as boas-vindas de sua antiga amiga Lavarcam.

O facto é que Conor dissera a Lavarcam: "Quero que vá à Casa do Clã Ruivo e volte aqui para me dizer se a beleza de Deirdre definiu, ou se ainda é a mais bela das mulheres."

Lavarcam encontrou Deirdre jogando xadrez com o marido. Ela, que tinha estado tanto tempo na companhia dela e a tinha amado como uma filha, percebeu que o amor tinha feito a beleza da

jovem desabrochar, era agora tão bela que nenhuma palavra o podia descrever. Não lhe seria possível, depois de fitar os olhos luminosos de Deirdre, ser um instrumento de Conor. E o que fez foi advertir os filhos de Usna revelando a traição de Conor. Os três irmãos perceberam nesse momento já tardio que eram verdadeiros os presságios de Deirdre. E, terminada essa revelação, a jovem Deirdre teve uma visão semelhante àquela de Cathbad, o druida, na noite de seu nascimento.

Vejo que três tochas se apagarão nesta noite", ela disse. "E essas três tochas são as Três Tochas da Coragem entre os gaélicos, seus nomes são os nomes dos Filhos de Usna. E mais amarga ainda é essa dor, pois que o Clã Ruivo se extinguirá, e Uladh será ele próprio derrotado, o sangue será derramado como uma chuva tempestuosa de inverno.

Fiona Macleod

"Melhor será morrer por ti e por tua beleza imortal que se tivesse vivido sem ter conhecido a ti e o teu amor", disse Naoise após esse vaticínio.

Lavarcam seguiu seu caminho, retornou para Emain Macha e disse a Conor que o vento impiedoso e a neve de Alba tinham roubado de Deidrê todo o encanto, de modo que já não era um ser desejável. Porém, a visão da beleza de Deirdre permanecia na impressão de quantos a vissem, e algo da verdade transpareceu nos olhos de Lavarcam, o que lançou imediatamente suspeitas no coração maligno do rei. Logo que ela se retirou, satisfeita por ter

conseguido salvar sua amada Deirdre, Conor enviou um espião, um homem cujo pai e três filhos tinham tombado pela espada de Naoise. Que ele visse Deirdre e confirmasse ou negasse a informação de Lavarcan. Esse homem, quando chegou à casa do Clã Ruivo, viu que os Filhos de Usna a tinham resguardado, pois todas as portas e janelas estavam trancadas. Subiu até uma janela estreita alta, e olhou o interior. Ali, deitados em divãs, o jogo de xadrez de ouro e marfim entre eles, estavam Deirdre e Naoise. Tão belos estavam, que pareciam deuses imortais num céu de perfeição inabalável. Deirdre foi a primeira a surpreender o rosto intruso que, com uma exultação maligna no olhar, fitava sua beleza. Nenhuma palavra disse. Nesse momento, Naoise, com uma das peças de ouro nas mãos, reflectia sobre o jogo. Silenciosamente, ela fez o olhar de Naoise acompanhar o dela. Veloz, como uma pedra lançada de uma funda, a peça foi arremessada. O homem desabou no chão com um dos olhos esmagado. Retomou seu caminho, do modo como lhe foi possível, tremendo de agonia e rosnando desejoso de vingança. Descreveu vividamente para o rei a imagem da mais bela mulher da Terra, entretida jogando xadrez com Naoise e na peça que ele tanto prezava. A raiva de Conor, que se mantivera latente desde o dia em que soubera sua Deirdre roubada, reacendeu louca. Com um urro semelhante ao de um touro ferido, convocou os Ultonianos, que viessem ter com ele à Casa do Clã Ruivo para incendiá-la e matar à espada todos que nela estavam, excepto Deirdre, que esta seria salva para uma sorte mais cruel.

Na Casa do Clã Ruivo, Deirdre, os três irmãos e os dois filhos de Fergus ouviram os gritos dos Ultonianos; e viram que a tempestade estava para desabar. Continuaram calmos jogando

xadrez. Ao primeiro ataque, Buinne, o Ruivo, investiu contra os Ultonianos e, aplacando a sanha, os rechaçou realizando um grande massacre. Mas Conor o chamou para conversar e o subornou oferecendo-lhe um prêmio em terra. Buinne, filho traiçoeiro de um pai também traiçoeiro, foi para o lado do inimigo. Seu irmão, Illann, o Louro, constrangido pela vergonha, fez o que pôde para reparar a deslealdade de Buinne. Avançou, e fez cair mais de uma centena daqueles que os sitiavam. Prestou leal combate antes de cair abatido pelos inimigos. Depois de sua morte, os Ultonianos incendiaram a casa. Ardan e Ainle abandonaram o xadrez e se atiraram a esse jogo mais feroz, no qual a lâmina de suas espadas fez tombar centenas. Por último, veio a vez de Naoise. Beijou Deirdre, tomou uma bebida, e saiu contra os homens de Conor. Ali onde seus irmãos já tinham derrubado centenas, outros milhares fez cair ao golpe de sua espada.

O medo entrou no coração de Conor, pois anteviu que nenhum homem podia prevalecer contra os Filhos de Usna, salvo pela magia. Fez vir Cathbad, o druida, que estava então à morte. O velho homem foi trazido à Casa do Clã Ruivo, agora toda em chamas, e diante da qual jaziam mortos sem-conta.

Conor pediu-lhe que o ajudasse a derrotar os Filhos de Usna antes que matassem todos os Ultonianos. Por seu poder mágico, Cathbad levantou uma cerca de lanças em torno da casa. Mas Naoise, Ardan e Ainle, trazendo Deirdre protegida com seus escudos, romperam subitamente da casa em chamas, abriram caminho entre a cerca como se ceifassem trigo verde. E, rindo alto, abateram uma grande quantidade de Ultonianos que ainda resistiam. Novamente o druida usou seu poder, e veio aos ouvidos

de todos que ali estavam um barulho tremendo como se uma grande quantidade de água rolasse. Uma inundação surgiu repentinamente. Não existia chance de escapar para os Filhos de Usna. Naoise levava Deirdre sobre os ombros e sorria-lhe enquanto a água elevava-se e ultrapassava já a sua cintura. Tão repentinamente como veio, da mesma forma cessou. Os Ultonianos estavam bem, tinham se protegido em um terreno elevado. Mas os Filhos de Usna se viram apanhados em um turbilhão de água. Conor, vendo-os em suas mãos, ordenou a alguns de seus guerreiros que fossem capturá-los. Mas, por vergonha, nenhum Ultoniano queria ir. Foi um homem da Noruega que, por uma ponta de terra seca, fez caminho até onde estavam, entrou na água e os alcançou. "Mate-me primeiro!", gritou Ardan enquanto o homem se aproximava com a espada na mão. "Sou o mais jovem, e, quem sabe, minha morte possa mudar o rumo do destino".

Ainle também desejava ser o primeiro a ser morto. Mas Naoise levantou a própria espada para o algoz:

"Mannanan, o filho de Lir, deu-me essa boa espada", disse. "Com ela poderás atingir meus amados irmãos e a mim próprio com um único golpe enquanto estamos aqui prisioneiros dessa armadilha. Nenhum de nós conhecerá a dor e a vergonha de ver o outro com a cabeça cortada". O norueguês estendeu a mão para a espada. Deirdre saltou dos ombros de Naoise e teria matado o homem antes que desferisse o golpe, mas ele a afastou asperamente, e com um único golpe decepou a cabeça dos três maiores heróis de Alba.

Um grande silêncio sobreveio, e depois um grande lamento ecoou. Todos choravam o fim dos belos e nobres Filhos de Usna.

Apenas Conor permaneceu em silêncio fitando a devastação que tinha causado. Deirdre correu para Cuchulainn, o poderoso campeão, um homem bom e verdadeiro. Pediu-lhe que a protegesse enquanto um sopro de vida ainda restasse para ela. Foi com ele ao lugar onde a cabeça de Naoise jazia, limpou ternamente o sangue, as marcas de luta e violência, ajeitou os cabelos negros, e beijou os lábios frios repetidamente. Enquanto a mantinha em seus seios, cantou para Naoise, o homem que fora sua vida, e para os irmãos um lamento que ainda vive na língua dos gaélicos.

É a honra que ameis, nobres e valentes Ultonianos?
É a palavra de um rei vil mais digna que a nobre verdade?
Decerto vos podeis vangloriar: da honra vossa vos despojastes
Ao dar a morte aos mais nobres de vossa irmandade.
Deixai minha beleza que essa guerra inflamou
Deixai-a extinguir como uma tocha que se consome
Para assim me apagar aqui onde quem amo repousa,
E uma tocha para ele ser na escuridão da morte.³³

A pedido de Cuchulainn, o Ultoniano, três túmulos foram abertos para os três irmãos. O túmulo de Naoise era mais amplo que os outros, e quando foi aí depositado de pé com a cabeça recolocada nos ombros, Deirdre ficou ao seu lado e o amparou nos braços, sussurrou-lhe o amor vivido por eles, que nem a morte podia roubar-lhes. Enquanto lhe falava, a morte piedosa a arrebatou, e juntos foram sepultados. Nesse instante, ouviu-se um

³³ Da tradução de Fiona Macleod

terrível lamento: "O Clã Ruivo está perecendo! Uladh está morrendo! Uladh está morrendo!" Editas essas palavras, a alma de Cathbad, o druida, o abandonou.

Na manhã seguinte, chegou à terra dos Ultonianos uma hoste poderosa, e o Clã Ruivo foi para sempre extinto. Emain Macha foi reduzida a ruínas, e Conor morreu mergulhado em loucura e dor.

Na terra de Erin onde ela morreu, nos vales solitários e nos altos das montanhas cobertas de névoas do Lago Etive, lugar em que ela conheceu a verdadeira felicidade, ainda podemos muitas vezes ouvir o vento murmurar um lamento: "Deirdre, a mais bela, está morta ... está morta!"

Ouçõ uma voz chorando, chorando, chorando: é o vento
Que uiva seu antigo choro fatigado de tempos imemoriais?

O vento chora, o vento chora, o vento chora:

A terra sobre seu seio, a terra sobre seus olhos, o vento triste

chora.

Fiona Macleod

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CROSSLEY, Holland, Norse myths, London, Penguin Books, 1980.
- GUERBER, H. A., Myths of the horsemen (From the Eddas and Sagas), New York. Dover, 1992.
- ROLLESTON, T. W., Celtic myths and legends, New York. Dover, 1990.
- COMTE, Fernand, Dictionary of mythology, Ertfordshire, Wordsworth Edition, 1994.
- COMMELIN, Nova mitologia grega e romana, Belo Horizonte, Itatiaia, 1983.
- SOULI, Sofia, Mitologia griega, Ediciones Michalis Toubis, 1995.
- BULFINCH, Thomas, The golden age of myth and legend, Wordsworth Edition, 1993.
- GRAVES, Robert. Grek myths, London, Penguin Books, 1981.
- MONCRIEFF, A. R. Hope, Mitologia clássica, Lisboa, Editorial Estampa, 1992.
- AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral, Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- ROSENBERG, Donna, World Mithology: an antology of the great myths and epics, Illinois, NTC Publishing Group, 1998.